PANTANAIS MATOGROSSENSES

(DEVASSAMENTO E OCUPAÇÃO)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

VIRGILIO CORRÊA FILHO

PANTANAIS MATOGROSSENSES

(DEVASSAMENTO E OCUPAÇÃO)

1946
Serviço Gráfico
do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RIO DE JANEIRO

PREFÁCIO

A "Biblioteca Geográfica Brasileira", instituída com a Resolução n.º 68, de 12 de julho de 1941, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, a fim de oferecer aos estudiosos da nossa terra uma coleção de obras consagradas à ciência geográfica e, particularmente, à geografia do Brasil, está tomando desenvolvimento.

A sua criação se prendeu ao impulso que o Conselho Nacional de Geografia imprimiu aos trabalhos dêste gênero, dando azo a que se multiplicassem as informações geográficas e incentivando, de diversas maneiras, as investigações de natureza geográfica em todo o território nacional.

Representa, por outra parte, a tendência expressiva de emancipação que experimenta a ciência geográfica em nosso país, que ora assume consciência dos seus problemas específicos, visando formar um quadro cultural próprio e estabelecer tradições acadêmicas no seu campo de estudo. A condensação de trabalhos científicos, no setor da geografia, em uma única coleção, com o caráter de repositório de dados atualizados e contribuições originais, oferece inúmeras vantagens, entre outras a de evitar a dispersividade na elaboração dêsses estudos e contribuir para a maior uniformização dos mesmos, fazendo-os obedecer a um programa definido — em consonância com o interêsse prático que possa advir para geógrafos e administradores do conhecimento exato das realidades brasileiras, indispensável à resolução dos grandes problemas nacionais.

A obra que ora vem a público constitui o 3.º volume da série A — Livros, da B. G. B., que além desta se compõe das séries B — Folhetos e C — Manuais.

Intitula-se "Pantanais Matogrossenses (Devassamento e Ocupação)", sendo seu autor o Eng.º Virgilio Corrêa Filho, *nome assaz conhecido nos meios científicos do país, como geógrafo e historiador e que vem emprestando há muitos anos o seu talento*

e seu esfôrço ao estudo de coisas da nossa terra, especialmente do seu Estado natal, Mato Grosso. Trata-se, portanto, de uma monografia regional, abrangendo a planície característica banhada pelo rio Paraguai, fixando-lhe os aspectos geográficos bem como as feições singulares que êste meio peculiaríssimo imprimiu às manifestações humanas ocorrentes no seu interior. A par dos importantes problemas da geografia humana e econômica da região para que chama a atenção, o autor analisa a formação histórica dos agrupamentos e sua evolução econômica mercê dos fatôres naturais e políticos que atuaram sôbre êles desde o início da colonização bandeirante. Uma característica que sobressai neste trabalho e, sem dúvida, o distingue repousa na atitude do autor em face do assunto estudado, a qual se distancia do mero objetivismo frio e desinteressado do cientista puro. Ao contrário, sente-se, a cada passo, transparecer o sentimento profundo de amor pelo torrão natal que o leva muitas vêzes a mencionar fatos que, embora não sejam estritamente geográficos, são de natureza a comunicar ao leitor, nem sempre provido de conhecimentos especializados, o interêsse e a solidariedade humana por êsses indomáveis lutadores que nos pantanais matogrossenses estão ajudando a criar a grandeza do Brasil.

E' um trabalho que, pelo seu valor científico como pela reconhecida autoridade do seu autor, representa apreciável contribuição à geografia regional do Brasil.

HEITOR BRACET

Presidente em exercício do I.B.G.E.

ÍNDICE

PREFÁCIO V
NOTICIA SÔBRE O AUTOR VIII
APRESENTAÇÃO IX
NOTA EXPLICATIVA XIII

RIÓ DE BAIXADA 1
DIVORTIUM AQUARUM 3
VISÃO GEOLÓGICA 6
ASPECTOS GEOMORFOLÓGICOS 9
POTAMOGRAFIA REGIONAL 15
PANORAMA SINGULAR 17
CAMPINAS VIRENTES 21
CLIMA 25
ABORÍGENES DOS PANTANAIS 34
ATRAÇÃO DO POENTE 34
CONQUISTA EFÊMERA 36
OS BANDEIRANTES 39
LAVRAS DO SUTIL 44
ARRAIAL PREDESTINADO 45
DESVENTURAS ANGUSTIANTES 48
COMBATES FLUVIAIS 50
ALVOROÇO NO ARRAIAL 51
REPRESÁLIAS 53
COMPONENTE NEGATIVA 54
TERMINOLOGIA EXPRESSIVA 56
PROVIDÊNCIAS GOVERNATIVAS 57
ATIVIDADES GEOGRÁFICAS 60
EXPANSÃO PASTORIL 62
ECONOMIA LATIFUNDIÁRIA 67
AMANSAMENTO DOS PANTANAIS 70
PESCARIAS 74
RIO SERVIÇAL 77
RECONHECIMENTOS HIDROGRÁFICOS 80
COIMBRA 85
NOVOS RECONHECIMENTOS 87
O RIO PARAGUAI 90
CONTRASTES SIGNIFICATIVOS 99
ECONOMIA REGIONAL 101
CONSEQUÊNCIAS DA NAVEGAÇÃO 104
USINAS E USINEIROS 105
FAZENDAS E FAZENDEIROS 111
A PLEBE RURAL 122
MEIOS DE TRANSPORTE 126
DESAGREGAÇÃO DOS LATIFÚNDIOS 128
CIDADES PANTANEIRAS 134
SANTO ANTÔNIO 134
MELGAÇO 136
POCONÉ 136
CÁCERES 137
CORUMBÁ 139
HERCULÂNEA 145
MIRANDA 146
AQUIDAUANA 148
NIOAQUE 150
PÔRTO MURTINHO 151
DISTRIBUIÇÃO DEMOGRÁFICA 153
CONCLUSÃO 159
INDICE ANALITICO 163
RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES 169

NOTÍCIA SÔBRE O AUTOR

VIRGILIO CORRÊA FILHO nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, em cujo Liceu completou o curso de humanidades e formou-se em engenharia civil na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, hoje Escola Nacional de Engenharia.

Em serviço profissional, começou como auxiliar técnico da Inspetoria de Obras Públicas da Capital Federal, passando depois a trabalhar na E. F. Noroeste do Brasil, E. Rodagem da Chapada, E. F. Maricá, E. F. Central do Brasil, E. F. Mojiana (construção da ponte sôbre o rio Grande).

Dirigiu também a Repartição de Terras de Mato Grosso, antes de ser secretário geral do Estado, por duas vêzes.

Representou, mais tarde, Mato Grosso na Quarta e na Quinta Conferência Nacional de Educação, no Segundo e Terceiro Congresso de História Nacional, na Assembléia Inaugural do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, no 5.º Congresso de Estradas de Rodagem, em sucessivas Assembléias Gerais do Conselho Nacional de Geografia, desde a primeira, que lhe regulamentou as atividades.

Publicou até o momento os seguintes trabalhos:

MATO-GROSSO
(Contribuição para o Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, comemorativo do centenário da Independência) — 1922.

QUESTÕES DE TERRAS — 1923

NOTAS À MARGEM — (Ensaios históricos) — 1924

AS RAIAS DE MATO-GROSSO
— Volume I — Fronteira setentrional — 1925
— " II — " oriental — "
— " III — " meridional — "
— " IV — " ocidental — "

MONOGRAFIAS CUIABANAS
— Volume I — Questões de ensino — 1925
— " II — Evolução do erário — 1925
— " III — À cata de ouro e diamante — 1926
— " IV — À sombra dos ervais matogrossenses — 1926
— " V — Indústrias matogrossenses — 1945
— " VI — A propósito do boi pantaneiro — 1926
— " VII — Considerações acêrca da peste de cadeiras — 1927

OS TRATADOS COM A BOLÍVIA
(Limites e comunicações ferroviárias) — 1930

IMPRESSÕES DE CAMPO GRANDE — 1933

A REDE RODOVIARIA DE MATO-GROSSO — 1934

O INSTITUTO HISTÓRICO — Sua obra científica nos Congressos — 1938

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
Vida e obra do grande naturalista brasileiro — (1939)
(Vol. 144 da Bibl. Pedagógica Brasileira).

GALERIA MATOGROSSENSE
I — Luís de Albuquerque — Fronteiro Insigne
II — A. Leverger — O Bretão Cuiabanizado
III — Pedro Celestino

Ensaios avulsos:

I — Caxambu — R. B. G. — Ano II — julho de 1940.
II — Cuiabá, afluente do Paraguai — 1.º trim. 1942.
III — Devassamento e ocupação da Amazônia Brasileira — Ano IV — 2.º trim. — 1942.
IV — Evolução cultural e religiosa da Amazônia — Ano V — 3.º trim. — 1943.
V — Paquetá — Ano IV — 1.º trim. — 1944.
VI — A Geografia como fator das vitórias diplomáticas do barão do Rio Branco — Ano VII — 2.º trim. — 1945.

APRESENTAÇÃO

Destinado a constar da "Biblioteca Geográfica Brasileira", como unidade da série A — Livros —, de que é a terceira publicação, o volume que ora vem a público, de autoria do Eng.º VIRGILIO CORRÊA FILHO *representa, incontestàvelmente, apreciável contribuição à Geografia Regional do Brasil, cujo interêsse, vivificado recentemente, já vem apaixonando os estudiosos para mais profunda intimidade com os problemas nacionais, através de uma visão objetiva dos seus fatôres primordiais, de natureza geográfica. E no Brasil, talvez, mais do que em qualquer outro país do mundo, avulta a significação de que se revestem essas indagações, que se aplicam a analisar zonas e regiões distintas, isoladamente, em suas características próprias, para depois reaproximá-las e englobá-las como partes componentes do conjunto de que foram destacadas. E isso porque a enorme extensão territorial do nosso país abraçando uma série de variações, de zonas dotadas de atributos individuais, de influências múltiplas alterando êste ou aquêle fator geográfico, não permite considerar-se com critério igual e debaixo do mesmo ponto de vista, uma caatinga nordestina e um pantanal matogrossense, por exemplo.*

Obediente a êste espírito regionalista, a presente obra ocupa-se de uma extensão das mais típicas do nosso território, encarando-lhe os mais expressivos aspectos físicos e humanos: os pantanais de Mato Grosso, designação que o autor confere às terras de baixada, retalhadas pelos afluentes do rio Paraguai. E' em tôrno dêsse fato central — o rio e o cunho peculiaríssimo que imprimiu à região — que se descortinam as circunstâncias da ocupação humana e o padrão da vida econômica e cultural dos seus habitantes.

Não se cingindo a uma ordem de gradação e continuidade nos assuntos tratados, o autor resolveu, talvez com proveito, arranjá-los, por assim dizer, em linha de paralelismo, guardando cada tópico relativa independência dos demais, sem se afrouxar, contudo, o seu mútuo entrelaçamento.

Os capítulos iniciais — Rio de Baixada, Divortium Aquarum, Visão Geológica, Aspectos Geomorfológicos, Potamografia Regional, Panorama Singular, Campinas Virentes e Clima — *estão consagrados à descrição do quadro fisiográfico que condiciona os diversos fenômenos de geografia econômica que se verificam dentro do seu âmbito. No primeiro, faz considerações gerais em tôrno do Paraguai — rio de baixada — fixando-lhe os aspectos que o individualizam entre os rios brasileiros, graças à sua condição de "rio manso", pouco acidentado, que lhe faculta a navegação em quase todo o percurso — neste ponto comparável ao Guaporé.*

Em Divortium Aquarum, Visão Geológica *e* Aspectos Geomorfológicos, *o autor introduz o conhecimento das condições geofísicas: estrutura geológica, relêvo e formação naturais, explicando-lhes a gênese, consoante interpretações dos mais autorizados geólogos. Assim é que, seguindo a hipótese de* KATZER, *que concebeu o mar devoniano, que teria submergido a parte norte e sul do Brasil, o autor modela a disposição geomorfológica da bacia do Paraguai e do sistema de relêvo a que pertence. Neste sentido oferece uma caracterização dos aspectos fisiográficos da região, atendo-se à discriminação das formações orográficas que delimitam a bacia do Paraguai, resultado do embate dos agentes de erosão, conforme a interpretação aceita pelo autor.*

Pela enorme planície espraia-se o rio, eriçado de afluentes, como a nota dominante do concêrto das fôrças naturais, arrastando o seu limo fertilizante, improvisando lagoas e semeando as ilhas de vegetação, que recebem a "empreinte" da sua influência inelutável.

Dentro dêsse complexo quadro desenvolveu-se a cultura dos guaranis e outros grupos autóctones. Enveredando, assim, pelo domínio histórico o autor descreve longamente a índole e costumes dessas tribos ao tempo do contacto com os primeiros colonizadores e acompanha a evolução cultural, a ação dos bandeirantes, o povoamento, a expansão econômica, enfim todo o trabalho realizado pelo homem que lá se fixou, daquela parte até os nossos dias. Delineia, também, os surpreendentes aspectos da luta do homem com a natureza, luta que, por vêzes, assumia proporções catastróficas, quando não mantinha o colono em estado de permanente inquietação pelos perigos sem conta que o assediavam de todos os lados.

Os problemas de geografia humana e econômica estão amplamente ventilados nos capítulos: Expansão Pastoril, Economia Latifundiária, Amansamento dos Pantanais, Pescarias, Contrastes Significativos, Economia Regional, Conseqüências da Navegação, Usinas e Usineiros, Fazendas e Fazendeiros, Desagregação dos Latifúndios, Cidades Pantaneiras, Distribuição Demográfica, *onde, a cada passo, se depreende o "papel histórico desempenhado pela rêde fluvial" e a acomodação aos pantanais, fatos que deram o sentido das manifestações culturais e da conduta dos desbravadores dos pantanais de Mato Grosso. O autor, em todo o desenvolvimento do seu trabalho, mantém sempre uma diretriz, um rumo certo, procurando fornecer, ao leitor, não apenas um só dos grandes aspectos do campo geográfico — paisagem física e cultural — mas, outrossim, todos aquêles que, embora não sejam estritamente geográficos, contribuem, em maior ou menor escala, para elucidar, instruir e educar mesmo, os leitores no amor às coisas do Brasil.*

Completam e ilustram êste volume, farto documentário histórico, mapas, pranchas e quadros estatísticos.

Os organizadores da "Biblioteca Geográfica Brasileira" lançam êste volume, cônscios da sua importância como expressiva contribuição ao melhor conhecimento do país e incentivo a quantos se empenham no estudo de nossa terra e da nossa gente.

CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO
Secretário-Geral do C. N. G.

NOTA EXPLICATIVA

Pantanal, em Mato-Grosso, não é simplesmente sinônimo de pântano, terreno brejoso, como definem os dicionários.

Especifica-se a denominação, quando aplicada a vasta região antropogeográfica, de fisionomia singular, cujo relêvo, cuja vegetação e economia resultam de atividades fluviais.

Semelha-se, de certa maneira, a imenso fundo de concha, sulcado pelo rio Paraguai e seus tributários, que imprimem à paisagem feições peculiares, com o ritmo de suas alagações anuais, quando se lhes misturam as águas em ampla coalescência, dilatada por léguas e léguas, à laia de imenso lago efêmero, em que mal se distinguem os canais permanentes.

Embora ofereça também o Guaporé variável faixa marginal, que as enchentes alcançam, até o sopé dos contrafortes do maciço central aí denominado cordilheira do Norte, o têrmo Pantanal, como topônimo, indica, neste ensaio, consoante a linguagem popular, a baixada que as águas dos contribuintes do Paraguai beneficiam com seu nateiro fertilizante.

Considerado de per si, cada um dos seus galhos revelará traços individualizadores, que pesquisa minuciosa sem dificuldade assinalaria.

O pantanal de Cuiabá não é completamente igual ao do Taquari, como êste, por sua vez, distingue-se do pantanal do Miranda e dos demais.

Cada qual possuirá feições próprias, sem, contudo, perderem o mesmo ar de família, comum a todos, mercê do clima diferenciador e do regime dos rios, que fortemente condicionou o povoamento regional, desde a era inquieta dos bandeirantes.

Pantanal matogrossense, para o conjunto, ou pantanais, conforme indicam os elementos de que se compõe, designam ambas as expressões a mesma característica província, merecedora de perseverantes investigações, como tentará mostrar êste ensaio, elaborado com o auxílio de contribuições de doutos pesquisadores, a seu tempo mencionados.

RIO DE BAIXADA

Entre os rios que fecundam a terra brasileira, distingue-se o Paraguai por peculiaridades que lhe imprimem à fisionomia características inconfundíveis.

Já estadeia individualidade acentuada quando, ao receber pela esquerda a contribuição do Apa, transpõe a fronteira meridional, para se unir, ao longe, com o Paraná, ao qual disputa o primado por mais de um título, quer justificado pela geomorfologia, quer de ordem antropogeográfica.

A montante da confluência em que perde o nome, estira-se por mais de 2 000 Km propícios ao tráfego de embarcações, ao passo que o salto das "Sete Quedas", distante cêrca de 700 Km, estrangula a secção de vazão do confluente e alteia-lhe, repentinamente, em cascata de 65 metros, o perfil longitudinal.

Amparado nas observações, que anotara pessoalmente, concluiu, a propósito, H. SMITH:

"Em suas feições físicas e geológicas, o Paraguai é continuação do baixo Paraná, ao passo que o alto Paraná em grande parte não o é".

Anàlogamente ajuizaria TEODORO SAMPAIO, ao afirmar que "pela direção do seu curso e pequena altitude de seu vale", o Paraguai "pode ser considerado como o eixo da bacia do rio da Prata".

E por ser assim, atraiu a corrente aventureira dos conquistadores espanhóis, que lá foram encontrar, aldeados no vale acolhedor, milhares de guaranis e seus aliados.

Antes, como depois da entrada do primeiro viajante europeu, atuou, pois, feito condensador demográfico, ao tempo em que não exercia o Paraná comparável influxo para intensificar o povoamento das suas margens, nem lhe caberia desempenhar igual papel histórico.

De mais a mais, enquanto êste se abeira do Atlântico pelas mais altas cabeceiras, grimpadas na serra do Mar, acima de oitocentos metros, como os afluentes da margem esquerda do Tietê, ou sulca a Mantiqueira, pela qual se esgalha o rio Grande, aquêle, em nível mais baixo, de erosão avançada, coleta águas, em quota aproximada de 500 metros, no maciço central, onde se avizinha dos formadores do Guaporé, do Tapajós, do Araguaia e do Paraná, entre os quais se lhe insinuam as nascentes.

Não se enquadra, todavia, em caixão cavado no planalto, a exemplo do último, entre o salto das Sete Quedas e o do Urubu Pungá, por mais de 500 quilômetros, nem estrondeia, acachoante,

como os contra-vertentes, que fluem para o norte, eriçados de obstáculos, até alcançarem, próximo da foz, o nível de base, na depressão amazônica.

O trabalho erosivo, em que porfiam, chofra, a espaços, em diques de rochas mais resistentes que o simples arenito do planalto, causadores de perturbações no escoamento.

Mas, o desnível não se verifica regularmente, indicado por taxa média.

Há trechos pràticamente horizontais, de remanso, ou diminutos declives, separados por travessões de vária altura, desde as rápidas corredeiras, que não esbarram totalmente os embarcadiços, até os saltos só transponíveis pelos varadouros laterais, em terra.

Por isso, a navegação pelo Arinos, empreendida com decisão por sertanistas arrojados, a que não faltou o estímulo oficial, esmoreceu, tão logo foi encontrada via fluvial mais favorável, ao sul, proporcionada pela abertura do Paraguai aos navios procedentes do Brasil.

Nem o Araguaia, trafegável a montante da sua junção com o Tocantins, oferece iguais facilidades de comunicações naturais até o Atlântico, de que o separa a série de cachoeiras que se destinou a E. F. de Alcobaça a flanquear, para ligar o pôrto de cima com o de jusante.

É-lhe mais parecido, por certos aspectos, o Guaporé, no fluir tranqüilamente por extensa faixa, embora dêle se diference pelo estrangulamento do leito, depois de misturadas as suas águas com as do Mamoré e Beni, de cuja volumosa junção rompe o Madeira, tormento dos viajantes, que lhe arrostam os obstáculos gerados pelas repentinas diferenças de nível.

O Paraguai, ao revés, semelhante, neste particular, ao Amazonas, rio igualmente de baixada, cuja porção tumultuária apenas mede fração modesta, em confronto com o extenso colear em quota inferior a 100 metros, alcançada ao precipitar-se dos Andes, mansamente se ajeita à navegação, na maior parte de seu alongado curso.

Encurtando o alto trecho torrentoso, apressa-se em saltar do planalto, onde os seus manadeiros e dos seus tributários se enclavinham com os opostos em curiosa anastomose.

Em conseqüência, a linha divisória serpenteia de tal maneira caprichosa, que se torna imperceptível nas lagoas de águas emendadas, escoantes assim para a bacia paraguaio-platina, como para a amazônica, de que é exemplo a conhecida pelo nome de Capitão Agostinho, a leste de Cuiabá, na divisa do município de Poxoreu.[1]

---

[1] Ver *Les idées sur la Physiographie Sud-Americaine*, em que o coronel F. JAGUARIBE DE MATOS, ao estudar cabalmente o assunto, menciona diversas "águas emendadas", em que se confundem cabeceiras do Tapajós e do Paraguai, do Cuiabá e rio das Mortes, como dêste e do São-Lourenço, além de outras.

DIVORTIUM AQUARUM

Os galhos mais meridionais do Guaporé entestam com tributários do Paraguai em vasta planura, onde apenas sobressaem os morros de Boa-Vista e Quatro-Irmãos, que servem de marcos demarcatórios da fronteira boliviana. A espaços, assinalam-se várzeas, que as inundações anuais transformam em lagoas imensas, quando amplo lençol d'água as amanta.[2] Nesse terreno, ao alcance das alagações, mergulha o divisor que, adiante, cavalga o espigão de Aguapeí, e entre águas do Guaporé e do Jauru, alcança o planalto.

Orientado a princípio, das imediações do paralelo 15° para o nascente, encurva-se ligeiramente para flanquear Diamantino, pelo norte, antes de ziguezaguear em tôrno do meridiano de 12°, além do qual pende para sudeste.

Continua pelo mesmo rumo até as nascentes do Taquari, onde inflete pronunciadamente para sudoeste.

Nessa direção atinge o paralelo de 22°, e prossegue até cruzar a linha fronteiriça, nos arredores de Ponta-Porã, em uma de cujas avenidas termina o território da república do Paraguai.

Assim esboçada, em traços gerais, a divisória, extensa de cêrca de 1 400 quilômetros em frente às águas amazônicas e 1 100 quilômetros ao despontar tributários do Paraná,[2a] sôbre a lombada do chapadão, lembra miniatura da silhueta litorânea do Brasil, bojante para leste, na parte setentrional.

Ao arquear-se de tal maneira, envolve, a distância variável, a beirada do planalto, sinuosa e irregular, golpeada de saliências e reentrâncias, em que se aprofundam as bocainas, pelas quais tumultuam os cursos d'água, em saltos imponentes, ou avultam os contrafortes e trombas, alongadas aqui, reduzidas acolá, que vão gradativamente baixando por suave declive, quando não terminam em talhadões a pique.

Na faixa compreendida entre a linha de repartição de bacias hidráulicas e a aresta da escarpa, da qual mais se avizinha, alteia-se, entre Cuiabá e a Chapada, a "Cidade de Pedra", modelada pelos agentes erosivos na rocha, que se exibe em colunas de perfis sin-

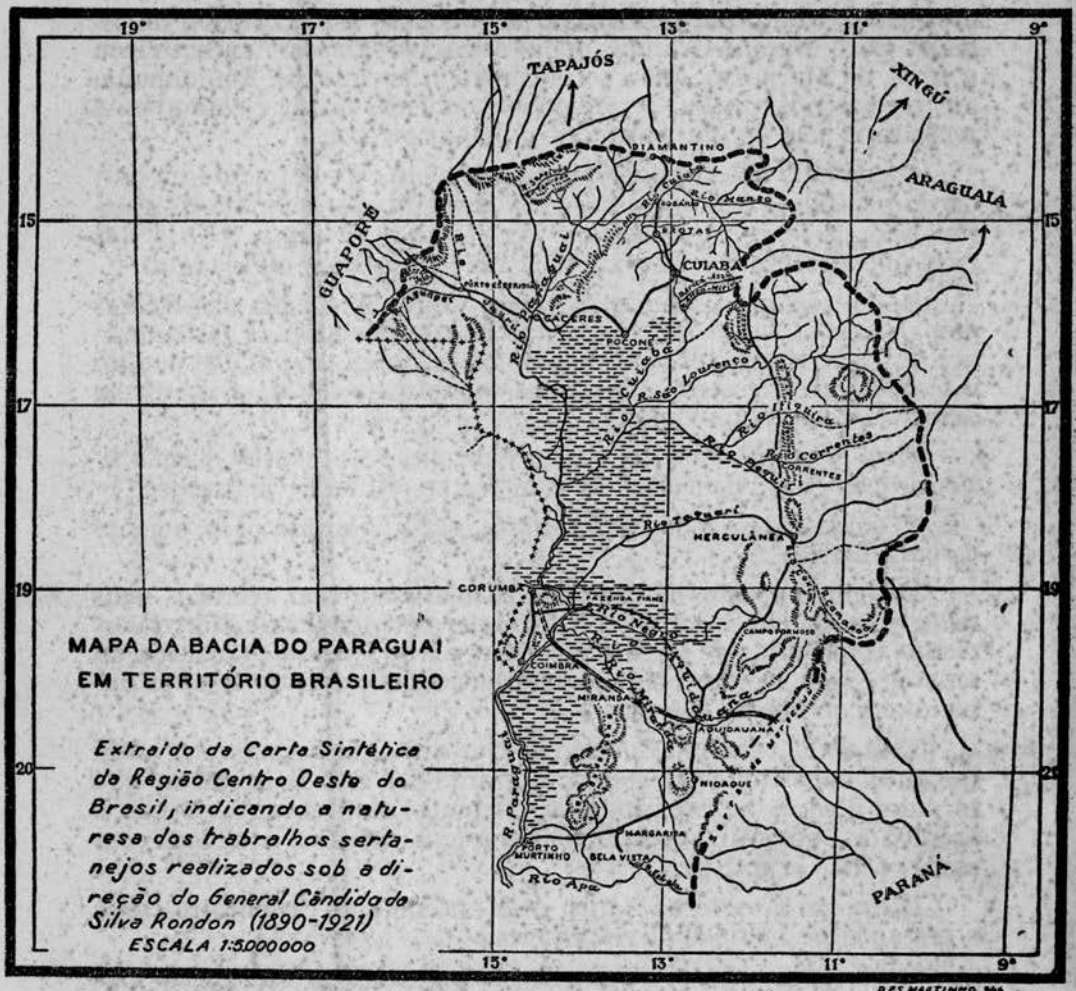
---

[2] "É nessas várzeas", escreveu João Severiano, depois de explorá-las, feito médico da Comissão Demarcadora de Limites, "que tomam origem o rio dos *Barbados*, do *Paraguá* e o *Verde*, subsidiários do Guaporé."

"São elas tão baixas e sujeitas a inundações, que na estação invernosa vem-se em canoas da cidade de Mato-Grosso, em algumas ocasiões por cima de suas matas, podendo se vir, embarcado desde Belém, no Pará, a São-Diogo e Sant'Ana, no coração da Bolívia".

João Severiano da Fonseca — *Viagem ao Redor do Brasil* — 1875-1878.

2.ª — Consoante avaliação do professor Lúcio de Castro Soares.



gulares, ou compõe muralhas simuladoras de edifícios derruídos, torreões mal aprumados, lajes acamadas como em construções ciclópicas ou castelos medievais, de que seriam expressivos remanescentes.

Próximo, patenteia-se impressionante *cañion*, pelo qual se precipita o Coxipó, ao formar o Véu-de-Noiva, topônimo inspirado pela neblina constante, que suaviza a paisagem, esbatendo-lhe as feições rudes do precipício, em que rebramam fragorosamente as águas cristalinas.

O mesmo devoniano, constituído de arenitos grosseiros coroados por folhelhos arenosos e argilosos, que ali se rasga em sugestivo corte geológico, ainda se prolonga para sudeste, pelo menos

até Brioso,[3] conforme verificaram A. Erichsen e A. Löfgren, na estrada para Campo-Grande, onde Arrojado Lisboa[4] caracterizou a série de Maracaju. Nela se encontra o arenito de Aquidauana, entre róseo e vermelho, desprovido de cimento vítreo, e comumente amantado pelo de Botucatu, que o diabásio coroa.

O derrame da eruptiva, que se denuncia especialmente na borda do planalto e nos leitos dos rios, ensombrados de mata de galeria, estende-se pelos afamados campos das Vacarias, do rio das Botas ao Brilhante e Dourados, já na extremidade meridional.

Onde, porém, o arenito se expõe, desnudo, à ação dos fatôres desagregantes, como ocorre no vale do Aquidauana, os restos evanescentes do maciço tomam feições de trombas, estendidas do alto à baixada, de mesetas, montanhas tabulares e até de selas, como observou Glycon de Paiva.[5]

Para o sul, no vale do Apa, à "formação Botucatu" sucede fisiogràficamente "peneplanície com testemunhas de mármores".

"Tôda a região é de água salobra, gado de muito pêso, e gente de bons dentes".[6]

Em rumo oposto, da Chapada para Diamantino, terrenos mais recentes sucedem-se como o provável permo-triássico de Morro-Vermelho, constituído de arenito grosseiro, e o de Parecis, "vermelho ou amarelo, com escasso cimento feldspático, encerrando sempre numerosas concreções silicosas".

Esta série, concluiu Eusébio de Oliveira, que a examinou atentamente, depositou-se depois do derrame das rochas eruptivas que formam a série de Tapirapuã. É, portanto, mais recente do que o arenito de Botucatu, que se encontra freqüentemente associado com essas rochas eruptivas.

Difere do arenito de Bauru pela ausência de cimento calcáreo e presença de nódulos de pederneiras.[7]

O cretáceo destarte definido decompõe-se grandemente nos frouxos areais dos Parecis, que sobremaneira dificultam a marcha dos viajantes.

---

[3] *Boletim* n.º 102 da Divisão de Geologia e Mineralogia. *Geologia de Goiás e Cuiabá*, por Alberto I. Erichsen e Axel Löfgren — 1940.

[4] Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa — *Sul de Mato-Grosso*.

[5] Leia-se, a propósito, o que escreveram Glycon de Paiva e Vítor Leinz em *Contribuição para a Geologia do Petróleo no Sudoeste de Mato-Grosso* — Boletim n.º 37 do Departamento Nacional da Produção Mineral — 1939.

[6] Id. id.

[7] Eusébio Paulo de Oliveira — *Geologia* — 1915. (Relatório da Expedição Científica Roosevelt- Rondon).

VISÃO GEOLÓGICA

Assim, o observador que, entre rios irmanados pelas cabeceiras, não raro afastadas apenas alguns palmos uma da outra, embora contravertentes, como do Alegre, afluente do Guaporé, e do Aguapeí, tributário do Jauru, palmilhar a linha separadora de águas, para nordeste a princípio e prosseguir em rumo do sul, até as nascentes do Apa, deixará à esquerda a porção ocidental do maciço central brasileiro, cuja degradação, iniciada há milênios, ainda se processa na atualidade, e à direita, o cenário das atividades dos rios, entre os quais se extrema o Paraguai como principal coletor.

A propósito da formação da sua bacia, concluem os geólogos, em remate a cuidadosas investigações, que:

"a bacia do Amazonas estêve submersa durante o siluriano, devoniano e carbonífero superior. Igualmente estêve submersa, durante o eodevoniano, a parte sul do Brasil, abrangida pelo sul de Goiás, oeste de São-Paulo e do Paraná, centro e sul de Mato-Grosso, e grande parte da Bolívia, do Paraguai, e do Uruguai".[8]

Assim, o mar devoniano, vislumbrado por KATZER, rolaria as suas águas não muito profundas entre o continente Guiano-Cearense e o que se erguia do Chile à Patagônia.[9]

A vasta superfície líquida interrompia-se, todavia, ao redor da ilha desmedida, em que GLYCON DE PAIVA fundamentou a sua hipótese do núcleo de sial — *Paraguaia* —, contíguo ao denominado *Brasília*.[10]

Lenta sedimentação resultaria dos escombros do núcleo, embatido pelas ondas, ou que os ventos desgastavam.

A emersão duradoura ocorreria após o cretáceo, quando as camadas depositadas se aprofundavam por centenas de metros.

Exposto, em ampla área, aos aguaceiros diluvianos, as linhas de menor resistência do terreno foram indicando o traçado espontâneo da rêde apropriada à drenagem, que se espelha na atual potamografia da região.

E à medida que progredia a erosão pela dinâmica das ondas e, mais ainda, pelas torrentes impetuosas, continuava do mesmo passo o levantamento da crosta.

---

[8] AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA e OTHON HENRY LEONARDOS — *Geologia do Brasil* — 1943. (2.ª edição).

[9] KATZER — *Geologia do Estado do Pará*, ap. AVELINO I. DE OLIVEIRA.

[10] *Boletim* n.º 37 do Departamento Nacional da Produção Mineral.

Marco modelado pela erosão do arenito na Chapada. O cavaleiro, na base e o pedestre em nível acima, servem de elementos comparativos, para a avaliação da altura total.

Foto E. Gonçalves

Resultado da erosão no arenito a leste de Cuiabá.

Foto E. Gonçalves

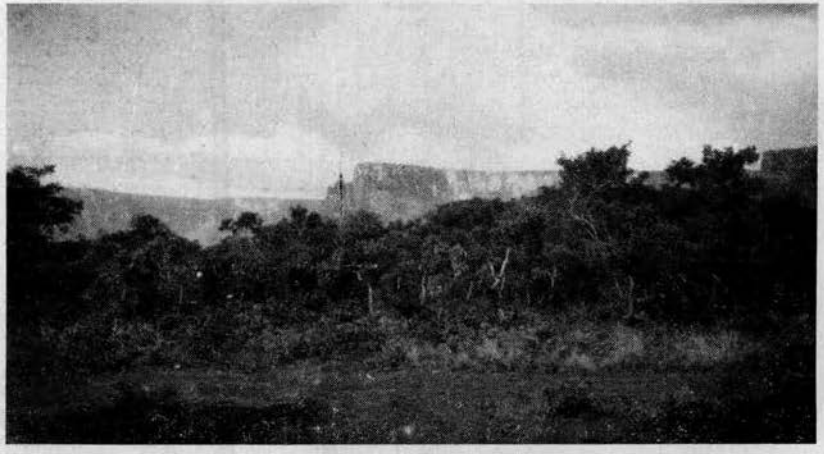
Aspectos da erosão no arenito da Chapada.

Foto E. Gonçalves

Estas ilustrações mostram algumas das formas apresentadas pelo arenito nas vizinhanças da Cidade de Pedra, onde os blocos remanescentes, modelados pela erosão, tomaram o aspecto bizarro de colunas, arcadas, portões, muros, etc.

Morro de Piraputangas em Aquidauana.

Foto E. Gonçalves



Escarpa da chapada cuiabana, em geral debruada de floresta, como indica a fotografia. Não será descabido designá-la por cuesta.

Foto E. Gonçalves

Corroído superficialmente pelas enxurradas, e lateralmente sofrendo o embate das ressacas, que lhe golpeavam as encostas, provocando contínuos desabamentos, o bloco sedimentário ruíu na orla meridional, que pouco a pouco foi avançando para o norte.

Consoante estimativa de HERBERT SMITH,[11] que perlustrou o vale do Cuiabá, a massa terrosa transportada hidràulicamente avalia-se pelo volume de 400 km x 400 km x 500 m. que, em conseqüencia da regressão marinha, foi fecundar as planícies platinas, onde se teria acamado.

Do desmonte gigantesco resultou imponente anfiteatro, em que iria realizar-se o drama heróico da sua conquista pelos bandeirantes, quando os rios, do alto carreando os materiais desagregados pela fôrça viva das catadupas, já tinham remodelado a paisagem arcaica, mediante colmatagem, que na atualidade ainda continua, bem que menos intensamente, a aumentar a espessura do solo arável, e garantir-lhe a uberdade.

E, assim, a capa aluvional, recentíssima, cobre, por vêzes, o "Escudo Cristalino Fundamental", a que se refere GLYCON DE PAIVA.[12]

A infinda esplanada, porém, que se libertou, temporàriamente ao menos, da cobertura de rochas proterozóicas, não se dilataria, uniforme e achanada, até a base do maciço restante.

Ao revés, faixa intermediária, de largura variável, proteger-lheia o sopé, não raro denunciando terraços marginais ao vale antigo, como transição entre as encostas carcomidas e a planura que se vai alteando paulatinamente.

De mais a mais, aqui e ali, formações mais resistentes à erosão suportaram melhormente os golpes destrutivos e perduram, à semelhança de ilhas, no mediterrâneo em parte dessecado.

Assim é que, nas vizinhanças da capital, de que tomou o nome, EVANS caracterizou a série — ardósias de Cuiabá —, de xistos metamórficos argilosos, vulgarmente denominados piçarras.

Contorcidos e desordenadamente inclinados, denunciam dobramentos e falhas, que lhes teriam modificado a estrutura primitiva. Atravessados por veiros de quartzo aurífero, caber-lhes-ia o papel histórico de centros de condensação humana.

A mesma série, possìvelmente algonquiana, que lhe empola o terreno, coberto, aqui de canga, tendendo ao laterito, ali de quartzo, ora cristalino, ora leitoso, denuncia-se em vales distantes, como verificou ARROJADO LISBOA em Miranda.

Ampliando-lhe a conclusão, GLYCON DE PAIVA observou-a no Apa, e destarte pôde lobrigar a sua importância, no "remoto pretérito geológico", de "fornecedor de matéria prima para a sedi-

---

[11] HERBERT H. SMITH — *Do Rio-de-Janeiro a Cuiabá* — Notas de um naturalista.

[12] GLYCON DE PAIVA — Obr. cit.

mentação que ecumênicamente se processou a oriente e ocidente dêste Núcleo Fundamental".[13]

Também ressaltam, de Cuiabá a Cáceres, maciços calcáreos, escalonados em idade mais antiga pela classificação de A. Betim, resultante de exames petrográficos das amostras colhidas por Cícero de Campos.[14] Eusébio de Oliveira, porém, incluiu-os na mesma categoria das elevações, que limitam a depressão pantaneira, a oeste, a partir das lagoas fronteiriças, entre Uberaba e Mandioré.

Mais moderna se afigura a série de Jacadigo, definida por Arrojado Lisboa, que lhe atribuíu a espessura de 500 metros de rocha feldspática alterada e endurecida, sobreposta a 250 metros de arcózios, grosseiros na base, "com seixos de fragmentos de dimensões variadas, de granito e calcáreo" e de granulação mais fina em cima.[15]

Participante desta formação ergue-se, a 20 quilômetros de Corumbá, sôbre granito, a serra de Urucum, opulenta de minérios, com cêrca de 48 a 51% de manganês, cuja reserva o engenheiro Barbosa de Oliveira orçou por dezenas de milhões de toneladas.

Para o sul, sem se distanciar grandemente em longitude, empina-se o Fecho-dos-Morros, entre cujas excrescências se afunila o rio Paraguai, engrossado pelos seus tributários matogrossenses a montante do Apa.

Abre exceção, quase na extremidade matogrossense do vale, pela estrutura e composição de elementos que o distinguem de tôdas as demais elevações até as distantes cabeceiras.

Amostras de sienito augito, de foiaito, fonolito e bostonito, identificados por Hussak, foram ali colhidas por Arrojado Lisboa, cuja opinião confirmou a de Derby, consoante a qual atuou na região "um centro vulcânico distinto, porém semelhante aos de Caldas, Tinguá e Cabo-Frio".[16]

Aliás, a própria silhueta do Pão-de-Açúcar, e dos morros que se lhe avizinham, com o mesmo perfil cônico, mais ou menos regular, denuncia a formação cristalina de aspecto inconfundível, ao passo que o relêvo peculiar ao arenito borda o planalto em sua alongada encosta sul-ocidental, que, disposta em portentoso anfiteatro, sobranceia e envolve a depressão característica dos pantanais, na qual se depositou o material transportado pelas águas inundantes, constituído de mistura variante de argila, areia e calcáreos, além de húmus.

Assim, em um poço perfurado pelo autor, próximo à baía das Pombas, abaixo da camada superficial de barro, revelou-se areia finíssima, esbranquiçada, até a profundidade de quatro metros.

---

[13] Alberto Betim Pais Leme — *Mineralogia e Geologia*.

[14] Avelino Inácio de Oliveira — Obr. cit.

[15] Ap. Eusébio de Oliveira — Obr. cit.

[16] Pedro de Moura — *Bacia do Alto Paraguai* — em *Revista Brasileira de Geografia* — Janeiro de 1943.

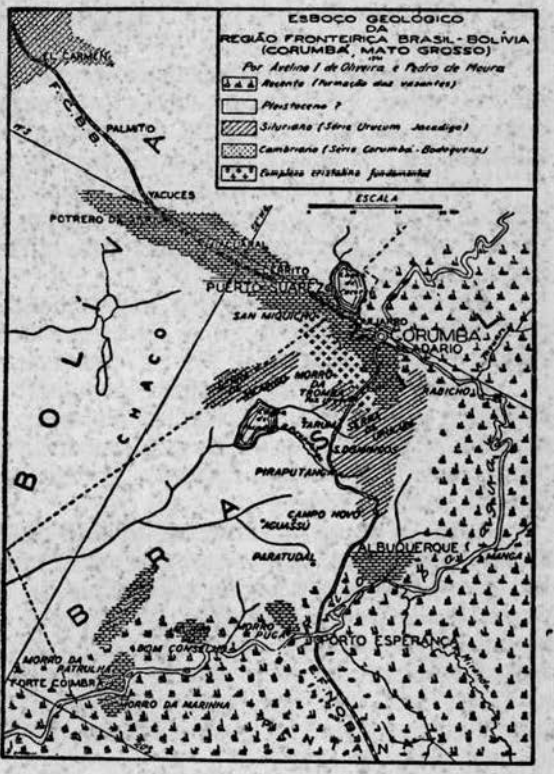
Em outros sítios, predominará a argila, encontradiça nos *barreiros* e em manchas vàriamente extensas de terreno, que se fende pela exsicação em blocos reduzidos, quando cessam os aguaceiros das quadras chuvosas e a evaporação enxuga os últimos vestígios de umidade superficial.

ASPECTOS GEOMORFOLÓGICOS

Mercê da atuação intensa dos agentes de erosão, alargou-se, em território matogrossense, a bacia do Paraguai que, para PEDRO DE MOURA, "nada mais é que uma enorme planície delimitada por platôs e chapadas, dos lados norte e leste, e por pequenas serranias do lado de oeste — serranias de Sunsas — assim como, ainda platôs típicos, como é o sistema de Santiago. (Chiquitano).

"Pode-se dizer que apenas quebra a regularidade dêsses aspectos fisiográficos a p e q u e n a cordilheira que baliza a margem direita do Paraguai, e que mostra caracteres de região montanhosa nas serras de Urucum, entre Corumbá e a zona de Albuquerque.

"Os restos dessas serras, para o sul, já se apresentam com caracteres de morros mais ou menos isolados, na p l a n í c i e indo seus últimos testemunhos morrerem à margem do rio, em Coimbra.



Geologia dos arredores de Corumbá, Estado de Mato Grosso.

Do *Boletim* n.º 62 do Departamento Nacional de Produção Mineral.

"Com o caráter de serras, ainda se apresentam as formações geológicas similares às precedentes e que formam, ao sul, a serra de Bodoquena, que apresenta um verdadeiro arco vindo de SW com o nome de serra dos Coroados e infletindo para N e depois NW".[16]

Considerada em seu conjunto, a depressão, em que serpenteiam o Paraguai e os seus caudatários, impressiona pela imensidão, que levou F. DE ALMEIDA a classificá-la "entre as maiores planícies de nível de base interior do globo".[17]

Mas comporta, aqui e ali, apreciáveis interrupções, como as que a limitam, ao poente, e foram descritas pelos geógrafos coloniais.[18]

"Na latitude de 17° 33', extremidade norte da serra da Insua, principia a serrania que acompanha o Paraguai pela margem ocidental", registrou ALMEIDA SERRA[19] em seu relatório de 1786.

"Paralela com esta cordilheira, continua a sua informação, existe outra a poente, com grande grossura", que se estende da serra dos Limites ao fundo da lagoa Mandioré.[20]

Entre ambas, na depressão que as separa, encaixam-se as lagoas de Uberaba, Gaiba e Mandioré, pelas quais passa a linha de limites entre o Brasil e a Bolívia.

Adiante, nas imediações do paralelo de 19°, maciço calcáreo, a que deram o nome de Albuquerque, em honra ao capitão-general LUÍS DE ALBUQUERQUE DE MELO PEREIRA E CÁCERES, impeliu o rio para leste, em expressiva arqueadura.

"A sua face de norte principia no Tamengos, anotaria RICARDO FRANCO, e acaba na serra do Rabicho e tem nove léguas de extensão, no meio dos quais está a povoação de Albuquerque".

Para leste, alonga-se por oito léguas, do Rabicho ao morro fronteiro à bôca do Mondego (Miranda).

A face meridional, também perlongada na ocasião, media onze léguas.

Tamanho acidente orográfico, em contraste com a planura próxima, pela qual se dilatam os pantanais ao nascente, filia-se à mesma formação de Bodoquena, a sudeste, mais afastada do rio e Araras, a noroeste, que irregularmente como que se alinham, de trecho superior do Paraguai, às vizinhanças do Apa.[21]

---

[17] FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA — *Geomorfologia da Região de Corumbá* (*Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros* — Novembro de 1943).

[18] Em 1786, o capitão-general de Mato-Grosso organizou uma comissão de sabedores para a exploração do rio Paraguai, constituída por ALMEIDA SERRA, seu comandante e engenheiro, LACERDA E ALMEIDA e SILVA PONTE, astrônomos.

[19] RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA — *Diário de diligência de reconhecimento do rio Paraguai*.

[20] Da posição destas duas cordilheiras, acrescenta RICARDO FRANCO, resulta uma espécie de vale, de norte a sul, com 15 léguas de extensão e duas de largo, no qual estão as três mencionadas lagoas a Uberaba ao norte da serra da Insua e ao sul da Gaiba, comunicadas ambas por um largo canal de quatro léguas de navegação.

[21] Em magnífico ensaio sôbre a *Bacia do Alto Paraguai* (*Revista Brasileira de Geografia* — Janeiro de 1943), ensina PEDRO DE MOURA, geólogo:

"devemos anotar que os cordões montanhosos de rochas paleozóicas que constituem Bodoquena e os cerros da margem ocidental do Paraguai, bem como seus homólogos ao NW de Cuiabá (Tombador e Araras) são relevos orográficos destacados e geralmente cobertos de mata mais ou menos densa".

A importância industrial das suas jazidas de manganês e ferro empolgou a atenção de mais de um geólogo,[22] que lhe dedicou estudo especial, de que é mais recente [23] exemplo o ensaio do engenheiro FERNANDO DE ALMEIDA, que ali discriminou três províncias fisiográficas:

— o pantanal
— a plataforma basal
— o maciço.[24]

"A plataforma basal, com cotas de 100 e 250 metros, explica, em seguida, é constituída de rochas peneplanizadas antes da deposição dos sedimentos que hoje integram a terceira região natural, à qual serve de embasamento.

"Devido à peneplanização que sofreu, e à sua pequena altitude sôbre o nível de base regional, não apresenta os tão conhecidos fenômenos cársticos embora sendo em grande parte de constituição calcárea".[25]

Ao considerar a coluna geológica, o autor admitiu-lhe mais uma formação, além das que tinha determinado ARROJADO LISBOA para quem só havia:

Complexo cristalino, séries Bodoquena e Jacadigo e depósitos quaternários.

Entre essas duas últimas, o autor intercalou a formação Xaraiés.

"Eminentemente calcárea, serve de coroamento à escarpa de Corumbá.

"Na base existem 5 metros e 50 centímetros de conglomerados com cimento calcáreo recobertos por 9 metros de calcáreos concrecionados, cremes, rosados ou brancos".

O complexo cristalino, fundamente escavado em ativo ciclo erosivo, antes da transgressão do mar que o amantou com a série Corumbá,[26] raramente se entremostra em alguns cursos d'água.

---

[22] Escreveram sôbre os minérios de manganês e ferro do Urucum, J. SEVERIANO DA FONSECA — *Viagem ao redor do Brasil;* I. W. EVANS — *The Geology of Mato Grosso;* PÚBLIO RIBEIRO — *Relatório sôbre as Minas do Urucum;* P. DE THIERS — *Relatório sôbre as Minas do Urucum;* ARROJADO LISBOA — *Sul de Mato-Grosso;* C. BARBOSA DE OLIVEIRA — *Jazidas de Manganês de Urucum;* A. I. DE OLIVEIRA, que examinou com PEDRO DE MOURA, o maciço e esclareceu na *Geologia do Brasil* (de colaboração com O. LEONARDOS). "Visitaram a região, em 1941, os doutores S. R. CAPPS e W. D. JOHNSTON JR. do U. S. Geological Survey, e o Eng.º FRANKLIN G. PARDEE, do U. S. Bureau of Mines.

Ainda em 1941, Urucum foi objeto de estudos geológicos acurados por JOHN VAN NOSTRAND DORR *II*, do U. S. Geological Survey, e por sua espôsa, especialista em paleontologia".

[23] *Geomorfologia da região de Corumbá,* pelo Eng.º FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA, professor adjunto da Escola Politécnica, em *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros* (Novembro de 1943).

[24] "O maciço do Urucum é conhecido mais comumente sob o nome de serra de Albuquerque, que consideramos impróprio", escreveu o Eng.º FERNANDO DE ALMEIDA. Històricamente, não cabe a objeção, pois que a denominação foi imposta pelos primeiros exploradores da região, como explica o relatório de RICARDO FRANCO.

[25] Se as pesquisas se estendessem à serra da Bodoquena, que não mereceu ainda exame pormenorizado, além do sopé, provàvelmente seriam observados fenômenos cársticos, pois que mais um dos seus rios desaparece em meio da marcha, para surgir, volumoso, à distância, à maneira de fontes vauclusianas.

[26] AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA — OTHON HENRY LEONARDOS — *Geologia do Brasil* — 2.ª Edição.

É pois, "secundário o papel geomorfológico que êle representa".

Superpõe-se-lhe a Bodoquena, consoante denominação adotada pelo autor, de harmonia com as indicações de ARROJADO LISBOA. AVELINO I. DE OLIVEIRA, porém, e PEDRO MOURA preferem qualificá-la de série Corumbá, de acôrdo com os "geólogos pioneiros".[27]

Ocorre na cidade a que se lhe refere o nome, e seus arredores, "nas serras isoladas que se elevam na planície aluvial do Paraguai denominadas Albuquerque, Puga, Bom-Conselho, Patrulha e Marinha; no rio Miranda, na serra da Bodoquena, a sudeste de Corumbá; e nas linhas paralelas de morros entre o curso superior do Paraguai e o rio Cuiabá, achando-se entre êles o morro Araras".[28]

Em continuação, além da fronteira, verificaram os abalizados geólogos: "esta série se estende para oeste de Corumbá, penetrando na Bolívia e seus afloramentos são visíveis ao longo da E. F. Brasil-Bolívia até a estação de Yacuces no km 68".

Abrange "os calcáreos negros ou escuros de Corumbá, de granulação fina, semicristalina, cortados de fendas cheias de calcita, geralmente bem aleitados em camadas espêssas, médias e delgadas, contendo, de permeio, camadas de 20 a 60 centímetros de espessura de folhelho cinzento escuro levemente endurecido ou sem metamorfismo apreciável".[29]

A série Jacadigo, como a denominou ARROJADO LISBOA, seu criador, ou Urucum, nome do seu principal maciço, compõe-se de 770 metros de sedimentos infossilíferos, "em duas formações litològicamente diversas, a inferior constituída por arcózios e conglomerados arcozianos, a superior caracterizada por cêrca de 400 metros de minério de ferro, com leitos jaspelíticos e sedimentos clásticos subordinados, tendo próximo da base duas, e localmente três a cinco camadas de minério".

Só o morro do Urucum, assim denominado por causa da côr vermelha proveniente da hematita, garante a reserva de trinta milhões de toneladas de psilomelana, a que se acrescentam as jazidas de Morro-Grande, Santa-Cruz, entre as mais próximas.[30]

Algumas fraturas verificadas nesta série, cujo conjunto se mostra "moderadamente dobrado e profundamente falhado", foram preenchidas por "quartzo e hematita de origem hidro-termal".

---

[27] Ob. cit.

[28] Ob. cit.

[29] Ob. cit.

[30] Ensina a propósito a *Geologia Geral do Brasil*, de A. I. O. e O. LE. — Verdadeiro arcózio formado de material granítico, com quartzo e feldspato destacados, em ângulos gastos, porém não rolados, cimento calcáreo — ferruginoso, é caracterizada, de baixo para cima.

"390 m bom minério de manganês; psilomelana, cujas camadas mergulham de 12° a 15° para 60° NE; 40 metros minério de ferro com leitos arcozianos, 1 metro e 50 bom minério de manganês, psilomelana; 350 a 400 metros de minério de ferro, tendo de permeio sedimentos ferríferos silicosos, delgados, jaspelíticos, entremeados com leitos de bom minério de igual espessura (5mm) que dão à rocha o aspecto listado de laranja-avermelhado e cinza escuro — A hematita vermelho-urucum dá nome ao lugar".

Se para a futura metalurgia, que se organizar na região, a série Jacadigo avulta pela sua valia industrial, a mais importante das formações, todavia, encontra-se nos pantanais, para cujas planuras são transportados os produtos da erosão dos terrenos mais altos, em que F. DE ALMEIDA lobrigou um tabuleiro, com a cota média de 100 metros, constituído pela série Bodoquena.

É a plataforma basal, inteiramente peneplanizada, de que emergem "pequenas elevações, com formas cônicas comuns e que se mantiveram pelo favor da silicificação que localmente sofreram os dolomitos. Já existiam antes da sedimentação mesopaleozóica e sem dúvida constituiam *monadnocks* no peneplano em que se depositou a série Jacadigo.

"Foram postas a nu pela erosão atual e muitas delas emergem ainda de sob os sedimentos Jacadigo.

"São verdadeiros *monadnocks* exumados, servindo de exemplo os morros Zanete, Tibúrcio e Anzol, nas vizinhanças de Piraputangas.

"Merecem a denominação de *baraboos*, conforme os autores norteamericanos".[31]

"Outros são circundados pelo calcáreo Bodoquena. São *monadnocks sensu strictu*.

"Tais os morrotes das vizinhanças de Corumbá, Ladário e Albuquerque".

Como também se afigura tal o maciço do Urucum "em seu conjunto", que "se assemelha a uma grande ilha elevada da imensa planície paraguaia".

Abrange três unidades principais:

1.º o grupo — São-Domingos — Santa-Cruz — Rabicho.
2.º o morro de Urucum
3.º a tromba dos Macacos.

A primeira, limitada a NO e SO por escarpas de linha de falha, cujas asperezas contrastam com o "relêvo ondeado, harmonioso", e "maturo", sulcado de vales paralelos, orientados para SE, contém "os mais lindos vales suspensos que a nossa geografia apresenta".[32]

"Todos êles foram seccionados durante o falhamento, daí o aspecto sinuoso da crista das escarpas das serras de Santa-Cruz e Rabicho".

Separado de Santa-Cruz por um vale de "caráter estritamente subseqüente", o morro de Urucum revela, em cima, "uma topografia mais senil" em cotejo com a daquela serra.

---

[31] FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA — *Geomorfologia da região de Corumbá* (*Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros* — Novembro de 1943).

[32] Ob. cit.

Maiores perturbações sofreu a tromba dos Macacos, transformada na atualidade em "bloco residual de erosão".

"Tem 2 quilômetros de comprimento por cêrca de 1 de largura", em formato aproximado de paralelepípedo.

"Está em grande parte soterrado por espessos depósitos de talude, o que aliás aconteceu com os outros morros".[33]

Em conseqüência das suas pesquisas no local, F. DE ALMEIDA concluiu que "pelo menos dois ciclos erosivos além do atual trabalharam o maciço. Um, anterior ao falhamento, foi responsável pelo relêvo maturo do alto dessas serras.

"Sucedeu a êste um novo ciclo que destruiu quase tudo do que seu predecessor deixara. O falhamento que causou o vale da Banda-Alta foi suficientemente rápido para impedir o estabelecimento de drenagem epigenética".[34]

Assim se define, em reduzida nesga da imensidão subordinada à bacia paraguaia, a geomorfologia regional, que não se acompanha de análogas pesquisas pormenorizadas nas zonas vizinhas, mais conhecidas, quando o sejam, por sua constituição geológica.[35]

Apenas conjecturas ou observações esparsas adiantam que os terraços marginais, notados no Paraguai, mais altos que a máxima cota das cheias, também se denunciam ao longe, nas proximidades das encostas do planalto, a testemunharem, de maneira expressiva, arcaico ciclo erosivo.

---

[33] Ob. cit.

[34] Ob. cit.

[35] De ARROJADO LISBOA, cronològicamente o primeiro a aproximar-se de Bodoquema, com olhos de geólogo, a AVELINO DE OLIVEIRA, nenhum, que nos conste, aplicou a sua argúcia profissional a desvendar as particularidades regionais fora das proximidades de Corumbá, onde se ergue a morraria de Urucum, opulenta de manganês.

POTAMOGRAFIA REGIONAL

Como sucede por igual aos seus tributários, obreiros participantes do portentoso desmonte hidráulico, de que resultou a depressão dos pantanais, o Paraguai origina-se na faixa do planalto contígua à sua borda meridional, aproximadamente a 40 quilômetros de Diamantino,[36] povoação, hoje cidade, que tomou título do rio, em que se debruçam as suas casas, quando não lhe perlongam o afluente, ribeirão do Ouro.

Núncios da opulência mineral do vale, os expressivos topônimos serviram de chamariz de povoadores.

CASTELNAU, em peregrinação pelos manadeiros, que fronteiam os do Arinos, esmou-lhes a altitude por 305 metros, cifra demasiado diminuta [37] em relação às que indicam as cabeceiras da maioria dos outros galhos.

Assim é que no cruzamento da E.F. Noroeste do Brasil, ARROJADO LISBOA encontrou o divisor entre as alturas de 560 a 630 metros referidas ao nível do mar, e ao norte, ao descer pela estrada do Ranchão, a caminho de Cuiabá, ERICHSEN calculou em 350 metros o afastamento vertical entre a aresta, no começo da descida, e o sopé, cuja cota não será inferior a duas centenas de metros.

Com as suas nascentes em nível mais baixo que os afluentes, ostenta, pois, o Paraguai, desde o início no planalto, o seu primado, revelador de maior energia erosiva.

Acachoante sôbre leito de ouro e diamantes, vai progressivamente declinando, encaixado entre morrarias, que prolongam o maciço dos Parecis, à guisa de contrafortes.

Vara, adiante, a famosa Mata-da-Poaia, alongada para oeste, através dos vales de Cipotuba, Cabaçal e Jauru, à sombra da qual se desenvolveu a indústria extrativa da ipecacuanha.

Ao receber a contribuição do rio dos Bugres, onde se formou núcleo de condensação povoadora, já se torna accessível às embarcações de tamanho reduzido.

---

[36] Tradicionalmente, atribui-se à cabeceira denominada Sete-Lagoas a origem do Paraguai, entre buritizais, consoante refere LEVERGER, que, porém, ao definir o verbete "Amolar", em seu *Dicionário Corográfico*, informa:

"Nasce sete léguas a E da vila do Diamantino. Corre a OSO e na distância de cinco léguas, em linha reta, recebe pela esquerda o ribeiro que traz as águas das Sete-Lagoas. Talvez deva ser considerado como a primeira e principal origem do rio Paraguai".

A mesma conclusão chegou o general RONDON, após cuidadosas explorações dos arredores, que lhe permitiram afirmar:

"E' principal formador do Paraguai o ribeirão Amolar e não a cabeceira das Sete-Lagoas, como sempre foi admitido".

General RONDON — *Relatório* — 1.º volume.

[37] Segundo as observações dos técnicos da Comissão Rondon, a altitude da estação telegráfica de Diamantino, é de 300 metros.

E daí por diante continua a suavizar o desnível por quilômetro, reduzido, afinal, ao mínimo compatível com a vazão de volume crescente, mercê do afluxo de ramais calibrosos.

O rio que, de começo, pompeia a sua mocidade impetuosa, rompendo de quebrada em quebrada, entre encostas íngremes, abundantemente revestidas de arvoredo majestoso, não tarda em tomar feições de precoce envelhecimento.

No primeiro trecho, de regime torrentoso, caracteriza-se-lhe o vale em V, por linhas incisivas, traçadas pelos espigões, que se empolam à direita, no diabásio da denominada serra de Tapirapuã, para o separarem de Cipotuba, e tumultuam, à esquerda, nas elevações, calcáreas em geral, designadas pelos nomes regionais de serra da Quitanda, das Araras, Salobra, Corrupira, Jauquara.

As suas últimas ramificações atingem, a leste, o Cuiabá nas imediações de Melgaço, e para o sul, a pouco e pouco se vão desmanchando até as vizinhanças da barra do Jauru, em que se completa a mutação do cenário, ensaiado nos arredores de Cáceres, a 850 quilômetros de Corumbá.

Engrossado pelos tributários do Cipotuba, do Cabaçal, às suas águas ali se misturam, em altitude oscilante pela casa de 130 a 140 metros, as do Jauru e do Cuiabá, antes das respectivas confluências, onde avulta periòdicamente o característico fenômeno da coalescência, desnorteadora dos navegantes.

Deficientes, as caixas modeladas em terreno de aluvião não lhes proporcionam as capacidades necessárias.

Galgam, por isso, nas cheias anuais, o exíguo obstáculo, que lhes antepõem os diques longitudinais dos albardões esguios e derramam-se pela superfície verdejante, irregularmente ondulada,[38] em que não mais se distinguem as madres dos rios.[39]

---

[38] Confessou, a propósito, CASTELNAU a sua decepção, ao sentir-se perdido, em meio da aguada, sem atinar com o canal, apesar dos seus instrumentos de observação e tino de geógrafo.

Andava pelas imediações da lagoa Uberaba, ou talvez dentro de seus limites, quando anotou:

"O Paraguai adquire logo uma largura excessiva; o seu leito é todo esmaltado de ilhas; mas na estação (ao findar março de 1845) se achavam tôdas cobertas d'água, apresentando apenas à vista os últimos galhos das árvores.

Após quatro horas de navegação em águas relativamente tranqüilas, percebemos que nos achávamos em uma baía sem saída que nos conduzisse à base das montanhas e por isso nos vimos forçados a voltar ao nosso acampamento da véspera, onde só chegamos alta noite.

Reconhecendo que sem guia não nos seria possível encontrar o leito do rio perdido no meio de um arquipélago de ilhas e de braços, mandei tocar cornetas e disparar tiros de espingarda, esperando atrair por êstes meios algumas famílias de Guatós; mas vendo infrutíferos nossos esforços, expedi uma canoa, sob a direção de um oficial, em busca dêsses índios; e felizmente no dia seguinte o vimos voltar ao romper da aurora, acompanhado de duas canoas contendo dois homens, mulheres e crianças.

Desta vez, graças aos nossos guias, vagamos pelo leito principal do rio, que serpenteia junto das montanhas".

"Carta escrita em Lima, aos 20 de fevereiro de 1846, pelo conde de CASTELNAU ao primeiro secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e publicada em seu *Revista* — vol. VIII.

[39] Quase um século após a expedição de CASTELNAU à América-do-Sul, deporia HOEHNE, que transitou pelas mesmas paragens, atento a notar-lhe as peculiaridades:

"O curso do rio Paraguai é, nessa região tão sinuoso que a sua navegação requer

Não obstante achanada a leste, norte e sul, até acima de Melgaço, no rio Cuiabá; entre a colônia Santa-Isabel e Teresa-Cristina, no São-Lourenço, Herculânea, à margem do Taquari; Aquidauana e Miranda, à beira dos rios homônimos e encosta ocidental da serra da Bodoquena, não se expande a ocidente, pois que a limitam, desde a região das lagoas Uberada, Gaiba e Mandioré, as serranias, que flanqueiam o Paraguai, pela direita, do Amolar ao morro de Coimbra, com reduzidas interrupções.

Nessa área imensa, que se inscreve aproximadamente entre os meridianos de 55° e 58° e paralelos de 16° a 22° 4' 45",[40] quando descem do monte as enchentes periódicas, irmanam-se as águas de várias procedências em uma só massa, que lhe traz o nateiro fertilizante.

PANORAMA SINGULAR

Águas salobras, em que se dissolvem os calcáreos das morrarias divisórias do Paraguai e Cuiabá, e das encostas de Albuquerque e Bodoquena, ao sul; águas salgadas, que revelam a existência de salinas entre o rio Negro e o Taquari, e no vale do Jauru; águas barrentas, que, na atualidade, continuam a transportar para a baixada o material escavado a montante, tôdas rolam de mistura, velozes aqui, mais vagarosas acolá, tanto ao longo dos canais dissimulados, como em sentido transversal, até beijarem o sopé dos contrafortes distantes, que orlam aquela imensidão líqüida.

A superfície, porém, não se dilata comparável à uniformidade monótona dos oceanos de horizontes sem fim, em que os céus se confundem com as ondas, nem dos campos maranhenses, descritos por Fróis Abreu.[41]

---

prática de muitos anos. Nas épocas das enchentes, torna-se muito arriscada, principalmente para os que não possuem suficiente conhecimento do rio.

Quando o Dr. Buarque de Macedo fêz a viagem inaugural com o pequeno vapor "Apa", em 1908, o seu pilôto vagou durante oito dias pelas baías e quando, finalmente, o vaporzinho chegou a Cáceres e se indagou do Dr. Buarque de Macedo o motivo de demora desusada, êle só respondeu:

"Isto não é rio; é vala de agrião",

"O diabo queira bancar pilôto aqui".

F. C. Hoehne — *O grande pantanal de Mato-Grosso — Boletim da Agricultura* — São-Paulo — 1936.

[40] Latitude do marco da barra do rio Apa, calculada pela Comissão Demarcadora de Limites, em agôsto de 1872. — No mapa da pág. 4 os meridianos de 12º a 15º estão referidos ao inicial do Rio-de-Janeiro.

[41] "Os campos baixos do litoral, afirma Sílvio Fróis Abreu, também constituem uma feição muito curiosa.

De aspecto uniforme, a paisagem campestre é monótona.

Só há um quadro; o que se viu agora vai ser visto duas horas depois e ainda no dia que se segue".

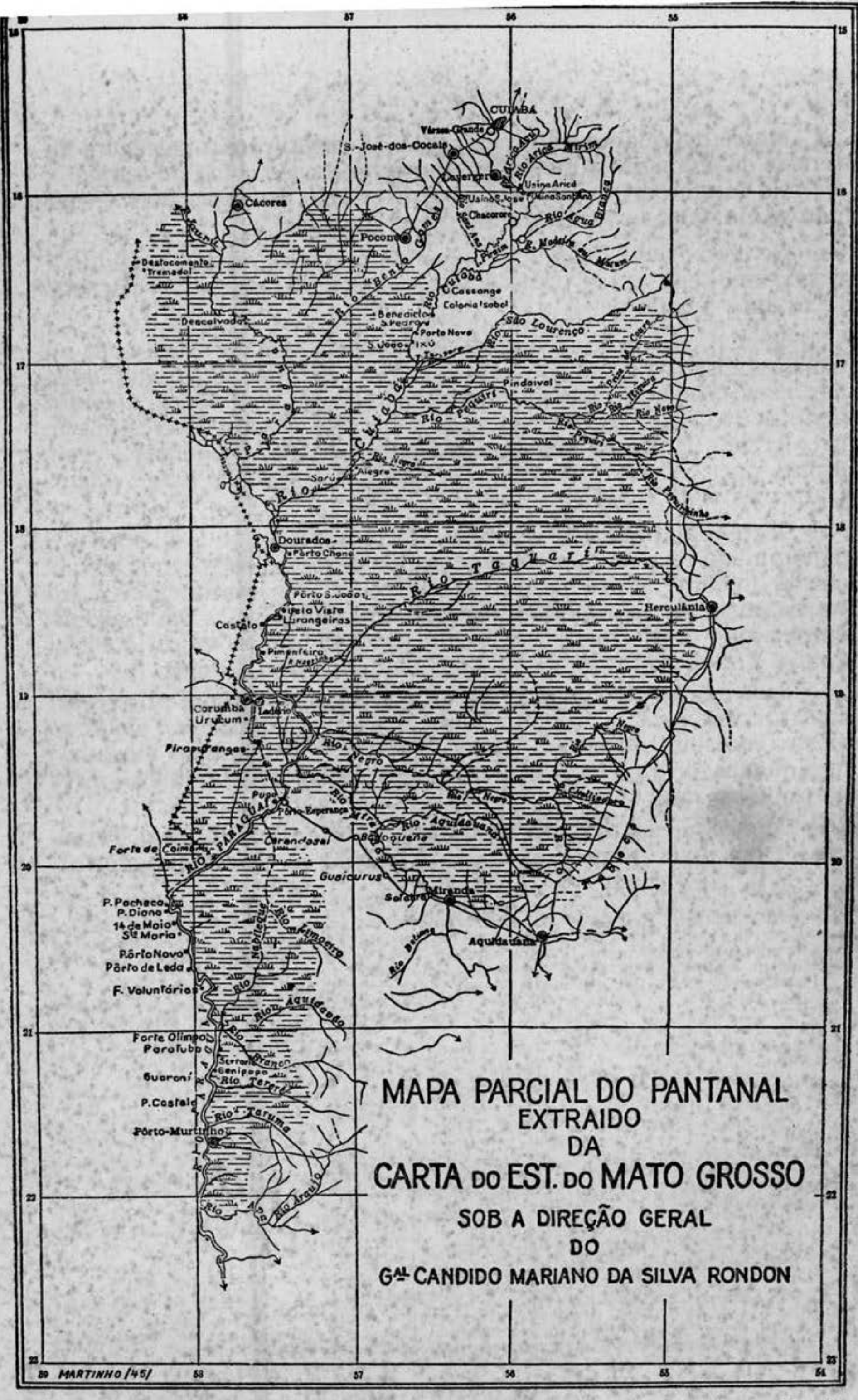
Na Terra das Palmeiras.

Maior desencanto sofreu Euclides da Cunha ao penetrar na planície amazônica.

"O que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento...

E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicàvelmente, se abrevia nos senfins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares".

Euclides da Cunha — *À margem da História.*



O pantanal, ao norte de São Lourenço alcança e ultrapassa o vale do Mutum, além da parte hachuriada, como também ocorre a sudeste de Pôrto Esperança, onde atinge as imediações de Miranda.

Mercê da colaboração incessante da vegetação, a paisagem altera-se de momento a momento, tanto no espaço como no tempo.

No mesmo sítio, o aspecto surpreendido na época das cheias não se ajustará ao verificado no decurso da sêca.

De maneira análoga, o deslocamento do observador, para qualquer rumo, causará a transfiguração dos cenários, cuja variedade se ostenta a cada passo.

Quem roda pelo Cuiabá, a 900 quilômetros de Corumbá, ou 640 quilômetros da sua barra no Paraguai, a contar da capital, onde as cheias, ainda que transbordantes do leito, do qual não se afastam demasiadamente, impedidas pelas elevações próximas, verificará, percorridos trinta quilômetros, em Santo-Antônio, expansões mais largas, que, vencida a barreira de Melgaço, apenas ao longe encontram obstáculo intransponível.

Logo abaixo, bifurca-se o rio em dois galhos, o principal e o denominado Piraím, que abarcam a ilha dêste nome,[42] retalhada de outras menores, duradouras, ou efêmeras, que denunciam a inconsistência do solo, periòdicamente amantado pelas águas inundantes, que, à direita, se insinuam por sangradouros até o Paraguai, e à esquerda, vão, de baía em baía, ao São-Lourenço.

Todavia, a aparência ainda se mantém, de caudal entre cortinas verdes, que se erguem sôbre estreitas ribanceiras, onde só viçam espécies hidrófilas, como figueiras,[43] embaúba,[44] novato,[45] ingá,[46] cajá-mirim,[47] sarã, cuja ramagem, mergulhada a meio, serve de anteparo aos barrancos para lhes atenuar a erosão.

Enquanto, ao alto, as leguminosas ostentam as suas ramagens,[48] em nível inferior medram as rubiáceas, que abrangem ar-

---

[42] Na exploração minuciosa do rio Paraguai e afluentes, em 1786, RICARDO FRANCO seguiu por um dos braços, enquanto SILVA PONTES, astrônomo, embocava pelo outro. Ao cabo de operações simultâneas, entre os paralelos 16°21' e 16°29' concluíu o relator que "esta ilha fica na figura mais exótica que se pode imaginar".

Pelas voltas do Cuiabá, acusou 18 léguas, e 23 pelo serpenteio do Piraim.

Entretanto, não media mais do que "11 léguas de comprimento e uma só de largo regularmente ainda que as voltas do dito furo em muitas partes quase se tocam com as que faz a madre do rio".

RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA — *Diário da diligência de reconhecimento do rio Paraguai.*

[43] *Ficus.*

[44] *Cecropia adenopus,* MART.

[45] *Triplaris formicosa* — Sp., MOORE — O nome popular, novateiro, ou pau-de-novato, indica os logros sofridos pelos inexperientes, que se aproximam dessas árvores e são imediatamente assaltados pelas formigas alouradas que vivem no óco de seu caule, em expressiva simbiose.

[46] *Inga edulis.*

[47] *Spondias lutea.*

[48] "Resumindo poderemos dizer que nas várias espécies arborescentes das matas justa-fluviais ou hidrófilas, predominam das Leguminosas, as diversas espécies de *Inga Pithecolobium* e *Enterolobium* e das *Moraceas, Cecropias* e *Ficus* e que as demais espécies ali representadas podem ser também constatadas nas matas higrofilas.

F. C. HOEHNE — *Fitofisionomia do Estado de Mato-Grosso* — 1923.

bustos, as mais das vêzes "ramosos, de fôlhas geralmente lisas e luzídias",[49] os pacovais, as urtigas, e, entre outros monocotiledôneos, "as lindas dichorisandras com cerúleas flores dispostas em bastos penículos.[50]"

A míngua de floração na copa sobranceira compensa-se pela variegada exibição das lianas, que, não raro, "são as plantas que mais se destacam com as suas flores nas matas".

A policromia das pétalas que tauxeiam de ouro, de rubi, de ametista, de pérola, o alto manto verdenegro, revela predileções dos gêneros e até famílias para certas tonalidades.

Assim, florescem de roxo as bignoniáceas, de vermelho as camptsemas, ao passo que as sapindáceas e malpigiáceas preferem o branco e o amarelo, consoante observou HOEHNE.[51]

Na composição do conjunto estético, entra o rio com os seus estirões retilíneos, em concordância com voltas por vêzes sinuosíssimas, como em Uacurutuba, onde a galharia do arvoredo marginal lhe reduz a largura disponível, com prejuízo da navegação, desimpedida, aliás, a montante, como a jusante.

Compassa-se a vida pela mesma harmonia do ambiente, interpretada às maravilhas pela orquestração matutina do arancuã[52] cujo canto estridente, iniciado a duas vozes, logo se repete pelos arredores, em comunicativa algazarra, ao tempo em que os inseparáveis casais voam, buliçosos, de uma para outra árvore, assustando os passarinhos, que também participam do concêrto, com as suas modulações mais suaves, desferidas pelo joão-pinto,[53] de roupagem decorativa, o canário,[54] a japuíra imitante dos demais cantores alados.[55]

---

[49] F. C. HOEHNE — ob. cit.

[50] Pacovais formados pelas *Heliconias* e *Calatheas* que lembram bananais em miniatura e cujas fôlhas tantas utilidades têm para o aborígente (F. C. HOEHNE — obr. cit.).

[51] "O espêsso dossel que impede a passagem dos raios solares na floresta, informa HOEHNE, é mais devido aos ramos e fôlhas das lianas do que à folhagem das árvores; em certos pontos os caules delas são tão espessos e retos que se confundem com os troncos das últimas.

F. C. HOEHNE — *Fitofisionomia do Estado de Mato-Grosso* — 1923.

[52] *Ortalis squamata.*

[53] E' o corrupião, ou sofrê, caracterizado por R. VON IHERING como *Xantharnus (Icterus)* jamacai.

[54] *Sicalis flaveola.*

[55] E' o mesmo japim, a que se referiu RODOLFO VON IHERING, para lhe atribuir o nome científico de *Cassicus cela* (*Dicionário dos Animais do Brasil*) — Além dos citados, há dezenas de pássaros cantores, que animam as paisagens dos pantanais.

CAMPINAS VIRENTES

A espaços, interrompe-se a cortina vegetal, e ao olhar dos navegantes, que sulquem a via fluvial, desdobra-se o tapête esmeraldino das gramíneas, que ao longe se afigura debruado por denso arvoredo.

O observador, porém, que tentar devassá-lo, verificará, surprêso, que serão apenas *cordilheiras*, nome regional aplicado, especialmente na mesopotâmia, que o rio Cuiabá e o São-Lourenço abraçam, em amplexo fecundante, a cordões de terras minguadamente mais altos que as circunjacências, nos quais viçam, de preferência, cambarás,[56] cuja grossura os acondiciona à confecção de canoas, piúva,[57] uacuri,[58], núncio de solo fértil, além de fornecer palmas para a cobertura de ranchos e outras espécies que suportam a inundação em seus máximos entumescimentos transitórios.

À distância de alguns quilômetros, simulam floresta espêssa, que se torna rala, quando examinada de perto.

Atravessadas sem dificuldade, abre-se, além, clareira amplíssima, em que o chão verdeja, de tons entre o gaio dos arrozais nativos,[59] cujos cachos, colhidos oportunamente, proporcionavam aos índigenas ribeirinhos um dos seus alimentos prediletos, aos mais escuros, de capim-de-praia,[60] de angola,[61] e mais apetecido pelos animais, o mimoso.[62]

Ainda que desmedidamente se alteiem as cheias, afogando as plantas rasteiras, e até as arbustiformes como o algodão-do-pantanal,[63] cujas flores violáceas se agrupam em panículas, as ciperáceas, que preferem os brejos, denunciados pelos perizais, sobrenada a grama do pantanal, graças ao alongamento do seu colmo, que lhe permite boiar sôbre águas, mais profundas, às vêzes, que as zingas usadas pelos embarcadiços, de quatro a cinco metros de comprimento.

Dir-se-ia viçar em extensos canteiros flutuantes, que dissimulam a presença das águas avassaladoras, cuja velocidade de escoamento se vai de contínuo reduzindo através dos obstáculos gerados pela vegetação.

---

[56] *Vochsia Tucanorum*.

[57] *Tecoma ipe*, MART., de flores arroxeadas e *Tecoma ochrecea*, CHANS que se touca de ouro, quando florescente.

[58] *Attalea phalerata* e *A. princeps*, MART.

[59] *Oriza subulata*, NEES.

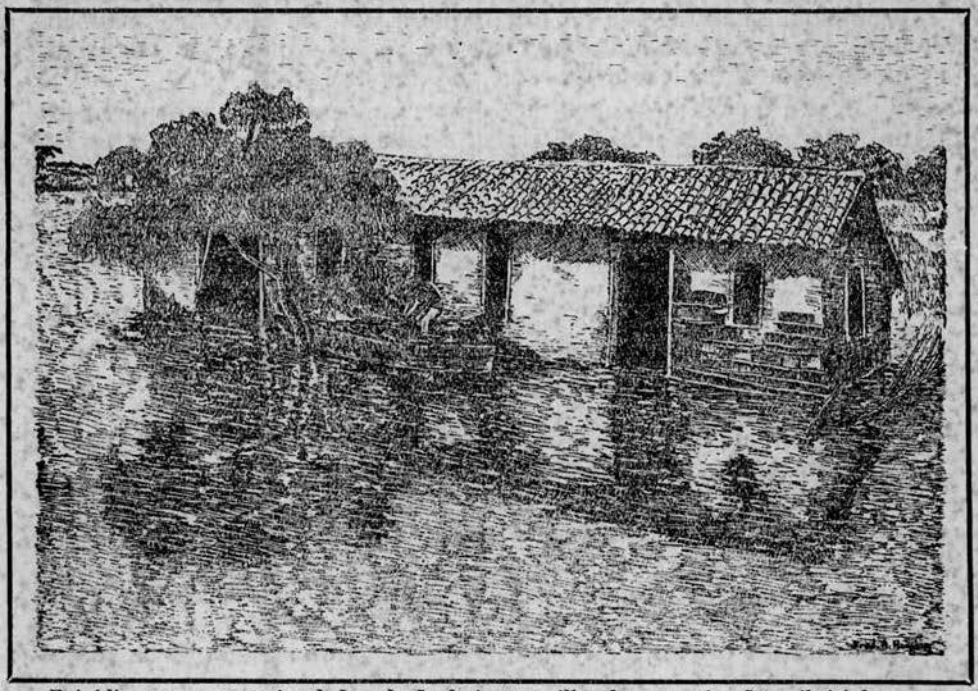
[60] *Paspalum fasciculatum*, WILD.

[61] *Panicum spectable*, NEES.

[62] *Paratheria prostata*, GRISEB.

[63] *Ipomoea fistulosa*, MART. — A expansão dos algodoais constitui uma das pragas dos pantanais, que tende a torná-los *sujos*, com redução da pastagem. Em zonas mais elevadas, análogos danos são causados pelo pateiro e também pelo cambará, a cujas sombras enlanguece a vegetação rasteira.

Também emerge, principalmente nas baías e corixos, o aguapé,[64] constituído de eichórnias e pontederias, a que faz companhia, especialmente no trecho fluvial de Corumbá a Cáceres, a fidalga *Victoria Regia*, LDL.



Episódio comum no pantanal. Inundação do terreno, ilhando as construções ribeirinhas que as águas muitas vêzes invadem, permitindo a aproximação de canoas até o batente da porta

Mergulha as extremidades inferiores no lôdo, mas pompeia ao ar as suas flores majestosas, que lhe justificam o título científico.[65]

---

[64] "Suas cerúleas flores com áureo centro, delicadas e frágeis, surgem em bastas espigas ou em lindos racimos que emergem de entre as verde escuras tenras fôlhas, de aspecto rijo e obtuso. São suas principais representantes nesta formação: *Eichornia crassipes*, SOLMS, que flutua livremente sôbre os lagos e nas baías e que é caracterizada pela forma cespitosa e pelos pecíolos muito inflatos, que lhe renderam o nome específico; *E. azurea*, KUNTH, e *E. subovata*, SEUB, que tem caules mais longos e aparecem geralmente fixadas nas margens ou lugares mais rasos das baías e barrancos do rio; *Pontederia ovalis*, MART. e *P. corlifolia*, MART., igualmente mais ou menos fixadas (pelo menos durante a época mais sêca), fazem também parte do grupo das plantas que o matogrossense distingue pelo nome de aguapé" e que na Amazônia denominam Mururé com a inclusão das *Pistias* e *Salvinias*".
F. C. HOEHNE — *Fitofisionomia do Estado de Mato-Grosso*.

[65] Assim descreve a "Rainha dos Lagos", o botânico enfeitiçado:
"Suas enormes fôlhas, como gigantescos pratos de bordos muito eretos, balouçam na superfície das águas e entre elas, emergem as grandes flores, alvíssimas no primeiro dia e róseo-claras mais tarde.
Cada exemplar cobre, com suas fôlhas e flores, uma área de mais de 15 metros em quadra.
Os espessos rizomas bulbiformes estão fixos no fundo, mas os peciolos, que atingem de 3 a 7 metros de comprimento, fazem com que os limbos foliares possam acompanhar a oscilação do nível das águas".
F. C. HOEHNE — obr. cit.

Forma o aguapé, de fôlhas ovaladas, à semelhança de verdes raquetas luzidias, fortemente silicosas, a trama principal dos camalotes, em que se enleiam gramíneas e a plebe das plantas hidrófilas.

Os amplos e leves colchões undívagos, entraçados nos remansos propícios, expandem-se de tal maneira, que se partem em blocos, não raro enormes, que vão obstruir, águas abaixo, as bôcas das baías, onde impedem a marcha das embarcações.

E até na via desimpedida, se acertam encontrar, em pleno canal, algum navio, que não possa desviar-se a tempo da ilha flutuante, esbarrada à proa, escorregam a bombordo e boreste, como em preparativos de abordagem enleante.

Raízes e rizomas e fôlhas enroscam-se pelas pás da roda ou pela hélice, cujo movimento se perturba a ponto de exigir trabalho especial de defesa.

A separação, porém, a golpes de facões, não impede que as duas porções, levadas de bubuia, ao som das águas, se articulem de novo, a jusante, quando se aproximam de jeito.

E, reconstituídos, rodam os camalotes, que imprimem feições exóticas ao curso inferior do rio, até o estuário platino, depois de atravessarem a faixa dos carandàzais.

Acima de Corumbá, em rumo de Cáceres, ou de Cuiabá, deparam-se exemplares, em grupos mais ou menos numerosos, da palmeira prestadia.[66]

É, porém, do Taquari para jusante, que se lhe adensa a imponente associação, dominante em vasta área, com as colunatas acinzentadas dos estipes retos, a que as palmas servem de majestoso capitel.

E como os fustes, erectos, se distanciam uns dos outros, sobejará espaço intermediário para a livre circulação de cavaleiros, apreciada pelos guaicurus, que se fixariam na região adequada às suas correrias.

Os palmares, constituídos ora à direita, ora à esquerda, acompanham por vêzes o rio de ambos os lados, até além do Fecho-dos-Morros, cujo nome corresponde ao têrmo dos pantanais matogrossenses.

E encerram, pelo sul, o viveiro inesgotável, em que se multiplicavam, descuidosos, os aborígenes, fartamente alimentados de arroz silvestre, frutas, peixes, animais de pêlo, pequenos, como a paca ou de maior porte, entre os quais figuravam a anta, o cervo, a onça, quando não preferiam voláteis, de que podiam escolher a jacutinga, o mutum, o pato-bravo, a marreca, abundante nas praias e lagoas, também freqüentadas pelas cismadoras garças, pelos colhereiros,

---

[66] *Copernicia cerifera*, MART. — Pelas margens do Paraguai, descreve SPENCER MOORE: Desde a foz do Apa até Coimbra estendem-se as matas exclusivamente formadas das palmeiras carandá, às vêzes com largura considerável" — GONZAGA DE CAMPOS — *Mapa florestal do Brasil* (*Boletim Geográfico* — Dezembro de 1943).

de tons róseos, socós de vária coloração, curicaca-cinzenta, e o grave tuiuiú, cujas passadas hieráticas lhe dão a aparência de policial em meio das traquinices dos seus companheiros.

Emolduram, por essas bandas, o tablado maravilhoso, em que se realizariam patéticos episódios do drama da conquista da América-do-Sul pelos europeus, que ali apareceram antes do século XVI alcançar o terceiro quartel, pelas duas estradas praticáveis a oriente.

Aleixo Garcia, o pioneiro, pela via terrestre, rompe do litoral atlântico, e, rumo ao oeste, certeiro transpõe o Paraná, o Paraguai, nas proximidades da barra do Miranda e prossegue até os Andes. O seu périplo, desfechado em tragédia, seria renovado pelos bandeirantes de Piratininga.

Juan de Ayolas, em seguida, sem lhe conhecer a peregrinação, preferindo a via fluvial, emboca pelo rio da Prata e Paraná, transmonta o Paraguai, até que o surpreendem as pegadas do predecessor, que lhe apontam o caminho cobiçado, de que não tornaria com vida. Em seu rasto seguiriam os espanhóis de Assunção.

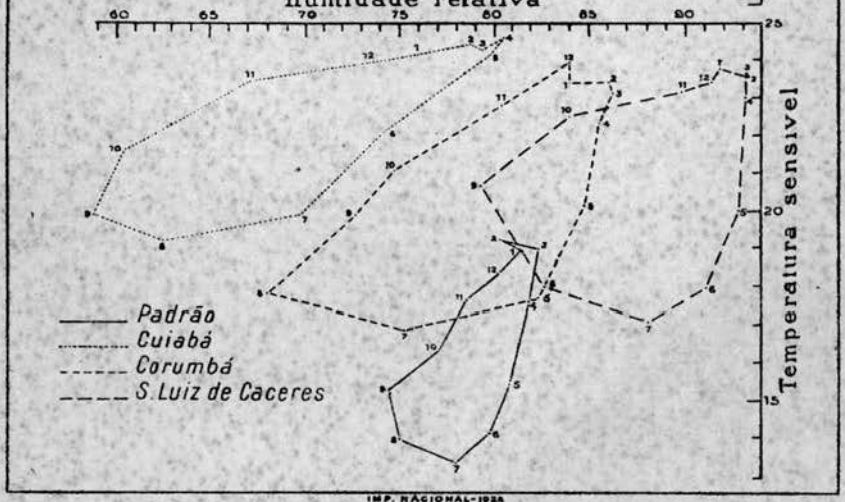
São as duas componentes sociais, definidas nesse lance, de cuja convergência ou antagonismo resultaria a suplantação da cultura autóctone pela ibérica.

CLIMA

Embora desprovido ainda de postos suficientes de observação, que lhes registem os índices meteorológicos, os pantanais incluem-se, de modo geral, na faixa sub-tropical, a que MORIZE aplicou o processo sugerido pelo professor australiano, GRIFFITH TAYLOR, para o traçado do respectivo climograma, em função da temperatura sensível e da umidade relativa.[67]

Por se acharem aproximadamente no centro da América-do-Sul, e, portanto, adstritos às influências do clima continental, não manifestam variedades equiparáveis às de regiões menores, em que atuam componentes mais diferenciados.

Assim é que Portugal, estudado geogràficamente pelo professor A. DE AMORIM GIRÃO, compensa a míngua da sua área (89 059 quilômetros quadrados) com a posição favorável à incidência de fôrças variadas e não raro antagônicas.



Aplicação do processo de climograma de Griffith às cidades de Cuiabá, Cáceres e Corumbá, pelo professor H. MORIZE.
(Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil — 1922).

---

[67] H. MORIZE — *Introdução ao Clima do Brasil* em *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil.*

Uma faixa do seu litoral, ao poente, regula, por isso, com o clima atlântico, chuvoso e relativamente frio, que mantém o "jardim à beira mar plantado", enquanto ao sul, na outra, predomina o mediterrâneo, mais quente e sêco, por efeito da vizinhança dos desertos africanos, donde sopram fortes ventos, aos quais a estreiteza do mar interjacente não propicia ensejo de tomarem a necessária porção de umidade que se transforme em chuvas fecundantes.

E além da orla, para leste, as elevações centrais contribuem para alterar as condições climáticas, aproximando-as, mercê de outras fôrças cósmicas, das que distinguem a meseta ibérica.

São principalmente, não contando os de menor amplitude, três tipos de clima, que modelam vàriamente a paisagem lusitana.

Não obstante dilatados pelo dôbro e quase triplo da área do território de Portugal, os pantanais matogrossenses não oferecem análogas disparidades, de acôrdo com as informações proporcionadas pelo Serviço de Meteorologia.

Ao contrário, os números registados denunciam, além da diminuta variação de outros dados, escassez de precipitações pluviométricas nos meses de temperatura mais baixa e abundância quando esta se eleva. Incluem-se, portanto, no grupo Aw da classificação de KÖPPEN, de savanas tropicais.

Do confronto das indicações referentes a várias localidades rompe a semelhança geral das condições, ao longo dos meridianos.

ESPECIFICAÇÕES	Cuiabá	Corumbá	Aquidauana
Latitude	15° 36.	18° 59.	20° 29.
Altitude	165	116	182,4
Pressão atmosférica	991,9	997,5	994,6
Médias das máximas	31,5	30,8	30,9
» » mínimas	21,3	19,7	18,1
Máxima absoluta	39,8	40,6	40,8
Mínima absoluta	1,2	0,8	— 1,2
Chuva anual	1 394,8	1 164,6	1 537,7
Dias de chuva	137	86	82
Umidade média	73,10	73,4	76 %

De maneira diversa, o deslocamento no sentido dos paralelos, fora, portanto, dos pantanais, mas em latitudes equiparáveis, apontará divergências acentuadas.

ESPECIFICAÇÕES	Presidente-Murtinho	Santa-Rita-do-Araguaia	Três-Lagoas	Vitória (Espírito Santo)
Latitude	15° 39.	17° 19.	20° 47.	20,10
Altitude	625,8	720	312,00	30,9
Pressão	949,4	938,4	975,9	1 015,6
Média das máximas	30,3	29,6	50,4	27,6
» » mínimas	15,7	16,3	17,9	20,1
Máxima absoluta	38,3	36,3	41	37,2
Mínima absoluta	— 4,5	0,4	— 0,8	9,3
Chuva anual	1 910	1 821	1 340	1 429,8
Dias de chuva	198	167	98	153
Umidade	79° 6.	78,6	76,8	82 %

São mais aproximados os elementos de Cuiabá e Aquidauana, apesar do afastamento de 4° 53' de latitude, do que os relativos à primeira localidade e Presidente-Murtinho, no planalto, em paralelo distante apenas de três minutos.

A temperatura diminui, como era de esperar devido à altura, aumentam as precipitações e bem assim a umidade, ao passo que rareia o ar, como delata o barômetro.

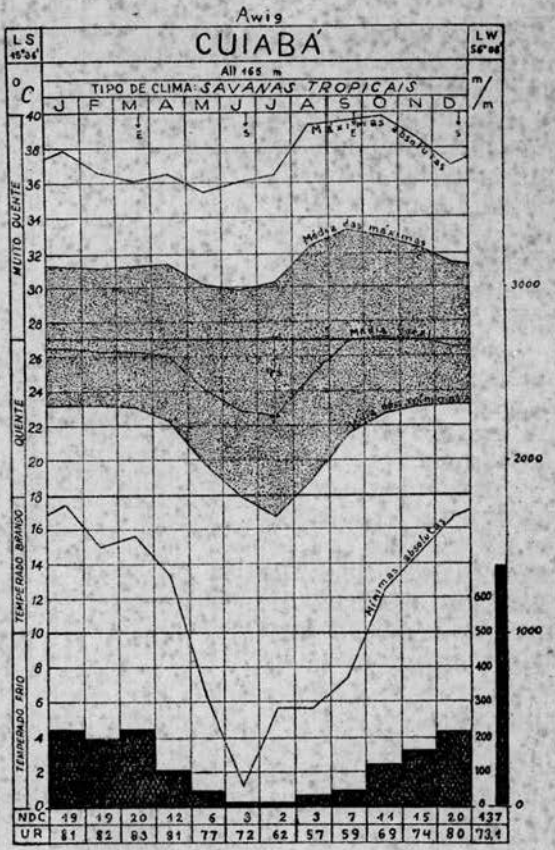
Maior diferença ainda apresentarão, apesar de situadas em paralelos próximos um do outro, Corumbá (lat. 18°-59') e Vitória (lat. 20°-10') no litoral atlântico.

Aumenta a pressão, o número dos dias chuvosos e a sua quantidade anual, garantida pelos ventos de leste, carregados de umidade.

Contém-se a temperatura entre limites mais reduzidos, distantes por igual das excessivas marcações termométricas em um sentido, como em outro, por influência do mar, que atua fortemente com o seu influxo regulador.

A máxima não ultrapassa 37,2, nem a mínima baqueia além de 9,3, ao passo que em correspondente latitude pantaneira, com altitude de 116 metros apenas, a variação descamba de 40°,6, a 0,8 além de acusar diàriamente oscilações mais amplas do que à beira mar.

Os mesmos fenômenos, considerados em conjunto, repetem-se com impressionante regularidade de ponta a ponta dos pantanais, que formam assim curiosa entidade geográfica, expressa pelo relêvo aproximadamente uniforme, em que predomina a formação aluvionar, pelas características do clima em que se alternam a umidade máxima, com as alagações transbordantes, e as sêcas incompatíveis com a vida, pela vegetação afeiçoada a regime especial, de alternativas de exuberância e penúria, quando o pluviômetro acusa precipitação mensal inferior a 60 milímetros, de junho a agôsto, nos postos de Coxim, Corumbá, Aquidauana e de maio a setembro, em Cuiabá e arredores.



Todavia, há que notar peculiaridades que distinguem modalidades locais do ambiente pantaneiro, como revelam os resultados colhidos, tanto por instrumentos, nas estações existentes, ainda escassas, como por impressão dos sentidos.

Por sobrancear os pantanais, que apenas lhe alcançam as zonas rurais distendidas para o sul do município, Cuiabá não lhes denuncia tôdas as expressivas características, bem que aponte, nos índices derivados das mais sistemáticas observações meteorológicas no Estado, desde 1901, algumas de alta valia.

Assim é que no decurso do ano assinalou o professor Sílvio Milanese três períodos diferenciados.

No primeiro, de precipitação abundante, de janeiro a março, e às vêzes, abril, sucede o que vai de maio a agôsto, sêco e frio; enquanto cabem ao terceiro os meses restantes, de temperatura e umidade crescente.

O confronto, porém, dos regimes observados em outras localidades, indica a semelhança das condições reinantes, quando se fundem o terceiro período e o primeiro em um único, indicado pela vegetação.

Favorecida por estimulantes eficazes, para cuja ação fecunda se associam o calor e a umidade, ela desabrocha, exuberante, onde quer que se lhe depare a indispensável quota de sais minerais.

O cerrado que envolve a capital, pouco antes desfolhado, como se dá com as plantas de mais alta latitude, nos rigores do inverno, decora-se luzidamente para a perpetuação das espécies.

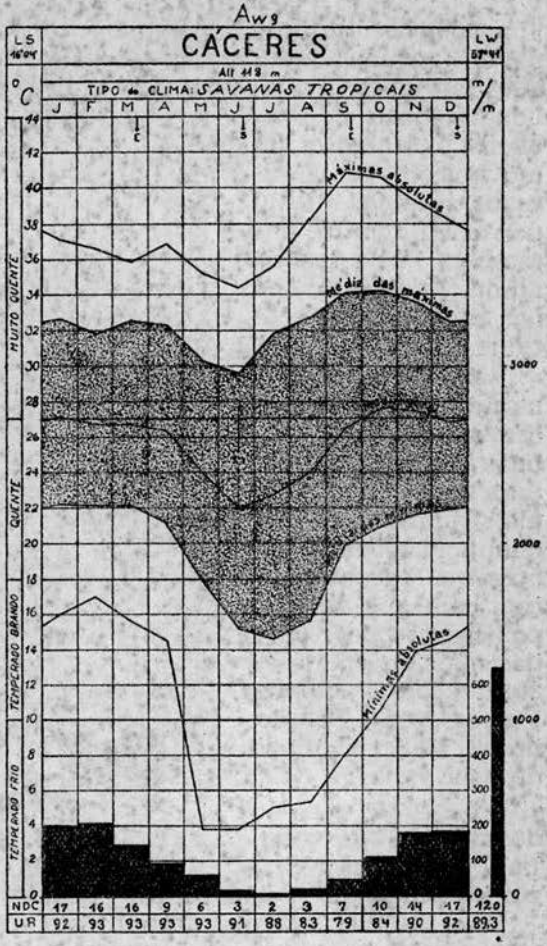
A vitalidade renovada espelha-se-lhe nos botões e brotos coloridos, com que se enfeitam os ramos, em breve prazo guarnecidos

de flores e frutos, que faltam no segundo período, quando escasseam as chuvas, e diminui a umidade relativa do ar à média de 67%, com o mínimo de 20% a 15% de tensão, ao passo que se alteia a evaporação a 291,7.

Sopra, com freqüência, o vento sul, causando a variação de pressão de 752mm a 748mm.

Fortemente exsicado o ar, encolhem-se as plantas em espasmos defensivos das escassas reservas líquidas, e libertam-se da maior parte de seus órgãos de transpiração.

Para o fim, porém, eleva-se gradativamente a temperatura e nos céus já se encastelam n u v e n s ameaçadoras, que não tardarão a provocar barulhentas descargas elétricas.



Assim se formam as primeiras chuvas, denominadas de *caju*, no fim de agôsto ou princípios de setembro, que iniciam estrondosamente o derradeiro período, de apreciável precipitação.

A umidade sobe além de 70%, como igualmente a evaporação, que atinge o máximo de 278, quando se dilata o lençol das inundações, oferecendo propícia amplidão líqüida à forte ação do sol.

A pressão tende a decrescer, de 748 a 743 e até a 739, por ocasião dos aguaceiros copiosos.

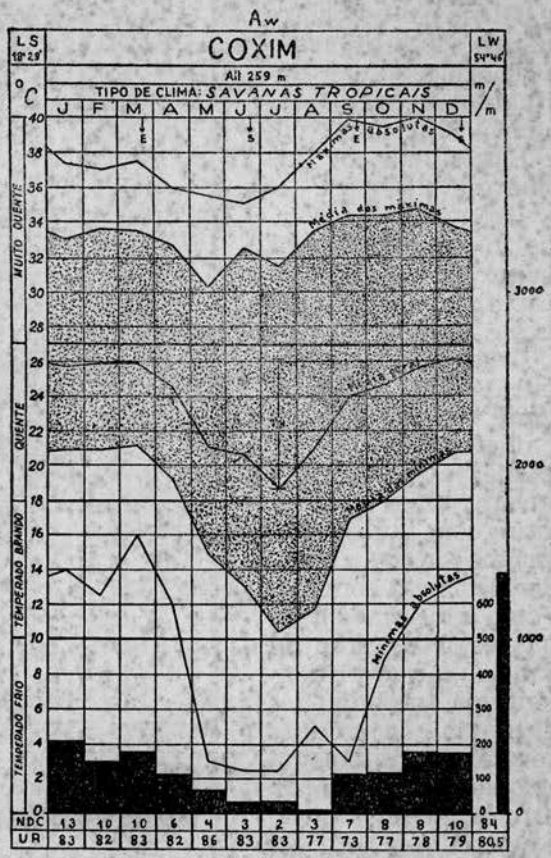
A oscilação da temperatura, que é de 7° na fase anterior, eleva-se a 11° em média, desmedindo-se ainda mais, quando se produzem as violentas perturbações atmosféricas que J. Severiano da

Fonseca registou, proporcionando informações à descrição admirável de Euclides da Cunha.[68]

Em conseqüência, a temperatura ameniza-se e assim se conserva por algum prazo depois da rajada. Contribuindo para modificá-la, acusa o regime do vento menor intensidade no primeiro período, especialmente à noite, alternado com os dias de calmaria.

No decorrer do ano, é constante o N., mais ativo por agôsto, em que, soprando das 9 às 16 horas, aumenta a evaporação e reduz o índice higrométrico ao mínimo de 20%.

Também se registra o NW, provocador, mormente em novembro e dezembro, de ruidosas perturbações, que se manifestam por "temporais e borrascas, acompanhadas de chuvas, violentas, torrenciais, com trovoadas e relâmpagos seguidos".[69]



[68] Euclides da Cunha — *Os sertões* — 3.ª edição — pág. 74 — A formosa descrição euclideana exagera, apenas, quanto à generalização do fenômeno meteorológico, definido como característica do clima regional.

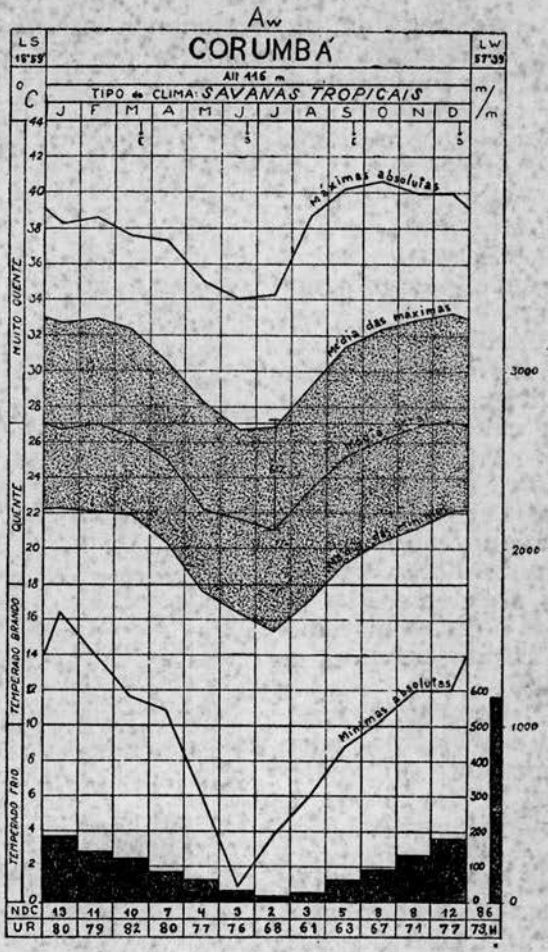
[69] Sílvio Milanese — *Efemérides meteorológicas da cidade de Cuiabá.*
Para algumas outras estações da região, o Serviço de Meteorologia reuniu as *Normais Climatológicas,* em que se encontram os dados, referentes a Coxim, ou Herculânea a seguir.

CLIMA	Coxim
Altitude da estação temperatura do ar	259,44
Média das máximas	33,1
Média das mínimas	17,3
Máxima absoluta	40,0
Mínima absoluta	2,5
Unidade relativa	80,5
Altura total	1 381,8
Número de dias de outubro a março	59
Número total de dias chuvosos durante o ano	84

A temperatura decai, então, rápida, como igualmente ocorre quando sopra o S, causa de friagens que habitualmente não falham a 3 de maio, dia de Santa-Cruz, de que tomaram o nome.

À medida, porém, que o observador se afasta da capital, rio abaixo, vai notando variações apreciáveis.

Mais do que lá, onde, aliás, diversamente do que sugeriu o meteorologista de Cuiabá, a primeira e terceira fases não se distinguem tanto entre si, como sucede a qualquer delas em confronto com a intermediária, duas estações pronunciam-se caracterìsticamente na amplidão dos pantanais, consoante expressa a terminologia regional, a das *águas*, entre os meses que vão de setembro a abril, ou maio, e, no resto do ano, a *sêca*.



Nesta, em geral iniciada pela friagem de Santa-Cruz, núncia da substituição do NW chuvoso pelas vagas do S, que sibilam desafogadamente, sem nenhum obstáculo, pela baixada do vale imenso, a temperatura decresce e também o grau higroscópico de que resulta esturricarem os campos mais altos, por extensas áreas.

Pela carência de chuvas, entorroam-se os barreiros, em cuja pegajosa argila se conserva, perfeita, a moldagem dos cascos dos últimos visitantes e alguma rês desfalecida no atoleiro que a retém até à morte, se lhe faltar auxílio salvador.

As árvores dos cerrados perdem a folhagem comumente, para poupança da escassa umidade que logram haurir do solo.

Apenas verdejam os cajuís, em moitas rasteiras, que viçam, não raro, em terreno arenoso, mercê do seu apropriado sistema radi-

cular, o araticum, entre as anonáceas, a vassourinha, o gravatá e raros arbustos.

No chão, fenecem as plantas tenras, suplantadas pelo sapé, carona, ou capins diversos, igualmente impróprios à alimentação dos animais.

Ao nível das copas, com a sua galharia nua, as piúvas (*Tecoma ipé*, MART. e *T. Ochrácea*, CHAM.) economizam as energias que, despertadas pelas primeiras precipitações, irão resplandecer em flores roxas e amarelas, antes da renovação do manto verde.

Pompeiam, então, os seus tufos suspensos, de tons vivos, como também os paratudos de flores de ouro, em meio de outras árvores ainda descobertas, ou solitárias, à orla dos lagos, aos quais muitas vêzes cedem o próprio nome.

Sêcas na aparência, e às vêzes chamuscadas pelas labaredas da queimada, ressuscitam aquelas, da noite para o dia, quando lhes umedecem as raízes as chuvas alvissareiras da primavera.

No rigor das sêcas, porém, o quadro semelha-se em alguns trechos ao das regiões semi-áridas, com a vestimenta característica de lixeiras, de largas fôlhas silicosas, de piquizeiros, de fruto apreciado pela gorda polpa saborosa, de mangabeiras, em número bastante para atrair manipuladores de borracha com o seu látex.

Em tais ocasiões, quando a sequidão do ar cresta a vegetação, afugentando os animais, que ela sustenta, a vida se concentra nas zonas marginais dos cursos d'água e baías, onde vicejam gramíneas nutritivas. Delas mostra-se ávido o gado, que por vêzes se antecipa à estiagem, ao procurar as pastagens ainda em parte amantadas pelas águas inundantes, que não o impedem de forragear, onde a profundidade não lhe seja superior à altura do corpo.

Não raro, as reses mais audazes ou mais gulosas imitam os búfalos e permanecem longas horas apenas com a cabeça emersa, a abocanhar a flutuante grama do pantanal, que em breve prazo as robustece e engorda.

Em geral, porém, acompanham a regressão do lençol líquido, que lhes proporciona de dia para dia mais larga faixa de terreno fertilizado pelo nateiro, que as enxurradas barrentas conduzem de montante para depositar, pela colmatagem, nas amplas áreas em que se reduz ao mínimo a velocidade do transporte.

Avermelhadas ou de tom amarelo carregado, nos rios repletos, à proporção que se afastam, vão largando as partículas sólidas em suspensão.

E desbotam progressivamente.

Por fim, nas beiradas atingidas pelas alagações, já se apresentam claras, após a distribuição em marcha do material, que se acama anualmente no terreno e lhe alteia o nível de contínuo.

E à medida que se enxuga o solo e retornam as águas à calha habitual, de que transbordaram, na época da cheia impetuosa, provocada pelas chuvaradas volumosas em tôda a bacia hidráulica, especialmente nas cabeceiras, mais vivaz se mostra o cenário com a proliferação impressionante dos rebanhos, ainda que regulada espontâneamente pelos próprios impulsos naturais, que a influência climática intensifica ou modera.

Nos rodeios em que se misturam, indiscriminados, bovinos de todos os tipos, de ventre, novilhos de idade vária, surge a bezerrada, como flores buliçosas dos campos em que, meses antes, cardumes de pacus e piranhas podiam ser perseguidos por jacarés vorazes.

E assim se estereotipam na paisagem as peculiaridades do clima pantaneiro, que regula as atividades humanas relacionadas com a utilização econômica do solo, depois de ter contribuído para modelar a fisionomia atual do relêvo e selecionar as espécies que lhe deveriam constituir a singular vestimenta vegetal, de matas de pestana ao longo dos cursos d'água e em tôrno das baías, capões distribuídos onde haja lençol d'água ao alcance das raízes em manchas de melhor terreno, campos inundáveis, mas criadores pelas suas gramíneas de apreciável teor nutritivo, e cerrados, onde medram de preferência espécies xerófilas.

Patente na vegetação, que revela aspectos especiais, derivados da acomodação à alternância de períodos fortemente úmidos e quentes com os de sêca e frios e na exuberância da vida animal, que povoa os rios e baías de peixes, tanto de tamanho reduzido como os de mais de uma arrôba de pêso, os campos-cerrados e matas, de mamíferos e aves, com que se alimentavam os selvícolas, e também de insetos e répteis mortificantes, não deixaria o clima de assinalar a sua atuação nos agrupamentos humanos dos pantanais, condicionados por igual à maior ou menor abundância de águas.

Aproximam-se dos rios e depressões onde lhes seja permanente a presença, quando cessam pràticamente as chuvas. Mas recolhem-se ao *firme*, terreno sobranceiro às alagações, assim que passam os meses de maior estiagem, durante os quais, por longas faixas, será penoso o estacionamento para qualquer vivente.

Assim o clima regula grandemente, nos pantanais, as atividades humanas, que sobremaneira se diferençam das congêneres em outras paragens.

A adaptação de processos de trabalho, de meios de subsistência, de hábitos de vida, às condições climáticas regionais, distinguem perfeitamente as fazendas de criação pantaneira de qualquer outra, no planalto.

ABORÍGENES DOS PANTANAIS

Quando raiou o século XVI, e com êle a revelação, pela armada de CABRAL, da imensa colônia luso-americana, o vale do Paraguai achava-se em grande parte assenhoreado pela confederação dos guaranis, de que participavam, além de outros grupos, os nuaras, do Emboteteu, os guachis, seus vizinhos meridionais, os itatins, que da barra do Apa se expandiam também a ocidente, e nas imediações de Amolar, os chanés, que perdurariam na toponímia, embora se lhes substituisse o gentílico por outro.[70]

O seu relativo adiantamento reflete-se na informação de A. N. CABEÇA DE VACA "son labradores, siembran maiz y mandioca (que es el cazabi de los indios) siembran mandubies, y de esta fruta hay gran abundancia y siembran dos veces en el año".

Próximos, pelos arredores de Gaíba, os xaraiés, também agricultores, dominavam a região norte-ocidental dos pantanais, onde cartógrafos imaginosos localizariam as nascentes do Paraguai, equiparado a volumoso desaguadouro de fantástico lago, que herdaria o nome dos seus ribeirinhos.[71].

Fora da influência guarani, que se exercia em quase tôda a mesopotâmia formada pelo Paraná-Paraguai, e ainda transbordava para a orla atlântica, mantinham-se os paiaguás nas imediações da baía Negra, cujas singularidades devassaram, como hábeis canoeiros, e as tribos do curso superior do Taquari, São-Lourenço e Cuiabá, que só mais tarde ingressariam na história.

ATRAÇÃO DO POENTE

Nas paragens acolhedoras, de que se apossariam os europeus, com facilidade maior do que se verificara em Buenos-Aires e em mais de um trecho do litoral brasileiro, nem sempre reinaria a paz entre os seus habitantes.

Ainda quando não os assaltassem os guaicurus do Chaco, em ofensiva inopinada, que obrigava os cariós, mais expostos aos gol-

---

[70] A propósito dêsses índios, escreveu A. LEVERGER, depois de lhes freqüentar os antigos domínios:

"Xanés: hoje mais conhecidos por Guanás, nome de uma das suas quatro tribos, que são Terenos, Laianos, Quiniquinaus e Guanás.

Existem em diversos pontos dos distritos de Corumbá e Albuquerque".

A. LEVERGER — *Dicionário Corográfico*.

[71] Informes colhidos pelo Adelantado a respeito dos índios que deram nome ao lendário lago dos Xaraiés:

"las mujeres todas cubiertas sus verguenzas, y muchas cubiertas con unas ropas largas de algodon que usan entre ello (que llaman tipoes) el principal de los xaraiés estaba asentado en una red de algodon en medio de una gran plaza y tolos los sujos estaban en pié... Ja porque era noche, el mesmo principal los llevó consigo a su casa, y alli los mandó dar de comer; y zenda redes de algodon en que durmiesen y les convidó que se quiziesen cada uno su moza, que se la dariam.

Estes indios Xaraiés es gente crescida, de disposición; son labradores, y siembran y cojen dos vezes el ano mais y batatas y mandioca y mandubies; crian patos en gran cantidad y algunas galinas como las de nuestra Espana, cada uno tiene su casa por si, donde viven con su mujer y hijos; ellos labran y siembran las mujeres lo cojen y lo traen a sus casas, y son grandes hilanderas de algodon" — (A. N. CABEÇA DE VACA — *Comentários*).

pes destruidores, a proteger os seus aldeamentos por meio de trincheiras e fossos, que dificultassem ataques de surprêsa, também costumavam, por iniciativa belicosa, organizar algaras, com intuitos de pilhagem.

Apreciavam enfeites de ouro e prata, além de utensílios de cobre e artigos manufaturados pelos andinos, de que se utilizavam para uso próprio, quando não os destinavam a escambo com as populações litorâneas.

E para adquiri-los, marinhavam pela cordilheira, em colunas aguerridas, encabeçados pelos robustos itatins,[72] a cujas investidas cederam as defesas montesinas levantadas por TITU JUPANGUI, rei, cuja morte em combate causou o abandono de Cuzco, de que se afastou o seu povo para procurar refúgio em Tampu-Toco, menos accessível aos invasores.[73]

A decadência resultante, prolongada por duzentos anos, sòmente seria atalhada na segunda metade do século XIII, quando ROCA enfrentasse com êxito inimigos da sua gente serrana.

Fortalecimento ulterior do império dos Incas não evitaria de todo futuras excursões predatórias, cuja repetição explica suficientemente o concurso de bom grado prestado a aventureiros audazes, que a miragem das riquezas fabulosas do Peru, realçada por excitantes informações, impelia para o poente.

Coube a primazia cronológica a ALEIXO GARCIA, que de Santa-Catarina rumou para oeste, pelo caminho indígena, atravessou o rio, nas vizinhanças de Pôrto-Esperança, alcançou as regiões serranas, donde voltou, carregado de despojos.[74]

Tanto ALEIXO, como JUAN DE AYOLAS que lhe seguiu as pegadas, procedente embora de Assunção, não encontraram dificuldade em mobilizar legiões de frecheiros, com os quais escalaram as encostas andinas, cuja opulência lhes contentaria a cobiça.

---

[72] "Solos antiguamente, y mas tarde unidos a los Chiriguaná, assevera BERTONI, hacen incursiones periodicas hasta en el corazon del Peru, de dondes junto con otro botin, traen la plata con la que se adornan profusamente (de donde su nombre — ita-tin plata) y hacen comercio con sus vecinos del Sud y del Este".

[73] Para conter a invasão dos seus domínios, TITU YUPANGUÍ fortificou-se em Pucara, onde resistiu eficazmente até sucumbir.

A derrota final foi "tan completa, que causo la ruina del imperio, su desagregación en una multitud de naciones y tribus debiles y aun hostiles unas a otras y una decadencia tan completa de la cultura, que perdieronse hasta las letras o el uso del antiguo alfabeto, mediante el cual se habian registrado las cronicas antiguas y organizado las relaciones interiores de la nación.

Hasta el Cuzco, la antigua Capital, tuvo que ser abandonada y cayó en ruinas".

(M. S. BERTONI — *Civilización Guarani* — 1922).

[74] O cronista RUI DIAS DE GUSMAN, ao descrever a peregrinação de ALEIXO GARCIA, português, em sua opinião, informa que êle e os seus quatro patrícios alcançaram domínios dos guaranis, onde conseguiram o auxílio de mais de dois mil índios, seduzidos pelas promessas de vantagens compensadoras.

Avançaram vitoriosamente até que os rechaçasse resistência mais firme, que lhes aconselhou a contra marcha, depois de saciada a sua cobiça.

"Salidos los portugueses á los llanos con toda su compañia cargados de despojos de ropa, vestidos y muchos vasos, vasillas y coronas de plata, de cobre, y otros metales, dieron la vuelta por otro mas acomodado camino que hallaron, en el cual padecieron muchas necesidades, hambres y guerras que tuvieron hasta llegar al Paraguay, sus tierras y pueblos".

RUI DIAZ DE GUSMAN — *Argentina*.

Ambos, porém, de regresso, pereceriam de maneira violenta, antes que pudessem usufruir as vantagens obtidas em sua ousada entrepresa.[75]

O fracasso não desanimaria os inflexíveis conquistadores, decididos a deitar mão nas riquezas andinas, antes que as monopolizassem completamente os ambiciosos condutícios de PIZARRO.

CONQUISTA EFÊMERA

Quando D. ÁLVARO NUNES CABEÇA DE VACA obteve a nomeação de "Adelantado", com poderes amplos para governar os povoados vacilantes, que principiavam a pontilhar os rios da bacia platina de postos espanhóis de ocupação, e fundar novos, onde julgasse conveniente, nutria absorventes esperanças de alcançar, água acima, riquezas comparáveis às que tinham engrandecido os seus patrícios no Peru e no México.

De viagem para lhes assumir a direção,[76] logo verificaria, porém, ao tocar em pôrto hospitaleiro, na ilha de Santa-Catarina, que a transplantação do núcleo incipiente, de Buenos-Aires para Assunção, desaconselhava o prosseguimento da rota, em navios que não seriam por ventura do tipo afeiçoado às vias fluviais.

Resolveu varar o território interjacente, do Atlântico para oeste, valendo-se dos ensinamentos dos índios conhecedores daqueles rincões.

Os guaranis palmilhavam alongada estrada, pela qual articulavam segura comunicação entre Lambaré — sua maior concentração de moradores, que se transformou em capital de colonização castelhana, batizada com o nome de Assunção — e o litoral, alcançado tanto ao sul, como ao norte do paralelo correspondente, mercê de expressiva bifurcação.

O experimentado governante não titubeou diante dos embaraços que inesperadamente se lhe depararam.

---

[75] AYOLAS sucumbiu às mãos dos Paiaguás, ALEIXO GARCIA, porém, foi trucidado pelos Itatins, assim como ocorreria mais tarde com NUFLO CHAVES, quando repousava em rêde oferecida pelo cacique PARRILHA.

Por vingança, DIEGO DE MENDOZA acometeu-lhes o aldeamento "y le pusieron fuego, haciendo tal estrago con la ardentia de los soldados, que no perdonaron nin edade i sexo...

ejecutando con la muerte de todos untan cruel castigo, que hasta entonces no se vió igual en el Reino, pues los inocentes pagaron con su muerte lo que con la de NUFLO se hicieron delincuentes los culpados".

RUI DIAZ DE GUSMAN — *Argentina*.

[76] ALVAR NUNEZ CABEZA DE VACA zarpou de Cadiz a 2 de novembro de 1540 e decorrido um ano, seguiu de Santa-Catarina, com 250 homens, 2 frades e 26 cavalos.

Conforme apurou RIO BRANCO, ao estudar o itinerário seguido, o Adelantado "partiu do rio Itabucu, hoje Itapocu, no litoral de Santa-Catarina, subiu a cadeia marítima, chamada serra do Mar, entrou pelos campos do planalto de Curitiba, passou da margem oposta para a direita do Iguaçu, atravessou o Tibaji, e continuou pela margem esquerda dêste afluente do Paranapanema no rumo NNO. Depois atravessou outros rios entre os quais o Piquiri, afluente do Paraná e seguindo no rumo do sul, paralelamente ao curso dêste último rio, alcançou a margem direita do Iguaçu, logo acima do seu Salto-Grande.

Desceu então o Iguaçu até a sua confluência no Paraná, transpôs êste rio e prosseguiu.

RIO BRANCO — *Questão de limites brasileira-argentina*.

Apresteu-se ràpidamente para audaz penetração de maneira diversa da que planejara na Europa e, resoluto, empreendeu famosa travessia.

Marinhou-lhe pela encosta oriental, e, uma vez alcançado o planalto, seguiu o rumo indicado pelos seus guias avermelhados, entre águas tributárias do Paranapanema e do Iguaçu, do qual se aproximou a jusante do Salto-Grande.

Transposto o Paraná, não haveria maior obstáculo até Assunção.[77]

Mas tratara na Espanha com VACA DE CASTRO [78] abrir caminho para o Peru, que o atraía com a fôrça de arrebatadora miragem.

Por sua ordem, partiu IRALA a explorar as regiões interjacentes, enquanto exigências governativas o retinham na capital,[79] mas, em prazo mínimo, organizada maior expedição, assumiu-lhe em pessoa a chefia.[80]

Paraguai acima, conheceu os pontos de referência assinalados pelos vanguardeiros,[81] bem como os índios ribeirinhos, paiaguás, chanés, e principalmente, os xaraiés, cujo nome se fixaria na toponímia regional, e "orejones", que "viven dentro de una isla, que hace el rio de mas de diez leguas de largo, dos y tres de ancho".

"Llamaron los antigos á esta isla el *Paraiso Terrenal*, por su abundancia y maravilhosas calidades que tiene".[82]

A paisagem que deslumbrou os expedicionários iria, engrandecida pela fantasia castelhana, tecer a lenda fabulosa do império de "Gran Mojo", cuja magnificência abrasou o entusiasmo transbordante do padre QUEVARA,[83] além de inspirar mais de um poeta.[84]

Nenhuma outra vantagem resultaria da aparatosa expedição, que, para consôlo, regressou com cêrca de 3 000 índios aprisionados,[85] e notícias referentes ao desmedido afastamento das lavras auríferas.

---

[77] CABEZA DE VACA chegou, por terra, a Assunção, pela manhã de 11 de março de 1542.

[78] CRISTOBAL VACA DE CASTRO, magistrado em Valadolide, fôra nomeado governador do Peru, onde, à testa de 700 homens, dominou a rebeldia de ALMAGRO, derrotado na batalha de Chupas, travada a 16 de setembro de 1542.
N. ESTEVANEZ *Resumen de la Historia de America*.

[79] DOMINGO DE IRALA, à frente de 300 soldados subiu até Gaiba, onde assinalou o Puerto-de-los-Reyes, a 6 de janeiro de 1543.

[80] Para a expedição, o "Adelantado" reuniu 400 arcabuzeiros, 1 200 índios, 12 cavalos. Apesar de dispor de "quatro bergantins, seis barcas, vinte balsas, e mais de duzentas canoas" (consoante registrou RUI DIAZ DE GUZMAN), distribuíu a sua gente em duas colunas, uma das quais marchou por terra até as imediações do paralelo 21°22', onde o encontraria a outra, que partiu de Assunção a 8 de setembro de 1543.
F. AZARA — *Historia del Paraguay* — Tomo II).

[81] JUAN DE AYOLAS, que pereceu, ao regressar do Peru, às mãos dos índios paiaguás, e DOMINGOS DE IRALA deram nome ao Pôrto-de-São-Fernando, nas imediações da barra do Miranda, Candelária, lagoa de Aiyolas e Pôrto-dos-Reis, onde embicaram as embarcações, nas viz nhanças de Gaiba.

[82] RUI DIAZ DE GUZMAN — *Historia del Descubrimiento, Conquista y Población lel Rio de la Plata*.

[83] Las puertas del palacio defenden leones aherrojados en cadenas de oro; los aparadores y bajillas tambien de oro sirven à la grandesa y ostentación del monarca.
P. QUEVARA — *Historia del Paraguay*.

[84] Leia-se a propósito o canto V do poema da *Argentina*, de D. MARTIN DEL BARCO CENTENERA.

[85] "mas de tres mil cautivos de todas edade y sexos", mencionou RUI DIAZ DE GUZMAN.

Daí se causou o minguado empenho em colonizar a região devassada, não obstante a perseverança ulterior de IRALA e NUFLO CHAVES, que pereceu, depois de fundar, na encosta andina, Santa-Cruz-de-la-Sierra.

A baixada não atraía europeu algum.

E quando motivos políticos, suplantando conveniências econômicas, inspiraram a fundação de Santiago-de-Xerez, à margem do Emboteteu, com o valioso concurso dos nuaras, já o rumo inicial da penetração infletira para o nascente, em busca do Atlântico, em vez das riquezas do Peru, saqueadas pelos concorrentes oriundos de oposto rumo.

Ainda aí não permaneceria a ocupação, refreada por embaraços naturais, que mais de uma vez aconselhariam a mudança do povoado abortício para local adequado e, principalmente, pela investida irreprimível dos paulistas, que o ermaram de todo, ultimando o aniqüilamento encetado pelos agentes naturais.[86]

Da fracassada tentativa castelhana de assenhoreamento do território considerado impróprio à mineração rendosa, apenas perduraria o resultado da exploração geográfica, vàriamente deformado pela fantasia, de que se causou a denominação da lagoa dos Xaraiés, cujos limites imprecisos se estimavam ao sabor dos intérpretes, dilatados pela bacia inteira do Paraguai, acima do paralelo de 22° até ao sopé da morraria circundante.

Fez-se mister que, ultrapassado o interregno de abandono, investissem os bandeirantes resolutamente a oeste, para que se lhe operasse o desbravamento e ocupação definitiva por maneira diferente da que planearam os empreendedores da efêmera conquista inicial.[87]

---

[86] Da primitiva "cidade de Santiago-de-Xerez", fundada por MELGAREJO, em 1580 "sobre una loma despejada que domina al Mbotetey, rio medianamente caudaloso, tributario del Paraguay, sobre la margen oriental, en altura de poco mas de 19°, diria GERVARA que "no subsistió mucho tiempo por las invasiones de los guatos, guapis, guanchas e guetos".

A segunda Xerez, informa RIO BRANCO, "foi fundada em 1593 à margem direita de Mondego e mudada em 1625 para uma chapada da serra de Amambaí, chamada então llanos de Jaguari. Esta foi a Xerez atacada pelos Paulistas em 1625".

(RIO BRANCO — *Questão de Limites argentino-brasileira* — Vol. II).

[87] Entre a destruição de Xerez e a descoberta das minas auríferas de Cuiabá, em 1718, o território matogrossense, principalmente nas imediações da vila desaparecida, proporcionou dramático cenário às arrancadas dos bandeirantes contra os indígenas, que eram levados como escravos para São-Paulo.

Não raro encontraram pela frente os legionários de Castela, e por isso montaram trincheiras, a que se recolhessem para mais eficaz defesa.

Todavia, não era duradoura a permanência, como se daria em Cuiabá.

(Ver *Raias de Mato-Grosso* — Vol. 3).

OS BANDEIRANTES

Achavam-se os mamalucos de São-Paulo familiarizados com o planalto maracajuano, em cujo dorso coleia o divisor de águas do Paraná e Paraguai, a que foram, levados pela ânsia de cativar-lhe os povoadores avermelhados.

Conheciam-no desde a arrancada assombrosa de ANTÔNIO RAPÔSO TAVARES, que após ermar Guaíra, saltou o Paraná, o Paraguai, galgou elevações andinas, donde tornaria pelo vale amazônico, em épico circuito.

De caminho, intimou os moradores de Xerez e arraiais circunjacentes a que se mudassem, pois "viemos, declarava intrèpidamente, expulsar-vos de tôda esta região que é nossa e não do rei de Espanha".

Lembre-se, a propósito, que, na metrópole, sossobrara a soberania de Portugal, absorvida pela monarquia filipina, mas os súditos lusitanos, transplantados para o Novo-Mundo, vingavam-se da afronta, com o gesto de RAPÔSO, a que, ao norte, corresponderia a iniciativa de PEDRO TEIXEIRA ao tomar posse de longo trecho do Amazonas, em nome da coroa portuguêsa.[88]

Simultâneamente, saltam no pôrto de Guaíbe-renda, [89] que se transformaria, tempos afora, em pôrto do Viamão, dos Dornelas, dos Casais, e por último, Pôrto-Alegre, os primeiros sertanistas, que iniciaram a expansão bandeirante pelas paragens sulinas, atalhando a marcha dos missionários castelhanos para o Atlântico.

Vencido na Europa, renascia Portugal na América, onde os seus paladinos, por iniciativa própria, sabiam associar os interêsses particulares aos políticos do reino humilhado, cujo território colonial americano crescera sobremaneira durante a usurpação degradante.[90]

---

[88] E' sobejamente conhecida a peregrinação de PEDRO TEIXEIRA, que partiu do Pará, a 28 de outubro de 1637, à frente de apropriada flotilha de 47 canoas em que se acomodaram 2 000 pessoas, entre as quais se incluíam 70 soldados luso-brasileiros e 1 200 índios de guerra e de remo.

Transmontou o Amazonas até encontrar povoado peruano. Conheceu Quito e de regresso, na foz do Napo, solenemente plantou marco indicativo de posse lusitana.

Quando, a 16 de fevereiro de 1639, saltou vitorioso, em Belém, podia ufanar-se de ter contribuído vantajosamente para aumentar os domínios do futuro rei D. João IV, que a Revolução de 1640 alçaria ao trono restaurado.

[89] "E o padre PEDRO MOLA, em 1635, informa que "há certos indícios de que os portuguêses podem nos vir do povo de Guaibe-renda" — Os primeiros bandeirantes — de que se tem notícia nos documentos da época entraram por êsse pôrto em 1635".

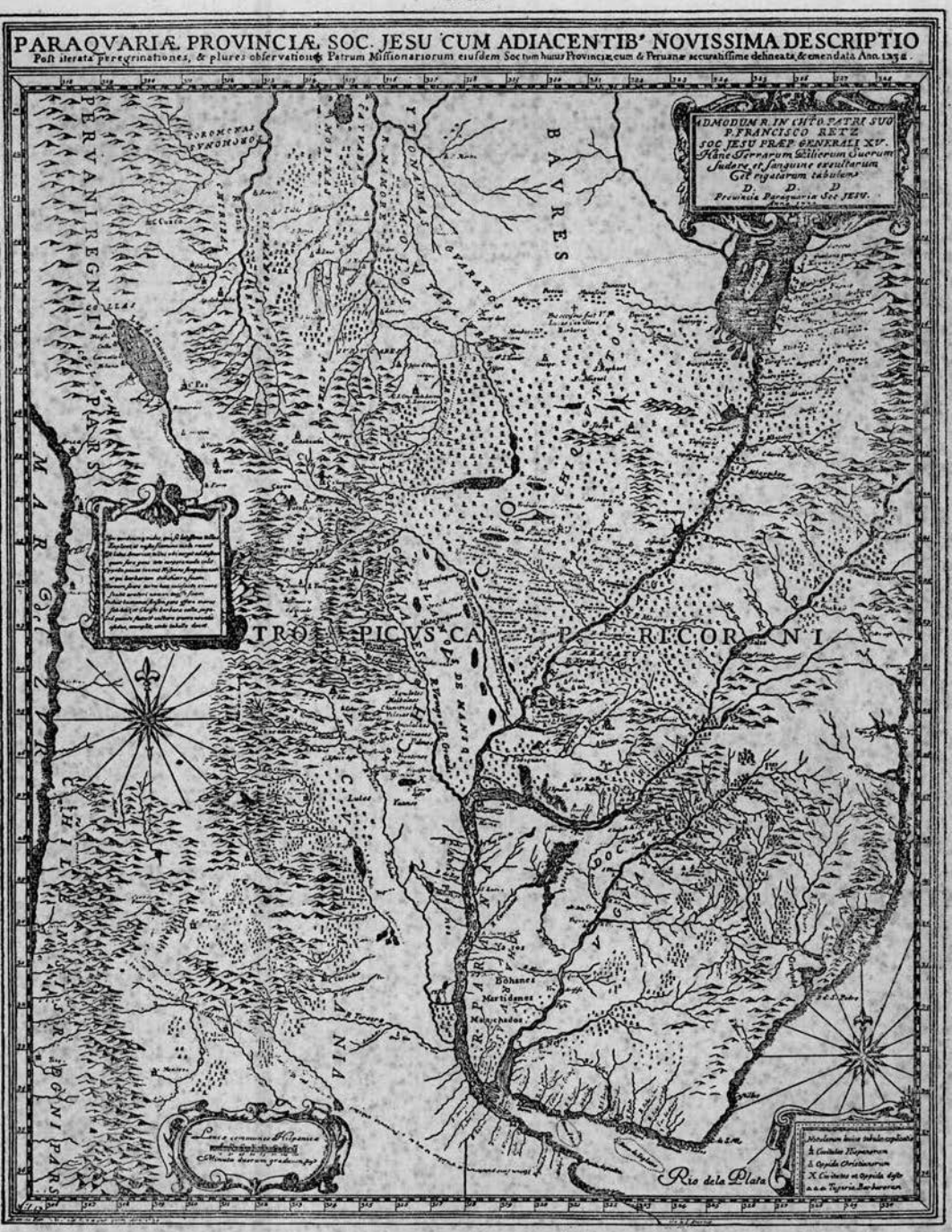
AURÉLIO PÔRTO — *Notas sôbre a toponímia indígena sul-riograndense*.

A Manhã — 6 de dezembro de 1942.

[90] Contra os bandeirantes de São-Paulo, que ousavam perturbar-lhe os planos de imperialismo expansionista, o monarca espanhol firmou, além de outras, a cédula real, de 16 de setembro de 1639, endereçada ao Vice Rei do Peru, marquês de MANSERA, que, por sua vez, a distribuíu ao "governador e Capitan General de las Provincias del Rio de la Plata, ao governador y Capitan General delas Provincias del Paraguay".

Nesse documento, historiou o rei alarmado a audácia dos mamelucos, transgressores de leis favoráveis aos selvícolas, e para atalhar a série de infrações desabusadas, cominou para semelhantes crimes, "pena de la vida y perdimiento de todos sus bienes y en caso mayor y crimen de lexa magestade".

No ano seguinte, porém, a Restauração anulava a legislação filipina, contrária aos interêsses de Portugal.



Os jesuítas incumbidos da catequese no Paraguai organizaram mapas da sua Província desde, pelo menos, 1662, quando foi gravado em Amsterdam por GERARD COECK, *conforme indicou o Barão do* RIO BRANCO, *o primeiro, oferecido ao "Padre* CARAFFA, *Prefeito Geral da Sociedade de Jesus desde 1645 a 1649". "Em 1732,* PETROSCHI *gravou em Roma o terceiro mapa remetido do Paraguai pelos jesuítas dessa Província e por êles oferecido ao padre* FRANCISCO RETZ". *Aí, em vez do pantanal, aparece a lagoa dos Xaraiés, como se fôsse aguada permanente, em tôrno da ilha de Orejones, prova de ignorância da região, que já, nessa época, os bandeirantes conheciam satisfatòriamente.*

Vem a talho o episódio que se registou nos fastos do bandeirismo, cujas atividades se exerciam intensamente no tablado sobranceiro aos pantanais.

Perlustrava Pedro Leme da Silva as campinas das Vacarias, à procura de índios, quando topa com marcial piquête espanhol, cujo capitão se revela hábil diplomata.

Bem falante e apessoado, não tarda em obter dos assistentes formal declaração de posse favorável à sua gente naqueles rincões.

Firmaram-no sucessivamente, com a sua assinatura, Brás Domingues Pais, chefe acatado da bandeira, e cinco auxiliares imediatos.

Quando lhe chegou a vez, Pedro Leme da Silva, — o Torto — de apelido, tomou o papel, rasgou-o, resoluto, dizendo que para sustentar os direitos do seu rei ali estava êle com o seu braço.

Miren el Torto, comentou-lhe o gesto, com desprêzo, o comandante adverso.

"E coxo também, retrucaria o bandeirante, mas que conhece os direitos de Portugal e a ousadia dos castelhanos".

O sucesso, repetido, não raro violentamente, pelo embate de armas, comprovaria a contribuição valiosa que os mamalucos espontâneamente ofereciam à defesa da colônia lusitana, sem esperar que lhes homologassem os gestos decididos as autoridades reinóis.

Atuavam por conta e apreciação própria, antes que lhes fôsse oficialmente aproveitado o concurso inigualável.

Para lhes verificar a presença nos campos de suas periódicas incursões, o governador do Paraguai, Juan Dies Andino, que se gabava de ter rechaçado em 1676 os condutícios de Francisco Pedroso Xavier, às portas de Vila-Rica, donde, não obstante "llevaron cuatro Pueblos de Indios de su sercania y en ellos más de cuatro mil Almas", organizou, decorrido agitado qüinqüênio, célere escolta, a quem se deparou "en diechos parajes de Jerez portugueses alojados y por cabos de elos André Zuñiga y Pascual Moreyra com indios tupies y con labranzas, di los cuales á este del Paraguai".[91]

Depois que, ao sul, a Colônia do Sacramento aflorou à beira do rio da Prata, núncia da decisão do govêrno português de estender os seus domínios para aquelas bandas, ao Conselho Ultramarino foi ter curioso escrito — *Notícias utilíssimas da Coroa de Portugal e suas conquistas,* cuja carência de assinatura mal dissimulava a origem prestigiosa.

Nesse papel, o autor desconhecido preconizava a urgente necessidade de um reduto, que, nos sertões ocidentais, completasse a eficiência da fundação castrense de D. Manuel Lôbo.[92]

---

[91] A. de Taunay — *Paulistas em Mato-Grosso — Anais do Museu Paulista* — Tomo X.

[92] Cônego Luís Castanho de Almeida — *Bandeirantes no Ocidente. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São-Paulo* — Vol. XL.

Contrariado embora pelo parecer dos conselheiros do rei, que se louvaram na opinião do secretário do Estado, MENDO DE FOIOS PEREIRA, e por isso não lobrigaram semelhança entre os dois casos,[93] da expansão lusitana até águas platinas e a oeste, através das paragens lendárias, dilatadas do Paraná ao Paraguai, nem por isso desmereceu o arrazoado anônimo, em cujas sugestões se espelhava o insopitável sentimento bandeirante, inspirador da onda humana crescente para oeste.

À revelia dos governantes metropolitanos, que assim lhes desprezavam o concurso, de boa mente oferecido, lá permaneceriam, entretanto, os sertanistas, que a espaços tornavam a Sorocaba, com a sua escravaria aumentada pelas presas recentes.[94]

Já na derradeira década do século, porém, ARTUR DE SÁ MENESES, com poderes generalícios, nomeia AMARO FERNANDES GAUTO capitão-mor do lugar da Vacaria e seu distrito até as serras de Serranai",[95] ao passo que a GASPAR DE GODÓI COLAÇO cabe, a 3 de março de 1698, a missão de jornadear por aquela região, feito tenente-general, em pesquisas de minas de prata.

A tentativa de oficializar a ocupação territorial, por meio da presença de representantes dos poderes governativos, desde que se baseava na vã esperança de encontrar jazidas argentíferas, estaria naturalmente fadada ao fracasso.

A desalentadora esterilidade do solo maracajuano, quanto a metais preciosos, dissiparia as mais ardentes esperanças.

E quando as "minas gerais dos Cataguás" empolgaram a atenção dos bandeirantes, enfeitiçados pela miragem do enriquecimento rápido, passageiro esmorecimento desvia-los-ia dos rincões ocidentais, até o revés fatal na guerra dos Emboabas, que os faria retomar o caminho de suas peregrinações anteriores.

PASCOAL MOREIRA CABRAL seria, por ventura, dos mais aferrados à campanha, a que se acostumara desde moço.

Aí se lhe deparava a sua querência, de que não se ausentava por longo prazo.

---

[93] A. DE TAUNAY — *História da Cidade de São-Paulo no Século XVIII — Anais do Museu Paulista* — Tomo X.

[94] Mediante pesquisas nos livros paroquiais de Sorocaba, conseguiu o cônego LUÍS CASTANHO DE ALMEIDA revelar a descendência de PASCOAL CABRAL, bem como as suas ausências, correspondentes, sem dúvida, a entradas pelos sertões.
Batiza o primeiro filho, natural, em julho de 1683, o segundo a 19 de novembro de 1691.
Casado no ano seguinte, leva à pia batismal a primogênita em março de 1693, outra, ao fim de doze meses, a terceira em julho de 1700.
Desapareceu, de novo, até 1710, quando participa de atos religiosos, repetidos em 1712 e 1715.
LUÍS CASTANHO DE ALMEIDA — obr. cit.

[95] BASÍLIO DE MAGALHÃES — *Expansão geográfica*.

Do arraial entrincheirado, em que lhe é citado o nome pelo emissário de ANDINO, investia contra os itatins, os chanés, os guachis, que aprisionava para o seu serviço, quando não os levava a São-Paulo.[96]

De ano para ano, porém tornavam-se mais distantes os núcleos indígenas, à medida que se repetiam os assaltos despovoadores das circunjacências.

ANTÔNIO PIRES DE CAMPOS, que, meninote ainda, acompanhara a bandeira paterna, devassadora das paragens próximas ao pico de São-Jerônimo, amplia sobremaneira a área assolada, ao subir o rio, até esbarrar nos domínios dos coxiponés.

A investida não difereria apreciàvelmente de inúmeras outras, destinadas a análogos propósitos de escravidão da bugralhada, a que os pantanais propiciavam inigualáveis condições de fartura, mantenedora do viveiro humano.

Subiu o Cuiabá até à barra do Coxipó, em cujos aldeamentos, ainda virgens de olhos civilizados, não lhe custou algemar dezenas de seus inditosos defensores.

Enriquecido pelo êxito, regressava, contente, quando, a meio caminho, topa com a gente de PASCOAL MOREIRA, a quem dá ciência de pormenores da viagem rendosa.

Tanto bastou para que o sorocabano lhe seguisse as indicações, até lobrigar as rancharias incendiadas pelo seu predecessor.

À procura dos índios fugitivos, emboca pelo Coxipó, em cuja margem abriu acampamento.

E trilhando, em seguida, por terra, foi ter à trincheira tôscamente organizada, em que experimentou grave revés.

À espera de possíveis reforços, pois que o exemplo de PIRES DE CAMPOS continuaria a captar imitadores, recuou, sem desanimar, vagarosamente, como quem apenas adia o golpe final, com que abaterá o inimigo.

À hora de repouso, o mais curioso dos seus condutícios, por ventura algum egresso das lavras de Vila-Rica ou Sabará, esgaravata os cascalhos sôbre os quais rola o Coxipó as suas águas murmurantes, e à guisa de bateia, bastou o leve prato de estanho, que lhe servia à hora das refeições.

Em pouco, reluz o primeiro granete de ouro, que provocaria admiração.

Mais outro, a seguir, e, quanto mais se repetiam os ensaios, maiores resultados maravilhavam os expedicionários.

---

[96] A documentação castelhana, em boa hora mandada copiar por A. DE TAUNAY, que a divulgou pelos *Anais do Museu Paulista*, de que é insigne diretor, evidencia a audácia bandeirante, ao ameaçar os aldeamentos indígenas até as vizinhanças de Assunção.

Ao fim do dia, a colheita se avolumava de tal maneira, que lhes virara a cabeça.

Já não seriam preadores de índios, senão acidentalmente.

Chumbados às jazidas auríferas, transfiguram-se em mineradores, como evidencia a certidão de nascimento do arraial sertanejo, que abriu ruidosamente inesperado capítulo da História do Brasil.[97]

LAVRAS DO SUTIL

A ocorrência inesperada, que imprimiria novo sentido à arrancada bandeirante, em águas coxipoenses, não se acompanhava de condições propícias à hospedagem dos forasteiros.

Os habitantes do vale aurífero, ou por mais resoluto espírito de independência, ou acaso para evitar o cativeiro, que lhes ermou as aldeias vizinhas, não sòmente rechaçaram os invasores dos seus domínios, no primeiro combate, como ainda permaneciam em guarda, evidenciando a sua perigosa presença em tocaias fatais.

Salvou-os, todavia, do extermínio o auxílio de FERNANDO DIAS FALCÃO, provàvelmente avisado por ANTUNES MACIEL, emissário dos descobridores, quando já se considerava PASCOAL MOREIRA, bem como os seus condutícios, "sentenciados pelo gentio à morte", pois que se achavam "sem armas, sem pólvora, sem chumbo e sem ferramenta".[98]

Livraram-se dessa ameaça temível, mas outras em breve prazo molesta-los-iam penosamente, sem que, entretanto, lhes refreassem as ambições avassaladoras.

Com o afluxo de contínuas bandeiras, multiplicou o arraial improvisado na Forquilha, cêrca de seis léguas acima da barra do

---

[97] "Aos oito dias do mês de abril de mil setecentos e dezenove anos, neste arraial de Cuiabá fêz junta o capitão-mor PASCOAL MOREIRA CABRAL com os seus companheiros e lhes requereu a êles êste têrmo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha de França, depois que foi o nosso enviado, o capitão ANTÔNIO ANTUNES, com as amostras que levou do ouro ao senhor general com a petição do dito capitão-mor, fêz a primeira entrada, onde assistiu um dia e achou pinta de vintém, de dois e de quatro vinténs e meia pataca, e a mesma pinta fêz na segunda entrada, em que assistiu sete dias, e todos os seus companheiros, às suas custas, com grandes perdas, e riscos, em serviço de Sua Real Majestade, e como de feito teve perdido oito homens brancos, fora negros, e para que a todo o tempo vá isto a notícia de Sua Real Majestade e seus governos para não perderem seus direitos e por assim ser verdade nos assinamos neste têrmo, o qual eu passei bem efielmente a fé do meu ofício como escrivão dêste arraial".

Mato Grosso — de V. C. F. — pág. 43.

[98] Em nota, atribuída a DIOGO DE TOLEDO LARA ORDONHES, há referência a uma certidão, passada a 7 de abril de 1723, em que PASCOAL MOREIRA, com a autoridade de guarda-mor das Minas de Cuiabá e seu Distrito, afirma que: "o capitão-mor FERNANDO DIAS FALCÃO me chegou a êste arraial do Carandá com 130 homens de guerra de socorro na era de 1718... e logo fêz o dito capitão-mor as suas entradas ao gentio bravo e ficaram as minas desinfestadas, como se vê, tudo com o risco de sua vida, e dispendeu de sua fazenda, e logo foi o capitão-mor eleito pelo povo para nos reger".

Crônica de Cuiabá, publicada pelo Dr. A. PISA na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* — volume IV.

A data referida na certidão ou deriva de possível engano tipográfico, ou revela êrro mais grave, por destoar de outros informes corroborados por várias provas.

Na "era de 1718", não se conhecia ainda o ouro de Cuiabá, e portanto não havia "guarda-mor de suas minas". Tudo se harmonizaria, porém, se em lugar de 1718, estivesse 1719.

Coxipó-Mirim, ao longo de cujo vale a mata marginal foi a pouco e pouco desaparecendo, substituída pelas roças garantidoras da subsistência da população adventícia.

De uma delas, já à beira do Cuiabá, MIGUEL SUTIL, seu proprietário, escolheu dois índios que fôssem à procura de mel nas circunjacências.

Corria outubro de 1722. Alta noite, regressam de mãos vazias. E antes que os alcançassem os previstos castigos contra a malandragem aparente, desarmam a indignação do seu senhor, a quem perguntam astuciosamente.

— Vós viestes a buscar ouro ou a buscar mel ?[99]

E contaram-lhe por miúdo o que viram, a menos de uma légua daquele pouso.

Abrasado em ânsias de verificar a veracidade quase inacreditável do que ouvira, fugiu-lhe o sono, entrecortado de visões maravilhosas.

Apenas se entremostrou a arraiada promissora, tomou o caminho indicado pelos seus guias, e em pouco se deslumbrava diante da fartura de pepitas.

"Recolheram-se pela tarde, registou o cronista, aos seus ranchos, o SUTIL com meia arrôba de ouro, a maior parte dêle cavado em seixos, e o camarada João FRANCISCO BARBADO com duzentos e oitenta oitavas por ser só e não ter quem o ajudasse".[100]

A divulgação de tamanho achado incendiou as imaginações aventureiras.

Da noite para o dia, despovoou-se o arraial nascente, cujos habitantes se deixaram atrair pelas promessas estonteantes das lavras, que ingressavam na história da mineração com o nome do seu feliz desbravador: Lavras do Sutil.

Onde, porém, se localizavam?

ARRAIAL PREDESTINADO

Do Coxipó-Mirim, que recolhe as suas primeiras águas cristalinas à sombra de arvoredo marginal, no planalto, quando ainda se lhe mantém diminuto o calibre, acima do salto, de efeito decorativo, interpretado pelo simbólico título de Véu-de-Noiva, ao córrego da Prainha, incomparàvelmente menor, em extensão e descargas, embora de maior relevância histórica, nenhum obstáculo apreciável retardaria a transplantação dos assaltantes da terra dadivosa.

No mesmo estirão, iniciado pela barra do primeiro, escancelava-se, também à margem esquerda do Cuiabá, menos de uma lé-

---

[99] E' a tradição conservada pelo primeiro cronista de Cuiabá, José BARBOSA DE SÁ, cuja narrativa veio a público em *Anais de Biblioteca Nacional*, na *Revista do I. H. G. de São Paulo*, e do *I. H. de Mato Grosso*.

[100] J. BARBOSA DE SÁ — obr. cit.

gua a montante, a do segundo tributário, que, por essa época, ainda fluía sob a proteção de mata frondosa.

Bem que se aproximassem pela foz, distanciavam-se a montante de mais em mais.

O arraial da Forquilha, onde estanciaram os desbravadores, à margem do Coxipó-Mirim, já engrossado pelas contribuições do rio Claro, Mutuca, do Peixe, estaria pelo menos a três léguas do sítio predestinado a substituí-lo.

Interjacente, ondulava o peneplano, entre o achanado amplo dos pantanais, que se dilatavam pelo sul, e os chapadões descampados, no alto, cuja encosta azulava ao nascente, em muralhões de trezentos a quatrocentos metros de altura.

As erosões rasparam a capa espêssa de arenito, carreada rio abaixo, para modelarem no algonquiano remanescente o relêvo sem aspereza, em que se alternam divisores de águas, cobertos em geral de pedregulho, resultante da decomposição dos cangais, com os vales corroídos pelas enxurradas, a que não resistem as piçarras dos seus leitos.

Evans que os estudou acuradamente, chamou-lhes de ardósia, caracterizadora da *série Cuiabá*, ou xistos ardosianos, que se apresentam "contorcidos e dobrados", e vàriamente coloridos.

Desgastam-se pelo atrito, pulverizando-se fàcilmente, ao passo que os quartzitos conglomeráticos, que os amantam, resistiram melhormente aos agentes destruidores, como evidenciam os morrotes dispersos pelas circunjacências.

Entre duas destas elevações, coleia o córrego da Prainha, com o morro do Bom-Despacho e Rosário, à esquerda, e da Boa-Morte à direita.

Mais íngremes pela vertente oriental, branquejam-lhes, a espaços, do sopé ao dorso, os montões de cascalho lavado, núncio de esforços sobreumanos aplicados em revolver-lhe a camada aurífera.

Em frente, para noroeste, apresenta-se mais suave a rampa, até declinar, além, já na vertente do Ribeirão.

Para todos os quadrantes, empola o terreno vàriamente, com os mesmos indícios favoráveis à mineração, e infensos à vestimenta vegetal de grande porte.

A cobertura quartzosa, em baixo da qual jaz impermeável lençol ardosiano, opõe-se à medrança de associações densas de plantas, fora da orla ribeirinha.

Apenas viçam, distanciadas entre si, as espécies características dos cerrados, com a galharia contorcida, de fôlhas caducas, geralmente, e apropriadas à defesa contra a evaporação intensa, não compensada pela irrigação regular.

Durante os meses de sêca, ou de escassas precipitações, despenam-se as árvores de sua folhagem, espontâneamente, quando não as chamuscam as queimadas costumeiras, que engravecem a inclemência da insolação intensa.

Para lhes evitar os danos aniqüiladores, revestem-se de espêssa casca protetora, à guisa de cortiça isolante.

Rareia em tais ocasiões o tom verde, quando não some de todo, substituído pelo cinério, como se a terra se amantasse em lutuoso véu de cinzas.

Quando, porém, caem as primeiras chuvas, por fins de agôsto, transfiguram-se, de improviso, os quadros tristonhos.

Núncios de ressurreição vegetal, de ramos aparentemente ressequidos, rompem brotos coloridos, com predominância do vermelho, ao tempo em que se toucam de branco os capotões,[101] de ouro as piúvas,[102] e de vários tons, o pau-terra,[103] a lixeira,[104] de folhagem mais resistentes, e áspera, como lhe indica o nome, e cujo fruto constitui o alimento predileto das pombas.

Renasce a vida em tôda a sua pujança, festejada pelas aves canoras, já esquecidas das provações causadas pelo incêndio dos seus celeiros naturais.

A alternativa de cenários antagônicos repetia-se pela área avassalada, em que se multiplicavam os sinais promissores de farta colheita.

Nenhum trecho, todavia, se deparou de opulência comparável à da famosa aba do morro em que se ergueu a igreja de Nossa Senhora do Rosário.

"Consta, anotou o cronista, ser a maior mancha que se tem achado em todo o Brasil. Isto sucedeu no lugar em que está hoje o tanque, pela quadra abaixo até o córrego, e cousa de vinte braças para cada lado, avaliou-se tirar-se dêste lugar o melhor de quatrocentas arrôbas de ouro".[105]

Maravilhados por tamanha abundância, apossaram-se os pioneiros do vale exíguo, em cuja calha piçarrenta o córrego da Prainha murmurava a sua canção dolente, à sombra de copada vegetação.

Desbarataram-na os invasores, para que não embarassasse os trabalhos nas lavras.

E como pela margem esquerda, aflorassem melhores vestígios, acamparam do outro lado, como expedicionários em pouso por alguns dias ou semanas.

Esforçadamente ergueram ranchos a trouxe-mouxe, libertos de qualquer plano de arruamento duradouro.

Estradas em torcicolos, cortadas de becos e travessas minúsculas, de cujo alinhamento bojava não raro a saliência desordenada de alguma rude fachada, denunciavam o caráter provisório daquela ocupação.

---

101 *Salvertia convallariadora*, (St. Hil.).
102 Ipé.
103 *Qualea grandiflora*. Mart.
104 *Curatella americana*. L.
105 J. Barbosa de Sá — obr. cit.

Não pretendiam fixar-se longamente naquelas paragens.

Bastava-lhes colhêr algumas arrôbas de ouro com que pudessem regressar a São-Paulo.

E para tanto, não se poupavam a esfôrço algum.

Afadigavam-se no desmonte dos cascalhos, que lavavam cuidadosamente nas puras águas do córrego da Prainha.

E o resultado, em proporções avantajadas, fomentou as ambições litorâneas.

Em todos os núcleos relacionados com São-Paulo espalhou-se a fama estonteante, de que se fêz cavaleiro andante o padre André dos Santos Queirós, "cuja voz tudo atroava".

A imaginação popular encarregar-se-ia espontâneamente de aumentar-lhe a ressonância da propaganda, pois que "chegaram a dizer que no Cuiabá serviam de granetes de ouro de chumbo nas espingardas para caçar veados, que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham a cozer as panelas e que para o tirar não era preciso mais do que arrancar as touças de capim e nelas vinham pegados os troços de ouro, e outras mais exagerações que chegavam a fabulosas; se bem que isto de arrancar-se capim e verem-se pegadas nas raízes granetes de ouro foi visto por muitas vêzes, tanto nas ditas Lavras do Sutil como nas da Conceição, que depois foi arraial".[106]

DESVENTURAS ANGUSTIANTES

Os primeiros bandeirantes, que temporàriamente acamparam em Cuiabá, não pretendiam por ventura chumbar-se à região que os surpreendeu com o chamariz das suas luzentes pepitas.

Mas a distância das povoações de que procediam, medida em centenas de léguas, os estorvos, que lhes refreavam a mania ambulatória do sertanismo andejo, as doenças fatais na primeira fase de aclimação, e principalmente, a obstinação hostil dos selvícolas regionais, tôdas as componentes adversas contribuiriam, tanto como as propícias, para o aumento contínuo do arraial, transformado em reduto garantidor da ocupação definitiva das circunjacências e das suas vias de acesso.

Primeiramente, o percurso cansativo em que penavam, por longo prazo, os viajantes, submetidos durante quatro a seis meses a duras provas de resistência e perseverança.

Desciam o Tietê, com baldeações em mais de um salto, flanqueado por meio de varadouros, pelos quais se transportavam as cargas à cabeça dos escravos, fôssem índios ou negros.

Continuavam pelo Paraná abaixo até a bôca do rio Pardo, pelo qual subiam, arrostando as suas cachoeiras.

---

[106] Idem, id.

A princípio tomavam pelo Anhanduí, mas, a partir de 1725, preferiram infletir, à direita, até Camapuã, onde os irmãos Leme abriram fazenda, que facilitasse a travessia do divisor de águas, do rio Pardo ao Coxim, em varadouro de 6 230 braças.

Era o único segmento terrestre, não contando os desvios laterais nos trechos encachoeirados dos afluentes do Paraná, ao longo da perigosa travessia realizada, em 1788, por Lacerda e Almeida, que anotou o resultado de suas medições cuidadosas:

Rio Cuiabá (incluindo o São-Lourenço) ...	89	léguas
" Paraguai	39	"
" Taquari e afluentes	147	"
" Pardo	75	"
" Paraná	29	"
" Tietê	152	"

De Cuiabá ao pôrto da Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araritaguaba, hoje Pôrto-Feliz, estendiam-se pelo cálculo do astrônomo paulista, 531 léguas, eriçadas de obstáculos, como delata o resumo respectivo [107]

No Taquari	1	cachoeira
" Coxim	24	"
" Pardo	33	"
" Tietê	55	"

Essas 113 cachoeiras retinham os navegantes por prazo variável, quando não lhes arrebatavam os carregamentos em naufrágios irremediáveis.

Ainda as menos fortes contribuíam sobremaneira para aumentar a velocidade das águas, que no rio Pardo, por exemplo, aceleravam a marcha das embarcações, capazes de sulcá-lo em 5 ou 6 dias, ao som das correntes, ao passo que não raro, em sentido contrário, a subida lhes consumia até dois meses de trabalhos mortificantes.

E quando se libertavam dos obstáculos, alongados do Tietê ao Coxim, que os molestavam com a perda e deterioração de gêneros alimentícios, geradores de doenças, maiores danos lhes causariam, desde Camapuã, as implacáveis tocaias indígenas.

No varadouro, eram os caiapós que não permitiam o mínimo descuido aos forasteiros, ameaçados de golpes fatais, ao menor afrouxamento da vigilância.

---

[107] Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida — *Diário da Viagem de Vila-Bela para São-Paulo* (Cada légua correspondia a 5 555 metros e portanto Cuiabá achava-se a mais de 3 000 quilômetros de São-Paulo).

Para evitá-los, preferiam promover a travessia à noite, pois que à luz solar, até nas roças, destinadas ao abastecimento dos viajantes, era mister que, em proteção aos lavradores, rondasse pelos arredores ativa patrulha convenientemente armada, que rechaçasse repentinas investidas.

Todavia, jamais poderiam as suas hostilidades avultar, com a malignidade que distinguiu a porfiada oposição dos paiaguás.

COMBATES FLUVIAIS

Viviam habitualmente pelas cercanias da Baía-Negra, donde rodavam até Assunção, depois que aprenderam a negociar com os seus moradores, sem, contudo, lhes aceitar irrestritamente o jugo, contra o qual protestaram violentamente na arraiada sangüínea da invasão, pelo trucidamento da comitiva de Aleixo Garcia, e possìvelmente de alguma outra, cujo martírio se atribuiu aos itatins.

Canoeiros habilíssimos, não se contentavam com as vias extensas que lhes ofereciam o Paraguai e seus tributários.

Sulcavam também os corixos, de águas paradas, os sangradouros, pelos quais penetravam nas baías mais distantes, por maneira que nenhum segrêdo da curiosa hidrografia regional deixassem de devassar.

Só os enfrentavam, já nas imediações de Gaiba, os guatós, que também passavam a maior parte da sua vida ativa sôbre águas.

Daí para jusante, dominavam, sem contraste, os paiaguás, depois que foram exterminadas, ou expulsas, as tribos que lhes refreavam a expansão.

Enquanto os bandeirantes lhes invadiam os domínios com intuitos belicosos, mas temporários, para os reduzir ao cativeiro, não se animariam os índios a enfrentá-los.

Preferiam buscar na fuga a salvação.

Depois, porém, que os viram transfigurados em comerciantes e pacíficos pretendentes ao enriquecimento nas lavras, pelo trabalho próprio ou dos seus escravos, animaram-se a acometer-lhes as monções, uma vez protegidos os flancos e a retaguarda.

Em caso de contraofensiva, remavam até Assunção, onde estariam a salvo de qualquer dano.

Ao mesmo tempo, aliaram-se aos guaicurus — cavaleiros famosos — com quem aprenderiam a evitar a luta, quando não lhes sobejassem motivos de triunfo.

Só empreendiam a peleja, em condições de manifesta superioridade e não simplesmente para medirem fôrças com o adversário.

Guiavam-se apenas pelo propósito de aniqüilá-lo, da maneira mais rápida e menos custosa.

Para isso, dispunham do conhecimento minucioso dos acidentes topográficos da região escolhida para cenário de suas acometidas fatais.

Pombeavam astuciosamente a marcha dos forasteiros incursos em seu ódio implacável, e os precediam por atalhos que lhes permitiam dar aviso aos companheiros, a tempo de organizarem fulminante assalto, em local hàbilmente escolhido.

Seguia a monção incauta, confiada na perícia da sua tripulação, que descansava das rudes labutas nos rios encachoeirados quando, da placidez acolhedora do Paraguai, rompiam de improviso os escarcéus delatores da bravia acometida.

Pela bôca, escondida entre galharias protetoras, a baía traiçoeira vomita guerreiros acobreados, que cèleremente se aproximam, aos berros e urros atroadores, indicativos de sua tática habitual.

Investem contra as embarcações, que forcejam por emborcar, ou alagar, com o intuito de inutilizar as armas de fogo, que não os intimidam.

Simultâneamente, robustos combatentes atacam de rijo, abatendo quem lhes caia ao alcance dos golpes derreantes.

Coube a Diogo de Sousa experimentar-lhes a audácia destruidora, pela primeira vez desencadeada, quando em 1725 chefiou opulenta flotilha mercantil, constituída de mais de vinte canoas, em cujo bôjo se acomodaram seiscentas e tantas pessoas.

Atraídos por sedutora miragem, transportavam de São-Paulo para as minas valiosas mercadorias em abundância. Consumi-las-ia o arraial sertanejo, cujo abastecimento regular dependia exclusivamente da alongada via fluvial, pela qual navegavam, já desembaraçados das cachoeiras e confiantes no êxito da travessia.

Eis que, ao frontearem o desaguadouro de Xanés, alagam os ares os gritos de guerra, que ninguém ainda ouvira em tamanha vozeria.

Improvisam atropeladamente a defensiva que malogra em tôda a linha.

A pouco e pouco vão os paiaguás reduzindo a monção, de que sobreviveram um branco e um negro, únicas testemunhas da tragédia sangrenta.

ALVORÔÇO NO ARRAIAL

Quando constou em Cuiabá o remate fatal da expedição de Diogo de Sousa, cujo carregamento se desviou para Assunção, além da porção que se inutilizou, em conseqüência da abordagem, natural sobressalto colheu os seus moradores transitórios.

Não mais pretendiam guerrear os selvícolas, como anteriormente. Mas viam periclitante a sua linha única de articulação com o litoral, de que dependia imperiosamente a manutenção das lavras.

Deitaram inculcas, a saber do inimigo audaz, que os enterreirava em luta cruel.

Consultados, responderam alguns cativos, em nome da sua gente queixosa.

"Enquanto o gentio guató teve fôrças, nunca paiaguá fêz aventuras por ser dêles caçados e viveram temerosos, e que como guatós estavam acabados pelos brancos os destruirem já os paiaguás tinham ganges, e assim como os brancos tinham acabado os guatós fôssem também acabar os paiaguás".[108]

E acrescenta o cronista, "estas foram as informações que se acharam dos nacionais e primeiras notícias que houve dos paiaguás".

A vitória cabal animaria os agressores a repetirem o desafio por anos seguidos, durante os quais ameaçaram de estrangulamento a via bandeirante de comunicação entre São-Paulo e o núcleo formado pela sua gente no recesso dos sertões.

Como vagueassem pelos pantanais em caçadas e pescarias, que lhes proporcionavam abundância na alimentação, era-lhes fácil rondar por larga extensão do rio, onde ninguém passaria despercebido à vigilância astuta.

Quando se apresentasse em maiores proporções a flotilha mercante, para enfrentá-la também se reuniam combatentes em maior número.

Assim sucedeu com a monção do ouvidor Antônio Alves Lanhas Peixoto, que se recolhia à sua comarca de Paranaguá, depois de ter acompanhado o capitão-general Rodrigo César de Meneses a Cuiabá, onde se deixou ficar até junho de 1730.

Em sua companhia seguiam mais de três centenas de índios, além de uma de homens brancos que saberiam pelejar.

Levavam sessenta arrôbas de ouro, pertencente à real fazenda, além das posses particulares dos passageiros mais abastados.

Iam seguros de sua defesa, quando os acometem, rugindo furiosamente, quinhentos lutadores distribuídos por cêrca de oitenta ubás velocíssimas.

A refrega sanguinolenta alongou-se das nove horas da manhã às duas da tarde, quando se retiraram os atacantes, garbosos de mais um triunfo, que lhes aumentava a convicção do seu poderio.

Destroços materiais e humanos comprovavam a funesta violência da peleja, de que só escaparam oito pessoas.

"Caixas quebradas, papéis rasgados" completavam o quadro sinistro, em que se deparavam "muitos corpos, uns em terra, outros no pantanal, e outros pendurados em fôrcas, que eram os que escaparam da morte no conflito e tomados por prisioneiros ali deu o gentio a todos a morte em fôrcas, a porretadas e atravessados com lanças".[109]

---

[108] J. Barbosa de Sá — *Crônicas de Cuiabá*.
[109] Idem, id.

O ouro sôbre que deitaram mãos levariam os vencedores para Assunção, onde D. MANUEL FLORES mencionaria as transações a que serviram de base.[110]

REPRESÁLIAS

Ganhando maior arrogância com as suas vitórias aniqüiladoras, os ripícolas animaram-se a levar as suas depredações até São-Gonçalo-Velho, à vista por assim dizer de Cuiabá, cujos moradores sentiram gravemente a maligna aproximação que ameaçava estrangulá-los.

Resolveram declarar-lhes guerra, que lhes seria movida por possante flotilha confiada à perícia de ANTÔNIO DE ALMEIDA LARA.[111]

Atentos, rodam os expedicionários, que nas proximidades da barra do Miranda, ainda denominado Emboteteu, lobrigam pombeiros inimigos, ao longe.

Escaramuças ligeiras mantém a vigilância recíproca, para a ofensiva impossível e defensiva astuciosa.

Por fim, no Fecho-dos-Morros, resolve o gentio combater.

Em "grande chusma de canoas", apresentaram-se os lutadores, que as duas peças de artilharia, com bala miúda, dizimaram ràpidamente.

Desanimados, apressaram-se em buscar proteção a jusante.

Seguiu-lhes no encalço ALMEIDA LARA até a aldeia de Tavatinga, que se achava sob a jurisdição do govêrno de Assunção.

Aí esbarrou a marcha triunfante, que, todavia, não extinguiu o perigo de seccionamento da estrada bandeirante, submetida de novo, nos anos seguintes, aos assaltos do mesmo intratável inimigo.

Para lhes atalhar a malignidade, o primeiro governador da Capitania, ROLIM DE MOURA, ordenaria a formação de comboios eficazmente protegidos, além de outras expedições de represálias, mas só LUÍS DE ALBUQUERQUE afastaria definitivamente a ameaça, mercê dos redutos militares, com que pontilhou as margens do Paraguai.

---

[110] Ao comentar sagazmente o escrito de D. MANUEL DE FLORES a respeito de Mato-Grosso, transcreve A. DE TAUNAY a referência à luta em que pereceu LANHAS PEIXOTO. "Una gran porción de este oro llebaran á Assunción y vendieran por la quinta parte ò menos de su valor y hoy se ve en aquela ciudad, entre otros, un conocido caudal que là compra ò permutación de este oro formò su dueño, à quien acudieron primeiro los indios ignorantes de lo que traian, y hubo facilidad de hacer-se de grande porcion".

Anotando a FLORES especifica D. JUAN DE AGUIRRE que conheceu em Assunção o cacique dos paiaguás chacinador dos portuguêses e paulistas. Chamava-se CUATIGUASSI e morreu em 1783 na capital paraguaia sobremodo idoso".

Declara também saber que o cidadão a cujos cabedais aumentara imenso a compra do ouro vendido pelos índios era certo Dom LUÍS DE TORQUEMADA que conseguira ficar com uma arrôba ou seis mil pesos fortes".

AFONSO DE TAUNAY — *Ensaios da História Paulista — Anais do Museu Paulista* — Tomo X.

[111] Com a patente de brigadeiro, que lhe concedeu o governador de São-Paulo, ANTÔNIO DA SILVA CALDEIRA PIMENTEL, organizou ALMEIDA LARA a sua coluna punitiva, "com trinta canoas de guerra e cinqüenta de bagagens e montaria", em que se acomodaram "400 homens entre brancos, pretos e índios, duas peças de artilharia, dois pedreiros de bronze, armas e petrechos necessários" — J. BARBOSA DE SÁ — *Crônicas de Cuiabá*.

COMPONENTE NEGATIVA

O povoamento de Cuiabá, com as suas incomensuráveis conseqüências, de ordem política, pela consolidação da expansão bandeirante muito além do que permitia o caduco meridiano de Tordesilhas, de ordem econômica, decorrente da abundância de ouro em seus cascalhos, e geográfica, pelo melhor conhecimento da região ainda envôlta em mistérios até então, ninguém poderá compreendê-lo à justa, sem a recordação, ainda que sintética, da luta sustentada pelos paiaguás, por mais de meio século, a partir de 1725.

Outros selvícolas cooperariam de forma oposta, como serviçais diligentes, que aceitavam, não obstante o seu espírito de insubmissão, o regime do trabalho servil que lhes fôra imposto.

Assim, os guatós, apesar de adstritos ao individualismo, que lhes distingui os raros descendentes, estudados por MAX SCHMIDT [112] os parecis, que se teriam mesclado à grande com os invasores dos seus domínios,[113] e inúmeros outros contribuíam com o seu esfôrço para o desenvolvimento do povoado sertanejo.

Os paiaguás, ao revés, personificavam a resistência pertinaz e destruidora.

Estimulados acaso pelos moradores de Assunção, com os quais comerciavam, e a cuja proteção eficaz se recolhiam, quando perseguidos, infernaram a existência dos paulistas, que a espaços lhes retribuiam os golpes arrasadores.

Mas exerceram, mal a seu grado, relevante influxo no desenvolvimento de Cuiabá, cujo arraial, em parte pela opulência de suas lavras, em parte pela necessidade logo percebida, para não perecer, de constituir-se em núcleo de condensação de povoadores que servisse de escudo à audácia das agressões indígenas, assumiu desde cedo a chefia da defesa contra os perigos de tôda laia, que lhes molestaram os habitantes, especialmente na década inicial.

A aclimação processar-se-ia em meio de sofrimentos, que lhes enrijaram a têmpera, tornando-os aptos à sobrevivência, e ao desempenho de relevante papel civilizador.

Árduos e angustiantes correriam os primeiros tempos.

Às vêzes, pragas devoradoras destruíam as plantações, e sobrevinha a escassez de mantimentos.

Em tais quadras, "não faltava quem desse um negro por quatro alqueires de milho", registou BARBOSA DE SÁ, ou "cinco oitavas de ouro por um dourado", e "camisas a doze oitavas", ao passo que "sal nem para batizar se achava".[114]

Para mais engravecer a penúria, em meio da opulência aurífera, à fome associou-se a peste, que derreava os subnutridos, dei-

---

[112] MAX SCHMIDT — *Etnologia Brasileira*.

[113] Das índias parecis, diria PIRES DE CAMPOS, serem "boas para servirem uma casa com limpeza".

[114] J. BARBOSA DE SÁ — obr. cit.

xando-os "opilados alguns e outros hidrópicos, e todos em geral com pernas e barrigas inchadas e as côres de defunto", quando não sucumbiam.

O regime de provações intensificou-se com a visita de D. Rodrigo César de Meneses, em cuja presença o arraial conseguiu as regalias de vila, a 1.º de janeiro de 1727, com o título de *Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá,* à qual foi então aplicado extorsivo aparelho sugador de suas economias.

Às honras urbanas, alcançadas pela povoação, correspondeu o arrôcho fiscal, que tendia a estrangulá-la, em ocasião já perturbada por outros agentes maléficos, resumidos incisivamente pelo cronista:

"tudo era gemer, chorar e morrer".

Começou, por essa época, a dispersão por todos os quadrantes, que prosseguiria, cada vez com maior intensidade, se duas ocorrências não lhe refreassem as demasias.

Uma, de ordem mística.

Imposta pela realidade, a outra.

A primeira maravilhou os crentes, na quinta feira santa de 1728, quando assistiram ao que denominaram milagre, manifesto pela custódia, que da posição, em que foi colocada pelos religiosos, mais de uma vez se voltou para o povo, como a significar-lhe que "não era servido se despovoasse êste sertão como todos determinavam e da perpetuação desta colônia".[115]

A segunda, mais puante, resultaria das atividades belicosas, por meio das quais os paiaguás exerciam cruel vingança, bem planejada e melhor executada.

Estrategos por instinto, perceberam que lograriam destruir o povoado sertanejo, se conseguissem impedir-lhe a comunicação com o litoral, mantida através dos pantanais, cujas peculiaridades lhes eram sobremaneira conhecidas.

Decidiram policiá-los com atenta sagacidade, para que monção alguma cruzasse, águas abaixo ou de arrepio, sem que fôssem acometidas, e possìvelmente desbaratadas, como sucedeu a mais de uma, colhida de surprêsa.

Cuiabá, com os golpes sucessivos, compreendeu as manobras adversárias, e que deveria enfeixar os seus esforços em eficaz conjunto defensivo.

A separação equivalia à morte.

Sòmente a coesão poderia neutralizar os terríveis assaltos dos paiaguás que se avizinhavam da barra do Coxipó.

E assim, em meio de sofrimentos inenarráveis, operou-se a concentração das energias tendentes à dispersão em Cuiabá, donde irradiaria a expansão povoadora para os pantanais.

---

[115] Idem, id.

TERMINOLOGIA EXPRESSIVA

Embora sobranceira às inundações, que não lhes alcançavam o centro urbano, desenvolvido a meia légua do Pôrto-Geral, em que embicavam as embarcações, da vila partiria o estímulo para a ocupação progressiva dos pantanais, à medida que se atenuassem os assaltos indígenas.

De princípio, não seria fácil nem sequer exeqüível, a permanência dos sertanistas afoitos em meio das paragens que os paiaguás cruzavam em algaras predatórias.

Para lhes evitar as agressões, preferiram os povoadores alongar as suas roças rio acima,[116] quando lhes seria na aparência mais vantajosa a expansão para jusante, cujo solo se revelaria sobremaneira fértil, além da conveniência proporcionada pela passagem das monções nesse trecho.

Setenta anos depois da viagem de Pascoal Moreira Cabral, deporia Ricardo Franco, ao descrever os rios, que explorara, em companhia dos astrônomos Lacerda e Almeida e Silva Pontes:

"Colinas denominadas de Melgaço pelo estabelecimento que aqui houve dêste nome, abandonado pelas muitas mortes que nêle fizeram os índios paiaguás".[117]

Se impediam a fixação duradoura dos ádvenas em Melgaço, onde, apenas a 14 léguas de Cuiabá, começa a dilatar-se para o sul a depressão dos pantanais, proibição mais eficaz manteria despovoada a longa faixa percorrida pelas monções daí para jusante.

Em circunstâncias normais, a própria extensão da via fluvial aconselharia a fundação de sítios intermediários de socorro, cujos proprietários abasteceriam os viajantes de quanto colhessem em suas lavouras, caso lhes fôsse consentido trabalharem produtivamente.

As primeiras tentativas, porém, sossobraram, aniqüiladas pelos índios vingativos.

Aproximaram-se mais da vila os agricultores, especialmente rio acima, e em rumo da Chapada, depois que se abriu, em 1736, o caminho terrestre para São-Paulo, através de Goiás.

O transporte, pôsto mais oneroso, pelas encostas aclivosas, em contraste com a navegação fácil, ao longo do sereno Cuiabá, compensava-se pela maior segurança dos moradores, raramente hostilizados pelos naturais, expostos às represálias mais devastadoras que

---

[116] José Gonçalves da Fonseca escreveu a propósito em *Notícia da Situação de Mato-Grosso e Cuiabá*, por onde andou quando ia em meio o século XVIII. "Do pôrto geral do Cuiabá rio acima há um terrível embaraço de continuadas cachoeiras, que à custa de muito perigo e infelicidade navegam os lavradores, para fornecerem a vila de mantimentos, que cultivam em fazendas que fundaram, para aquela parte, por se livrarem dos assaltos dos paiaguás, que no princípio daquele estabelecimento invadiam uma e outra margem do rio que até ao mesmo pôrto geral é limpo de cachoeiras".

[117] Ricardo Franco de Almeida Serra — *Diário da diligência do reconhecimento do rio Paraguai*.

lhes ermavam os aldeamentos, ao passo que os paiaguás, mais distantes, logravam, com astuciosas manobras, evitar que a luta lhes penetrasse nas habitações.

E assim começou a borda do planalto a pontilhar-se de sítios e engenhos abastecedores das lavras, com as suas roças de cereais e fabricação de açúcar e aguardente.

Nessa primeira fase, o pantanal atuava como fator de separação, cujos préstimos perdurariam inaproveitados, enquanto se mantivessem em armas os ribeirinhos intratáveis.

A denominação resultaria das impressões, que saltearam os pioneiros, diante das paisagens, a que não se achavam habituados.

Ainda na primeira década, o viajante CABRAL CAMELO registraria os dois nomes, que iriam associar-se, com freqüência progressiva, uma vez afastada a ameaça de assaltos periódicos.

"Pantanal chamam os cuiabanos a umas vargens muito dilatadas que começando no meio do Taquari vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá" [118]

Para quem se limitasse ao roteiro das monções, bastaria a referência do desiludido cronista que o percorreu no triênio seguinte à ereção da vila, quando não havia população própria em condições de dar nome aos acidentes topográficos.

A primeira geração de cuiabanos ainda se conservava na infância, mas já se evidenciava a tendência de ampliar-se o gentílico a todos quantos se fixassem na região, decididos a contribuir para o seu desenvolvimento.

Mais tarde, o vocábulo designaria os irmãos mais afastados, que vivessem, porém, na dependência cultural e econômica de Cuiabá, cujo influxo iria sobrepujar o da própria capital de Mato-Grosso, não obstante os dedicados esforços dos capitães generais, que animaram a criação e desenvolvimento de Vila-Bela, à beira do Guaporé.

PROVIDÊNCIAS GOVERNATIVAS

A imensidão bravia dos pantanais continuaria temida pelos viajantes, que a varavam, atentos contra a possibilidade angustiante de assaltos aniqüiladores, apesar das defesas organizadas pelos governantes.

As primeiras consistiriam em represálias, improvisadas pelo povo, com anuência das autoridades locais, ou por ordem do governador de São-Paulo.[119]

---

[118] CABRAL CAMELO — *Notícia prática de Cuiabá* (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo IV).

[119] Na prolongada luta contra os paiaguás, uma das represálias mais mortíferas ocorreu em 1734, quando o tenente-general MANUEL RODRIGUES DE CARVALHO comandou poderosa expedição punitiva, constituída de "842 homens, entre brancos, pretos e índios",

Ainda quando a expedição punitiva alcançasse os paiaguás velozes e lhes desbaratasse as colunas guerreiras, sobrariam elementos, que tornassem à arena, para vingarem os seus mortos.

Por isso, o capitão general A. ROLIM DE MOURA, que lhes seguiu o roteiro, ordenou que as monções se ajuntassem em comboio, protegido por apropriadas canoas de guerra.

De 1725 a 1752, quando o primeiro capitão-general de Mato-Grosso apenas iniciara o seu govêrno operoso,[120] pelo menos doze vêzes os paiaguás renovaram as agressões, que já vinham denotando enfraquecimento.

Ainda nesse último ano, franquearam passagem à comitiva escoltada .

Mas, o padre V. ANTÔNIO DE MADUREIRA, para se esquivar à chefia militar, que o desgostava, afastou-se do comboio, decidido a viajar apenas com os seus próprios recursos.

Tanto bastou para que, distante da proteção indispensável, fôsse prostrado pelos índios, que lhe tomaram a canoa, os escravos e a bagagem.

Assim agiriam em tôdas as oportunidades, que se lhes deparassem.

Já não ousariam repetir desafio análogo ao que embargou a travessia de DIOGO DE SOUSA, de LANHAS PEIXOTO, e tantos outros.

Tinham também sofrido baixas numerosas, que lhes rarearam as fileiras.

Mas continuavam à espreita de ensejos adequados à execução de tremenda vingança.

Ao menor descuido dos roceiros, surgiam os lutadores bronzeados, decididos a exterminá-los, quando não preferissem levá-los pri-

---

que se acomodaram em "28 canoas de guerra, 80 de bagagens e três baisas que eram casas portáteis, armadas sôbre canoas".

A primeiro de agôsto, partiu a flotilha, ronceiramente, sem pressa de ultimar a peregrinação. "Divertidos em caçar cervos e pescar peixes", nada lobrigaram de anormal os expedicionários durante o primeiro mês, ao fim do qual surpreenderam, no pouso, pequena vanguarda de meia centena de paiaguás, de que só escaparam alguns fugitivos.

Apressaram, então, a marcha, andando ao sol e à noite, e ao cabo de quatro dias, além da Bocaina, (Coimbra, possivelmente) encontraram acampamento maior, assaltado pela madrugada.

Apesar da ligeireza com que fugiram "dez canoas cheias de gente", contaram-se "266 prisioneiros e 600 mortos por terra e nas águas da baía, ao passo que da expedição apenas pereceram dois negros e um mulato" — J. BARBOSA DE SÁ — *Crônica de Cuiabá*.

[120] Filho de NUNO DE MENDONÇA e de D.ª LEONOR MARIA ANTÔNIA DE NORONHA cujo pai D. PEDRO DE NORONHA se afidalgara com o título de primeiro marquês de ANGEJA, ANTÔNIO ROLIM DE MOURA nasceu em 12 de março de 1709.

Esmerava-se em aperfeiçoar a sua experiência militar, iniciada aos 17 anos de idade, quando se viu nomeado capitão-general e governador da Capitania de Mato-Grosso, criada pelo Alvará régio de 9 de maio de 1748.

De São-Paulo, aonde chegou a 15 de junho do ano seguinte, partiu para Cuiabá, pela via fluvial das monções bandeirantes, que descreveu em carta opulenta de informações.

Para fins políticos, fundou, a 19 de março de 52, Vila-Bela, capital, à beira do Guaporé, cuja defesa ativou contra forte acometida dos espanhóis. Transferido para a Bahia, às vésperas de completar o terceiro lustro de govêrno em Mato-Grosso, coube-lhe a promoção a brigadeiro, honras de conde de AZAMBUJA e vice-rei do Brasil.

Sucessor do conde da CUNHA, após breve período governativo passou o cargo ao marquês do LAVRADIO.

De regresso a Lisboa, ainda desempenhou comissões de relêvo até falecer a 8 de dezembro de 1782. (*Revista do Instituto Histórico* — Tomo XX).

sioneiros, como ocorreu em 1771 aos moradores das proximidades da barra do Croará, a montante de Melgaço.

Decorridos alguns anos, por ventura estimulados pelo êxito, reuniram-se em 20 canoas de guerra, que sulcaram águas acima da confluência do Jauru, como se pretendessem cortar a comunicação entre Cuiabá e Vila-Bela.

Achava-se no govêrno da Capitania Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, a quem se afigurou azada a ocasião para a modificação da tática defensiva.

Em vez de proteção temporária e móvel, para cada comboio, o seu plano realizaria a fixação de contingentes militares em sítios estratègicamente escolhidos, cuja dupla função não tardaria a beneficiar as circunjacências.

Eram, por um lado, redutos militares, cuja guarnição atemorizava os índios, que não se animariam a assaltá-los, e menos ainda a deixá-los pela retaguarda, para se meterem entre dois fogos.

Mas também avultariam como núcleos de condensação humana, destinados ao engrandecimento, quando estimulados por fatôres auxiliares.

Assim, afloraram, à beira do Paraguai, Coimbra, onde se desenvolveu o forte, começado por simples trincheira; Albuquerque, transfigurada na moderna Corumbá; Vila-Maria, que adotou o nome de seu fundador, Cáceres.[121]

A influência de tais pontos de apoio não tardou em manifestar-se, especialmente nos redutos extremos, Forte-de-Coimbra, ao sul, e Vila-Maria, ao norte, que iriam ingressar nos anais diplomáticos, de maneira impressionante.

Serviriam para evidenciar a inexeqüibilidade pungente da linha de limites definida pelo artigo X do Tratado de Santo Ildefonso, de 1.º de outubro de 1777, simples decalque, neste lance, com as mesmas erronias, do artigo VII ajustado em Madri, a 13 de janeiro de 1750, que rezava, ao definir a lindeira:

"desde a bôca do Jauru pela parte ocidental (seguirá a fronteira em linha reta) até a margem austral do rio Guaporé ou Itenez, defronte da bôca do rio Sararé...".

Impugnaram-na de forma concreta os baluartes, por meio dos quais o arguto capitão-general pontilhou a linha raiana de sua predileção,[122] que iria pleitear sagazmente, em correspondência com as autoridades confiantes, ou endereçada ao próprio govêrno metropolitano, a quem não se cansava de apontar a impossibilidade

---

[121] A ata da fundação de Coimbra menciona a data de 13 de setembro de 1775, em que o capitão Matias Ribeiro da Costa deu começo à fortificação, "para segurar nossa antiga navegação do Paraguai".

Albuquerque inicia-se a 21 de setembro de 1778 e, decorrido apenas meio mês, Vila-Maria aflora, na estrada entre Cuiabá e Vila-Bela, a 6 de outubro.

[122] Maiores esclarecimentos a respeito da atuação do operoso estadista colonial encontram-se na memória intitulada — *Luís de Albuquerque — Fronteiro Insigne* (de V.C.F.).

alarmante da defesa do território matogrossense, caso vingasse a divisória resultante da carência de informações geográficas.[123]

De mais a mais, fronteiras a dentro, facilitariam a ocupação efetiva da baixada, para onde começou a espraiar-se a escassa população da capitania, quanto permitiam as peculiaridades regionais.

ATIVIDADES GEOGRÁFICAS

Se Rolim de Moura, ao fundar Vila-Bela, na extremidade ocidental da capitania, fortaleceu, com a sua presença, a trincheira, em que se chofraria a investida de aguerridos batalhões serranos, decididos a invadi-la, a Luís de Albuquerque a pacificação entre vizinhos permitiria consagrar as energias de atilado administrador de maneira diferente.

Com escassos auxiliares, cuja boa vontade não supria a míngua de conhecimentos profissionais, começou o reconhecimento dos terrenos, que lhe parecessem mais apropriados a alguma utilização imediata, de objetivos econômicos ou políticos.

Conhecia cabalmente os problemas administrativos da Capitania, cuja direção assumira a 13 de dezembro de 72, quando, anunciados com lisonjeiros gabos do ministro das Colônias, acolheu os técnicos das "Demarcações".[124]

Dois astrônomos recém-formados pela Universidade de Coimbra, Antônio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda e Almeida, incumbir-se-iam da determinação das coordenadas geográficas, de acôrdo com os processos que lhes ensinou La Ciera.

Dois capitães de infantaria, Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira destinavam-se a trabalhos de engenharia, especialmente aos topográficos.

Deveriam atuar de harmonia com os colegas espanhóis, em vão esperados para a organização definitiva da Comissão Mista.

A ausência dos demarcadores litigantes proporcionou ao capitão-general de Mato-Grosso oportunidade hàbilmente aproveitada de melhor conhecer o território sob sua jurisdição, especialmente na região fronteiriça.

O rio Paraguai não deixaria de atrair-lhes as atenções.

E depois de reconhecimentos preliminares pelos arredores de Vila-Bela, e Casalvasco, onde permaneceu J. J. Ferreira, construtor da nascente povoação, que assinalaria a expansão territorial por aquelas paragens, seguiram os demais[125] pela estrada comum

---

[123] Ver E. da Cunha — *Peru versus Bolívia*.

[124] A expedição demarcadora saíu de Lisboa a 8 de janeiro de 1780, mas, ocupada em explorações pela Amazônia, só alcançou Vila-Bela a 28 de fevereiro de 82.

[125] Por ordem de 4 de abril de 1786, determinou Luís de Albuquerque a partida da comissão exploradora para 9, mas, "as muitas chuvas e grandes cheias assim como várias moléstias, que sofreram alguns dos companheiros, tudo nos demorou até o fim do mês" — Ricardo Franco — *Diário das Diligências*".

até o Registo-do-Jauru, onde tomaram as canoas,[126] que os levariam, ao som das águas, à barra no Paraguai, sulcado até a baía Negra, então caracterizada em suas verdadeiras feições.

De caminho, examinaram as lagoas, que flanqueiam o rio, de um lado e do outro do paralelo de 18°, as morrarias que as limitam a ocidente, os sangradouros e baías, o Paraguai-mirim, o maciço de Albuquerque, onde já viçava núcleo povoador predestinado a transformar-se na moderna Corumbá.[127]

E depois de minudenciarem as peculiaridades regionais, embocaram, de regresso, pelo São-Lourenço, continuaram pelo Cuiabá, em cuja vila homônima aportaram ao findar setembro.

Por terra, vararam o distrito aurífero de São-Pedro-d'El-Rei (Poconé), e por Vila-Maria (Cáceres) atingiram de novo o Registo, a caminho da capital, onde, por fim, terminaram "esta importante diligência em que se gastaram seis meses e configuraram quase perto de 600 léguas de terreno".[128]

A maior porção dos rios que os viajantes roteavam periòdicamente, ingressou desde então na cartografia brasileira, mediante correções aconselhadas pelas observações dos astrônomos.

Restava, ainda, o Taquari, cuja exploração tocou a LACERDA E ALMEIDA, em sua viagem a São-Paulo, começada em outubro de 88.

Destarte, contribuiu LUÍS DE ALBUQUERQUE para eficaz utilização dos pantanais, cuja defesa garantiu por meio de estabelecimentos militares, convenientemente espaçados, e cuja configuração exata promoveu, com o auxílio de técnicos abalizados, enquanto demoravam os comissários espanhóis em atender-lhe aos instantes convites para iniciarem a demarcação da linha de limites.

Completou-lhe as iniciativas assecuratórias da dominação portuguêsa no amplo vale o capitão-general CAETANO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO, ao determinar a fundação de outro núcleo, que abarreirasse qualquer tentativa de invasão por terra.[129]

Daí resultou a fortificação, à beira do rio então denominado Mondego por JOÃO LEME DO PRADO, que o explorou em 1776, para escolha de local apropriado onde, mais tarde, a 22 de dezembro de 1797, FRANCISCO RODRIGUES DO PRADO assentou a pedra fundamental do pôsto avançado, a que após um dos sobrenomes do governador: *Miranda*.

---

[126] Além dos astronômos SILVA PONTES e LACERDA E ALMEIDA, a comissão dirigida pelo capitão engenheiro RICARDO FRANCO contava o tenente VITORIANO LOPES, o porta-estandarte MANUEL RABELO e outros auxiliares.

[127] Êste estabelecimento, depõe RICARDO FRANCO, "tem a figura de um grande pátio retangular; é fechado com casa em roda e um portão na frente, constando de 75 passos de comprido e 50 de largura, sendo a sua população de 200 pessoas que aqui plantam já muito milho e feijão que é muito superabundante ao anual consumo, também há muito algodão..."

[128] RICARDO FRANCO, obr. cit.

[129] Em princípio de 1797, forte coluna expedicionária de cavalarianos, sob o comando do coronel ESPÍNDOLA, procedente de Concepción, em perseguição aos guaicurus, transpôs o Apa, e norteado pelo meridiano prosseguiu "hasta veinte leguas mas adelante del rio de los Guachies", topônimo com que o chefe castelhano individualizava o rio Mondego, atual Miranda.

Que as providências militares, concretizadas nas construções dos bastiões fronteiriços derivavam de imperativos prementes, provou de sobejo a fracassada invasão de 1801, quando D. Lazaro de Ribera, governador do Paraguai, transmontou o rio, à testa de imponente fôrça naval.

À vista de Coimbra, mas além da parábola de suas balas, redigiu ameaçadora intimação ao comandante do Forte, provàvelmente sem saber que tinha que se medir com o tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, cuja resposta lhe evidenciou a bravura serena de lusíada, no êrmo dos pantanais.[130]

Graças à ação resoluta e eficaz do chefe abnegado, que já adquirira renome de geógrafo exímio, frustrou o segundo golpe, que seria fatal à capitania estremenha, caso D. Lazaro triunfasse em Coimbra e Albuquerque, para interceptar a via fluvial das monções, como anteriormente pretenderam em vão os temíveis paiaguás.

EXPANSÃO PASTORIL

Uma vez assegurada a permanência dos pioneiros nas glebas de sua escolha, a montante do Forte de Coimbra, sem perigo de agressões dos paiaguás, dilataram-se pelos pantanais os estabelecimentos agro-pastoris, consoante permitia a diminuta população de Mato-Grosso.

Os dois núcleos principais, gerados pela mineração dos cascalhos auríferos, adensaram-se em Cuiabá, fundado pelos bandeirantes, e Vila-Bela, de criação artificial, por imperativos políticos, mas amparada nos arraiais da chapada de São-Vicente, onde operavam ativos cavadores do solo, à cata do metal cobiçado.

Dêsses dois centros irradiou o influxo povoador, vagaroso mas progressivamente, à medida que decrescia a estonteante opulência das lavras conhecidas.

A capital, plantada à beira do Guaporé, deveria lògicamente alongar a sua atuação pelo rio abaixo, que as monções freqüentavam em demanda de Belém, pôrto de mar, mais próximo da Metrópole que o de Guanabara.

Todavia, razões sanitárias, suplantando as econômicas, desviaram a corrente colonizadora para o sul do separador de águas, onde se emparceraria com a outra, procedente de Cuiabá.

---

[130] Ao ultimatum golpeante de D. Lazaro, que se baseava na superioridade descomunal de fôrça, replicou o fronteiro decidido:

— Ilmo. e Exmo. Sr. — Tenho a honra de responder categòricamente a V. Excia. que a desigualdade de fôrças sempre foi um estímulo que animou os portuguêses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los até as duas extremidades, ou de repelir o inimigo ou de sepultarem-se debaixo das ruínas dos fortes que se lhes confiaram; e nesta resolução se acham todos os defensores dêste presídio, que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Excia. a quem Deus Guarde muitos anos. — Coimbra, 17 de setembro de 1801 — Ricardo Franco de Almeida Serra — Ilmo. e Exmo. Sr. D. Lazaro de Ribeira. Para maiores esclarecimentos, ver *As raias de Mato-Grosso*, de V. C. F. — Vol. III.

Alimentada longamente pelo cordão umbelical das vias estiradas pelo Tietê, Paraguai e seus tributários, a vila bandeirante medrou sobremaneira com a paralisação das acometidas fluviais, que vedavam, antes da era albuquerquina, a ocupação efetiva dos pantanais, a jusante de Melgaço.

As tentativas anteriores, manifestas nas concessões de sesmarias, desde 1727, à margem do Taquari e circunjacências, careceram de êxito.[131]

Apesar de se apresentarem pleiteantes às terras que os índios rondavam, não vingaram ali os ensaios das primeiras roças, opostamente ao que sucederia mais acima, no divisor, onde floresceu Camapuã, no seio dos sertões, a meio caminho entre afluentes do Taquari, que seguem para oeste, e do rio Pardo, que procuram o Paraná.

No dorso do planalto maracajuano, à latitude de 19° 35'14" S. e longitude 323°38'45", consoante as observações do astrônomo Lacerda e Almeida,[132] realizadas no dia 24 de novembro de 1788, a fazenda famosa, atravessada pelo varadouro de 6 230 braças, que ligava, pelo único trecho de caminho terrestre, os portos alcançados pelas canoas, a leste e poente, prosperou como passagem forçada de todos os viajantes, que ali se abasteciam de "mantimentos, de açúcar, de aguardente, de tabaco de rôlo".[133]

Infestada, embora, pelos caiapós, que não permitiam repouso confiante aos seus habitantes, desenvolveu-se o povoado, mercê da concentração de fortes elementos, ali reunidos pelo seu proprietário, Luís Rodrigues Vilares, a quem o governador Rodrigo César de Meneses concedeu a sesmaria desbravada pelos irmãos Leme.

Para abrigar moradores e forasteiros, fronteavam-se no pátio central, dois sobrados unidos por senzalas, que completavam o quadrado dos edifícios erguidos no "centro dêste sertão, sòmente com

---

[131] *A Relação das Patentes — Provisões e Sesmarias*, organizada por João Batista de Campos Aguirre, (separata da *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São-Paulo*) menciona, entre as sesmarias concedidas no ano de 1727, as seguintes:
Taquari-Mirim — João Araújo Cabral — 4 de março.
Taquari-Sertão — João Araújo Cabral — 7 de março.
Taquari — Manuel Góis Prado — 4 de abril.
Taquari-Barra — Luís Rodrigues Vilares — 12 de agôsto.
Camapuã-Barra — Luís Rodrigues Vilares — 30 de janeiro de 1728.
Camapuã-Guaçu — Bento Veloso — 26 de maio de 1728.
Ao atroiar as tribos indígenas que encontrara em suas peregrinações, Pires de Campos informaria, por volta de 1723, que as roças estabelecidas pelos bandeirantes no Anhanduí-Mirim e Taquari foram abandonadas por causa dos assaltos dos caiapós.
O mesmo fim trágico teriam as de Camapuã, se "os roceiros não estivessem com armas na mão de noite e de dia".
A. Pires de Campos — *Breve Noticia — Revista do Instituto Histórico* — XXV.

[132] Lacerda e Almeida — *Diário da Viagem de Vila-Bela para São-Paulo*. (Long. referida à ilha do Ferro).
Leverger em seus apontamentos para o *Dicionário Corográfico da Provincia de Mato-Grosso*, adotou a lat. de 19°35' e long. 55°4' O. Paris.

[133] Lacerda e Almeida comentou a propósito, em seu *Diário de Viagem*: "Os sócios desta Fazenda devem fazer bom negócio, pois além das carnes e mais gêneros que vendem pelo preço que corre em Cuiabá, levam pelo transporte de cada uma canoa 20$000, e por cada uma carrada 9$600 réis."

o fim de ter carros prontos para a varação de canoas e cargas de um para outro rio".[134]

Além, fracassaram os sesmeiros do Taquari, onde as correrias dos paiaguás e dos guaicurus não consentiam o condomínio com forasteiros.

Por isso, minudencioso em suas informações, LACERDA E ALMEIDA não lobrigou, em 1788, vestígio algum de ocupação efetiva, que lhe atraísse a atenção nos pantanais, afora Albuquerque (atual Corumbá).

As circunstâncias modificaram-se, todavia, em conseqüência da fundação dêste reduto e dos restantes, de análogos objetivos.

Libertos da ameaça terrível, contra a qual não teriam meios de atuar com vantagem, diante da desproporção numerosa dos lutadores acobreados, que andavam aos bandos, sempre em forma para as acometidas repentinas, começaram os cuiabanos a dilatar as suas posses pelo rio abaixo.

Os lavradores, na primeira fase da ocupação, rodeavam as minas do Sutil, pelo rio Cuiabá, e seus afluentes mais próximos da vila sertaneja.[135]

Entretanto, alguns bandeirantes, saudosos por ventura do clima serrano, escolheram a sua gleba nas cabeceiras do Coxipó-Mirim, a montante do salto do Véu-de-Noiva.[136]

Entre a borda do planalto e o divisor de águas espalharam-se dezenas de sítios, especialmente dedicados à lavoura, que por longo prazo, até o golpe fatal da abolição, abasteciam Cuiabá de produtos agrícolas.[137]

Em *Grandeza e Decadência da Serra Acima*, JOSÉ DE MESQUITA evoca-lhe a primor a passada magnificiência e o angustiante

---

[134] LACERDA E ALMEIDA — *Diário*.

[135] Ao tempo em que RICARDO FRANCO perlustrou a região (1786) ainda se adensavam em tôrno da vila as roças, por evitar maiores danos dos paiaguás, às quais se referiu: "O rio Cuiabá 14 léguas abaixo da vila é povoadíssimo de roças, engenhos e outros estabelecimentos, que se tocam uns aos outros, e da vila para cima ainda a sua população é maior e maior o número dos referidos estabelecimentos por muitos dias de viagem."

[136] Uma das primeiras concessões de sesmarias, datada de 25 de junho de 1726, tocou ao tenente-coronel ANTÔNIO DE ALMEIDA LARA, de "uma légua de terra em quadra, na chapada, distante dois dias de jornada das minas de Cuiabá". Aí iniciou o empreendedor bandeirante a lavoura canavieira, que se expandiria mais tarde pela orla do rio Cuiabá. V. *Questões de terras* de V. C. F.

[137] Com os elementos do arquivo eclesiástico de Cuiabá, JOSÉ DE MESQUITA relacionou os primeiros engenhos serranos.

1 — São-Francisco-Xavier — do sargento-mor ANTÔNIO DA SILVA ALBUQUERQUE.
2 — Santo-Antônio-da-Serra — JOSÉ ÁLVARES DOS SANTOS.
3 — Bom-Jardim — FRANCISCO CORREIA DA COSTA.
4 — Santo-Antônio-das-Palmeiras — PAULO DA SILVA COELHO.
5 — Itambé — TOMÁS FÉLIX DE AQUINO.
6 — Quilombo — ANTÔNIO LEITE DO AMARAL COUTINHO.
7 — Santo-Antônio-da-Serra — Sargento-mor ANTÔNIO JOAQUIM MOREIRA SERRA.
8 — VALENTIM MARTINS DA CRUZ.
9 — São-Romão — MANUEL RODRIGUES TAVARES.
10 — Quilombo — DOMINGOS JOSÉ DE AZEVEDO.
11 — Buriti — JOAQUIM DA SILVA PRADO.
12 — Santa-Bárbara — JOÃO BATISTA RIBEIRO.
13 — Rio-da-Casca — JOSÉ SOARES DE BARROS.

De 1820 em diante, continua o douto ensaista, vamos encontrando referências a outros

abandono em que sossobrou após a extinção do cativeiro, em contraste cada vez mais forte com a baixada florescente.

Começou-lhe a ocupação pelo vale do Aricá, alcançado pelas alagações anuais, e onde ÂNGELO FONSECA LEITÃO obtém a primeira sesmaria constante dos livros de registro.

Tardaria, porém, a segunda,[138] como as seguintes, que só no derradeiro quartel do século se amiudam, depois que FRANCISCO CORREIA DA COSTA, português, casado com a paulista MARIA TERESA DE JESUS, se afazenda naquelas paragens.

Quando LUÍS DE ALBUQUERQUE lhe concede a sesmaria de Bom-Jardim, a 18 de junho de 1780, menciona a sua condição de possuidor de fazenda de gado vacum no Aricá-Mirim.

Seguem-lhe os filhos as pegadas, especialmente o de nome ANTÔNIO CORREIA DA COSTA, predestinado a devassar e ocupar grande parte da mesopotâmia entre o Cuiabá e o São-Lourenço.

As suas fazendas,[139] dilatadas do Aricá até o colar de baías, do Félix, das Pombas e outras, que nas cheias unem os dois rios, na altura de Uacurutuba, confinavam com a de ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA, que se julgava proprietário da restante porção limitada pelo pontal.

Pela esquerda do São-Lourenço, escolheu sesmarias, já na era do govêrno provisório, o brigadeiro JERÔNIMO JOAQUIM NUNES, português, proprietário de Pindaival e Piquiri.

Certo, os bororos vagueavam por essas paragens, indomáveis ao jugo, mas havia meios de evitar-lhes as hostilidades, desde que não se aproximassem os intrusos dos seus aldeamentos do alto São-Lourenço.

---

engenhos, como sejam, os de:
Itacolomi — ANTÔNIO JOSÉ DE SAMPAIO.
Baguaçu — JERÔNIMO GOMES MONTEIRO.
Abrilongo — MANUEL PEREIRA DA SILVA COELHO.
Campo-Alegre — JOSÉ DE LARA PINTO.
Barroca — PAULO LIMA BARATA.
Glória — JOÃO FERNANDES DE MELO.
Bom-Sucesso — VITORIANO JOSÉ DO COUTO.
Nossa-Senhora-do-Carmo — FRANCISCO VIEIRA DE AZEVEDO.
Água-Fria — P. ANTÔNIO TAVARES CORREIA DA SILVA.
Em relação organizada por ANTÔNIO FERNANDES, com auxílio de informações de PAULA CORREIA, e publicada no jornal *O Mato-Grosso*, de 17 de janeiro de 1926, figuram, mais, os conhecidos engenhos:
Buriti — JOÃO JOSÉ SIQUEIRA, fundado por ALMEIDA LARA.
Botafora — VICENTE PACHECO PINTO DE CASTRO.
Rio-da-Casca — ANTÔNIO CORREIA DA COSTA.
Pipa — FRANCISCO CORREIA DA COSTA.
Bigorna — INÁCIO JOSÉ DE SAMPAIO.
Santo-Antônio-da-Fartura — JOÃO JOSÉ DO COUTO.
Furriel — JOSÉ RENOVATO DA SILVA PRADO.
Cajuru — JOÃO DE SIQUEIRA E CRUZ.
e outros, cujo total alcançava meia centena.

[138] A segunda, que tocou a AGOSTINHO FARIA CASTRO, foi concedida a 19 de outubro de 1741.

[139] ANTÔNIO CORREIA DA COSTA arrolou em seus domínios as sesmarias de Aricá-Mirim, Mutum, Sertãozinho, Água-Branca, Cuiabá-Mirim, Baía-dos-Pássaros, e outras, que se dilataram do Aricá-Mirim, em rumo da Baía do Félix, entre o Cuiabá e o São-Lourenço, em terras outrora assenhoreadas pelos bororos.

Entre Cuiabá e Vila-Maria (Cáceres, atual), não seria menos intensa a infiltração forasteira, acaudilhada por afoitos pioneiros.

Dos portuguêses ANDRÉ ALVES DA CUNHA, JOSÉ GOMES DA SILVA, LEONARDO SOARES DE SOUSA, JOÃO PEREIRA LEITE, derivaria fecunda prole, de cujos esforços resultou a fundação de afamados estabelecimentos agro-pastoris pelo vale do Paraguai.

Do primeiro,[140] era filho, além de outros, o padre MANUEL ALVES DA CUNHA, a cujo respeito H. FLORENCE,[141] recolheu a fama de ser "um dos homens mais instruídos da província, da qual fôra presidente, eleito pelo govêrno provisório, por ocasião da Independência".

Apesar de alçado pelos conterrâneos a postos de relêvo, jamais deixou totalmente a sua propriedade rural, no caminho de Poconé a Cáceres.

LEONARDO acampa em Jacobina, onde funda sítio, que teve sua época de nomeada, por mais de meio século.

Casado com ANA MARIA, e portanto genro de JOSÉ GOMES DA SILVA, a sua filha única, MARIA JOSEFA DE JESUS, recebeu por marido o sargento-mor JOÃO PEREIRA LEITE, natural de Braga.

Os seus afazeres militares não lhe permitiam permanência ininterrupta em Jacobina, que ANA MARIA se orgulhava de dirigir, conforme os ensinamentos do fundador, que a deixou viúva.

"Não quero que meu genro se ocupe da lavoura, teria confidenciado a FLORENCE, isto é bom para mim, que nasci no meio dos trabalhos do campo".[142]

Na opinião do sagaz viajante, era a mais rica fazenda da província, tanto em área como em produção. Pelos seus campos sem fim, avaliava-se que pastassem mais de 60 000 reses.

Para o custeio de tão numeroso rebanho, Jacobina dispunha, em 1825, de duzentos escravos dos dois sexos e sessenta crianças, cuja energia se aplicava igualmente nas roças, que abrangiam canaviais, plantações de mandioca, feijão, cereais e café, para abastecimento dos núcleos circunjacentes.

Por vêzes, sobejava de tal maneira a colheita que se fazia mister enviar a Coimbra, embora sem vantagem pecuniária, como registou FLORENCE ter ocorrido no ano anterior, quando ANA MARIA

---

[140] ANDRÉ A. DA CUNHA, antes de falecer a 2 de agôsto de 1793, casou duas de suas filhas com os portuguêses MANUEL ANTÔNIO NUNES DA CUNHA e FRANCISCO DA COSTA RIBEIRO, cujos descendentes se afazendaram nos pantanais, entre os rios Paraguai e Cuiabá.

[141] HERCULES FLORENCE nasceu em Nice, a 29 de fevereiro de 1804. Achava-se no Rio-de-Janeiro, quando o cônsul LANGSDORFF o convidou para acompanhar a comissão, que organizara, por conta do govêrno russo, para explorar os sertões brasileiros. Seguiu as pegadas bandeirantes até Cuiabá, conheceu Cáceres e continuou pelo rio Arinos e Tapajós, em rumo de Belém. Desenhista hábil e escritor conscienciosо, a narrativa do que observou meticulosamente mereceu tradução do visconde de TAUNAY, que a estampou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, com o título de: *Esbôço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829*". Em 1941, o Dr. GUILHERME e o professor PAULO FLORENCE, dignos filhos do artista, promoveram reedição da sua obra, que saiu a lume com o título de *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*, com ilustrações do próprio autor, proporcionadas pelos desenhos em que ia esboçando aspectos interessantes do caminho percorrido.

[142] H. FLORENCE — *Viagem*.

despachara seis grandes canoas acoguladas de víveres para o Forte, destinadas ao sustento gratuito da guarnição.

"Não sabia que destino dar aos mantimentos", ouviu-lhe a declaração o forasteiro espantado, e "preferi a perdê-los presentear o govêrno".

Era Jacobina por muitos aspectos o modêlo das fazendas dos pantanais, embora boa porção das suas terras, a cavaleiro das alagações, se empolasse nas encostas da serra de que tomou o nome .[143]

ECONOMIA LATIFUNDIÁRIA

O regime de trabalho adotado em Jacobina, como nas demais fazendas, que lhe imitaram o exemplo, resultava das próprias condições geográficas e sociais, causadas pela imensidão territorial de escassa densidade demográfica.

Em contraste com as sesmarias da região serrana, consideradas de lavoura, onde não costumavam ultrapassar de uma légua quadrada, e comumente abrangiam apenas área compreendida entre 1 000 a 3 000 hectares, pela estimativa moderna, a vastidão dos pantanais, com grande parte submersa durante os meses das cheias, exigia correspondente zona de terreno inacessível às inundações, que abrigasse o gado egresso das baixadas.

Generalizou-se como unidade territorial nessas paragens a sesmaria de uma légua de frente por três de fundo, ou equivalente a 13 068 hectares.

Raramente, porém, cada proprietário rural contentar-se-ia com uma única, indício de insignificantes haveres.

Adquirida, mediante concessão do governador, a primeira sesmaria que servisse de núcleo, em tôrno dela seriam requeridas as terras contíguas, até que perfizessem conjunto grandioso como o de Jacobina, cujo proprietário se vangloriava de possuir "tantas terras quantas o rei de Portugal".[144]

---

[143] Registrou RICARDO FRANÇO em seu *Diário de Reconhecimento do Paraguai:* "Em 16 (de outubro de 1786) saímos de Jacobina, roça do dito LEONARDO, légua e meia andamos de leste e outra légua e meia a quase norte, atravessando por formados vales a dita serra até sairmos por uma bocaina no fim dela; tem esta serra seis léguas e é altíssima, é a mesma que acompanhando o Paraguai desde as suas cabeceiras pelo lado do nascente vai terminar no morro Escalvado com mais de 60 léguas de extensão de norte a sul, formando uma formosa cordilheira denominada serras do Paraguai. Enfim, tendo cortado esta serrania e saído no campo com mais légua e meia e cinco do caminho total fomos pousar em Vila-Maria".

[144] E' a comparação que H. FLORENCE ouviu e registou. Decorrido mais de meio século, coube a vez a F. A. PIMENTA BUENO, a quem o govêrno imperial incumbiu de missões técnicas em Mato-Grosso, de renovar informações estonteantes acêrca de Jacobina, em cuja direção e posse então se achava o segundo filho de JOÃO PEREIRA LEITE. Em sua *Memória Justificativa* consignaria o engenheiro militar, por volta de 1880: "Dentre os criadores da província, os mais importantes são: 1.º o Sr. JOÃO CARLOS PEREIRA LEITE, dono de uma área de 240 léguas quadradas e 600 000 cabeças de gado, na maior parte alçado, por falta de cavalos". O 2.º é o Sr. major METELO, cuja fazenda se estende "das margens do São-Lourenço até o Piquiri e possui também alguns milhares de cabeças de gado".

Ademais, os limites mencionados abrangiam habitualmente superfície muitas vêzes maior que a devida, quando não se processasse a medição de acôrdo com os dispositivos legais.

A facilidade na aquisição por título gratuito de glebas imensas, cujas divisas os vizinhos longínquos respeitavam, por não lhes minguar terreno bruto, à disposição de quem o pretendesse fecundar pelo trabalho, o transbordamento periódico dos rios, que tornavam por alguns meses inabitável faixa larga das várzeas submersas, explicam mais do que a ambição de domínio ilimitado, a formação de latifúndios, afeiçoada às peculiaridades regionais.

Equivaliam, sem dúvida, a prova de fôrça e poderio dos seus mantenedores.

No êrmo, vigiados pelo selvícola bravio,[145] não havia lugar para os fracos e os solitários, ainda que destemidos.

Multíplices perigos abreviavam-lhes a existência, cuja conservação exigia a composição de fôrças coordenadas pela solidariedade humana.

Sòmente aos condutores de homens que evidenciassem capacidade incontrastável de agremiá-los e dirigir, seria dado povoar o deserto, com o centro de interêsse assinalado pelo seu próprio estabelecimento agro-pastoril.

Deviam possuir e exercitar altas qualidades de comando, cuja carência lhes seria fatal.

Daí se causou a espontânea formação senhoril, que repetia em um recanto do Brasil imperial aspectos anacrônicos de feudalismo.

Assim, Jacobina, bem que relativamente mais próxima da capital do que outra qualquer propriedade semelhante, diligenciava enquadrar-se no regime de economia confinada, imposta pelas circunstâncias de núcleo povoador, cujo govêrno particular por vêzes dispensava, quando não rechaçava, a assistência oficial.

Os paióis, acogulados de produtos agrícolas, atendiam às solicitações dos consumidores, não raro longínquos.

As moendas de cana, torneadas de jatobá, ou análoga madeira de lei, pelos seus carapinas, completavam-se com a maquinaria simples, em que se enformava a rapadura, o açúcar de barro, ou alambicava a aguardente.[146]

O algodão arbóreo, rim-de-boi, *Gossypium brasiliensis* fornecia matéria prima aos teares, manobrados por hábeis escravos, que teciam os panos destinados ao uso geral.

---

[145] Sòmente no crepúsculo do Império alcançou-se a pacificação definitiva dos bororos, que tinham recentemente destruído a residência do fazendeiro FIGUEIREDO, nas imediações do Ichuzinho e exterminado a sua família, enquanto êle mourejava na roça com os trabalhadores.

[146] As peças metálicas só foram introduzidas, quando ia em meio o século, conforme declarou A. LEVERGER, Presidente da Província em seu relatório de 13 de janeiro de 1852: "Há pouco tempo que apenas dois ou três engenhos principiaram a fazer uso de moendas de ferro".

Seleiros e forjadores cuidavam dos seus ofícios, não raro acumulados em um só operador, como igualmente alfaiates e carpinteiros.

Era um povoado que dispensava artigos de importação, além do mínimo indispensável, constituído principalmente por sal, ferramentas, bebidas e tecidos finos, adquiridos com diminuta parcela proveniente da exportação de gêneros alimentícios e de gado em pé.

O saldo anual concorria para acrescer o prestígio do proprietário, que podia ufanar-se de governar o seu domínio à maneira dos barões feudais, com a mesma supremacia na vizinhança e pompas em cerimônias comprobatórias da sua opulência.

As festanças do Espírito-Santo, em particular, maravilhavam a assistência, pelo esplendor, comparável ao de Vila-Maria, quando não lhe levasse vantagem.

Por vários dias, alternavam-se os atos sagrados com os profanos, "havendo missa cantada, corridas de cavalhadas, touros, às quais concorria grande multidão de povo", consoante relembrou J. DE MESQUITA, ao desdobrar a genealogia de sua gente.[147]

Em outras oportunidades, estadeava-se-lhe a influência política, rompente de episódios análogos ao da proteção concedida ao Dr. SABINO VIEIRA,[148] ou da defesa do distrito contra o contágio da varíola, que se alastrou pela capital e circunjacências, após o regresso das fôrças expedicionárias de Corumbá, onde adquiriram o germe morboso.[149]

De Jacobina irradiaria a gente aventureira, que tomou conta dos pantanais, entre o Taquari, o Paraguai e o Negro, onde se afazendou[150] o genro de JOÃO PEREIRA LEITE, de nome JOAQUIM JOSÉ GOMES DA SILVA, "Menino-Diabo", em moço, e barão de VILA MARIA, por decreto de 21 de junho de 1862.

Ao longe, o neto de ANDRÉ ALVES, JOSÉ ALVES RIBEIRO, ou JUCA DA COSTA, marido da viúva de JOÃO PEREIRA LEITE, MARIA JOSEFA DE JESUS, por evitar malignas conseqüências da sua participação

---

[147] JOSÉ DE MESQUITA em *Nobiliário Matogrossense*, menciona a descendência de ANDRÉ ALVES DA CUNHA, JOSÉ GOMES DA SILVA, LEONARDO SOARES DE SOUSA, JOÃO PEREIRA LEITE, e proporciona valiosas informações, de que se utiliza copiosamente êste resumo.

[148] O Dr. FRANCISCO SABINO ÁLVARES DA ROCHA VIEIRA, derrotado na revolução baiana, que chefiou, foi condenado, por sentença de 2 de junho de 1838, à prisão, comutada por degrêdo no Forte do Príncipe da Beira. A caminho de Vila-Bela, adoeceu na vizinhança de Jacobina, onde encontrou cordial hospitalidade e proteção. Oculto por algum tempo, é informação registada nas *Datas Matogrossenses de* ESTÊVÃO DE MENDONÇA, "as autoridades não querendo, ou mesmo não podendo abrir luta com o major JOÃO CARLOS, de bom ou mau grado fizeram vista grossa sôbre o caso e em Jacobina continuou a permanecer o Dr. SABINO, exercendo com muita competência a sua profissão de médico, constantemente consultado por enfermos de tôda a província". — *Datas* — 1.º vol., pág. 293.

[149] Como é sabido, a retomada de Corumbá, a 13 de junho de 1867, enlutou-se com o contágio de varíola que as fôrças expedicionárias vitoriosas levaram, de regresso, para Cuiabá, donde irradiou para a circunvizinhança. Ciente da aproximação da epidemia horrível, JOÃO CARLOS barrou a passagem na estrada, pela qual não mais transitou viajante algum de Cuiabá. E assim livrou Cáceres da terrível calamidade.

[150] A fazenda *Firme*, legitimada a 27 de junho de 1899, acusou a área de 176 853 hectares.

na Rusga de 1834, preferiu exilar-se voluntàriamente no vale do Taboco, onde se apossou de área, cuja legitimação abrangeria 244 023 hectares.

Na mesma região estabelecer-se-iam os descendentes de Estêvão Alves Correia, lavrador em Quitanda, nas imediações de Rosário-Oeste, aos quais já não agradaria a labuta naqueles rincões sobranceiros às enchentes, preteridos pelos pantanais do Aquidauana e Miranda.

Resolução igual encaminhou para as margens do São-Lourenço, no trecho em que lhe foi o título arrebatado pelo rio Cuiabá,[151] e do Piquiri, o major Metelo, possìvelmente desviado de anteriores atividades mercantis.

A estrada boiadeira pela qual enviava o seu gado aos compradores uberabenses estendia-se para leste, sem lhe transpor os limites da propriedade, até alcançar as escarpas do planalto, e prosseguia em rumo do Taboado, na travessia do Paranaíba.

Despejavam-se destarte de Cuiabá, como de Vila-Bela, onde se fixou o primeiro Estêvão Alves Correia, oriundo de Portugal, os indivíduos destemidos, a quem os pantanais proporcionavam ensejo de aplicação eficaz de suas energias.

AMANSAMENTO DOS PANTANAIS

Não obstante promissores de êxito para atividades bem orientadas, os pantanais bravios não se abriam acolhedoramente aos devassadores das suas peculiaridades, nem depois de contida a agressividade indígena.

Impunha-lhes, ao revés, iniciação trabalhosa e por vêzes martirizante, que lhes consumia as energias.

Os campos brutos, viveiros de cervos, de capivaras, de queixadas sustentavam, com a variedade sem conta da bicharia regional, onças insaciáveis, que não tardaram em freqüentar os currais e chiqueiros, ao redor das casas habitadas, onde, mais fàcilmente do que em suas tocaias aleatórias, encontravam bezerros inermes e suínos de ceva, que arrastavam para o seu comedouro.

E não raro, enfurecidas pela fome ou algum motivo ocasional, assaltavam os próprios moradores incautos, quando os surpreendiam de jeito. A caça ao felino temível resultou da própria condição fundamental de defesa, tanto dos rebanhos como dos homens.

Exercitou-se técnica especial em que se conjugaram as espingardas com a experiência dos guatós, hábeis no provocar as feras

---

[151] Ver, na *Revista Brasileira de Geografia*, ano IV — n.º I — 1942, o artigo: *Cuiabá, afluente do Paraguai*.

acuadas, e forçá-las à investida, em que as esperavam as zagaias ponteagudas, manejadas por braços destros, a cujos golpes certeiros raramente escapavam com vida.

Ao caçador indígena, capaz de atuar sòzinho com a sua lança especial, cuja ponta de osso, primitivamente usada, foi substituída pelo punhal bigúmeo de aço, apropriado a engastar-se pelo cabo ôco à extremidade da vara de madeira resistente, sucedeu a turma composta de atiradores, de pontaria segura, que escolhe a parte mais vulnerável do bicho, por onde possa a bala penetrar sem estragar o couro, auxiliado pelo zagaieiro em casos de desvio do tiro e pelos cães onceiros, adestrados cuidadosamente para tais caçadas, que exigiam dos desbravadores os mais atentos esforços, em guarda contra o perigo iminente.

Por maior que se afigurasse, todavia, não era único.

Também inúmeras cobras a cuja picada venenosa pereceram milhares de vítimas, que o empirismo dos curandeiros não lograva sarar, contribuiam para molestar os pioneiros, que de mais a mais sofriam sem remédio as sangrias sem fim causadas pelos insetos hematófagos, cujos enxames se multiplicam nas quadras propícias.

A mosquitaria em primeiro lugar.

Ainda na atualidade, quem pernoite à margem do Paraguai, ou de qualquer dos seus afluentes, não tarda em convencer-se da supremacia sinistra do agressor alado, que pousa aos bandos na pele do paciente, perfura-a com o seu órgão sugador para lhe chupar gulosamente o sangue.

Entra-lhe pelos ouvidos, pelas narinas, e até pela bôca, à hora das refeições, quando aberta ràpidamente para receber a comida, com a qual se mistura, à maneira de condimento inesperado.

Os próprios quadrúpedes definham em curto prazo, ou buscam proteção nas aguadas e lameiros, em que se chafurdam os suínos.

Impacientes, os eqüinos e bovinos não cessam de patear e rabear, em movimentos defensivos, que aniqüilam milhares de agressores, logo substituídos por maior número de companheiros sedentos.

Exaustos, deixam de pastar, emagrecem ràpidamente e por fim sucumbem, se não podem afastar-se da orla malignada pelo minúsculo inimigo, individualmente débil, mas invencível pelo número assombroso de suas legiões azucrinantes.

Para lhe conter a fúria agressiva, fez-se mister o uso do mosquiteiro, protetor de rêdes, mais freqüentemente usadas do que as

simples camas, e a fumaça no interior das habitações, cujo ambiente se tornava tão incômodo que os insetos não lhe resistiam.

Pereciam, quando não conseguissem a tempo fugir, desprezando as vítimas que se contentassem em respirar o ar viciado, para lhes evitar as sangrias debilitantes.[152]

Não se resumia, contudo, a luta em arrostar os inimigos vivos, cuja resistência tendia a diminuir, à medida que se avolumasse a população. Maior, e mais indomável, avultava a supremacia do clima, propício à criação bovina, embora menos favorável à presença humana.

A taxa de natalidade não distanciará grandemente de 20 %, que permite aumentar ao dôbro o rebanho, de cinco em cinco anos,[153] e às vêzes em menor prazo.

A vida estua, exuberante, na pradaria sem fim, no arvoredo, que se decora das mais atraentes flores, nos ares, que os pássaros sonorizam com os seus vôos e cantos, enquanto não caem, ao findar agôsto, as primeiras chuvas, denominadas de caju, em Cuiabá, por estimularem a frutificação da prestante anacardiácea.

Alvoroça-se de pronto o gado, antes sereno e confiado.

Como que às ventas lhe chega o atraente cheiro dos barreiros umedecidos de fresco.

Ao sobrevir a segunda precipitação, já mal se contém, e, no rasto da primeira rês, que se afoita a deixar a fartura do pantanal, encordoam-se as manadas, ansiosas de regressar às *cordilheiras*, ou lombadas onde, por instinto, ou ensinadas pelos criadores, sabem que não serão maltratadas pelas enchentes próximas.

---

[152] O exemplo mais expressivo resultou da iniciativa de um dos descendentes, em 7.º grau, de ANDRÉ ALVES DA CUNHA, o bacharel OTÁVIO DA COSTA MARQUES, que, ciente dos processos americanos observados em Pôrto-Velho, estação inicial da E. F. Madeira-Mamoré, edificou a sua casa em Pôrto-Joffre, à margem do Cuiabá, onde a concentração dos culicídios impedia o povoamento.

Os resultados que observara à beira do rio Madeira, onde apropriada técnica de construção, de harmonia com a aplicação de preceitos profiláticos, tornou exeqüível a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, em várias tentativas anteriores impedida pelos alados transmissores da malária, ensinaram-no a altear o soalho à maneira de habitações palafitas, e entelar tôdas as aberturas das paredes, fôssem janelas ou portas em tambor, para melhormente vedar a entrada ao importuno sugador de sangue humano.

A gaiola erguida em pleno pantanal protegeu os seus moradores, além de servir de modêlo aos vizinhos.

[153] Sirva de exemplo a Baía-das-Pombas, fazenda constituída pela sesmaria, que lhe deu o nome, acrescida com as contíguas, de pantanal baixo e terreno firme.

Adquiriu-a, em fins de 1890, o coronel VIRGÍLIO A. CORREIA, que lá encontrou 1 350 reses, por 18:000$000.

Aumentou-lhe o número com 600 cabeças compradas no Angico, e mais tarde, 1 610 do Triunfo, cujo transporte aumentou o custo (12:654$000) de cêrca de 10% (1 243 200).

Ao encerrar o segundo quatriênio, a transmissão à firma Barros & Arruda, a 28 de outubro de 1899, proporcionou ensejo de cuidadosa contagem, consoante a qual as 3 560 reses permitiram a venda, em várias ocasiões, de 3 720, superior ao rebanho inicial, ao passo que ainda permaneciam nos rodeios, 7 635 cabeças, devidamente gisadas.

Pescaria no rio Negro. Em 1,20 hora foram colhidas 110 piranhas. Maior número será obtido em qualquer redada, no rio Cuiabá, quando seja propícia a quadra para a pesca de pacus, piraputangas, pacupebas e lambaris.

Pantanal do rio Negro. Onça pintada, entre duas zagaias, das que se usam em caçadas semelhantes, para apoio e defesa de quem não acerte o tiro mortal. Ferida e enfesada, a fera imediatamente reage, saltando sôbre o atirador, que será estraçalhado, se os zagaieiros não a rechaçarem com as suas armas possantes.

Pelos campos em fora, ou através dos cambaràzais, que orlam, em geral, o pantanal baixo, acompanhando a direção dos rios, trotam os bovinos, como se invisíveis vaqueiros os tangessem apressadamente para os refúgios sobranceiros às inundações, durante as quais o cerrado, próprio de arenoso terreno submetido por longos meses a exsicação intensa, lhes fornece as forrageiras suficientes para o seu sustento.

É a transumância, que se pratica, sem a terminologia usual em Portugal e outros países europeus.

Nem acusa desnível comparável ao que anualmente percorrem os pastôres alpinos com os seus rebanhos de ovelhas, da planície aos altos das montanhas.

O deslocamento periódico do gado nos pantanais verifica-se de maneira diversa, entre curvas de nível cujo largo espaçamento horizontal denuncia ausência de elevações pronunciadas.

Quase imperceptíveis ao observador incauto, apenas se retratam na transformação da vestimenta vegetal, higrófila na chanura descampada, que as águas afogam anualmente e semixerófila nos *firmes*, a cavaleiro das alagações, que raramente as alcançam, quando as vagas dos repiquêtes as varrem passageiramente, nos paroxismos das cheias descomunais.

Na *batida* do gado andejo seguem os vaqueiros, também egressos da área que em breve prazo a enchente amantará.

Recolhem-se às habitações erguidas em terreno que a sobranceie, e onde permanecerão durante os meses de maiores chuvas, propícias à lavoura, de que então cuidam, para o consumo local.

A umidade exagera-se ao máximo, agravada pelo calor, que se exerce em ampla superfície líquida, onde, não raro, a temperatura da água sobrepuja a do ar, tornando-se imprópria a desalterar a sêde humana.

A conjugação das duas componentes climáticas eleva o grau da tropicalidade, indicado pela temperatura do ar, mais o dôbro da tensão do vapor d'água.

E torna molesta a permanência do homem, contra cuja resistência orgânica operam imponderáveis agentes destruidores.

E quando, por falta de abrigo ao longe, ou adstrito a imperativos econômicos, permanece o homem à beira do barranco, onde edificou a sua casa, valendo-se da lombada ligeiramente mais alta que a depressão contígua, para a qual transbordam os rios empanzinados, a sua permanência, por meses seguidos, no reduto que as águas inundantes sitiam, toma feições heróicas.

A luta não se atenua um só dia.

No terreno encharcado, os próprios quadrúpedes aniqüilam-se, inexoràvelmente sugados pelos hematófagos, cujo número se conta por milhares.

Quando anormais, as alagações até enxotam os galináceos para as árvores e cumieiras das casas, onde aguardam apenas a possibilidade de patinar pelo solo, sem perigo de serem abocanhados pelos jacarés, jibóias e sucuris, que se multiplicam na ocasião.

Não raro, as montarias, para maior facilidade e serventia, amarram-se no batente da porta externa, que o banzeiro lambe, com as suas ondinhas.

Do rancho à roça, ou a alguma outra moradia vizinha, o transporte só se faz no bôjo das canoas, que também servem para as pescarias fornecedoras do alimento basilar na culinária ribeirinha.

PESCARIAS

Em compensação aos danos causados pela variedade incontável da bicharia regional, da formiga à onça, os rios franqueiam aos apreciadores os viveiros dos seus peixes, em qualquer quadra do ano.

Nas enchentes, quando as águas se turvam, as linhadas resistentes e longas vão buscar ao fundo dos poços os jaús, de cabeça desproporcionada ao corpo amarelo-azeitona, mosqueado de anéis escuros, os pintados, assim os cambuçus, zebrados de listas negras transversais, como os cacharas, de manchas pretas distribuídas irregularmente pelo corpo, e outras espécies de peixe liso, de tamanho reduzido, que vão da jeripoca e jerupensem ao pequeno bagre.

Aquêles, os maiores denominados de couro, que os reveste, em vez de escamas, ainda sucumbem de maneira diferente.

À proa de leve montaria, vagarosamente impelida pelo parceiro, com o remo à pôpa, simples candeia, com a mecha de algodão embebida em azeite de peixe, pontilha de rubro alaranjado a escuridão, atraindo a curiosidade do surubim que se aproxima, descuidado, até chegar ao alcance da fisga hàbilmente manejada pelo arpoador, que o fere com o seu pontaço agarrativo, e recolhe-o sem demora, dominado, ao bôjo da embarcação.

Outros, como o *barbado*,[154] dispensam maiores esforços de quem os procure, e conhecendo-lhes as manhas, deixam-lhes à noite a isca preferida.

E pela manhã, basta colhêr a linhada, que ficara presa a galho flexível de planta marginal, e em cuja extremidade já não se defenderá o malhado alvinegro, lasso das suas inoperantes tentativas de fuga, ao sentir-se preso ao anzol traiçoeiro.

Ao declinar das águas, aumenta o número das espécies de escama, cuja abundância gerou a indústria fácil do azeite de peixe, especialmente no município de Santo-Antônio, em cujos limites finalizam os pantanais, a nordeste.

---

[154] *Pimelodus piranampus*, Cuv.

Às praias extensas, suavemente inclinadas, recolhem-se as rêdes, que, distendidas com perícia, cercam numerosos grupos de lambaris,[155] piquiras[156] e seus perseguidores de maior porte, entre os quais sobreleva o dourado.[157]

Especialmente nas ocasiões de *lufada,* quando se lhes verifica o êxodo, águas acima, à procura de lugares tranqüilos para melhor perpetuação da espécie.

Em tais ocasiões, avulta de tal maneira a abundância, que os conhecedores do fenômeno dispensam aparelhos especiais de pesca.

De canoa, iluminada na proa, flanqueiam os cardumes em marcha e manobram para aproximá-los do barranco.

Em momento propício, basta o som da pancada no fundo da embarcação para que, atarantados, o mêdo ao inimigo, que os persegue em tôda a peregrinação, desperte-lhes o instinto de defesa, mal orientado.

Em vez de se aprofundarem, começam a saltar desordenadamente, cada qual mais apressado em fugir ao perigo que pressentiram.

E caem, às centenas, no bôjo da canoa, cuja carga, obtida sem maiores esforços, e com rapidez, taxões em breve recebem para a extração de azeite, a que se aplica a indústria regional.

De caráter doméstico, sem dúvida.

Não obstante desprovida de melhores cuidados para afinamento do produto e diminuição de desperdícios, contribui para a manutenção de muitas famílias ribeirinhas, a quem proporciona meios de troca, por outras utilidades, de que hão mister, além de fornecer lubrificante de uso generalizado nos estabelecimentos rurais dos municípios vizinhos.

A época da fabricação coincide com a das *lufadas,* têrmo vernáculo de outra significação alhures, que em Cuiabá e Rio-Abaixo corresponde ao piracema indígena, para denominar a migração de milhares de peixes, buliçosos e fáceis de pegar, para consumo culinário e industrial.

Onde haja piranha,[158] torna-se, porém, quase inútil a rêde, cujas malhas não lhe resistem aos dentes afiadíssimos.

Abre fàcilmente passagem para a fuga, de que se aproveitam outras espécies menos combativas e audazes.

É, aliás, o carniceiro insaciável, que mantém à distância os demais viventes dos pantanais.

Pelo tamanho, regula medir 20 a 30 centímetros de comprimento, e pouco menos de largura, por se aproximar de formato ligeiramente elítico.

---

[155] *Tetragonopterus rutilus,* JE.
[156] *Characidium fasciator,* RHEINH
[157] *Salminus maxillorus,* CUV.
[158] *Pygocentrus pyraia,* CUV.

Possui navalhas possantes na bôca e a decisão de empregá-las a qualquer momento.

Quando abundam, como pelo Cuiabá, à medida que se avizinha do Paraguai, onde lhes cresce demasiado o número, nenhum banhista prudente se expõe aos seus golpes terríveis.

E quando a primeira dentada acerta em sangrar, imediatamente a vítima se vê agredida por dezenas e centenas de bôcas anavalhantes, a que fatalmente sucumbirá, se não conseguir safar-se a tempo.

Não é raro, por isso, em travessias de rios, ou corixos, por boiadas, desaparecer alguma rês, em breves momentos reduzida ao simples esqueleto pela voracidade incrível das ágeis agressoras.

As vacas de cria, em certas zonas dos pantanais, quando se apressam em forragear-lhes as gramíneas tenras, antes que cesse a enchente, se incautamente penetram nas baixadas ainda meio submersas, de modo que as águas lhes alcancem o úbere, freqüentemente se inutilizam para a procriação, mutiladas nas tetas, cuja ablação rápida não lhes permite ensejo de defesa.

Incapazes então de sustentar as suas crias, sòmente servirão para o corte, a que são encaminhadas.

A estatística não se ocupou ainda de registar as cifras indicativas do fenômeno, que os fazendeiros conhecem por experiência própria e a que devem prejuízos variáveis, conforme a topografia e abundância local das piranhas, cuja utilização culinária não compensa os males causados pela sua dentuça ferina.

Maior valor nutritivo, terão ou, pelo menos, mais apreciadas serão outras espécies, como as piraputangas,[159] habituadas aos ceveiros, onde são colhidas à hora precisa, a matrinchã [160] mais vasqueira, a pacupeva,[161] cujo formato imita prateado disco, e, principalmente, o pacu [162] saboroso, em cuja pesca tanto será usada a rêde, como o anzol, ou a frecha, à maneira indígena, quando se dispersam pelos pantanais alagados, à procura das árvores de sua predileção, a cuja sombra se abrigam, pascendo entre as ervas, à espera da queda das frutas apetecidas.

Quando seja escassa a profundidade, inferior a um metro, o olhar experiente do observador distingue-lhe o dorso escurecido, que o frecheiro leva em mira, de bordo de sua leve montaria, que em pouco se enche de pescado.

Dessa forma, ou de outra apropriada, a abundância dos rios mantém a fartura da cozinha dos ribeirinhos, desde os ranchos provisórios, cujos moradores, estabelecidos recentemente, não tiveram ainda tempo de aumentar a sua criação de terreiro, até as fazendas

---

159 *Chalceus hilarii*, Cuv.
160 *Characinus amazonicus*, Spix.
161 *Myletes duriventris*, Cuv.
162 *Myletes edulis*, Cuv. Val.

pastoris e usinas açucareiras, a cuja mesa o pescador, escolhido pela sua perícia, fornece diàriamente a quantidade de peixe proporcional ao número de comedores.

A opulência ictiológica manifesta-se de tal maneira nos pantanais, que ainda sobeja para abastecer o mercado matutino da capital, a que aportam, pela madrugada, os "charutos", pejados de piraputanga, pacu, piava, dourado, matrinchã, quando não sejam os peixes desprovidos de escamas, desde o bagre até o pintado [163] e, mais que todos, o cabeçudo jaú.[164]

Constituiram até recentemente o alimento predileto da classe pobre em Cuiabá, além de nutrir a maioria da população ripícola de tal maneira que os tecidos humanos se impregnam de odor característico.

Não será único por ventura o caso sucedido a exímio operador que, ao praticar em uma das suas clientes do Rio-Abaixo urgente laparatomia, ficou surprêso ao espalhar-se no ambiente cheiro especial, como se estivesse examinando as vísceras de algum peixe.

RIO SERVIÇAL

Para que se desenvolvesse, em tamanha proporção, a ictiofagia, a que deve a capital o sustento de grande parte da sua população, como também ocorre em Santo-Antônio, Cáceres, Corumbá, Aquidauana, e ao longo dos barrancos, onde se encontrem moradores, dispersos, ou agrupados, era mister que sobejasse a variada fauna do Paraguai e seus afluentes, entre os quais se extrema, por êsse aspecto, o Cuiabá.

Nenhum outro se lhe equipara, na abundância do pescado, cuja qualidade se apropria ao gôsto mais exigente.

Os rios, com os transbordamentos periódicos, que lhes ampliam desmedidamente o âmbito, favorecem a multiplicação das espécies, espalhadas pelas baías e lagoas, onde enxameiam à larga.

A sua função prestadia, porém, não se restringe a proporcionar repasto nutritivo aos ripícolas, circunstância só por si bastante para lhe caracterizar o concurso de agente antropogeográfico, estimulante do povoamento dos pantanais.

Outra, de alta monta, ainda desempenharia, ao franquear ao trânsito humano a excelente rêde de vias fluviais de comunicação, que se ramificam de uma e de outra margem do Paraguai.

---

[163] *Pseudoplatystoma corruscans*, Ag.
[164] *Paulicea lutkeni*, Steind.

Com os arroubos próprios de propagandista da anexação da bacia imensa aos domínios de seu rei, F. DE AZARA qualifica-lo-ia de "el mejor rio del mundo".[165]

Não maravilha que à sua margem se adensassem as populações indígenas, encontradas pelos primeiros viajantes europeus, que lhes aceitaram a toponímia.

Embocaram pelo estuário, que mudaria mais de uma vez de nome, à míngua de contacto com os ribeirinhos intratáveis, a cujos golpes pereceu JOÃO DIAS DE SOLIS.

Primeiramente, rio de Santa-Maria,[166] depois rio de Solis, homenagem prestada pelos companheiros do inditoso pilôto português a serviço da Espanha, e por fim, rio da Prata, em lembrança de artefatos de prata ali encontrados e por engano atribuídos a minas circunjacentes, quando, na realidade, provinham das lavras andinas.

Paraná-guaçu era a sua denominação em linguagem dos guaranis, que persistiu, no trecho a montante, como igualmente a do seu parceiro e concorrente ao primado hidrográfico, Paraguai.

Qual dos dois seria o principal?

Dessa questão não cogitaram os ádvenas, que perfilharam a toponímia expressiva dos naturais, denunciadora da preferência outorgada ao galho oriental, cujo título se mantinha até o litoral— Paraná —, ao passo que o da esquerda se denominava Paraguai.

Mais tarde verificar-se-ia que se alongava êste sem inflexões excessivas, enquanto o primeiro drenava maior bacia hidrográfica e provinha de manadeiros mais altos.

A aparência na confluência justificava a opinião dos rudes hidrógrafos, a quem se afiguraria mais volumoso o Paraná, confrontado com o Paraguai, cuja supremacia antropogeográfica, todavia, logo se evidenciou.

Atraídos pela miragem do ouro, que fulgia ao Poente, onde o séquito de PIZARRO se enriquecera de repente à custa das reservas metálicas dos Incas, os devassadores espanhóis do estuário platino desprezaram a via considerada mais calibrosa e remontaram a outra, em cuja margem se lhes deparou em grande cópia a bugralhada surprêsa.

Alcançam e ocupam a Lambaré dos guaranis, cuja paliçada se mostrara eficaz contra os assaltantes de iguais armas.

---

[165] F. DE AZARA, diplomado pela academia militar de Barcelona, onde adquiriu conhecimentos de astronomia e ciências naturais, alistou-se em uma das comissões demarcadoras de limites entre as colônias de Portugal e Espanha.

Estanciou longamente, desde fevereiro de 1784, em Assunção, donde partia de contínuo para as suas excursões exploradoras, cujos resultados lhe proporcionaram matéria para obras consagradoras do seu mérito.

As idéias imperialistas que lhe abrasavam o entusiasmo constam de vasta correspondência a respeito, especialmente da carta de 19 de janeiro de 1793, em que preconizou a conveniência, para o govêrno espanhol, de tomar Coimbra e Albuquerque, donde seguramente conquistaria "las minas de Cuiabá e Mato-Grosso".

Ver *As raias de Mato-Grosso* — Vol. III — de V. C. F.

[166] V. F. M. ESTÊVES PEREIRA — *O Descobrimento do Rio da Prata*, em *História da Colonização Portuguêsa do Brasil* — Vol. II.

E aí, já auxiliados pelos naturais, fundam, a 15 de agôsto de 1537, a cidade de Assunção, predestinada a desempenhar papel memorável na conquista da hinterlândia.

Quando a abortícia Buenos-Aires fracassou, como indício da primeira tentativa de colonização européia no estuário, foi Assunção que proporcionou abrigo e salvamento aos remanescentes da desditosa expedição povoadora.

De sua gente, partiu ainda águas abaixo o grupo decidido, que nucleária na tapera de D. PEDRO MENDOZA a povoação afinal abrolhada à margem meridional do rio da Prata.

Investida maior, entretanto, ocorreu, ao arrepio das águas, quando diligenciavam os forasteiros abrir comunicação para as estonteantes riquezas andinas.

De JUAN DE AYOLAS e seu locotenente IRALA, a NUFLO CHAVES, fundador de Santa-Cruz-de-la-Sierra,[167] sucedem-se, no primeiro século, as tentativas de penetração, para noroeste, a partir de Assunção, inquieto centro de irradiação de energias castelhanas, à procura de aplicações lucrativas, como outrora ocorrera com os guaranis seus antecessores no domínio do imenso território, distendido de um lado, rio acima, até as elevações ocidentais, e para o nascente, ao longo do caminho terrestre do *peabiru*, que se esgalhava em dois ramos, antes de terminar à beira do Atlântico, tanto nas imediações de São-Vicente, como de Cananéia.[168]

O malôgro das expedições, esbarradas por outras, igualmente castelhanas, que desciam dos Andes, causaria o refluxo para leste [169] onde entrariam em contacto e concorrência com o arrôjo mamaluco vindo de Piratininga.

Transpunham os bandeirantes o alto Paraná e, rumo ao Poente, ganharam águas do Paraguai, que policiavam desde fins do século XVII.

---

[167] NUFLO CHAVES, nomeado chefe da nova Gobernación de Moxos retomou o caminho que percorrera anteriormente e ao galgar as cabeceiras do rio, fundou, a 21 de fevereiro de 1561, a cidade de Santa-Cruz-de-la-Sierra que lhe deveria servir de sede governativa.

V. ANGELO SANDOVAL — *La obra de Nuflo de Chaves* — en *Boletim de la Sociedad Geografica Sucre* — Maio de 1941.

[168] Êsse caminho, consoante apurou W. Luís, via primitiva de comunicação precolonial, era chamado Peabiru, ou Piabiyu pelos índios, e caminho de São-Tomé pelos jesuítas...

... "Êsse caminho existia, e muito batido, com uma largura de 8 palmos, estendendo-se por mais de 200 léguas, desde a capitania de São-Vicente, da costa do Brasil até as margens do rio Paraná, passando pelos rios Tibaji, Ivaí, Piquiri".

... "A célebre estrada partia de São-Paulo e nas cabeceiras do Tibaji bifurcava-se, indo um galho para os Patos e outro em direção ao rio Paraná, sendo êste pròpriamente o chamado caminho de São-Tomé".

Por êsse caminho andou CABEZA DE VACA com uma tropa de 200 homens e 27 cavalos, por 1542, e nêle encontrou o índio MIGUEL, que vinha de Assunção com destino ao Brasil".

WASHINGTON LUÍS — *Antônio Rapôso — Rev. Inst. Hist. de São-Paulo* — Vol. IX.

[169] Por não encontrarem jazidas auríferas no vale do Paraguai, contentaram-se os seus conquistadores civilizados em firmar posse mediante a fundação de Santiago-de-Xerez, à margem do Emboteteu, (Aquidauana) e as vilas que os bandeirantes assaltariam na província de Guaíra.

Mais ditosos, nesse particular, que os aventureiros de outra procedência, em uma das arrancadas pelos sertões desconhecidos encontraram cascalho aurífero no Coxipó, em cujas imediações se chumbaram.

Tal ocorrência alterou completamente a evolução regional, que não mais se articularia a Lambaré precolumbiana, como seria inevitável, se, em vez da bandeira de Pascoal Moreira Cabral, coubesse a Nuflo Chaves a descoberta sensacional, à procura da qual consagrou a sua atividade sertanista, atalhada por traiçoeiro golpe mortal.

O ouro de Cuiabá deslocou então o pólo de atração povoadora, de Assunção, a jusante dos pantanais, para a sua extremidade setentrional que se abeirava das lavras famosas.

RECONHECIMENTOS HIDROGRÁFICOS

Da sucessão inesperada, que tornou longo trecho do Paraguai, acima da foz do Miranda, freqüentado pelas monções paulistas, onde século e meio antes começaram a rarear as embarcações castelhanas até sumirem de todo, resultou o melhor conhecimento da rêde fluvial revelada pelos piratininganos, que se valiam da via excelente de comunicações, para a ligação com o litoral, do arraial cuiabano sem tardança elevado a vila.

A evolução cartográfica evidencia a preceito quanto já se olvidaram os ensinamentos empíricos dos contemporâneos de Irala, em contraste com a segura experiência dos cuiabanos.

Assim foi que, diplomàticamente homologada a expansão bandeirante pelo tratado de Limites de 1750, negociado pelo descortino pacifista de Alexandre de Gusmão, coube ao sargento-mor José Custódio de Sá e Faria, por parte de Portugal, e D. Manuel Antônio Flores, capitão de fragata da real armada e primeiro comissário espanhol, a incumbência de chantarem na foz do Jauru o marco de escolhida rocha lusitana, trazido de propósito para assinalar a fronteira.[170]

A 21 de setembro de 1753 saltaram em Assunção com os respectivos colaboradores, entre os quais se incluiam profissionais de reconhecido saber.

---

[170] A partida lusitana compunha-se de José Custódio de Sá e Faria, sargento-mor de infantaria, com o exercício de engenheiro, e primeiro comissário; o doutor Miguel Ciera, cosmógrafo; Gregório de Morais e Castro Pimentel, 2.º comissário e capitão de infantaria; João Bento Pithon, ajudante de infantaria com exercício de engenheiro e cosmógrafo.

Manuel da Silva, tenente de infantaria e comissário.

Além de capelão, cirurgião e auxiliares.

A castelhana apresentava-se com:

D. Manuel Antônio Flores, capitão de fragata, 1.º comissário; D. Atanazio Varanda, tenente da real armada, 2.º comissário, cosmógrafo.

D. Alonso Pacheco, alferes de navio e cosmógrafo.

D. Manuel de la Quintana, tenente de infantaria com o mando de 24 soldados.

P. José Quiroga, capelão do exército, cirurgião e auxiliares.

Por mais de mês ali permaneceram à procura de embarcações apropriadas e prático do rio.[171]

Nenhum havia, suficientemente idôneo.[172]

Afinal descobriram um português,[173] que lhe sulcara as águas, ao fugir de Cuiabá, onde por ventura, além da sua experiência própria, ao perlongá-la, ouviria de contínuo referências à via fluvial, que nenhum outro morador de Assunção conhecia, consoante apuraram os expedicionários de alta graduação.

Dessa memorável demarcação, abortícia embora, resultou o primeiro reconhecimento, efetuado com critério científico, do extenso rio, cujas peculiaridades se depararam aos observadores sagazes.

Aplicado o princípio da divisão do trabalho, cuidava cada qual de anotar os aspectos com que deveria contribuir para coordenação minudenciosamente descritiva.

Diàriamente registavam a temperatura e pressão, além da latitude, que a trechos calculavam, acompanhada de longitude nos pontos principais.

A sondagem freqüentes vêzes e estimativa da largura definiam a corrente, que sulcavam, mais por fôrça de remos do que à vela, usada quando o vento os favorecia.

A vegetação das margens, bem como os temíveis selvícolas [174] cujos aldeamentos por vêzes se abeiravam do rio, os desaguadouros de baías, de tudo se ocuparam os demarcadores.

Especialmente do relêvo.

A planura sem fim, raramente interrompida por elevações, como a do Fecho-dos-Morros, que não se nomeava ainda desta maneira, embora já fôssem individualizados os Três-Irmãos e o Pão-de-Açúcar.

Adiante, outra morraria, lobrigada a 5 de dezembro.

---

[171] A Partida portuguêsa conseguiu quatro barcos, "duas faluas, das mais ligeiras que trouxeram da Colônia", e três canoas, tôdas bem armadas.
A castelhana ocupou cinco embarcações em que saíram de Buenos-Aires e mais três canoas.

[172] "Logo que se chegou a esta (Assunção), o comissário de S. M. C. (M. A. Flores) em conformidade com o art. 3.º das Instruções pediu ao capitão general práticos para continuar a viagem até a bôca do rio Jauru; porém depois de esquisitas diligências não se achou em tôda a província quem tivesse feito esta navegação, nem notícia de que espanhol algum daqueles que os mais velhos conheceram desse razão do que se pretendia, só se encontrou um velho, que exercitou aqui o emprêgo de mestre de campo, o qual em perseguição dos índios inimigos, se alargou mais até a bôca do rio Embotetei; não era possível que o dito mestre de campo fizesse viagem porque além da falta de vista estava sumamente caduco e enfêrmo" (Relatório dos comissários).

[173] "Achava-se em a província nesta ocasião um português, que foi vizinho do Cuiabá e Mato-Grosso, e veio pelo rio Paraguai fugitivo; êste recolheu o comissário da Partida portuguêsa e o levou nas suas embarcações" (Relatório).

[174] A princípio, os indígenas aproximaram-se tendenciosamente dos expedicionários, a quem até se ofereceram como práticos. Recusado o auxílio, continuaram a tratá-los amistosamente.
Nas imediações do Pão-de-Açúcar, porém, os guaicurus quiseram entabolar troca de produtos, desde que saltassem embarcadiços desarmados. Apenas lograram abater um dêstes, consoante informou o relatório: "um marinheiro espanhol comprou uma ovelha; o índio que lha vendeu, tanto que viu ao dito marinheiro com ela nos ombros e separado dos seus companheiros, chegou por detrás, e lhe deu com uma macana em a cabeça de que caiu morto".
Daí por diante não mais se aproximaram do barranco.

"Estas serras de uma e outra parte, informaram os comissários, formam estreito em o rio no qual sondamos, e havia 15 pés (de rei) de água em fundo de barro, e nas margens havia pedras: chamamos a êste estreito de São-Francisco-Xavier".[175]

Constituem o maciço calcáreo, que flanqueia o Paraguai pela direita, arqueando-o para leste, entre as latitudes de 19º e 20º.

Ao raiar o ano de 54, ainda anotaram, depois de passarem a lagoa de "Yaybá, ou de água mala" e a de Uberaba: "aqui se perdeu de vista a serrania ou cordilheira ocidental a qual principiou defronte da barra do Emboteteu, e a chamamos São-Fernando".

Para alcançarem porém, a região lacunar, tiveram que aligeirar a expedição,[176] nas imediações da bôca do Paraguai-Mirim, onde os esperava o contingente enviado de Cuiabá.[177]

Auxiliados por sertanistas avezados ao trânsito para Cuiabá, como em rumo do Jauru, deixaram, à direita, o galho oriental, pelo qual iriam à vila, e embocavam pelo outro, em cuja margem se lhes deparou a 7 de janeiro "um sêrro, muito povoado de árvores, e lhe chamam os práticos do Cuiabá o sêrro da Melgueira, por que se acha nêle muito mel de abelhas silvestres, que o fabricam em as árvores".[178]

No dia imediato, outro, "de pedras escuras, sem árvores, pelo que lhe chamavam os práticos de Cuiabá sêrro Pelado, ou morro Escalvado".

A toponímia denunciava o conhecimento pontual adquirido pelos cuiabanos, que freqüentavam as rotas fluviais desconhecidas aos moradores de Assunção.

Até na escolha do local mais apropriado a receber o marco trazido de Portugal, prevaleceu a indicação derivada de Cuiabá.

Pelo Jauru, navegaram os comissários, além de duas léguas, onde encontraram outra comitiva de socorro, enviada pelo capitão-general de Mato-Grosso.

No pontal, que examinaram mais detidamente, só encontraram "terra frouxa e baixa, que alagam as enchentes e assim pelo

---

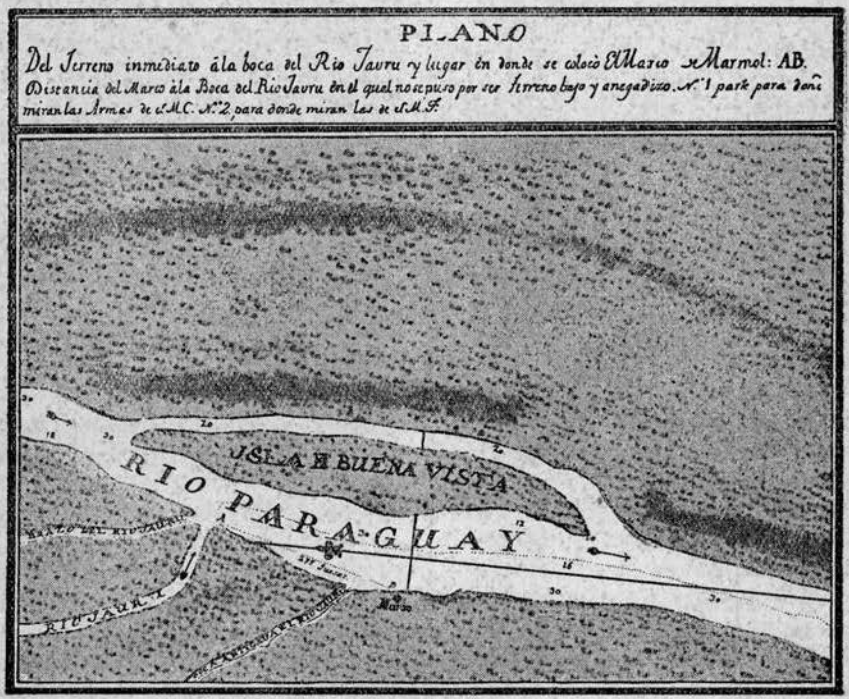
[175] Relatório dos comissários. Êsse "estreito" foi causa do engano do capitão MATIAS que o tomou pelo "Fecho-dos-Morros", onde lhe cabia fundar o Forte de Coimbra.

[176] Cientes, pelos conhecedores da região, que lhes estavam à espera na bôca do Paraguai-mirim, das conveniências de reduzir o carregamento, "determinaram de comum acôrdo fazer o resto do caminho os dois (comissários) com o astrônomo da Part'da de S. M. F. e o geógrafo de S. M. C. encarregando-se o comissário daquela do que tocava ao diário e geografia, e o desta ao que pertencia à astronomia e diário. Também determinaram levar um capelão e cirurgião e que se pusessem as pedras que compunham o marco em quatro barcos, os mais pequenos e ligeiros, por serem quatro as pedras grandes, que não se podiam transportar em as canoas que traziam, nem em as do Cuiabá, sendo muito mais difícil ir em balsas que caminhar em as embarcações maiores".

[177] "As 9 horas e meia (de 13 de dezembro) nos deu vento fresco pela proa, e a êsse tempo avistaram as nossas canoas as de Cuiabá, que nos estavam esperando em a bôca do Paraguai-mirim, ou pequeno, e pouco depois veio a nossas bordas em uma canoa de guerra, com sua peça de amiudar, e dez soldados de guarnição, o alferes de dragões da Companhia do Cuiabá, FRANCISCO XAVIER DA HORTA, o qual nos disse que havia bastantes dias que nos estavam esperando com algumas canoas de víveres, que enviava o capitão-general de Mato-Grosso, D. ANTÔNIO ROLIM DE MOURA, com o fim também de que nos acompanhassem até a bôca do rio Jauru". (Relatório)

[178] Relatório citado.

não expor a que se enterrasse ou caísse", resolveram afastar o marco para uma tapera, sensìvelmente mais alta, "sôbre as ruínas de uma casa, onde viveu alguns anos um português com sua família natural de Cuiabá, persuadidos por isto de que estava seguro de inundações".



Mapa que indica o local em que foi implantado, em 1754, o marco do Jauru, hoje erguido em uma das praças públicas de Cáceres, para onde foi transportado.

Terminada a ereção do marco, mediante o qual surgiu do seio dos pantanais singular monumento de rocha estranha, hàbilmente afeiçoada por escultores lusitanos, rodaram os expedicionários contentes por terem ultimado a sua tarefa.

E ainda foram, de regresso, retocando os apontamentos que lhes permitiram a elaboração de minucioso relatório, opulento de informes geográficos e históricos, mas destinado a sepultar-se nos arquivos das chancelarias.[179]

Da comissão castelhana, todavia, participou, feito capelão, o padre José Quiroga, jesuíta, que não deixaria de anotar quanto lhe ferisse a vista na longa peregrinação, ou ouvisse dos companheiros europeus, e dos sertanistas cuiabanos.

---

[179] O relatório dos comissários foi ùltimamente dado a lume, pelo coronel Leopoldo Néri da Fonseca Júnior, em seu valioso ensaio — *Fronteiras do Setor Sul.*

Com os elementos colhidos, conseguiu elaborar a *Descripción del Rio Paraguai*[180] por ventura o primeiro ensaio acêrca do rio histórico.

Da confluência do Jauru, para jusante, sai-lhe informativa a exposição, de que rompe, entretanto, a declaração de total desconhecimento do trecho superior.

"Desde el Xaurú arriba no sabemos que rios de consideración entran en el Paraguay; pero es de crer que le entran algunos per la parte del este, pues cuando llega al Xaurú ya viene caudaloso".[181]

Enquanto, porém, o jesuíta se contentava em descrever a região percorrida, o comissário espanhol, FLORES, deligenciou conhecer as condições econômicas e políticas da Capitania, ao inquirir dissimuladamente "más de 150 hombres, entre indios, mestizos, mulatos y negros, que vagavam em ellas, procurando no descubrir en mis conversaciones el cuidadoso deseo de averiguar lo interior del terreno"...[182]

E logrou o que pretendia, por maneira que a sua carta de Buenos-Aires completa a monografia do inaciano.

Êste cuida mais do pinturesco do quadro; aquêle, da sua utilidade político-econômica. Um é o curioso excursionista, mais adstrito aos deveres do seu culto; outro, espião de alto coturno, é o delegado do monarca, de quem traz recomendações reservadas, em obediência às quais se faz confessor leigo de todos os súditos portuguêses de quem se aproxima.

E assim pejou o documento de interessantes informações acêrca da capitania, cuja existência lhe causou admiração.

Em verdade, iniciado pela iniciativa particular dos sertanistas, que estacaram entre o Cuiabá e seu afluente Coxipó, seduzidos pela miragem de ouro, o povoamento daquelas paragens remotas maravilhava os forasteiros, do naipe do primeiro comissário espanhol, que não saberiam bem compreender e explicar o fenômeno da expansão bandeirante, contra a qual bastaria a fundação de um baluarte contrário em "la punta de lomas, frente del Embotetey".[183]

Que não errava, indiretamente provou a iniciativa de LUÍS DE ALBUQUERQUE, ao antecipar-se aos vizinhos, na fortificação de pon-

---

[180] A obra do padre JOSÉ QUIROGA — *Descripción del Rio Paraguai*, foi publicada, em apêndice, à versão latina da *História do Paraguai*, do padre CHARLEVOIX e também na *Colleción de Obras y Documentos* de PEDRO DE ANGELIS.

[181] Vem a ponto relembrar, de passagem, que à data da sincera confissão de ignorância do padre J. QUIROGA, no tocante à hidrografia, acima da bôca do Jauru, já SOUSA DE AZEVEDO havia sulcado o Cipotuba, da barra às cabeceiras, donde, transposto o divisor, continuou a viagem aventureira pelo Arinos, e Tapajós, e só parou em Belém.

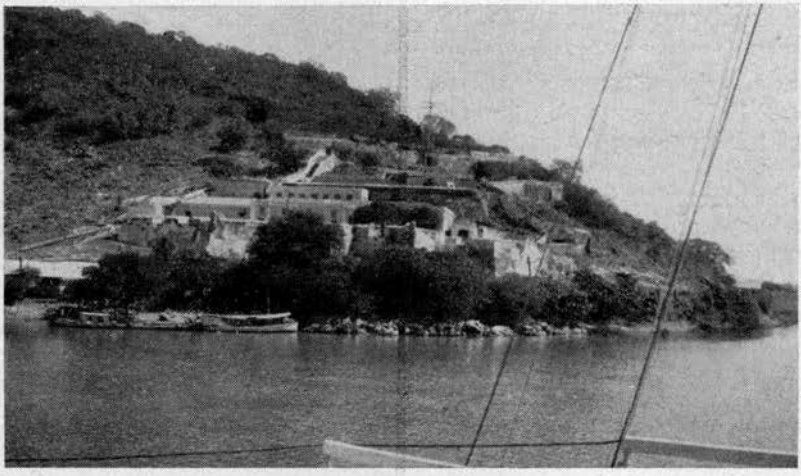
Nos manadeiros do Paraguai, estanciaram garimpeiros, em tôrno do arraial de Nossa-Senhora-do-Parto, donde foram expulsos, quando se descobriu nos cascalhos diamante, cuja mineração era privativa da Coroa.

Os sertanistas vararam tôda a região circunjacente e conheciam os tributários do Paraguai, que o padre J. QUIROGA não logrou observar.

[182] Carta de FLORES ao marquês de VÁLDELIRIOS, datada de 14 de agôsto de 1756 — Buenos-Aires.

[183] Carta de FLORES, citada.

Município de Corumbá — Arsenal de Marinha de Ladário — Portão de entrada. Iniciado em 1873, o Arsenal atravessou fases de prosperidades e declínio. Modernamente possui estaleiros apropriados a receber navios da flotilha fluvial.



Forte de Coimbra, à meia encosta do maciço que se abeira do rio Paraguai.

tos escolhidos, como lhe permitia o interregno da carência de compromissos internacionais impeditivos da fortificação dos barrancos litigiosos.[184]

COIMBRA

O primeiro baluarte, que se erigiu nos pantanais, localizou-se na ponta meridional do maciço calcáreo, em vez de alicerçar-se nas rochas vulcânicas mais a jusante.

Incumbido da escolha de local apropriado, o capitão MATIAS RIBEIRO DA COSTA deixou-se enganar pela topografia singular do Paraguai, que, em verdade, espelha nessa região aspectos curiosos.

Ao receber o seu principal afluente, já na depressão dos pantanais — o Cuiabá —, abeira-se à direita, da cadeia de morros que vão, com pequena interrupção, rumo ao sul, de Dourados a Corumbá, onde o maciço proporcionou ensejo à edificação da cidade em esplanada sobranceira às alagações.

Inflete ao nascente, impelido pelas serras de Albuquerque[185] e rompe em seguida, desimpedido, a planura frouxa, em que não será por ventura desarrazoado imaginar-se o extremo do mar terciário, que até aí lançasse o ariete das suas ondas, a chofrar nas encostas dos planaltos circundantes.

Carcomidos irregularmente, à proporção da resistência dos seus elementos constitutivos, foram êstes se distanciando para o poente e para leste.

As elevações atuais da Bolívia, que constituem o planalto chiquitano, marcarão assim as extremas ocidentais do mediterrâneo desaparecido, de cujo fundo emergiam várias ilhas, denunciadas pelos picos, rompentes, a espaços, da uniformidade das formações circunjacentes, através das quais o rio coleia, emoldurado em vegetações, que lhe individualizam a paisagem.

De uma e de outra margem, mais freqüentemente à esquerda, desatam-se, a perder de vista, os carandàzais inconfundíveis.

Considerada de per si, a palmeira não é das mais elegantes.

Falta-lhe o aprumo fidalgo da imperial, ou a coifa imponente da babaçu.

Associadas, porém, caracterizam a região em que medram, formando conjunto curioso, fartamente banhado de sol.

Em baixo, estende-se o tapête das gramíneas verdejantes.

---

[184] Desfeito, pelo Tratado do Rio-Pardo, de 12 de fevereiro de 1761, o de Madri, de 1750, cuidou LUÍS DE ALBUQUERQUE, capitão-general de Mato-Grosso, às vésperas de vê-lo revigorado pelo de Santo-Ildefonso, de 1777, de fundar redutos militares, à beira do rio lindeiro.

Do seu plano de povoações, brotou Coimbra, a 13 de setembro de 1775, Albuquerque (atual Corumbá), a 21 de setembro e Vila-Maria (Cáceres) a 6 de outubro do mesmo ano de 1778.

[185] Serrania "a que puse el nombre de San-Fernando", escreveu M. A. FLORES.

No alto, as verde-amarelas coroas das palmas em leque lembram, ao observador distante, impressionante jardim suspenso.

Como suportes, aprumam-se os estipes retos e apartados vàriamente, mas reunidos, nos longes do horizonte, onde se superpoem uns aos outros.

Formam a multidão das colunas, cujo contôrno, a princípio nítido, se vai adelgaçando com a distância, até semelhar-se a esbatida faixa cinzenta, em contraste com as duas outras, de tons verdes.

E ao viajante que se deslocar, por dois graus de latitude, rio abaixo, e desprezar insignificantes minúcias, afigurar-se-á que leva consigo a paisagem.

A mesma superfície achanada e lisa, revestida por iguais carandàzais, mal interrompidos, aqui e ali, de caponetes de outras plantas.

Em dois pontos, todavia, São-Francisco e Três-Irmãos, como registou o padre Quiroga, interrompe-se a uniformidade.

O terreno encrespa-se, alteando-se em ondulações, que a chanura dos arredores realça.

Remanescente de ilhas que o deixaram de ser, pela regressão do mar, que as circundava, por entre elas rola o Paraguai as suas águas carregadas de limo, que vão, pela colmatagem, aterrar as depressões.

E quem segue, ao som da corrente, acostumado à amplitude dos horizontes, estaca, surprêso, ao aproximar-se das terras altas, que lhe parecem barrar o caudal.

E se transpõe o primeiro estreito, nas imediações do paralelo de 19°, deparar-se-lhe-ão de novo extensos carandàzais, até que, adiante, esbarre em outro grupo de colinas, que a inventiva sertaneja acertou no apelidar de Fecho-dos-Morros.

De feito, o rio como que se fecha ao trânsito para quem não disponha dessa passagem, comprimida entre morretes.

Ciente da topografia de tais paragens, o capitão-general Luís de Albuquerque planeou valer-se do auxílio, que lhe oferecia o relêvo, para garantir a navegação do rio, daí para montante.

Mas baldou-se-lhe, em parte, o intento, por êrro do capitão Matias que, ao chegar ao primeiro estreito, de São-Francisco, julgou ter alcançado o Fecho-dos-Morros, onde lhe prescreviam minuciosas instruções assentasse as bases da fortaleza garantidora dos domínios lusitanos.

De cinca tamanha, cometida pelo seu fundador, resultou que fôsse o Forte de Coimbra construído, não no Fecho-dos-Morros, como atiladamente ideara o previdente governador, mas cêrca de quarenta léguas a montante e em situação estratègicamente inferior.

NOVOS RECONHECIMENTOS

Assim que chegou à capital o relatório do seu auxiliar, percebeu o atilado governador que as suas ordens tinham sido cumpridas, sem dúvida.

Mas erradamente.

E diligenciou precaver-se contra as possíveis conseqüências da erronia.

Primeiramente por intermédio do sargento-mor MARCELINO RODRIGUES CAMPONÊS, encarregado de examinar a nascente fortificação, e caso possível, tranferi-la para o verdadeiro Fecho-dos-Morros.[186]

E mais tarde, ao chefiar a turma exímia de demarcadores, que deveria assinalar no terreno a linha divisória ajustada em 1777, ordenou o exame pormenorizado do rio, para que pudesse melhormente argumentar com os seus colegas espanhóis.

Pôsto lhe não competisse providenciar a respeito dos trabalhos preliminares neste trecho, confiado a outra Divisão (a 2.ª), houve por bem o capitão-general de Mato-Grosso mandar os seus auxiliares explorar o Paraguai.

Assim, partiu, a 2 de abril de 1787, de Vila-Bela, a comissão de engenheiros,[187] que, depois de percorrer o terreno circunvizinho ao marco do Jauru, navegou até além de Coimbra.

A configuração do rio famoso gravou-se, exata, no mapa, que apresentaram ao governador, acompanhado de relatório, em que resumiram as suas observações.[188]

Do marco do Jauru, tomaram pelo Paraguai e notaram-no abeirado à serrania que o flanqueia pela esquerda e vai morrer, sete léguas ao sul, no Escalvado, donde se curva em semicírculo, bojante para o nascente, até Insua.

Tem êste morro a sua extremidade setentrional encravada na lagoa de Uberaba e a meridional na de Gaiba, cujas águas se escoam pela ponta da serra do Letreiro, que se prolonga, à ilharga do rio, até frontear a Mandioré, lagoa, como as referidas, encaixadas na de-

---

[186] O parecer do sargento-mor MARCELINO R. CAMPONÊS foi contrário à mudança de Coimbra para o Fecho-dos-Morros, em carta de 17 de outubro de 1776.

[187] Comandada pelo capitão de engenheiros RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA, a comissão organizou-se com os nomes de A. P. SILVA PONTES e F. J. LACERDA E ALMEIDA, astrônomos, além dos auxiliares de menor graduação.

[188] Confrontam-se, adiante, os resultados das observações astronômicas de LACERDA E PONTES com as do seu mestre de Coimbra, M. CIERA, efetuados 34 anos antes:

RIOS E LAGOS	M. Ciera	Pontes e Lacerda
Marco do Jauru	Lat. 16º 25,	16º 22,
Bôca da lagoa Gaíba	» 17º 48,	17º 42, 48,,
» do Cuiabá	» 17º 55,	17º 56,
» » Taquari	» 19º 11,	19º 15,

pressão, longa de 15 léguas, entre a serra ribeirinha e a dos Limites, empinada duas léguas ao poente.

Avolumado com o tributo do seu calibroso afluente oriental, prossegue o Paraguai, encostado às terras altas do Amolar, qualificadas pelos exploradores como prolongamento das serras anteriores e dos Dourados.

Levemente inclinado para sudoeste, bifurca-se no furo do Paraguai-mirim, que forma, com o leito principal, consoante verificaram os expedicionarios, "uma ilha de figura triangular, sendo o lado menor e oeste-leste de quase 6 léguas contadas de Albuquerque até pouco abaixo da serra do Rabicho, caindo neste rumo o Paraguai-mirim, perpendicularmente e o Paraguai-guaçu, que lhe serve de hipotenusa, ou lado maior";[189]

Arqueia-se, adiante, arrimado ao maciço calcáreo, onde já o incipiente povoado de Albuquerque, ancestral de Corumbá, desafiava as enchentes, que se derramam pela planície em frente.

Por fim, liberto do obstáculo, que o impeliu para o nascente, volve à procura do meridiano primitivo, engrossado com as contribuições do Taquari e Emboteteu e rola preguiçosamente as suas águas, que os barrancos baixos não contém, até encontrar os morretes pelos quais se intromete, no estreito de São-Francisco.

Aí já se erguia o histórico "Presídio de Coimbra", edificado à direita do rio, à meia encosta da colina, que os exploradores fàcilmente rodearam, bem como a outra, à esquerda.

Foram além, e desfizeram as fabulosas informações relativas ao suposto rio Negro.

Não obstante os embaraços causados pelos aguaceiros e alagações, embocaram pelo desaguadouro, a que se referia o topônimo.

E verificaram que nada mais era que simples escoante de imensa baía, extensa de cinco léguas pelo meridiano, e uma de largura, ligada ao Paraguai por longo furo ou canal de seis léguas de comprimento.

À vista do resultado das indagações minuciosas, deram-lhe o nome de baía Negra, com que figurou daí por diante na toponímia regional.

Afora a tentativa de Boneo, que, por ordem do govêrno de Assunção, transmontou o rio até encontrar, a montante de Coimbra, o sargento-mor de Albuquerque, José Antônio Pinto de Figueiredo, em cuja companhia regressou, antes de completar os objetivos da sua missão, nenhuma outra se renovou até findar o século.[190]

---

[189] *Diário da diligência do reconhecimento do rio Paraguai* apresentado pelo capitão Ricardo Franco de Almeida Serra.

[190] D. Martin Boneo, capitão de navio, auxiliado pelo pilôto D. Inácio de Passos, que registou o relatório da excursão, alcançou Pão-de-Açúcar a 29 de agôsto de 1790.
A 8 de setembro, saltou no pôrto do Presídio-de-Coimbra.
No dia imediato, pela tarde, prosseguiu, para retornar na manhã seguinte, em conseqüência do encontro com o sargento-mor José Antônio Pinto de Figueiredo, que lhe vedou a continuação da viagem.

Na arraiada inquieta do seguinte, derramou-se pelos pantanais a fúria belicosa, que ensanguentava a Europa, sem poupar a península ibérica.

D. LAZARO DE RIBERA, governador de Assunção, valeu-se do ensejo para tentar o assalto ao forte de Coimbra, mas teve que retroceder sem a almejada vitória.[191]

As agitações políticas, estimuladas pela intervenção abusiva de NAPOLEÃO no govêrno peninsular, iriam causar o parcelamento do império colonial espanhol, subdividido em várias repúblicas, uma das quais, a do Paraguai, encontrou em FRANCIA o seu inflexível organizador.

De acôrdo com a política de isolamento, nenhuma viagem de reconhecimento permitiu em seus domínios, nem promoveu alguma, quer para um, quer para outro lado.

Não obstante, conseguiu por essa época A. LEVERGER fazer o levantamento hidrográfico do Paraguai, desde Coimbra até a barra do Cipotuba, como também do Cuiabá, de sua confluência, ainda então denominada São-Lourenço, à capital.[192]

E completou-o, mais tarde, quando o govêrno de CARLOS LOPES lhe permitiu prosseguir a derrota, águas abaixo, até o Paraná.

Em sentido contrário, navegou, de arrepio, o comandante TH. JEFFERSON PAGE, cujo "Water Witch", da marinha norteamericana, foi o primeiro vapor que sulcou o Paraguai nos domínios do Brasil.[193]

Para o uso do comércio ficou assim bem conhecido o rio, que o Tratado de 6 de abril de 1856 franqueou à navegação.[194]

Começou então a ser transitado por navios de vários tipos, até que se organizasse a Companhia do Alto Paraguai.[195] O aprisionamento de sua primeira unidade "Marquês de Olinda",[196] assina-

---

[191] Ver nota 130.

[192] Nas explorações antigas e cartas que lhes correspondem, figura o São-Lourenço como afluente do Paraguai, em cuja margem esquerda desaguava à latitude de 17° 56', depois de ter recolhido a contribuição do Cuiabá em 17° 19' 50".

Neste século, porém, ocorreu a captura do São-Lourenço que perdeu o nome, ao desviar-se pela Bôca-Brava, onde as suas águas, cavando leito em terreno frouxo, geraram o Tarigara, inteiramente desligado do Piquiri, que vai ter à barra antiga, sem mais misturar o seu volume com o do São-Lourenço, de que era outrora afluente.

Ver *Cuiabá, afluente do Paraguai*, em *Revista Brasileira de Geografia* — Janeiro de 1942.

[193] As observações de TH. J. PAGE compendiaram-se na obra *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay*.

[194] O Tratado de Navegação, firmado pelos plenipotenciários do Brasil e do Paraguai, completou-se com o de 12 de fevereiro de 1859, que aparou as arestas de interpretação exigentíssima.

[195] A organização da Companhia de Navegação por Vapor do Alto Paraguai derivou do contrato assinado, a 22 de junho de 1858, no Ministério do Império, pelo cidadão JOSÉ ANTÔNIO SOARES.

[196] O "Marquês de Olinda" partiu pela primeira vez de Montevidéu com destino a Corumbá, a 27 de novembro de 1859.

Pela última, em 1864, levava a bordo o coronel FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS, nomeado presidente da Província de Mato-Grosso, quando, ao passar por Assunção, o marechal FRANCISCO SOLANO LOPEZ deliberou aprisioná-lo, a 12 de novembro, iniciando com êste golpe de violência o qüinqüênio de guerra, em que pereceu.

A impossibilidade irremediável de satisfazer as obrigações do contrato, enquanto perdurasse a guerra, levou a companhia a pleitear-lhe a recisão, obtida a 12 de dezembro seguinte.

laria a declaração de guerra desfechada por SOLANO LOPEZ contra o Império.

Encerrado o qüinqüênio sangrento, no mesmo ano surgiu a Companhia Nacional de Navegação a Vapor,[197] encampada, nos primeiros anos da República, pelo Lóide Brasileiro, cuja eficiência foi progressivamente decaindo, até a supressão da linha Corumbá-Cuiabá e diminuição de atividade na outra, de Corumbá a Montevidéu.[198]

Entretanto, não cessaram os estudos referentes ao vale do Paraguai que HERBERT SMITH perlustrou em 1886, com olhos sagazes.[199]

Com êle inicia-se por assim dizer o ciclo dos naturalistas em que se alistam sábios de tôdas as nacionalidades e especializações, como os suecos LINDMAN e MELME, o inglês SPENCER MOORE, o alemão SCHMIDT, e por fim os brasileiros, como BARBOSA RODRIGUES, ARROJADO LISBOA, os naturalistas da Comissão Rondon,[200] e mais recentemente os geólogos mobilizados pelo Departamento da Produção Mineral [201] e os pesquisadores do Instituto Osvaldo Cruz, dirigidos pelo professor LAURO TRAVASSOS.

Já os pantanais matogrossenses não se acham inteiramente estranhos à bibliografia científica, embora os rios, cujo sistema caracterizam, ainda houvessem mister de indagações mais minuciosas, de que se incumbiu a comissão dirigida pelo engenheiro LUÍS TOSSINI.

O RIO PARAGUAI

É a monografia mais moderna e completa do tributário ocidental do Paraná, ao qual disputa o primado potâmico, por mais de um aspecto físico, além da influência antropogeográfica.[202]

---

[197] O contrato assinado por Conceição & Cia. e homologado por decreto de 1870, transferiu-se à Companhia Nacional de Navegação a Vapor, que obteve modificar-lhe algumas cláusulas a 22 de dezembro de 1876.
Os seus navios, que chegaram até Cuiabá, contribuíram grandemente para intensificar o intercâmbio dos pantanais com as regiões litorâneas.

[198] Em princípio de 1943, foi criado o Serviço de Navegação da Bacia do Prata, que deverá insuflar vida nova à navegação para Mato-Grosso, em substituição ao Lóide Brasileiro, que se mostrou desinteressado de mandar os seus navios até Cuiabá, como fazia outrora com êxito a Companhia Nacional de Navegação a Vapor.

[199] Para a bibliografia regional HERBERT SMITH contribuiu com as notas de viagem: *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*.

[200] Entre os colaboradores de RONDON que estudaram os pantanais por alguns dos seus aspectos, figuram além de outros, C. HOEHNE, G. KUHLMANN, A. MIRANDA RIBEIRO, JÚLIO CÉSAR DIOGO, EUSÉBIO DE OLIVEIRA, E. ROQUETTE PINTO, cada qual em sua especialidade.

[201] A serviço do Departamento da Produção Mineral, ou por conta de outras entidades, estiveram nos pantanais GLYCON DE PAIVA, A. I. OLIVEIRA, PEDRO DE MOURA, A. ERICKSEN, BARBOSA DE OLIVEIRA, MATIAS ROXO, G. MILWARD.

[202] A monografia de L. TOSSINI — *El rio Paraguay* veio a lume em vários números de *Annales de la Sociedad Cientifica Argentina*, de setembro de 1941 a junho de 1942.
Mas resultou da comissão que lhe confiou a Dirección General de Navegación Y Puertos, del Ministerio de Obras Publicas de la Republica Argentina, para examinar as

Tossini distingue-lhe, das cabeceiras, que ainda localiza em Sete-Lagoas,[203] à confluência (lat. 27° 21' 0" long. 58° 37' 0" 0. Gr.) três segmentos distintos.

O Paraguai Superior, o Médio, e o Inferior, de Itapiru (km 343) para baixo, enquanto o segundo, para montante, alcança a bôca do Apa, onde coloca o "termino o base de erosión, del curso superior del rio Paraguay, y el origen o principio del curso medio".

As conclusões dos sabedores, apoiadas em pesquisas cuidadosas, confirmaram neste lance a intuição dos sertanistas, que nas imediações definiram o Fecho-dos-Morros, como a distinguir a porção de montante, da outra, que se desenvolve pelo território da República do Paraguai.[204]

Mantenedor dos pantanais matogrossenses, que lhe imprimem à fisiografia feições características, a primeira porção estende-se por cêrca de 1 532 quilômetros, ao longo dos quais se patenteiam os mais notáveis acidentes do rio.[205]

Desce do planalto dos Parecis, cujo arenito, por mais friável, ali denuncia maior efeito de erosão do que em outro qualquer trecho do divisor.

Mal alcançará a altitude de 300 metros, em contraste com a de 500 e 600, observada nos manadeiros de seus tributários.

Daí se causa a redução do trecho torrentoso, menor por ventura de 200 quilômetros, em que o leito, encaixado entre barrancos altos, apropriadamente se define estuante de mocidade, e apressado em atingir nível de base.

Como se já na confluência do Jauru pudesse alcançá-lo, modera a fúria agressiva desde a foz do rio dos Bugres, pôrto extremo da navegação regional.

E começa a colear preguiçosamente pela baixada, sem pressa de levar o seu tributo ao Paraná.

A declividade, estimada por Tossini, em 0,0176% entre o Cipotuba e Descalvado, decai a 0,0077% daí ao Caçanje, a 0,0066% no segmento imediato até Gaiba, a 0,0041% a Corumbá, a 0,0025% a Pôrto-Esperança.

---

características da via fluvial, que perlustrou em 1931, com licença do govêrno brasileiro, até 518 quilômetros acima de Corumbá.

Não só fêz o levantamento expedito, como estudou o regime do rio e a fisiografia regional.

[203] Ver nota 36.

[204] Em Mato-Grosso, antes da abertura do rio à navegação, costumava-se designar por Baixo Paraguai o território sob jurisdição do comando militar de Coimbra, que abrangia Corumbá e Miranda.

[205] Assim Tossini discriminou as distâncias:

De Sete-Lagoas à barra do Jauru	270	quilômetros
Da barra do Jauru à do Apa	1 262	"
	1 532	"

Artista insatisfeito, em meio de material plástico, aprimora de contínuo a sua obra, ora abrindo novos furados, para modificar o escoamento de suas águas vagarosas, ora obstruindo os desaguadouros preteridos.

Flanqueia-se por isso de baías, de lagoas, de corixos, muitos dos quais lhe balizam trechos abandonados de antigo leito.

O depoimento de observadores sagazes merece relembrado.

Quando os demarcadores de 1753, CUSTÓDIO DE SÁ e M. A. FLORES, águas acima, aproximaram-se do lugar, onde lhes cumpria fixar o marco, registaram no respectivo *Diário*.

"Navegando rio acima pelo Paraguai, a curto espaço chegamos a uma bôca do riacho tapada com erva, a qual disseram os práticos de Cuiabá e Mato-Grosso, que era a bôca antiga do Jauru que mais acima estava a que servia atualmente para desaguar o dito rio no do Paraguai, passamos adiante e entramos por êle e pelo Jauru até duas léguas para dentro".[206]

Análogo fenômeno verificaria o astrônomo LACERDA E ALMEIDA em 1786, ao participar da comissão exploradora do Paraguai:

"Uma légua e três quartos abaixo do Dourado está a bôca do Chené, a que chamam rio Chené, e eu, pelo que tenho ouvido dizer, lhe chamo bôca austral do rio Porrudos; a entrada contudo dêste furo no Porrudos, está tapada, e se não navega mais por ela".

E, adiante, "seria a passagem para ela (lagoa) a de que fala o velho CLARO, aquela mesma, mas já tapada pelo tempo, o que não é para admirar, pois êste rio é muito sujeito a tapagens".[207]

Meado o século seguinte, coube a LEVERGER, hidrógrafo consumado, prestar o seu depoimento.

"Com milha e meia de marcha encontrou-se a grande e alagadiça ilha de Uacurutuba, separada da de Piraim por um braço do rio, que já foi o canal, mas hoje está quase instransitável.

O outro da esquerda é estreito, sinuoso em alguns lugares e muito tormentoso".

E, por fim, ao rematar a descrição do Cuiabá, ainda anotaria igual tendência do rio a mudar contìnuamente de leito.

"Daí a três milhas lança-se o Cuiabá no São-Lourenço com um curso de 235 milhas desde a capital ou 447 do curso total.

Não há muitos anos, ainda não era essa a foz do Cuiabá e sim meia milha abaixo, no local hoje conhecido pelo nome de Barra-Velha".

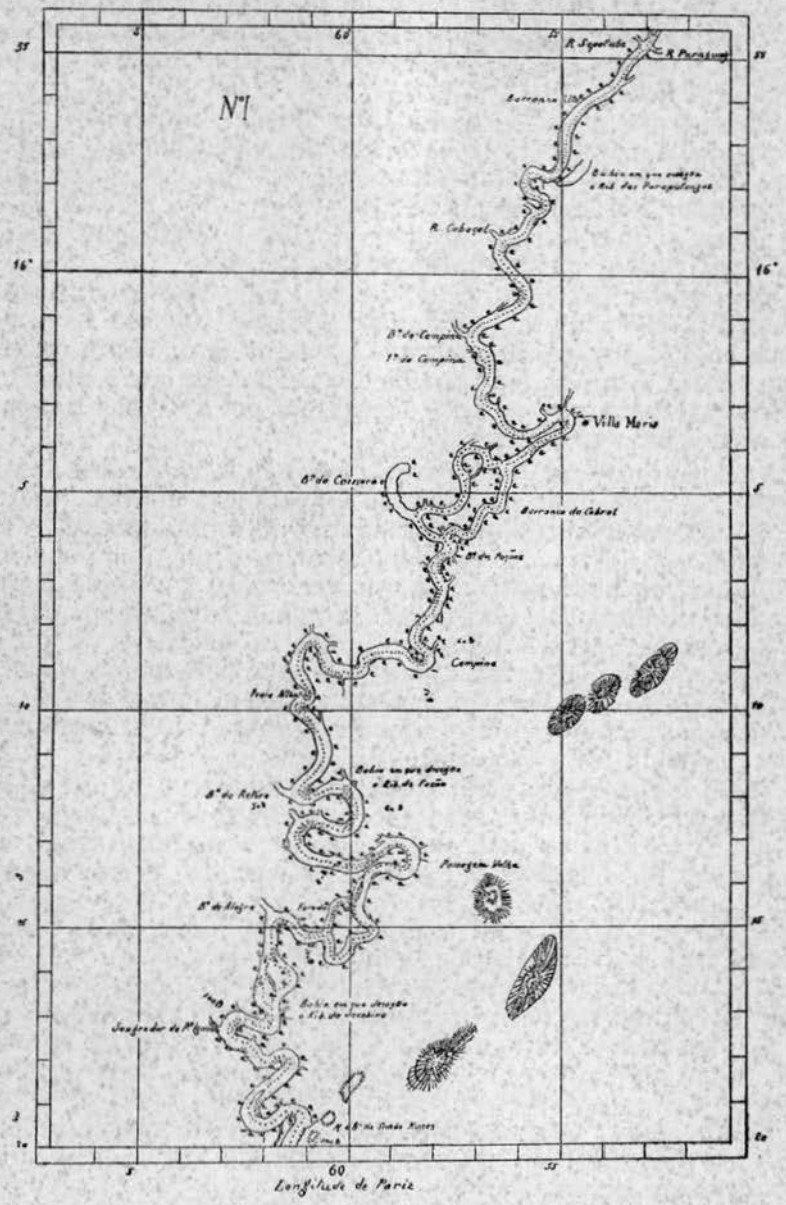
Como essas, dezenas de alterações locais testemunham a tendência divagante do rio, semelhante à do Purus, bem que em proporções mais modestas.

Nenhuma, porém, avultou de maneira comparável à do desvio do São-Lourenço, à maneira de captura exercida pelo Cuiabá.

---

[206] Relatório dos Comissários, em *Fronteiras do Setor Sul*, pelo tenente-coronel LEOPOLDO NÉRI DA FONSECA JÚNIOR.

[207] F. J. DE LACERDA E ALMEIDA — *Diário de reconhecimento do rio Paraguai.*



Uma das fôlhas de reconhecimento do rio Paraguai por A. LEVERGER, *que mostra claramente a volubilidade do leito e tendência a formar meandros. Assim, Vila Maria, atualmente Cáceres, acha-se ameaçada de perder o privilégio de pôrto fluvial, uma vez que o rio cave a montante, pela margem direita, curto furado, que lhe dê vazão às águas, em percurso retilíneo, à distância da cidade.*

Até princípios dêste século, corria, da Colônia-Isabel até receber o Piquiri pela esquerda, paralelamente ao Cuiabá, ao encontro do qual então se dirigia desta confluência aproximadamente em ângulo de 45%.

Acima da foz do Piquiri, rompeu, pela direita, o barranco, em pequeno furo, que logo tomou o nome expressivo de Bôca-Brava, pela violência da correnteza, causada pelo desnível, não demasiado, mas superior ao do leito velho.

De ano para ano, ampliado nas enchentes, cresceu o rasgão, pelo qual derivava boa porção do volume do São-Lourenço, gerando o rio Tarigara.

Desprovido de leito no comêço, a pouco e pouco as águas desviadas foram cavando no terreno inconsistente dos pantanais o seu canal, depois de alimentar as baías a que por ventura fôssem ter.[208]

Decorridos alguns decênios, a vazão total do São-Lourenço encaminhou-se pelo Tarigara, enquanto secava o trecho velho, desde Bôca-Brava até à foz do Piquiri.

E assim, espetacularmente, à vista contemporânea, perdeu o São-Lourenço o primado antigo, não mais se juntando ao Cuiabá, senão por intermédio do Tarigara, que lhe arrebatou o nome e o volume das águas, rio pujante de mocidade, não obstante desenvolver-se exclusivamente pela baixada, através da qual vai talhando o seu leito.

Certo, não tardará em envelhecer, como os seus companheiros, de cuja atividade resultou a formação dos pantanais, que lhes caracterizam as feições fisiográficas.

Começam nas proximidades da bôca do Jauru e dilatam-se até a do Apa, a 770 quilômetros, em reta, que se alongam por 1 262, com o desenvolvimento ziguezagueante do rio, superior a 60%.

A tal extensão que aproximadamente abrange seis graus de latitude, do paralelo 16°, a montante de Jauru, ao 22°, corresponde a largura de 3 graus de longitude, que diminui a jusante da confluência do Miranda.

Daí para cima, cabem todos os caudatários de apreciável calibre, cujas descargas, nas cheias transbordantes, se misturam por léguas e léguas, como se constituíssem uma só massa d'água.

---

[208] A modelagem no terreno modificava-se freqüentemente, com a abertura de sangrias laterais, que absorvessem as demasias de volume, superiores à capacidade normal da caixa em formação do Tarigara.

Como uma destas bôcas prejudicasse a sede da fazenda Borireu, o seu proprietário tentou obstruí-la por meio de barragem de terra entre paredes de pau-a-pique.

O rio, porém, contrariado naquele ponto, abria nova brecha adiante.

O autor experimentou utilizar-se da própria colaboração da correnteza.

Golpeada a meio, copa de árvore adrede escolhida tombou, parte sôbre o barranco e parte n'água, onde mergulhou a galharia, conservada viva pela porção ligada ao tronco.

A velocidade dos filêtes esbarrados pela folhagem diminuiu tanto que já seria insuficiente para continuar o trabalho de erosão, a que devia a coloração avermelhada, indicativa da grande quantidade de material transportado.

Ao contrário, contribuiu, no remanso proporcionado pela ramagem, para reconstituir o terreno marginal, mediante colmatagem, continuada até a obstrução total da bôca, mercê da colaboração do próprio agente destruidor, convenientemente dirigido para aplicação construtiva.

O viajante apressado poderá então abandonar a madre do rio e navegar por atalhos, que encurtem a derrota.[209]

De Cuiabá para oeste, ganha o Paraguai. Para o nascente irá ter ao Taquari, ou Miranda, mais ao sul, desde que o guie prático sagaz, conhecedor dos furos e vazantes cuja continuidade constitui curiosa via fluvial, transitável sòmente na época das alagações.

Que não é fácil roteá-la verificou penosamente a comitiva de RICARDO FRANCO, de que participavam astrônomos de comprovado saber e sertanistas perspicazes, ao empreender o reconhecimento do Paraguai-Mirim.[210]

Se os pantanais se dilatam desafogadamente a leste e sudeste pelo achanado terreno aluvionar, até esbarrarem no sopé dos primeiros terraços do planalto central, igual ocorrência não se verifica ao poente, onde refreiam as expansões do rio as serras mencionadas pormenorizadamente pelos geógrafos coloniais e examinadas por geólogos modernos.[211]

Ao sul, comprimem-se entre morrotes, a 120 quilômetros acima da foz do Apa.

"El acidente topografico mas notable y caracteristico de todo el curso del rio", ai forma "um bosque compacto de cerros, de altura variable alredor de los 250 m destacandose entre ellos el Pan de Azúcar, hermoso cerro de 410 m de altura de laderas rocosas y mui escarpadas — Costeando este macizo, el rio ha escavado su cauce en dos brazos entre tres cerros de 120 m de altura, ubicados sobre una linea casi normal a la dirección del cauce, a modo de estribos o pilares de um dique gigantesco".

Em amostras aí colhidas, O. DERBY identificou foiaito, augitasienito, fonolito e bostonito, que diferenciam o maciço de outras elevações marginais ao Paraguai, em que predominam os calcáreos.

A maior resistência à erosão de tais eruptivas estampa-se no modelado, que parece estrangular o rio.

---

[209] Ao dar conta do reconhecimento do Paraguai e seus afluentes em 1876, informou RICARDO FRANCO a propósito. Depois de deixar a barra do Cuiabá (lat. 17° 19' 20"), navegou nove léguas para cima até o furo distante uma légua do Bananal.

"Por êste Tarumã. (furo) entram as canoas que descem da vila de Cuiabá e cortando logo a poente por alagados campos vão sair no Paraguai 12 léguas abaixo do morro Escalvado. quando destinam a vir ao Jauru, poupando assim 40 léguas de navegação, isto se entende no tempo das chuvas... pois tôdas estas alagações no tempo da sêca ficam enxutas".

Encurtamento maior conseguiam as monções que transitavam entre São-Paulo e Cuiabá. Desciam o Taquari e quatro dias de viagem acima da sua barra, "atravessando êstes inundados e extensíssimos terrenos vem sair no rio Cuiabá ordinàriamente no lugar ou tapera denominada Bananal, poupando assim 15 dias de navegação".

[210] "Em 27 (julho de 1786) entramos no Paraguai-mirim braço do grande Paraguai que forma uma grande ilha, registrou RICARDO FRANCO, em seu relatório.

A navegação dêsse braço ou furo foi intrincadíssima, pois dois práticos que nos acompanhavam logo no segundo dia perderam o verdadeiro canal fazendo entrar por muitas baías e escoantes que não tendo saída umas acabavam em matarias, outras em campos e assim andamos até o dia 30. O que visto mandamos buscar outros dois práticos a Albuquerque (Corumbá) que chegaram no dia 31, com os quais sucedeu o mesmíssimo... tudo ocasionado pela cheia que inundando estas baías e campos igualava tudo a madre dêste furo".

[211] Ver o capítulo: *Aspectos geomorfológicos.*

Entretanto, permitiu a abertura suficiente de caixa proporcionada à sua descarga de tal maneira que não lhe perturba o regime.

Ao contrário, "la pendiente media del fondo, la profundad media, la forma y el'are de la seción transversal conservan los valores normales de la zona, aguas arriba del acidente hasta la desembocadura del rio Apa, donde experimentan un cambio brusco y muy acentuado".

Contidos à direita, sobeja-lhes espaço, à esquerda, para as expansões, reunidas pela coalescência dos cursos d'água em lago amplo, que lembra a denominação primitiva — Xaraiés — consoante a toponímia aplicada pelos devassadores castelhanos quando o sulcaram em épocas das cheias.

"É a área de maior inundação que apresenta o nosso continente", afirma Pedro de Moura, conhecedor cabal da imponência amazônica, a tal respeito superada, pois que "o imenso Amazonas, com um vale de proporções excessivamente maiores, nada apresenta de comparável, em inundação de tão extensa área, ao que nos legou o Pantanal".[212]

Como, porém, não seja inteiramente aplainada a superfície do terreno inundável, variam as profundidades, desde as delgadas lâminas d'água, suficientes apenas para cobrirem por algumas horas os pés de arbustos menos acostumados a umidade excessiva, até as baías[213] permanentes, gânglios imensos, que atuam à maneira de reservatórios de compensação, onde se armazenam os excessos das cheias, que voltarão aos rios, quando baixarem as suas águas.

Às vêzes, enfileiram-se, à laia de remanescentes de leito abandonado de rio, as depressões que se encordoam em determinado rumo, como indicam as baías do Félix, das Pombas, dos Pássaros, e parceiras que vão do Cuiabá ao São-Lourenço, acima de colônia Isabel.

A terminologia regional distingue ainda vários depósitos, permanentes ou efêmeros, das águas de inundação, como vazantes[214] corixos,[215] lagoas.[216]

---

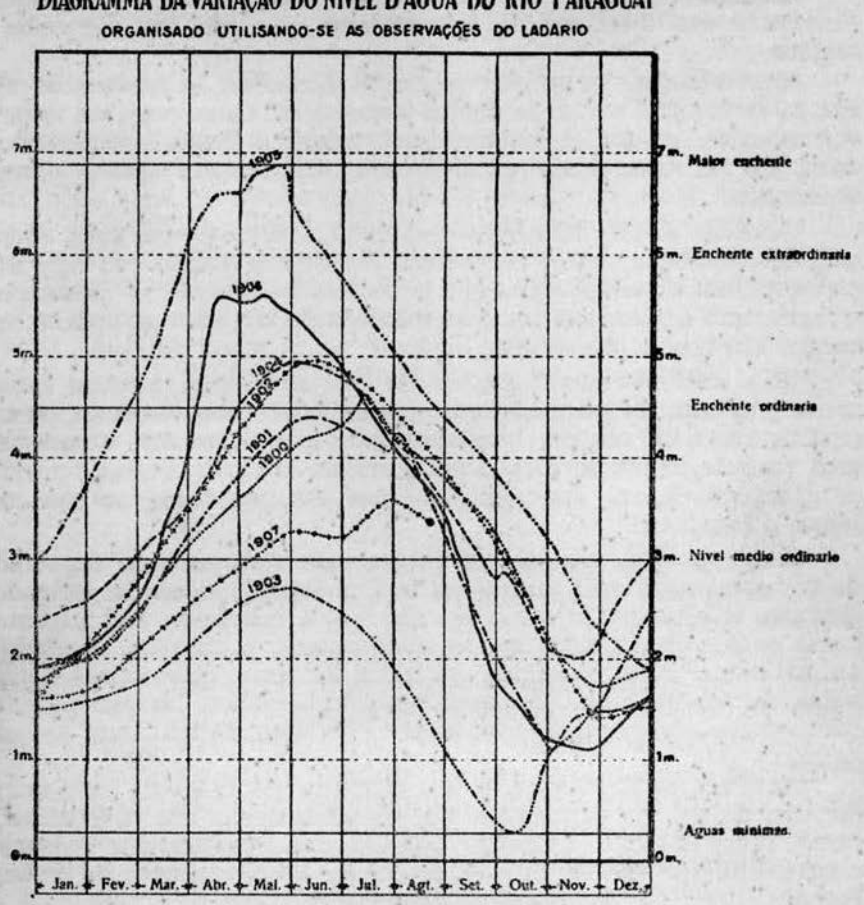
[212] P. Moura — Obr. cit.

[213] Assim a definiu a *Revista Brasileira de Geografia*, ao aceitar as indicações do autor. — Baías — têrmo da região pantaneira, mediante o qual se designam as depressões que recebem as águas transbordantes dos rios, bem assim as pluviais e se conservam como desmedidos reservatórios naturais de compensação.

[214] Vazantes — depressões coletoras de águas pluviais, que lhes imprimem feições de rios, por alguns meses, ou de baías alongadas, enquanto não escoam, deixando-as transformadas em viçosas pastagens. (*R. B. Geografia*).

[215] Corixos — Assim se denomina o canal de ligação de uma baía a outra, ou a rio próximo, como também a escoante de depressões pantanosas, ou braço morto de rio, que ainda mantém alguma água, embora temporária.
Também se usa forma feminina — Corixa — que se acha consagrada em documento diplomático, definidor dos limites entre o Brasil e a Bolívia. (*R. B. Geografia*).

[216] Lagoa — Tem êsse nome a depressão às mais das vêzes circular para a qual convergem as águas pluviais das circunjacências.
Nas estiagens, quando por ventura sequem de todo, transformam-se em pastarias,



M. Arrojado Lisboa — *Sul de Mato-Grosso — 1909.*

Todos acompanham o arfar dos rios, durante as cheias, cujas sangrias precedem os transbordamentos, que lhes aumentam a intensidade.

Antes que saltem os barrancos, já os sangradouros [217] começam a dar saída às demasias da vazão normal, que vão acumular-se nas depressões de tamanho variável.

---

que tornam à condição anterior. durante a quadra chuvosa, principalmente se recebem os excessos dos rios transbordantes.

As águas, doces em geral, apresentam-se não raro salgadas, como encontrou o general Rondon, no vale do rio Negro, onde se lhe depararam 77 de água doce e 93 desprovidas de vegetação marginal, índice da presença de sal. (*R. B. Geografia*).

[217] Sangradouro — Assim se denomina, especialmente nos pantanais, o canal, cavado pelas próprias águas, por meio do qual as baías, lagoas e vazantes recebem dos rios

As águas dominam a paisagem, que se lhes afeiçoa ao influxo.

O solo aluvionar, de altitude reduzida, facilita-lhes o extravasamento por léguas e léguas.

O próprio leito do coletor principal define-se por cifras eloqüentes.

"El nivel medio del terreno, informa Tossini, ao descrever o trecho do Jauru ao Apa, que êle qualifica de *zona de expresión* o *de embalse*, desciende desde la cota 125 m. en la parte superior, a la cota 83 en el extremo inferior, cotas referidas al nivel del mar".

"La pendiente media disminuye desde 132 m/m por Km. en la parte superior, a 33 mm. por Km. en la parte inferior".

"El ancho y la profundidad media del rio varian grosso modo desde 100 m. y 4 m. respectivamente, en el curso superior, a 300 metros y 10 metros en los cursos medio e inferior".[218]

A área infinda e acolhedora dos pantanais, ao receber os excessos fluviais, nem sempre lhes acompanha o ritmo do movimento para jusante, como se fôra o leito maior do rio.

Para que tal ocorra, faz-se mister que se dê concorrência de vários fatôres.

As cheias, provenientes de precipitações volumosas nas cabeceiras, dependem primeiramente das verificações meteorológicas naquelas paragens.

Em geral, superiores, a 1 300 milímetros anuais, as quedas de chuva ao longo do divisor[219] demoram vàriamente a alcançar algum ponto de convergência.

Em Cuiabá, sujeita apenas às cheias do rio homônimo e seus tributários de montante, não costumam ultrapassar o mês de março, embora se observem os primeiros repiquêtes em princípios da quadra chuvosa.[220]

Corumbá, 900 quilômetros a jusante da capital e à distância de 1 070 quilômetros das cabeceiras do Paraguai, em cuja margem

---

em repiquêtes a contribuição transbordante, ou lhes devolvem nas estiagens o excesso líquido.

O escoamento realiza-se em um sentido, ou no oposto, conforme se eleve ou deprima o nível do rio de que depende. A linguagem popular modificou o têrmo em sangrador, principalmente quando se refere ao diminutivo: *Sangradorzinho*. (*R. B. Geografia*).

[218] Luís Tossini — *El rio Paraguai*.

[219] O opúsculo do Serviço de Meteorologia — *Normais climatológicas* — informa, a respeito:

	Precipitação		*Meses de maior precipitação*
Cuiabá	1 394	—	dezembro a março
Coxipó	1 388,7	—	dezembro a março
Coxim	1 381,8	—	novembro a março
Corumbá	1 164,6	—	dezembro a março
Aquidauana	1 537,7	—	outubro a fevereiro
Bela-Vista	1 329,1	—	outubro a janeiro

[220] Entre Cáceres e Corumbá, Tossini observou as diferenças a seguir:

	Corumbá	*Cáceres*
Águas mínimas	15 dezembro	1.º agôsto
Princípio da cheia	5 janeiro	1.º outubro
Águas máximas	15 junho	15 fevereiro
Final da enchente	20 novembro	20 maio

direita se acha edificada, sòmente depois de maio costuma denunciar o máximo do crescimento do rio.[221]

Nesse interregno, os pantanais cooperam eficientemente para manter quanto possível o regime fluvial entre limites razoáveis, como se lhes coubesse a função de regulador hidráulico.

De tal maneira atuam, que, por vêzes, cheia prevista pelas precipitações atenua-se ao extremo, como ocorreu em 1926, quando o pluviômetro acusou números superiores à altura média, em Cuiabá e Corumbá, sem que a enchente se mostrasse extraordinária neste último pôrto.

A causa deriva da diminuta cheia anterior (1925), que deixou secos os pantanais, e capazes de maior absorção.[222]

Semelhante fenômeno decorre dos contrastes, que merecem referência especial.

CONTRASTES SIGNIFICATIVOS

A composição argilo-silicosa da capa quaternária dos pantanais, que facilita a infiltração de apreciável percentagem das águas pluviais, também possibilita a secura superficial, em vasta área, durante os meses de escassa precipitação.

Eram então as paragens freqüentadas, meses atrás, quando as chuvas, associadas às alagações, garantiam o suprimento abundante d'água, aos animais, como à vegetação.

Uns, dotados de locomoção, emigram periòdicamente, acompanhando a vazante.

As plantas, porém, presas ao terreno, adaptam-se ao regime de exsicações periódicas e tomam feições que as assemelham às subxerófilas.[223]

---

[221] O fenômeno das cheias do Paraguai em Corumbá foram assim resumidas por TOSSINI, baseado em observações de 15 anos (1917 a 1931).

Altura máxima	6.76 m
Altura mínima	1.10 "
Amplitude absoluta de oscilação	5.65 "
Amplitude periódica (entre médias mensais)	2.73 "
Média anual máxima	5.03 "
Média anual mínima	1.76 "
Amplitude normal	3.27 "
Águas médias	3.46 "
Duração de águas ordinárias (alturas entre 4.71 e 2.41)	193 dias
Duração de águas baixas (alturas menos que 2.41)	97 "
Duração de águas altas (alturas superiores a 4.71)	95 "
Descarga:	
Média das maiores estiagens	900 m 3/s
Águas médias (alturas próximas de 3,45)	1 950 m 3/s
Águas máximas (altura de 6.10)	3 050 m 3/s

Na cheia excepcional de 1905 "se estima que el caudal debe haber alcanzado a 3 700 metros cúbicos por segundo".

[222] Luís TOSSINI — *El río Paraguai*.

[223] Na faixa próxima ao divisor de águas, entre o São-Lourenço e o Cuiabá, que as alagações não alcançam, ou apenas lambem passageiramente, são econtradiças as espécies peculiares aos cerrados subxerófilos, como a lixeira (*Curatella americana, L.*), a mangabeira (*Hancornia speciosa*, GOMES), o piquizeiro (*Caryocar brasiliense*, S. HIL.), o angico (*Piptadenia macrocarpa*, BTH), o jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*, MART), a uacuri

Perdem as fôlhas, como defesa contra a demasiada evaporação.

Retorcem-se em galhos, defendidos contra as queimadas possíveis pela cortiça protetora. Dispersam-se pelo cerrado, onde mancha mais propícia, pela reserva líquida, permita que tufem algumas associações vegetais, quando não imitem as moitas de cajueiro anão,[224] cuja raizama se aprofunda, copiosamente ramificada.

A umidade proporcionada pelo lençol freático mantém-lhe o viço da rasteira folhagem, que verdeja em coroas emolduradas pelo areal, contrastando com a escassa folhagem das árvores circunjacentes.

Ao levar as suas investigações botânicas às imediações de Cáceres, F. C. HOEHNE observou, nas proximidades, algumas vêzes, de tipos paludícolos e linófilos, manifestações acentuadamente xerófilas, que atribuiu a influência edáfica.[225]

Não raro, o mesmo quadro transfigura-se repentinamente, ao cair das chuvas rumorosas de verão, como se hábil cenógrafo colaborasse em suavizar-lhe as feições, coloridas de flores e folhagens rompentes do solo pouco antes ressequido.[226]

Quando se alternam sem demasias os repiquêtes e veranicos, as pulsações periódicas do pantanal, desencadeando energias, compassam as atividades, como se êle próprio fôsse portentoso organismo, de cujas palpitações dependesse o ritmo da vida regional.

O excesso, porém, da sístole ou diástole fluvial, perturba a adaptação do homem à terra, e ocasiona-lhe prejuízos à economia.

Nas enchentes exageradas, como seja diminuta a inclinação do terreno até alcançar os contrafortes do planalto, ou sopé de alguma colina, que os preceda, as águas inundantes afogam os animais que tentem resistir-lhes à invasão.

Opostamente, das estiagens excessivas resultam conseqüências não menos graves, quando os campos, atapetados de forrageiras nutritivas, começam a espelhar carência de umidade, que as suas raízes já não alcançam.

As lagoas minguam ràpidamente, como as baías, que enverdecem, cobertas de vegetação limnófila, como se fôra viveiro destinado a cultivá-la em grande escala.

(*Attalea princeps*, MART), a bacaiuveira, (*Acrocomia sclerocarpa*, MART), e também espécimes da palmeira (*Copernicia cerifera*, MART) desligados do carandàzal que orla as margens do Paraguai, em longos trechos.

[224] *Anacardium nanum*, S. HIL.

[225] Informa F. C. HOEHNE — *Fitofisionomia do Estado de Matò-Grosso* (1923): "As formações xerófilas aparecem, no vale do Paraguai, desde o norte da Argentina ou pouco abaixo de Corrientes e se estendem até uma a duas léguas acima de São-Luís-de-Cáceres.

"Aparecem formações xerófilas nos pontos em que as rochas calcáreas mais afloram à superfície".

"Isto se observa nas serras que se intrometem no pantanal".

[226] Vem a ponto o depoimento de F. C. HOEHNE:

"No dia 20 de dezembro chegamos outra vez a Cáceres. Encontramos os campos dos arredores recortados de correntes temporárias e, em lugares onde ainda em setembro estivéramos ameaçados de morrer de sêde, estavam imensas lagoas de até um metro e mais de profundidade "ob. cit.".

Faz-se mister, por fim, nas quadras mais rigorosas, transportar o gado, já emagrecido, para as proximidades dos cursos d'água perenes, onde se amontoam os retirantes, à espera da volta do ritmo interrompido.[227]

ECONOMIA REGIONAL

Ao penetrar nos pantanais, o bandeirante sentiria, de comêço, o contraste com seu berço planaltino, de paisagens inteiramente diversas, a que se habituara, desde a infância.

Não os desejaria para residência definitiva.

Varava-os apenas em busca do índio neolítico, sem suspeitar que, de golpe, iria maravilhá-lo a inesperada descoberta das aluviões fartas de Cuiabá.

Decidiu esgaravatá-las, à cata de ouro, cuja opulência manteria a singularidade, de outra forma inexplicável, daquele núcleo povoador setecentista, que se condensara no coração da América-do-Sul, à distância de mais de quinhentas léguas do povoado mais fàcilmente acessível, a que chegasse o influxo litorâneo.[228]

O metal, separado, por bateia, do cascalho algonquiano, era, de princípio, o único esteio da economia predatória, que deixou de acometer os aldeamentos indígenas para assaltar a Terra faiscante de pepitas.

Fêz-se mister, todavia, prover os mineradores de víveres, cuja carência causaria graves perturbações no crescimento do povoado.

O rio Cuiabá sombreava-se, em suas margens naturalmente adubadas, de arvoredo indicativo de uberdade, ao qual não se estendiam as lavras.

Com a sua derrubada, abriram-se as primeiras roças, que proporcionaram favoráveis provas da fertilidade.

Ao mesmo tempo, importaram-se algumas reses, transportadas em canoas,[229] cujo número acresceria, depois da abertura do caminho terrestre, através de Goiás.[230]

---

[227] Ainda recentemente, no qüinqüênio último, os fazendeiros de excelente zona criadeira, entre o Taquari e o Paraguai, foram obrigados a conduzir grande parte dos seus rebanhos até a beira dêste rio, onde não lhes faltaria água, mas escasseou pasto para o gado cujo número aumentou de improviso.

[228] O arraial, começado à margem do córrego da Prainha, estendeu-se, mais tarde, para a sua embocadura no rio Cuiabá, a montante da qual se abre o Pôrto-Geral, onde as monções terminavam a sua longa peregrinação de 530 léguas, a partir de Araritaguaba, (Pôrto-Feliz) no Tietê.

Latitude de Cuiabá	15° 35' 56",8
Longitude O. Rio	12° 55' 44",55

[229] A êste lote inicial, referiu-se CABRAL CAMELO — em *Notícia Prática de Cuiabá*. "Já no ano de 1730 ficaram alguns novilhos paridos e se produziram como porcos e cabras".

[230] A abertura da estrada sertaneja empreendida pelo ouvidor de Cuiabá, JOÃO GONÇALVES PEREIRA, com o valioso concurso do executor, ANTÔNIO DE PINHO E AZEVEDO, iniciou-se em 1736.

"No seguinte ano registou o cronista BARBOSA DE SÁ": chegaram no mês de setembro

Certo, os paiaguás opor-se-iam à expansão dos estabelecimentos rurais para jusante.

Todavia, de quando em quando, rompia audacioso plano, como do padre Simão Toledo Rodovalho, que se propôs a transferir a aldeia de Sant'Ana-da-Chapada, a cêrca de dez léguas de Cuiabá, para o "Fecho-dos-Morros", a fim de impedir algaras dos terríveis canoeiros.

E informava, a propósito,[231] que se achava despovoada tôda a região estendida, para jusante do "Itaci do rio Cuiabá até o rio Paraguai, por onde passa a linha de limites".

Caso lhe aceitassem o projeto, iria fundar uma fazenda pastoril na faixa fronteiriça.

Ao contrariar-lhe a pretensão, que exigiria o apoio de reduto militar, superior no momento às possibilidades construtivas da Capitania, o seu governador A. Rolim de Moura frisaria a expansão dos rebanhos: "no Cuiabá é já o gado vacum tanto que não chega a matar-se todos os anos metade do número das reses que nascem naquele distrito", (lembre-se, de passagem, que a informação governativa trazia data de Vila-Bela, então capital), e a "última rematação que a Câmara fêz do corte de vaca foi por cruzado de ouro a arrôba, metade do preço por que eu a achei quando cheguei àquela Vila".[232]

Se já pelo meio do século XVIII a pecuária cuiabana excedia as solicitações do mercado regional, daí por diante, à medida que esmoreciam as minas de ouro, pelo esgotamento das aluviões empìricamente lavradas, maiores esforços, desviados da mineração evanescente, iriam aplicar-se na lavoura e criação de gado, ainda que escasseassem consumidores.

Cada fazendeiro cuidaria da gestão dos seus domínios, de que dependiam os parentes numerosos e aderentes, congregados pelo regime patriarcal, de economia fechada, que diligenciava manter-se independente de importações.

A alimentação era garantida pelos rebanhos, pelo peixe dos rios e baías das vizinhanças, pelos cereais das lavouras, em que também medrava a cana de açúcar.

Para a utilização do seu caldo, improvisaram-se moendas de jatobá, torneadas por hábeis carapinas, que apenas dispunham de escassa ferramenta.

Bastavam-lhes a plaina, o serrote, o machado, o formão, compasso e régua, para dar ao tronco escolhido forma cilíndrica, em que sabiam embutir fortes dentes para a entrosagem.

---

os que tinham ido abrir caminho para Goiás, com cavalarias e gados que foram os primeiros que nesta povoação entraram".

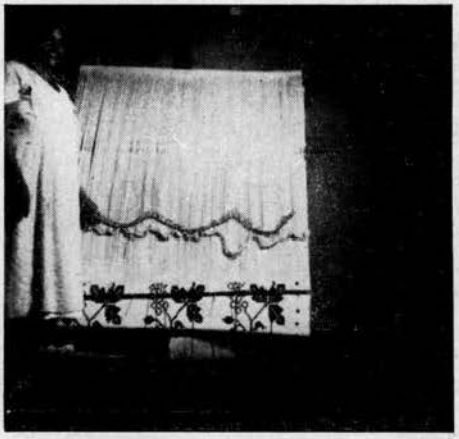
Em quantidade, entenda-se, pois que pequeno lote de novilhas já existia em Cuiabá, desde quando Camelo lhes noticiara a proliferação em 1730.

[231] Datou a sua petição de 23 de junho de 1751.

[232] Livro de Reg. no Arquivo do Govêrno (Cuiabá).

Fabricante de rêde com o seu tôsco tear. (Várzea Grande, distrito da capital). A indústria doméstica, em que operam hábeis tecelãs de rêde, ainda se mantém nos municípios de Cuiabá, Livramento e regiões próximas, remanescente da fase econômica anterior, quando as havia em maior número para atender a mais amplo consumo. Tende, porém, a desaparecer, suplantada pela concorrência de análogos artigos confeccionados mecânicamente.

Foto E. Gonçalves



Indústria doméstica nos municípios próximos à capital — rêde no tear.

Foto E. Gonçalves..

A rapadura encaixava-se em grades desmontáveis de madeira, e o açúcar de barro ou de fôrma, antes da utilização de turbinas e vácuos, preparava-se nos banguês, isentos de metal.

Só os tachões, para o cozimento da garapa e os alambiques de fácil manejo, que lhes extraía com rendimento satisfatório a aguardente, eram adquiridos fora dos domínios.

De maneira análoga, confecionavam-se as vestes com panos grosseiros, em que os teares domésticos transformavam o algodão colhido.

Não minguavam escravos peritos, nem tecelãs exímias, que iniciassem as bisonhas nos respectivos trabalhos.

Plantas várias continham na casca, nas fôlhas, nas raízes, nos frutos, matéria corante de tons diferentes, cuja aplicação evitava a monotonia do colorido.

Para as habitações, a mata fornecia o madeiramento, usado simplesmente limpo de galhos, ou falquejado, e desdobrado em tábuas pelos serradores, o cipó que supria a carência de pregos e parafusos, as palmas de uacuri, de auaçu, para as coberturas, apoiadas em caibros roliços de pindaíbas.

Diversamente dos edifícios modernos de concreto armado, em que a armadura metálica responde apenas por uma parte da resistência, embora a maior, a estrutura de pau continha as peças garantidoras da estabilidade do conjunto, empìricamente avaliada pelos rudes construtores, sem levar em conta o enchimento de barro, sopapeado por entre os barrotes, cruzados sôbre pontaletes a prumo.

Em obras de maior apuro, para moradia senhoril, ou alguma dependência de uso especial, as telhas moldadas no local substituíam os colmos de fôlhas, e adôbes apoiados em baldrames, geralmente de pedra canga, formavam os painéis das paredes, entre os esteios de aroeira.

Em tais circunstâncias, desenvolveu-se a ocupação dos pantanais, quase um século após a sua travessia pelos fundadores de Cuiabá.

De princípio, só lhes percebiam a face maligna, dos perigos incontáveis, entre os quais sobressaiam as hostilidades incessantes dos paiaguás.

Superadas pelos empreendimentos construtivos de Luís de Albuquerque, mediante a organização de redutos militares em Coimbra, Corumbá, Cáceres, só depois dessa época avança, já no derradeiro quartel do século XVIII, a onda povoadora, águas abaixo, para definitiva conquista da baixada.

CONSEQÜÊNCIAS DA NAVEGAÇÃO

Processava-se ronceiramente a ocupação efetiva dos pantanais, quando a abertura do rio Paraguai ao trânsito de navios brasileiros apressou-lhes o ritmo da utilização.

Aumentaram em número as moradias ribeirinhas, que já dispunham de meio seguro de ligações periódicas, tanto com a capital, como para baixo, até algum pôrto litorâneo.

Estreitaram-se as relações mercantis com a praça de Montevidéu, para onde eram enviados os couros de gado vacum, solas, além de produtos destinados ao consumo de laboratórios europeus, como a ipecacuanha.[233]

Em sentido contrário, carregavam os navios, para o consumo regional, farinha de trigo, azeite-doce, vinho, sabão[234] e até açúcar branco.

Neste párticular, a possibilidade, proporcionada pela navegação, de transporte dos maquinismos, que de outro modo seria inexeqüível, animou os empreendedores a encetar a indústria açucareira em proporções avantajadas.

Quando andou por Mato-Grosso em 1880, PIMENTA BUENO encontrou uma chata que subia do Paraguai nas imediações de Dourados, "rebocada pelo vapor D. Constança".[235]

Em seu bôjo acondicionaram-se as máquinas completas da primeira usina de vapor, à margem do Cuiabá, onde não tardariam a surgir outras, à vista do exemplo animador.

A imponente chaminé, que lançava nas alturas as baforadas das fornalhas consumidoras da mata circunjacente, tornou-se, em pouco, símbolo de poderio, que sobranceava os rasteiros contribuintes da sua prosperidade.

---

[233] No exercício fiscal de 1878-1879, a coletoria provincial de Corumbá registou o movimento de 185.412$670 em que avultaram as parcelas abaixo:

	Quantidade	*Valor oficial*
Carne-sêca	34 588 k	8:301$120
Couros de gado vacum	21 802 couros	87:208$000
Chifres	14 400	299$200
Solas	1 439	7:295$000
Ipecacuanha	35 358 k	70:716$000

— A. PIMENTA BUENO — *Memória Justificativa.*

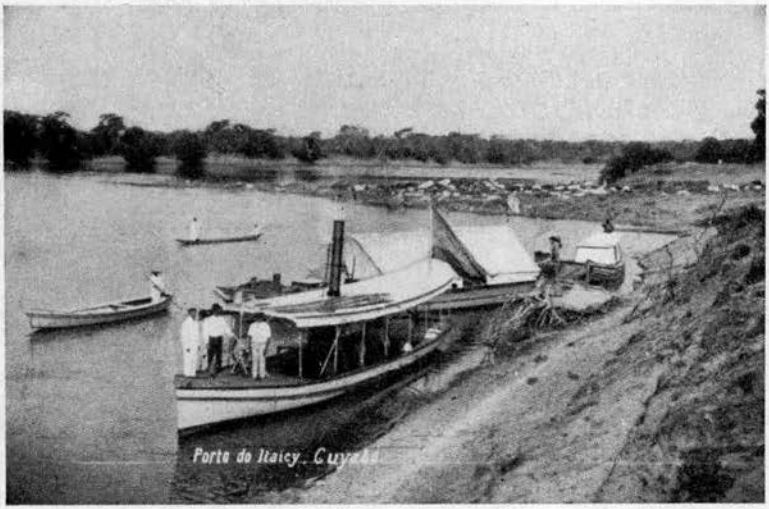
[234] O mesmo informante, PIMENTA BUENO, transcreve o quadro que lhe forneceu o coletor de Corumbá, referente à importação registada em 1878-1879, no total de 604:298$400, em que figuraram, entre outros produtos,

Farinha de trigo	3 396 sacos	84:504$000
Vinho	137 560 litros	68:780$000
Sal	645 940 "	45:215$000
Banha derretida	672 caixas	43:000$000
Café em grão	871 sacos	43:350$000
Cerveja	1 097 barricas	43:880$000
Manteiga de vaca	154 caixas	35:960$000
Açúcar branco	574 barricas	34:440$000
Azeite doce	443 caixas	21:264$000

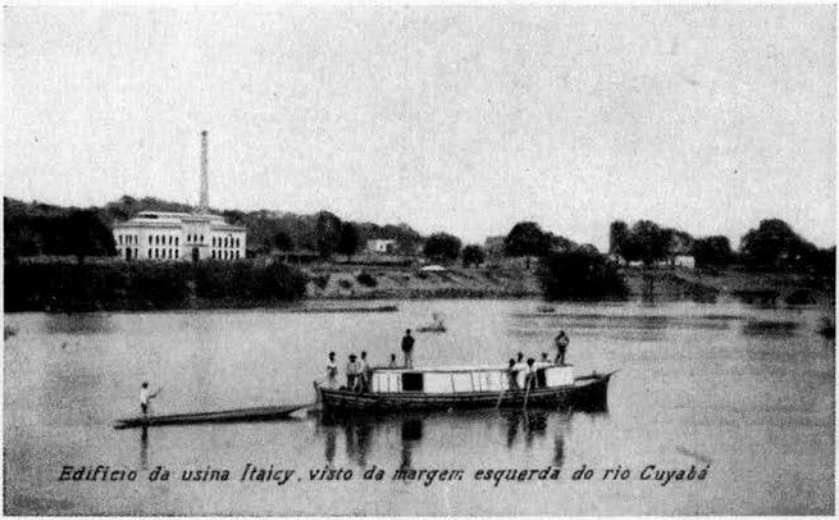
[235] A propósito, escreveu PIMENTA BUENO:

"As moendas de cana são movidas a bois e alguns a água como fôrça motriz, porém são muito limitadas as safras de açúcar, mais geralmente de rapadura e aguardente.

Nas margens do Cuiabá estão em via de montar um engenho a vapor, para cana. Em meu regresso para a Côrte, na altura dos Dourados, próximo ao rio São-Lourenço, encontramos uma chata rebocada pelo vapor "D.ª Constança" que subia transportando o maquinismo para êsse estabelecimento".



Usina do Itaicí. Pôrto, a montante da lingüeta rochosa, que mergulha no rio, dando nome ao local. — Diversos tipos de embarcação, como lancha a vapor, chata de reboque, barco, chalana, ao largo e montaria, mais distante.



Edifício da Usina Itaicí, que possuiu a chaminé mais alta entre as concorrentes. O barco é do tipo mais comum usado pelos mascates fluviais, tocado por dois zingueiros de cada lado e o pilôto junto ao leme, na pôpa. As paredes laterais são de tábua, e as aberturas dotadas de portas de correr. Na cobertura, fôlhas de zinco sôbre madeira garantem a impermeabilidade. Dentro, há lugar separado para cargas e armarinho. A montaria, remada pelo canoeiro em pé, será de um freguês que se aproxima, para adquirir algum artigo da loja flutuante, na proa.

USINAS E USINEIROS

Engrandecido pela importância das transações dependentes da sua gestão, o usineiro sentiu-se naturalmente impelido a valer-se do prestígio industrial para objetivos políticos, estimulados sobremaneira pelo regime republicano.

Os fabricantes de açúcar em pequena escala distribuiam-se anteriormente pela beira do planalto, onde as quedas d'água lhes moviam as rodas dos engenhos, ou por sítios esparsos, cujos bois mansos eram atrelados às almanjarras das moendas.

A capacidade produtiva limitava-se às apoucadas plantações, de que os interessados cuidavam, sem desprezar outras culturas.

A usina, porém, descerrou amplos horizontes às ambições dos proprietários, que necessitavam do concurso de dezenas e às vêzes centenas de trabalhadores, desde os de mais alta hierarquia, incumbidos de regular o funcionamento dos vácuos, das turbinas, dos alambiques, das máquinas, que lhes forneciam a garapa, a fôrça e o calor, até o enxadeiro, cujo encargo principal consistia em manter o viço dos canaviais.

O solo humoso, periòdicamente enriquecido com o nateiro carreado pelas águas inundantes, retribuia-lhe, à farta, os cuidados agrícolas, ao dispensar replantio por mais de dois decênios.

"São admiràvelmente próprios para a cultura da cana os terrenos marginais dos rios da Província, atestou PIMENTA BUENO; os canaviais, uma vez formados, duram de 30 a 40 anos e são fertilizados anualmente pelas enchentes".[236]

Mais do que em outro qualquer terreno, as baixadas a que o rio levava nas cheias os detritos de erosão a montante, compensavam generosamente os esforços dos canavieiros, convergentes para a usina da qual se fizeram clientes.

A lavoura, que tivera comêço na Chapada, possìvelmente com mudas procedentes das roças indígenas de Miranda,[237] espandira-se até o vale do Guaporé, onde ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA conta-

---

[236] O depoimento de PIMENTA BUENO, ao transmitir informações correntes da Província, harmoniza-se com o do bacharel JOAQUIM AUGUSTO DA COSTA MARQUES, proprietário da usina da Ressaca, vizinha de Cáceres, que escreveu antes de conquistar a presidência do Estado: *Notícia sôbre a cultura de cereais, de fumo, de mandioca e da cana de açúcar em Mato-Grosso* — 1908.

"Em muitos lugares os canaviais dão mais de 20 cortes sem serem ao menos replantados e sem outros cuidados senão o das mondas e da cêrca".

Quanto ao plantio, acrecentou.

"A cana para mudas deve estar regularmente madura e não fechada.

Escolhem-se aquelas que têm melhores olhos ou botões e cortam-se em toros ou cepas de 3 ou 4 olhos.

A muda é colocada em sulcos de 0,20 de profundidade e regularmente cobertos com terra".

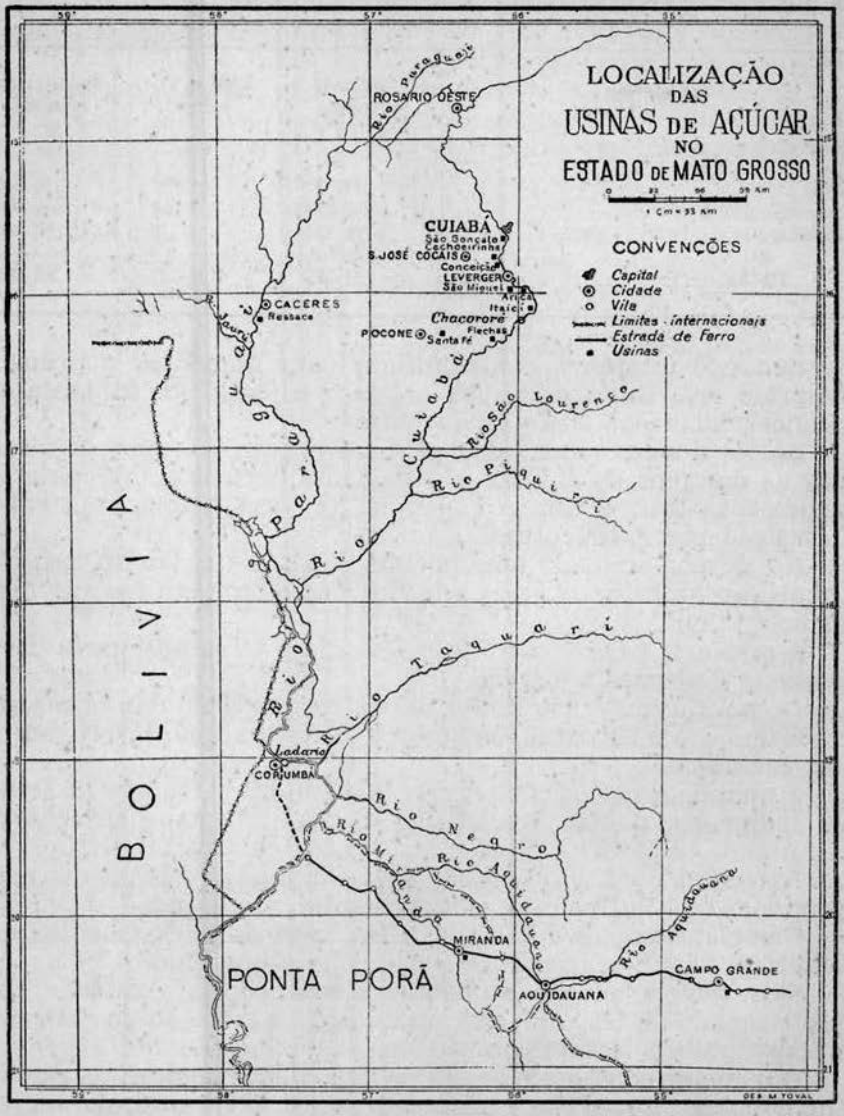
"O terreno em que se planta a cana é geralmente aproveitado com o plantio de arroz ou de feijão".

"A cana para ser aproveitada na safra seguinte deve ser plantada no mês de outubro, em terras baixas e úmidas".

O agrônomo JÚLIO AGUIAR, quando chefiava a Inspetoria Agrícola em Cuiabá, observou produção de 90 toneladas de cana por hectare de canavial, e obteve, em campo experimental, cultivado no município de Santo-Antônio, o rendimento de 122 toneladas.

[237] A. PIRES DE CAMPOS, ao arrolar os índios, que encontrara em suas expedições preadoras, mencionou os chiquiais, lavradores do rio Claro, afluente do Boteteú (Miranda),

ria, ao findar o século XVIII, 13 engenhos de aguardente e 3 de açúcar e rapadura, ao passo que operavam em tôrno de Cuiabá 24 engenhos de cada uma das referidas categorias.



As usinas concentram-se à margem do rio Cuiabá, havendo ainda algumas, à distância, em Poconé, Cáceres e Miranda

---

que plantavam mandioca, batata e alguma cana de açúcar que desta paragem veio no princípio para os engenhos que nestas minas se acham".

R. Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro.

Já em 1827, quando Luís d'Alincourt se incumbiu de pulsear a vida econômica e social da Província, a produção que registou nas suas três capitanias-mores, refletia os processos de utilização da garapa

MUNICÍPIOS	Canadas de aguardente	Arrôbas de açúcar	Milheiros de rapadura
Cuiabá	13 702	7 097	159 000
Diamantino	2 790	1 000	47 000
Mato-Grosso	4 890	3 110	95 000
TOTAL	**21 382**	**11 207**	**301 000**

Sucessos ulteriores contribuiriam para aumentar o primado adquirido pelo Rio-Abaixo, que a pouco e pouco foi suplantando a concorrência dos sítios chapadenses.

As facilidades permitidas pela navegação a vapor atraíram para as margens do Cuiabá as atividades agrícolas, crescentes, à medida que esmoreciam os engenhos de Serra-Acima, cuja ruína a Abolição precipitou dramàticamente.

No terreno adubado anualmente já não seria, porém, possível a aquisição gratuita de áreas sem fim, como ocorrera nas fazendas pastoris.

A sesmaria para lavoura correspondia à têrça ou quarta parte da que se destinava à criação.

De mais a mais, não houve pressa na ocupação das terras que os paiaguás, e mais tarde, os bororos tornavam inabitáveis com as suas correrias.

E quando a navegação regular afastou dos barrancos as ameaças indígenas, a distribuição das glebas impedia a criação de latifúndios.

Raro seria o usineiro que se pudesse ufanar de possuir extensão apropriada ao cultivo capaz de alimentar as moendas.

Completavam, de hábito, a safra, com os fornecimentos dos lavradores vizinhos, mediante a participação nos lucros.[238]

Mas, forcejavam por aumentar a sua própria plantação, mediante regime de trabalho que, ainda após a extinção do cativeiro, mal dissimulava a escravização dos trabalhadores.

O usineiro, consciente de seu poderio, não se limitaria a exercer o mando sòmente na sua propriedade, onde, por vêzes, não ingressava a autoridade policial, senão mediante prévia licença.

---

[238] Em geral, faz-se a meação por *vultos*, medida local, que tanto serve para designar uma arrôba de açúcar (15 k), como, em se tratando de líquido, uma canada (27 litros). A produção de 1 000 vultos dará destarte, ao usineiro 500 e outro tanto ao fornecedor de canas, seja de açúcar, aguardente ou álcool.

Dentro do seu território, lembrava o fidalgo medievo, que diligenciava estender às circunjacências o influxo do seu prestigio, a que os agregados se dobravam, quando não preferissem abrigar-se a outra sombra análoga, ou buscar, pelo afastamento, a libertação de constrangimento humilhante.

Para os vassalos que lhe entrassem na simpatia, abria-se generosamente a bôlsa dadivosa do usineiro, bem como a proteção, tolerante para com as delinqüências.

Entre os que as tivessem cometido, escolhia-se a turma de capangas, aos quais cabia o encargo de velar pela vida do seu patrão e policiar o estabelecimento, em que seriam enèrgicamente sufocados os pruridos de rebeldia, por ventura percebidos entre a camaradagem, cujos direitos não excederiam aos dos servos da gleba doutrora.[239]

Tinham a garantia da alimentação abundante na maioria das usinas, de que não lhes seria entretanto facultado ausentarem-se antes da quitação da sua dívida, em geral irresgatável, pois que o ínfimo salário mal daria para o sustento da família e vestuário.

E caso o tentassem, em fuga desesperada, lá estaria a guarda façanhuda, pronta a seguir-lhes o rastro e capturá-los de novo e levá-los ao castigo a que fôssem condenados, pela tentativa de furtarem-se à corveia derreante, nos eitos em que lhes era exigido pelo feitor a tarefa costumeira.

O apogeu de tal regime concretizou-se na usina do Itaici que, iniciada festivamente a 11 de junho de 1895, pelo assentamento da pedra fundamental, se rematou com elegante chaminé, a qual, sobranceira às circunjacências, apontava à admiração dos viajantes a supremacia do seu proprietário.

Insatisfeito com a proeminência industrial, resultante de sagaz tino prático, deixou-se arrastar por solicitações estranhas aos afazeres a que se habituara desde a infância, como filho de usineiro.

Em ocasião azada, acendeu o facho da rebeldia em seu município, onde organizou a "Legião Campos-Sales", em 1899, com o apoio complacente de autoridades federais, para depor o govêrno do Estado.

Vitorioso, dominou, primeiramente, o Rio-Abaixo e, depois, o Estado inteiro, cuja presidência assumiu por fim.

---

[239] A propósito depõe a palavra oracular do arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Correia, que na ocasião governava Mato-Grosso, feito Presidente do Estado.

Reunidos, a seu convite, os usineiros de maior prestígio, em palácio, "fiz-lhes ver que, por um lado, o meu govêrno, máxime depois da promulgação do Código Civil, não poderia manter o costume de forçar camaradas ao trabalho; mas, por outro lado, está naturalmente empenhado em promover, por todos os meios legais, a prosperidade da nossa indústria e lavoura".

(Mensagem presidencial de 13 de maio de 1918).

Dessa data em diante, foi cessando a arbitrariedade abusiva do patrão, em que se dissimulava o mandonismo dos antigos senhores de escravos, do mesmo passo em que avultaram as franquias dos trabalhadores, hoje libertos das opressões de anacrônico regime de locação de serviços rurais.

Ao baquear, diante da Coligação triunfante, em 1906, entrariam os vizinhos na sucessão do poderio, que, todavia, jamais alcançaria relevância comparável ao do Itaici, na era do seu maior esplendor.

Ao contrário, vem esmorecendo gradativamente, em proporção ao fortalecimento da autoridade governativa, que não mais consentiria a criação de senhorios feudais, enquistados em sua jurisdição.

A evolução operou-se lenta, mas contìnuamente, e na atualidade poder-se-á considerar de todo ultimada a transformação, que desarmou as usinas e afastou-as de agitações belicosas, já incompatíveis com o ambiente social ao qual se ajeitaram de bom grado, para só cuidarem de ocupações produtivas, mediante as quais o Rio-Abaixo, com a sua feição peculiar, na época das safras, empolga a atenção dos viajantes.

Depois que, desencadeado o vento sul pelo vale desabrigado, a friagem de Santa-Cruz, em maio, indica a terminação dos aguaceiros inundantes, alternados com ligeiros veranicos, propícios ao amanho do solo, cuidados de plantio e do lenheiro, cuja reserva deverá aumentar ao máximo, aprestam-se os agricultores para a trabalheira intensa, em que madrugam diàriamente, aforçurados em moer a sua planta, bem como a que lhes seja oferecida, antes que ultrapasse o grau de maturação mais adequado.[240]

Do canavial às moendas, como das matas às fornalhas, sucedem-se, pejados de feixes de cana, ou de lenha, veículos vários, desde o carro de boi, ao *Decauville*, usado em mais de um estabelecimento, quando não seja possível a utilização da via fluvial, pela qual se escoa tôdâ a produção.

Nessa quadra, enxameia o rio Cuiabá de embarcações, que vão levar às usinas os artigos de importação e buscar o açúcar produzido para oferecê-lo aos consumidores.

Chatas, a reboque de lanchas, ou tocadas por zingueiros,[241] barcos habitualmente utilizados pelos mascates, batelões a remos, de reduzida capacidade, para os carregamentos menores, e até canoas, tudo se mobiliza para o transporte de sacas de açúcar

---

[240] Antes da legislação trabalhista, era comum principiar-se a moagem pela madrugada, a uma hora, ou duas.

[241] Ao longo dos rios, especialmente de Corumbá a Cuiabá, as transações mercantis efetuam-se com o auxílio da navegação, que, em certos trechos, constitui o único elo de ligação da clientela com os comerciantes.
Entre êstes incluem-se os que negociam a bordo de seus barcos, em cuja proa montam a loja ambulante, que, sem pressa, vai de pôrto a pôrto, onde vendem louças, chitas e tecidos do gôsto da freguesia conhecida, em troca de couros, cereais ou quaisquer produtos locais.
Ao fim da viagem renovam o sortimento do armarinho, já vazio, de harmonia com as solicitações dos consumidores, que não raro, lhes chamam genèricamente de *"corumbeiros"*, em lembrança naturalmente da cidade de que partiram para a mascateação sôbre águas.

e garrafões ou pipas de álcool e aguardente,[242] comprobatórias das atividades usineiras, desenvolvidas em pleno pantanal, que rodeia o engenho das Flechas, na ilha do Piraim, e se abeira, em faixa variável, de outros, cujo terreno, pelo interior, a espaços empolado, já se alteia nas escassas ramificações montuosas, de contrafortes ligados ao divisor de águas tributárias do Cuiabá e do Paraguai.

Diferentemente das usinas, que se contentavam, à orla dos pantanais, com área territorial apoucada em relação ao prestígio do seu proprietário, decorrente da organização industrial, as fazendas pastoris dilatavam-se desmedidamente, para que fôsse compensadora a criação pelos processos usuais.

[242] Anteriormente às perturbações decorrentes da guerra mundial, o Instituto do Açúcar e do Álcool organizou o quadro a seguir relativo à safra de 1936/1937 em que o Itaici figura com o nome de São-Benedito, preferido pelo seu dono contemporâneo.

USINAS	Cana moída em toneladas	Açúcar fabricado em s/de 60 kg	Álcool produzido em litro	Aguardente produção em litro
Aricá	1 476	1 069		36 400
Conceição	3 600	1 358	72 688	854
Flechas	2 906	1 769	55 370	52 655
Ressaca	2 932	2 076	—	54 160
Santa-Fé	1 071	387	—	—
Santo-Antônio	3 023	2 536	75 096	19 045
São-Benedito	3 478	2 864	53 117	—
São-Gonçalo	580	228	8 404	1 304
São-Miguel	905	468	22 757	24 880

FAZENDAS E FAZENDEIROS

Já se tinham afrouxado os laços culturais que, no primeiro meio século, imprimiram em Cuiabá as feições de colônia de São-Paulo, à imitação das cidades gregas do Mediterrâneo, distantes da metrópole, mas irmanadas pelos usos e costumes transplantados pela sua gente, que lhes proporcionou a componente étnica primordial, quando os paulistas começaram a caracterizar a sua agricultura com o tipo especial de "Fazenda", nome que aplicaram aos estabelecimentos destinados de preferência ao cultivo do café.

Em Mato-Grosso, o vocábulo tomou significação diversa, embora ainda se relacione com a economia rural.

O seu uso já se denuncia desde pelo menos o penúltimo quartel do século XVIII, quando Luís de Albuquerque, em documento memorável, nomeia a "fazenda dos Zedas".[243]

Todavia, ao perlustrar o rio Paraguai, em 1786, Ricardo Franco mais freqüentemente, em vez dêsse têrmo,[244] empregou variantes, arroladas em frase expressiva: "o rio Cuiabá 14 léguas da vila é povoado de roças, engenhos e outros estabelecimentos que se tocam uns nos outros".[245]

São modalidades de organizações rurais, diferentes da que citaria no caminho de São-Pedro-d'El-Rei (Poconé).

"Cotia, nome da fazenda de gado onde pousamos com sete léguas de caminho total".

A referência, pela sua clareza, define a classe de herdades englobadas na denominação de fazendas.

É-lhes peculiar a criação bovina, que já em meados do século XVIII sobejava no distrito de Cuiabá, consoante afirmativa do capitão-general D. Antônio Rolim de Moura, de cujo parecer rompe a indicação da causa refreadora da melhoria dos rebanhos.

Não admira que em 1828, ao examinar, por determinação do govêrno imperial, os elementos estatísticos da Província, Luís d'Alincourt não calasse a declaração condenatória.

---

[243] Ofício de 15 de outubro de 1773 ao governador de Goiás José de Almeida de Vasconcelos.

[244] Ao escrever: muitas canoas... chegam ordinàriamente a vila de Cuiabá e muitas vêzes ao Jauru, para meterem fazendas em Mato-Grosso, Ricardo Franco refere-se a carregamentos de tecidos e armarinho, que os negociantes levavam de São-Paulo para Cuiabá e Vila-Bela.

[245] Engenho seria a propriedade rural, dotada de aparelhagem, ainda que tôsca, destinada a moagem de cana.
Roça era a plantação, isenta de tratamento ulterior da colheita.
Em geral pertencia a algum sítio, em que se praticava a policultura, nas circunjacências da sede, mais ou menos ampla.

"O gado vacum, que existe na província de Mato-Grosso, é de raça ordinária, a qual não tem havido cuidado em melhorar-se".[246]

Era, por essa época, dominante a criação no distrito de Cuiabá, em confronto com Vila-Bela e Diamantino.

Como revelam as cifras registradas pelo recenseador de alto coturno, sobejava a produção para o consumo[247] sem poder o excesso escoar-se pela válvula da exportação,[248] que não compensaria os prejuízos decorrentes da longa travessia de boiadas pelos domínios dos caiapós e coroados ainda insubmissos.

Em conseqüência, a criação fazia-se ao léu, por efeito quase exclusivo dos agentes naturais.

A intervenção do fazendeiro reduzia-se ao mínimo compatível com a sua vida afanosa, em que devia ao mesmo tempo tratar de outros afazeres, e até da defesa dos seus domínios contra possíveis tropelias indígenas.

A *marcação* das crias novas, com o sinal nas orelhas, por meio de cortes padronizados, a *ferra*, que lhes deixava gravado a fogo, na anca direita, o símbolo da fazenda, a castração dos marruais, já impróprios à função reprodutora, e dos tourinhos destinados à engorda, constituíam quase o trabalho exclusivo dos vaqueiros que, para tanto, passavam dias e noites, não raro, dormindo ao léu, para *cortar* a *batida* de manadas ariscas, em campeios aguçadores dos seus sentidos.

Os campos abertos, a despeito da escassa densidade bovina, raramente evitavam a mistura do gado das fazendas confinantes, cujos proprietários se associavam, por vêzes, nos trabalhos dos rodeios comuns.

O restante dos cuidados confiavam à natureza providente, que entrou a atuar de maneira acentuada, expressa na variedade *pantaneira*, de couro grosso, resistente às intempéries e aos mosquitos e afeita à luta contra as águas, em que vive grande parte de ano.

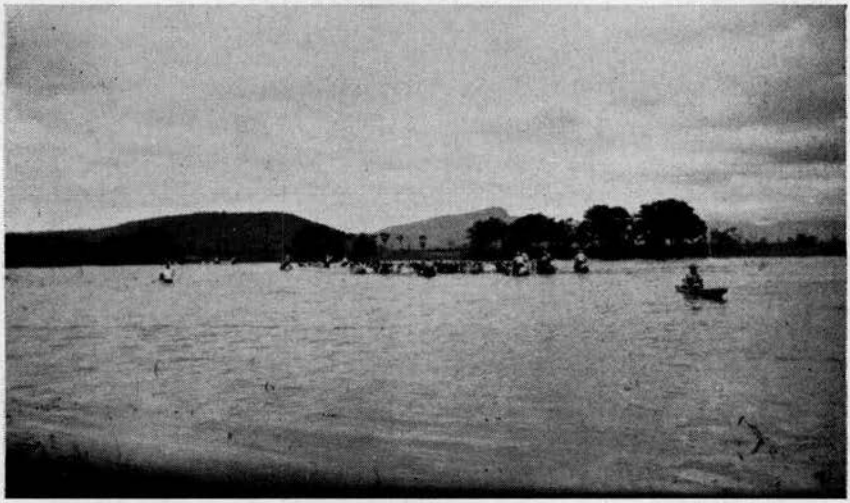
---

[246] Luís d'Alincourt — *Indagações Estatísticas*.

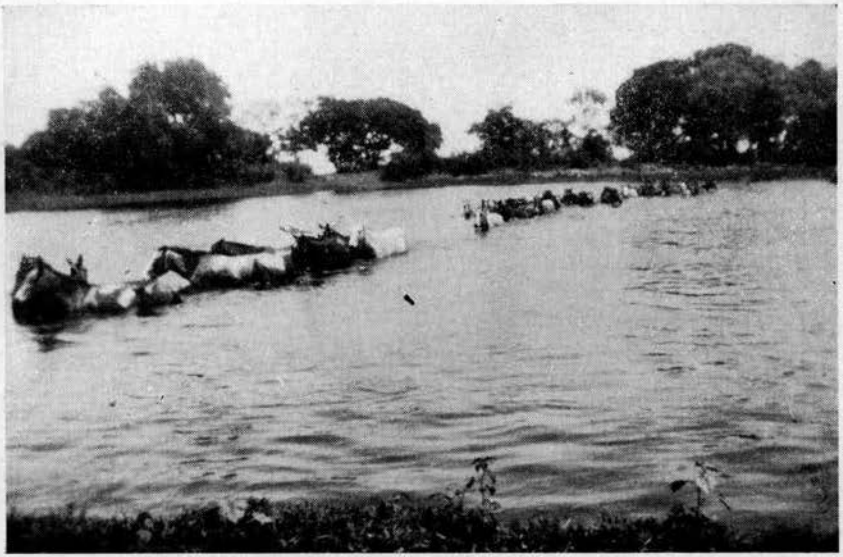
[247] Por volta de 1826, Luís d'Alincourt registou os dados a seguir:

LOCALIDADES	Número	Total das cabeças	Produção anual	Número de reses que anualmente vão aos cortes públicos
Cuiabá	51	161 416	40 300	995
Diamantino	6	1 817	354	370
Mato-Grosso (Vila-Bela)	7	9 120	1 900	375
Total	64	172 353	42 554	1 740

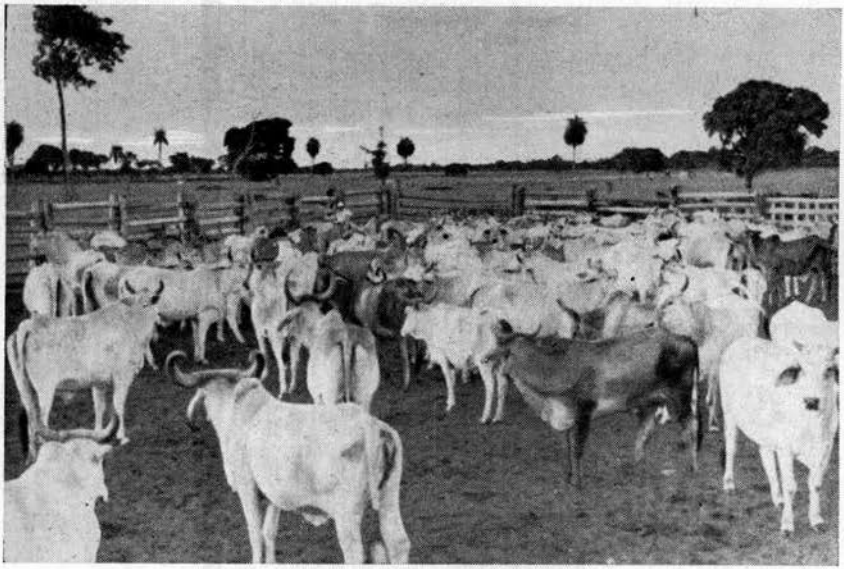
[248] À falta de exportação e excesso de oferta, um boi gordo custava 4 800, em Cuiabá, e 2 400 nas fazendas. Uma vaca, respectivamente 2 400 e 1 800.



Enchente no pantanal — Os vaqueiros conduzem o gado através de um corixo. Vão a cavalo, para mais fàcilmente manobrarem e ser obedecidos, mas flanqueados de canoeiros, que, nos lugares mais fundos, evitam o afogamento de alguma rês.

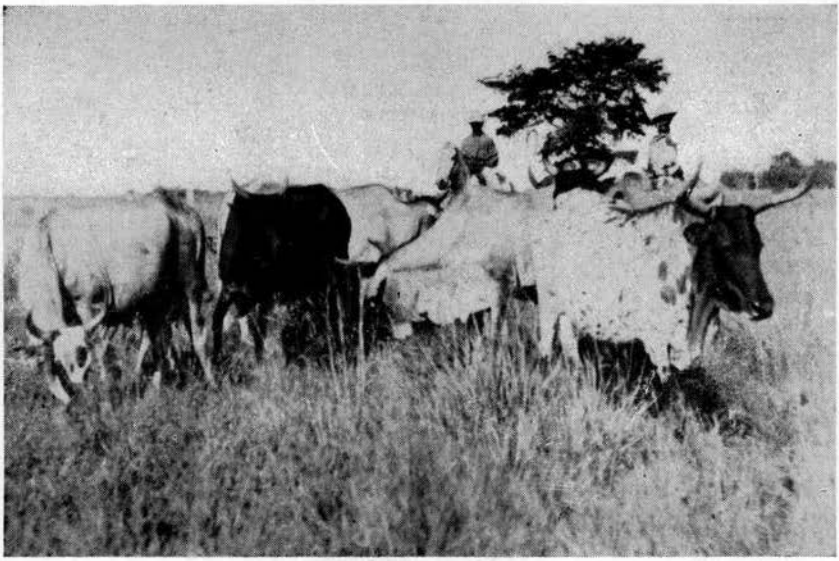


Travessia do rio Negro por lotes de animais cavalares.

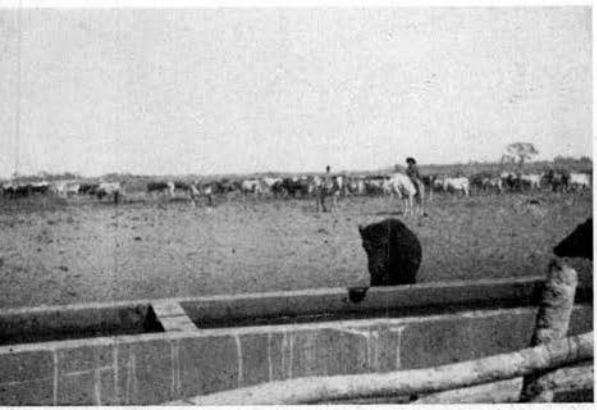


Gado mestiço de zebu no pantanal do rio Negro. (Faz. Tupanciretã). Nos primeiros tempos, quando as fazendas se dilatavam, pràticamente sem limites, o zebu, isento de custeio e trato, contribuiria para embravecer a criação. Divididas, porém, e cercadas, já lhe permitem o amansamento e utilização conveniente das qualidades da raça, como precocidade e resistência.

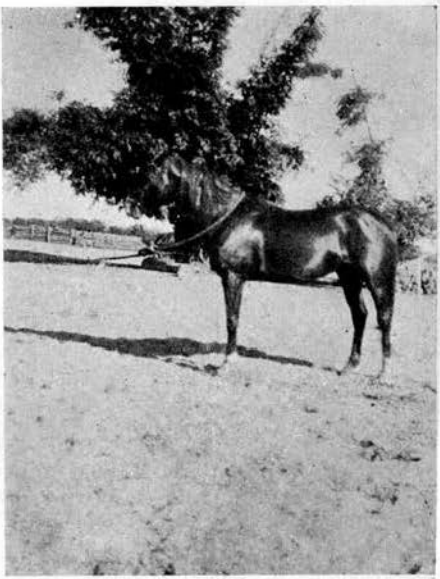
Gado selecionado para cruzamento com reprodutores Nelore no pantanal do rio Negro. (Faz. Tupanciretã). As paredes dos currais são constituídas de madeira roliça, em geral estipe de carandá, entre moirões de aroeira, ou madeira de igual resistência.



Vacas pantaneiras. (Nhecolândia).

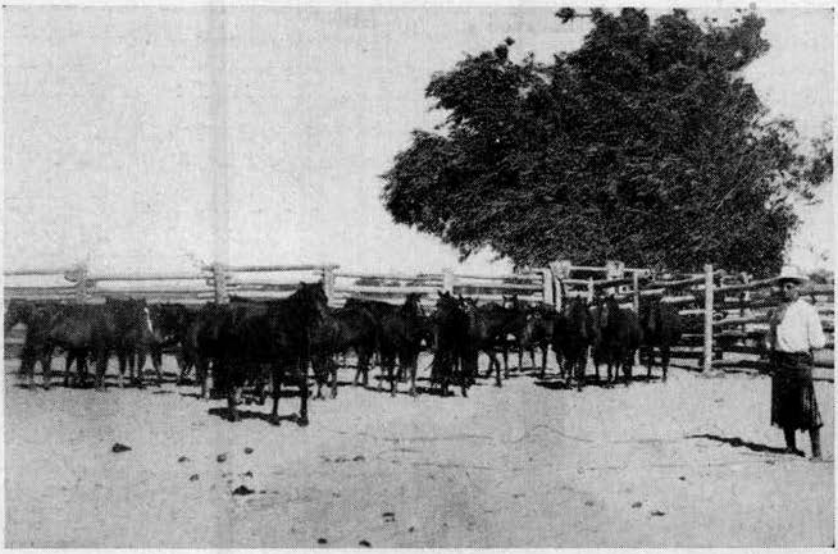


touro Polled Angus, *como qualquer pantaneiro, aproxima-*
de um dos bebedouros distribuídos pelos campos, alguns
os quais são abastecidos por meio de moinhos de vento.



Reprodutor eqüino meio sangue inglês.
(Nhecolândia).

Gado meio sangue normando.
(Nhecolândia).



Um rebanho com o cavalo pastor — Nhecolândia. — Em geral, nos pantanais, cada pastor convive com dez a quinze éguas, e toma êsse conjunto o nome de rebanho, que se mantém inteiramente separado de outros. Ainda que se misturem, quando conduzidos ao mesmo tempo aos currais, ou por qualquer outro motivo, logo trata o garanhão de separar as suas companheiras e policiá-las ativamente, para que não se extraviem ou se afastem da sua zelosa fiscalização. Ao lado um vaqueiro, trajado tìpicamente, como observou e descreveu TEODORO ROOSEVELT (nota 264).

A pastaria, variada e nutritiva, que se lhe deparava nos pantanais, serviria de corretivo a outros fatôres por ventura aniqüiladores da raça, que medrou, adaptando-se ao novo *habitat*.

Quando o organismo reclamava algum condimento, nos barreiros,[249] espalhados por tôda parte, encontrava os sais de que necessitava.

Animado pela fartura, o gado simplificava a tarefa de seus donos.

Isento de bernes, levemente maltratado de bicheiras[250] que se curavam, em geral, sem maior cuidado, metodizava também espontâneamente a sua procriação.

Não obstante conviverem touros, vacas e novilhas de mistura, nos campos, o ano todo, o instinto só os acasalava em época própria e lhes regulava a parição, limitada normalmente aos meses de sêca.

Pela vazante, quando aflorava o solo em viçosa ressurreição, entoando hinos de glória à vida vegetativa, começavam igualmente a aparecer os bezerros, que imprimiam buliçosa animação aos rodeios, correndo, aos pinchos, por entre o gado erado.

Indenes de epizootias,[251] os rebanhos bovinos multiplicavam-se às maravilhas, sem que os seus donos, todavia, colhessem vantagens correspondentes.

Era-lhes, ao contrário, assaz penosa a labuta e inteiramente desprovida de confôrto, de que não cogitavam as suas habitações.

As paredes de adôbes, quando não barreadas apenas a sopapo na maioria das casas, alvejavam-se habitualmente pela caiação.

A cobertura de telhas, em duas águas, não evitava o umedecimento interno, durante a época das chuvas, quando o chão, de terra batida, fartamente embebido de água do subsolo, ressumbrava-a na superfície.

De acôrdo com o rude abrigo, reduzia-se o mobiliário às peças essenciais.

Na sala de frente, amplamente rasgada, salvo em uma das extremidades, fechada para acolher as mercadorias destinadas às transações mercantis, de limitado giro, estendia-se comprida mesa de tábuas sôbre cavaletes, flanqueada de bancos igualmente de madeira tôsca.

---

[249] Chamam-se barreiros, informou o visconde de TAUNAY, que teve ensejo de conhecê-los, algumas baixadas salino-salitrosas, de côr acinzentada puxando para o branco. Todos os animais buscam com verdadeira sofreguidão êsses lugares: não só os mamíferos, como aves e répteis. O gado lambe o chão e, atolando-se nas poças, bebe com delícia aquela água e come o barro.

[250] De maneira oposta conceituou ENDLICH: "o maior inconveniente para a criação do Paraguai e de Mato-Grosso, em confronto com a das províncias costeiras da República Argentina, consiste no maior número de insetos nocivos, especialmente durante a estação quente".

[251] Nos pantanais, só não prosperou a criação eqüina, devastada, a partir de 1850, pela terrível peste-de-cadeiras, denominada *quebra-bunda* em Marajó, onde apareceu por volta de 1833. Daí se alastrou pelo Alto-Amazonas, Peru, Bolívia. De Chiquitos alcançou Casalvasco e, sem maior demora, Cáceres, à entrada dos pantanais, cujos campos malignou. Ver V. C. F. — *Considerações acêrca da peste-de-cadeiras*.

Aí faziam as suas refeições os camaradas, em horas diferentes da família do proprietário, que, portas a dentro, não possuía melhores trastes.

A água de beber esfriava-se em potes ou talhas de barro cozido, moldados pelos ceramistas de São-Gonçalo, nas vizinhanças da capital.

Como suporte, bastava madeiro enforquilhado com três braços, adrede escolhido e fincado a um canto de algum dos quartos.

A ausência de camas supria-se pela abundância de rêdes, armadas ao anoitecer e retiradas pela manhã, de sorte que permaneciam os dormitórios espaçosos e vazios durante o dia.

Apenas, encostadas às paredes, enfileiravam-se canastras e baús, encourados, ou de madeira envernizada.

A mobilia completava-se com tamboretes e mochos de armação de madeira, forrados de couro cru ou sola.

Em correspondência com a simpleza da habitação, também a vestimenta restringia-se em qualidade, geralmente confeccionada de morim, algodãozinho, ou tecido mais grosso de algodão.

Para os homens predominava o riscado, ao passo que as chitas atendiam às preferências femininas.

Em contraste com a aparência de penúria, que pudesse causar a residência, a alimentação evidenciava-se abundante e variada.

Peixe, quando possível, milho, em canjica, fubá ou farinha, mandioca, em raiz, ou ralada e torrada, e legumes vários, também colhidos nas roças locais, permitiam combinações inúmeras de iguarias, a que não faltava, entretanto, o prato de resistência, feijão com arroz e carne verde, uma ou duas vêzes por semana, e sêca nos dias restantes.

A fartura nutritiva mantinha a higidez individual em condição de resistir às moléstias inevitáveis.

Quando sobrevinham, curavam-se com medicina caseira das beberagens tradicionais, quando não continuavam a minar o organismo até o desfecho fatal, à revelia da assistência médica.

Fora, assim, de influências benéficas dos núcleos civilizados, compensava-se a rudeza da vida rural com o sentimento de liberdade ampla, que distinguia os fazendeiros, considerados como indomáveis em suas convicções políticas, espontâneamente enquadradas nas malhas do individualismo liberal.[252]

Certo, não lhe conheciam a teoria, nem haviam mister de interpretar os doutrinários, para acertarem no rumo que apontavam as suas próprias inspirações.

---

[252] Vem a talho o caso comunicado por A. LEVERGER, presidente de Mato-Grosso, ao Govêrno Imperial, a propósito do ruralista, seu genro, CESÁRIO CORREIA DA COSTA, que se ofereceu para auxiliar a Guarda Nacional, por ocasião da guerra de Lopez: "Êste oficial é meu genro.

"Não é nem pretende ser funcionário público, nem tenciona continuar a carreira militar. Não sugeri, mas aceitei com satisfação o oferecimento que fêz dos seus serviços onde melhor pudesse prestá-los, na luta em que estamos empenhados".

Não seriam, todavia, jejunos de leituras esclarecedoras, pois que, ao lado de incientes chapados, mas argutos, a classe englobava ex-alunos do Colégio Imperial de D. Pedro II, onde muitos alcançaram terminar o curso.

Não admira que o então primeiro tenente de engenheiros, ALFREDO DE TAUNAY, ao varar o território de Coxim, em reconhecimentos militares, por dezembro de 1865, fôsse ter, no vale do Taquari, à fazenda de ANTÔNIO TEODORO DE CARVALHO, "que nada tem de tolo, fala bem, argumenta, discute, citando VOLTAIRE e ROUSSEAU, DIDEROT e D'ALEMBERT".[253]

Anàlogamente, quando faleceu, no limiar do século corrente, o proprietário da Baía do Félix, CESÁRIO CORREIA DA COSTA, em seu espólio englobaram-se inúmeros exemplares da *Revue de Deux Mondes*, obras de LAMARTINE, de VITOR HUGO e outros poetas românticos, bem como prosadores, em cuja leitura se deleitava.[254]

O saber que manifestassem, porém, não os afastaria dos ensinamentos avoengos, quanto à reclusão feminina, mantida, em parte, por velhos preconceitos que mergulhavam raízes ao longe, no espaço e no tempo, e em parte por desconfiança diante de pessoas estranhas.

Para que não perturbassem a tranqüilidade satisfatória do lar, aos visitantes era vedado o conhecimento da família, que só aparecia, quando o recém-chegado se incluía na mesma grei, ou se munia de credenciais fornecidas por parentes autorizados.

Nos demais casos, repetia-se o episódio registado por TAUNAY que, não obstante acolhido cordialmente por A. TEODORO, com quem discutiu pontos controversos de religião, não logrou ser-lhe apresentado à espôsa, nem a filha alguma.

O patriarcalismo, que praticavam no recesso dos sertões brutos, atenuava-se por ocasião das viagens periódicas, em geral na época das cheias, à capital ou a alguma vila mais próxima, onde refaziam os sortimentos de seus armazéns, e do mesmo passo enlaçavam amistosamente relações sociais, que os aproximavam dos colegas, também egressos momentâneamente de seus rincões e dos citadinos de vária classe.

---

[253] Visconde de TAUNAY, carta a seu Pai, de 23 de dezembro de 1865, edição da Biblioteca Militar (1944). Depois de apreciar o tipo do fazendeiro erudito, no êrmo dos pantanais, acrescenta o arguto observador:

"A morada dêste CARVALHO é realmente típica das fazendas daqui dêstes sertões longínquos: dela fiz um desenho no meu álbum.

E' um casarão de pau-a-pique, coberto de sapê, barreado, com dois lances a que separa pequeno pátio, fechado por cêrca, muito amplo, mas de pé-direito atarracado. Pela frente da casa corre um alpendrado coberto por fôlhas de buriti e sustentado por grossos taquaruçus. A porta principal é muito larga e está ladeada por duas janelas muito apertadas, mal abertas e assimétricas, o que dá desagradável aspecto à mais que mesquinha fachada".

[254] Aliás, dos filhos do capitão ANTÔNIO CORREIA DA COSTA, afazendados na mesopotâmia entre o Cuiabá e o São-Lourenço, mais de um se distinguiria pela sua ilustração, como também os de seu contemporâneo ESTÊVÃO ALVES CORREIA, dois dos quais adquiriram conhecimento de agrimensura, que não os afastou de todo das labutas rurais, alongadas até o vale do Miranda, onde FRANCISCO ALVES CORREIA e seus irmãos VIRGÍLIO, ESTÊVÃO, GENEROSO e JUVENAL, ledor de VOLTAIRE, fundaram a fazenda denominada Bahia e outras.

Aí deixavam os filhos quando atingissem idade escolar, principalmente na capital, cujos estabelecimentos de ensino acolhiam jovens procedentes das fazendas próximas, (assim consideradas até a distância de 25 léguas), e das mais afastadas, como dos pantanais do Aquidauana.

Rapazes que jamais se visitariam em suas habitações rurais, localizadas em municípios distantes, conheciam-se no internato comum e travavam amizade, que não seria difícil conservar-se mais tarde, cessado embora o convívio da escola.

Anàlogamente, as moças recolhiam-se aos colégios de religiosas, onde aprendiam trabalhos manuais, além dos estudos teóricos.

Nesses meses de ausência do proprietário, tomavam conta da fazenda os seus *camaradas*,[254a] em cujas veias se misturava sangue de antigos senhores da região, de africanos e de avós brancos, em dosagens variadas, dirigidos pelos *encarregados*, aos quais modernamente aplicam a denominação de *capatazes*.

Nos pantanais do Miranda, a escassez de pessoal, conjugada com a boa vontade dos naturais, ensejou a colaboração dos selvícolas, terenos especialmente, que se revelaram auxiliares prestimosos dos pioneiros.

Mais ao sul, avolumou-se o contingente paraguaio, depois de 1870.

Com tais elementos étnicos, em cuja massa preponderou o caboclo regional, descendente de bororo, de pareci, de guató, povoaram-se as fazendas, cujas divisas se dilatavam imensamente, conforme exigia o próprio regime de criação, a desvalia do terreno[255] a rarefação demográfica, a diminuta procura do gado, em cotejo com a produção.

Para aumentar o consumo, recorriam os interessados aos meios que lhes estivessem ao alcance.

O início da indústria do charque, noticiado por PIMENTA BUENO,[256] apenas atenderia ao município em que operava.

[254a] Camarada é o trabalhador das fazendas a quem nos municípios sulinos também designam pelo nome de peão, por influência forasteira.

[255] A comparação de algumas parcelas constantes da escritura de compra de "Sertãozinho", a 14 de dezembro de 1827, oferece informes eloqüentes.

1 sesmaria de terras, (cêrca de 13 068 hectares)	42	oitavas
575 reses, a 1½ oit.	862	"
29 éguas 1½ oit.	43½	
24 cavalos e 4 pastôres	112	
utensílios de cobre e ferro	91½	
escravo FRANCISCO, mina	80	
" JOÃO, benguela	50	

[256] Escreveu, a propósito, PIMENTA BUENO, em 1880:
"No distrito de São-Luís-de-Cáceres, um súdito argentino, D. RAFAEL DEL SAR, estabeleceu no Descalvado um saladeiro, compra o gado ao Sr. PEREIRA LEITE, segundo informou-me o próprio Sr. DEL SAR; abate cêrca de 5 000 reses por ano; paga 9 000 por cabeça, posta no curral".
Ver V. C. F. — *Notas à Margem*.

Os demais fazendeiros, à míngua de compradores para o seu gado, organizavam boiadas, de uma a quatro mil cabeças que, em lotes espaçados, tangiam para leste, à procura das invernadas mineiras.

O preço de venda nem sempre ensanchava margem de lucros compensadores.

A transação evitava, todavia, o acúmulo de reses, que já não se enquartariam, além do desenvolvimento adquirido.

Consumiam apenas o pasto, sem vantagem alguma, e com risco de perecer em acidente de ofidismo, ou por outra causa de conseqüências nefastas.

O gado em pé — mercadoria que se transportava por seus próprios esforços, embora com perda de substância, decorrente do emagrecimento no decurso da viagem estirada por centenas de léguas, ao tomar o caminho de Uberaba, através de Santana-do-Paranaíba, ou, mais ao norte, por Jataí, de Goiás, — não só levava a marca dos criadores estabelecidos no vale do Miranda e Taquari, como ainda procedia dos campos mais distantes, beneficiados pelas alagações do Cuiabá.

A condução das boiadas à procura de consumo ao longe, em vasta escala, só poderia ser empreendida pelos fazendeiros de maiores haveres, quando faltassem boiadeiros idôneos, que lhes adquirissem no curral os lotes e tomassem a si o risco de transportá-los em trabalhosas jornadas.

Os demais contentavam-se em fornecê-los aos mercados citadinos mais próximos, que lhes consumiam parte da produção.

Classificavam-se destarte espontâneamente os fazendeiros em duas categorias.

Abrangia a primeira os mais abastados, que se consideravam donos de dez a cem mil cabeças bovinas. Quando as computasse em menos de dez mil, já o criador se incluía no segundo grupo, que mal daria conta dos que não possuíssem o primeiro milhar.

Como fôsse menor a procura que a oferta, o preço unitário mantinha-se baixo, permitindo a poupança do gado de ventre, que iria contribuir para a multiplicação natural dos rebanhos nos pantanais extensos.

Os criadores não se preocupavam em cercar as suas propriedades, nem disporiam de rendimentos com que pudessem custear as despesas respectivas.

Em tais condições, permaneciam, ufanos com a citação das dezenas de milhares de reses, que lhes pastavam nos campos indivisos,[257] dos quais não auferiam proventos em proporção, quando dois sucessos, pràticamente simultâneos, encerraram por assim dizer a fase pioneira da pecuaria matogrossense, em cuja evolução logo se espelharam conseqüências benéficas.

---

[257] Ao apresentar relatório da exploração geológica do sul de Mato-Grosso, que atravessou em companhia do engenheiro Emílio Schnoor, incumbido de indicar o traçado

A E. F. Itapura-Corumbá, ao mesmo tempo iniciada pelas duas extremidades, logo após o reconhecimento do engenheiro EMÍLIO SCHNOOR, de 1907, festejou, sete anos depois, a ligação das duas pontas de trilhos a leste de Campo-Grande.[258]

Contemporâneamente, estourou a Guerra Européia, que atuaria como aparelho de sucção de quanto pudesse alimentar os seus milhões de combatentes.

Quando cessaram as batalhas, já se tinha transfigurado a paisagem humana dos pantanais, cujos povoadores aprenderam a reputar por melhor preço os seus produtos, a que não faltava pretendente.

Montaram-se charqueadas, cujo número, aliás, tendia a crescer, depois do ensaio lucrativo de Descalvado.[259]

Valorizaram-se as terras e o gado, mercê da entrada de capitais no Estado, favorecida pela via férrea, que iniciou o segundo ciclo de influência paulista em Mato-Grosso.[260]

---

mais conveniente da E. F. Itapura-Corumbá, prolongamento da E. F. Noroeste do Brasil, ARROJADO LISBOA registou cifras relativas a algumas fazendas dos pantanais.

FAZENDAS	Rios próximos	Área em hectares	Número de cabeças de gado bovino
Barranco-Branco	Paraguai	500 000	
Rodrigo	Miranda	384 950	30 000
Rio-Negro	Taquari	118 905	40 000
Firme	Paraguai	176 853	15 000
Descalvado	Jauru	864 000	200 000
São-João	Cuiabá	144 000	50 000

[258] A E. F. Itapura-Corumbá inaugurou os trabalhos de terraplenagem em Pôrto-Esperança, a 3 de maio de 1908, (E. de M. — *Datas Matogrossenses*) ao mesmo tempo em que progredia a construção de Bauru para oeste, já nas proximidades do rio Paraná.
O assentamento de trilhos, em sentido contrário, não cessou de aproximar as duas turmas vanguardeiras, uma da outra, até que a 12 de outubro de 1914 pudesse trafegar a primeira composição, de Pôrto-Esperança, no rio Paraguai, a Jupiá, onde chegavam, à beira do Paraná, os trilhos assentes em território paulista, a partir de Bauru, pela E. F. Noroeste do Brasil, cujo nome se estendeu mais tarde à via inteira.

[259] ARROJADO LISBOA arrolou as charqueadas existentes nos pantanais, em 1907 "embora algumas pela sua insignificante importância apenas mereçam ser referidas"

Descalvado	no rio	Paraguai	Manga	no rio	Paraguai
Pindaival	" "	Piquiri	Barranco-Branco	" "	"
Triunfo	" "	São-Lourenço	Miranda	" "	Miranda
São-João	" "	Cuiabá			

Releva notar que esta última começara a funcionar em 1907, e a anterior ainda se achava em organização.
Descalvado transformara-se em fábrica de extrato de carne, por esforços de JAIME CIBILS BUCHAREO, industrial oriental.

[260] O cotejo de preços correntes no mesmo local, em épocas diferentes evidencia-lhes a ascensão constante.
Na Baía-das-Pombas, em 1890, cada rês de cria valia 10 000 e de corte 20 000, conforme indicam lançamentos fidedignos em que também consta a aquisição de uma sesmaria por 1 000$000, (aproximadamente 13 068 hectares).
Em 1901, cada boi de carro alcançava 60$000, devendo, portanto, o de corte, variar de 30 a 40$000.
Em 1907 a boiada calculava-se a 70$000 por cabeça, alcançando as reses mais gordas e desenvolvidas o preço excepcional de 90$000.
Na atualidade (1944), o preço unitário subiu a cinco e seis centenas de cruzeiros para o gado de corte, por influxo da valorização causada pela Grande Guerra e inflação do meio circulante.

Milionários alienígenas descobriram futurosa aplicação às suas disponibilidades financeiras, encaminhadas de preferência para o planalto, entre o Paraná e o Paraguai, cujos sobejos, todavia, procuraram os pantanais, afamados pelas suas peculiaridades criadoras, não obstante os prejuízos por ventura causadas pelas inundações descomunais.[261]

Muitos dos desbravadores, seduzidos pelas primeiras ofertas, venderam suas propriedades, onde prosperariam os sucessores, já beneficiados pela expansão do mercado consumidor.

Outros, porém, permaneceram, arraigados ao solo, para desfrutarem os benefícios de empreendimentos avoengos, realizados ao tempo em que era mais rude a luta contra a Natureza bravia.

Prosperaram, em grande maioria, pela contínua ascensão de preços, em que as depressões de 1922 e 1930 figuram apenas como passageiros episódios.

Da melhoria de cotação resultou o empenho do fazendeiro em cuidar mais zelosamente dos seus rebanhos, ao qual proporciona rações periódicas de sal, outrora dispensáveis, campos limitados por cêrcas de arame, que lhes evitem a dispersão, e reprodutores capazes de contribuir para lhes apurarem as qualidades de gado para corte.

Por outro lado, também comprenderam a vantagem de suavizar o ambiente destinado ao convívio humano.

Residências providas dos requisitos exigidos normalmente pelos prédios urbanos já se erguem nos pantanais, onde ao viajante deparar-se-á o confôrto moderno associado à fartura antiga.

Médicos, advogados, engenheiros, não se apressam em negociar a gleba adquirida acaso por herança.

Ao revés, forcejam por mantê-la em condições produtivas, embora adstrita a padrão de vida diferente do primitivo, com que se contentavam os pioneiros.

A criação em pastos limitados, que facilitam sobremaneira os trabalhos de campo, mais rendosos em área accessível à fiscalização dos vaqueiros, tornou dispensável a conservação das glebas superiores aos recursos do fazendeiro, que só mantém a proporcionada aos seus objetivos industriais.

A transformação, tardinheira a princípio, tende a acelerar-se, mercê da conveniência de reduzir-se a taxação do impôsto ter-

---

[261] Visitando parte dos pantanais, logo após a cheia extraordinária, Arrojado Lisboa soube dos prejuízos então causados pelas águas.
"Só no pantanal de Miranda o número de reses afogadas na enchente de 1905 se elevou a mais de 30 000". Em São-João e Rio-Novo, "o criador Costa Marques perdeu 10 000 cabeças".

ritorial, crescente com a área possuída, além das vantagens econômicas resultantes da redução dos rebanhos, uma vez que seja a diminuição de quantidade compensada pela qualidade mais apreciada e, portanto, de maior preço.

Os resultados exprimem-se por cifras que GERVÁSIO LEITE apresentou em expressiva contribuição intitulada — *O gado na economia matogrossense.*

Discrimina por município o número de reses e o valor correspondente, em 1941, quando se iniciou a valorização refreada pela Coordenação da Mobilização Econômica.

MUNICÍPIOS	Número de reses	Valor (Cr$)	Coeficiente por 1 000 habitantes
Aquidauana	400 000	80 000 000,00	23 168
Cáceres	132 000	23 760 000,00	7 507
Corumbá	610 000	122 000 000,00	19 034
Miranda	90 000	27 000 000,00	7 511
Nioaque	144 000	28 800 000,00	22 284
Poconé	360 000	64 800 000,00	2 906
Pôrto-Murtinho	102 000	20 400 000,00	16 195
Santo-Antônio	108 000	19 440 000,00	4 482
TOTAL	**1 946 000**	**386 200 000,00**	—

A utilização dêsse gado, superior ao consumo regional, mantém as charqueadas, cujos resultados se patenteiam no quadro abaixo:[261a]

Exportação de charque

ANO	Quantidade em quilos	Valor oficial (Cr$)
1937	4 922 953	9 322 144,00
1938	3 657 653	5 963 534,00
1939	3 877 124	6 560 980,00
1940	3 383 497	7 845 528,00
1941 (sòmente o 1.º semestre)	2 276 063	5 992 382,00

[261a] Em média, de um boi pantaneiro as charqueadas obtêm:
100 a 110 quilos de carne verde ou
56 " 50 " " charque,
26 " 30 " " couro salgado,
3 quilos de crinas,
3 " " chifres,
6 a 10 quilos de sebo.

Da carcaça, instalações especiais ainda podem retirar 27 quilos de graxa e transformar o resíduo em adubo.

Excetuando a charqueada de Campo-Grande, no planalto, as demais se encontram nos pantanais, distribuídas pelos municípios seguintes:

NOMES	Municípios
Rio-Negro	Aquidauana
Descalvados	Cáceres
Barreirinho	Corumbá
Otília	»
Corumbá	»
Miranda	Miranda
Alende	Poconé
Guanandi	»
Pôrto-Joffre	»
São-João	»
Pôrto-Murtinho	Pôrto-Murtinho

Além das charqueadas, os matadouros abateram para o consumo regional em 1941.

NOMES	Cabeças abatidas
Aquidauana	4 776
Corumbá	7 402
Cáceres	2 772
Cuiabá	7 247
Miranda	750
Nioaque	272
Poconé	957
Pôrto-Murtinho	1 381
Santo-Antônio	340

O excedente da produção pantaneira acresce, com o gado em pé, o valor da exportação.

As boiadas que outrora troteavam, por meses seguidos, pelos caminhos terrestres, estirados até as invernadas mineiras, acomodam-se modernamente nas gaiolas da E. F. Noroeste do Brasil, que as levam às pastagens paulistas.

A PLEBE RURAL

Se os comerciantes, nas cidades como igualmente na zona rural dos pantanais que os mascates atravessam em suas longas peregrinações, podem não raro dispensar o concurso de empregados, fenômeno diverso ocorre nas fazendas e usinas, em que se desenvolve o trabalho coletivo, indispensável às operações de maior escala e ao aparecimento da classe de inferior nível social, constituída pelos agregados, camaradas e os que não se alistam em nenhum dêstes grupos, embora vivam igualmente desprovidos de haveres, como os ribeirinhos modestos.

Incluem-se os primeiros no rol dos pretendentes a morar em gleba pertencente a outrem, cujos favores são retribuídos periòdicamente por meio de trabalho.

Em geral, o proprietário de terras, que lhe sobejam, consente na ocupação de pequeno lote a quem o solicitar, mediante condições variáveis de um para outro estabelecimento.

Terá ou não direito a criar algumas cabeças de gado, abrir roças, até certos limites, mas quase sempre será obrigado a atender aos avisos para auxiliar os trabalhos principais do senhorio.

Participará, nos estabelecimentos pastoris, da labuta dos vaqueiros, que saem ao campo, em busca do gado bovino do patrão e o trazem aos currais para a *ferra,* a *marcação* e operações complementares, que tendem a amansá-lo.

Com mais forte razão concorrerão ao muxirum,[262] quando se reúnem todos os interessados por ajudar com o seu esfôrço, em troca futura de iguais retribuições, o vizinho solicitante, que os alimentarão festivamente por um ou dois dias, durante a magna tarefa, de ultimação urgente.

Isentos de obrigações contínuas, poderão aplicar a sua atividade como lhes aprouver, inclusive de maneira que obtenham produtos, de plantações reduzidas ou de indústrias domésticas, de valor comercial, como artefatos de correia, de sola, peles de animais caçados, de cuja compra toca a preferência ao seu chefe.

Fora dos compromissos periódicos, vivem em relativa independência, ao contrário dos camaradas, a quem cabe o quinhão maior nos campeios e demais diligências, que se intensificam nas estiagens até ao comêço da época das águas.

Empregam-se de acôrdo com as normas vigentes, mediante remuneração ajustada.

---

[262] Muxirum — J. Bernardino de Sousa, em seu *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil* transcreve a definição do *muxirão* de Amadeu Amaral: "reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola — roçada, plantio, colheita, terminando sempre em festa, com jantar ou ceia, danças e descantes".

É, adianta, o mesmo pichurum, puchirão, ajutório, do Rio-Grande-do-Sul, mutirão e bandeira, de Minas; batalhão e adjutório da Bahia e Sergipe; côrte de São-Paulo, adjunto de Pernambuco; potirum, puxirum, mutirum, do Pará, ajuricaba do Amazonas.

Nos pantanais, entre o Cuiabá e o São-Lourenço, é mais usual a variante muxirum para indicar o mesmo fenômeno.

Na região sulina já os nomeiam de *peão,* por influência forasteira.

Quando se iniciou a pecuária pantaneira, ser-lhes-ia diminuto o número, em confronto com o dos escravos, que então constituíam a maioria dos trabalhadores rurais.

À medida, porém, que os segundos se reduziam, beneficiados pelas alforrias, aumentavam aquêles em proporção.

Ao vibrar a Lei de 13 de maio o golpe fatal na instituição anacrônica, não seriam tão malignas as conseqüências, como em Serra-Acima, onde velhos engenhos se viram despovoados de improviso, com graves perturbações na economia chapadense, cuja decadência se precipitou assustadoramente.

Malefícios análogos não se verificaram, ao menos com intensidade comparável, nos pantanais, onde já se achava organizada a vida rural com base no trabalho dos camaradas,[263] descendentes de antigos escravos, ou que provinham do cruzamento, por vária dosagem, do branco e do negro entre si ou com o índio.

Êste, principalmente, revelou-se afeiçoado às tarefas pastorícias, que não lhe contrariavam o gôsto inato de contínuas excursões, em que estadeava qualidades admiráveis para o cabal desempenho de seus encargos.

Nos campos infindáveis, aprazia-lhe *cortar rumo,* com a segurança instintiva de guia certeiro, a cujo olhar arguto se desdobrasse todo o terreno como em carta fielmente representativa das minúcias topográficas.

Ainda quando não tivesse jamais palmilhado a região, desde que semelhante à sua querência, a vegetação de colorido mais ou menos intenso, o vôo e canto das aves, a presença de certas caças e tantos outros indícios quase imperceptíveis às vistas comuns, bastariam para lhe balizar a marcha, através de obstáculos naturais, nas melhores passagens possíveis, evitados os maiores atoleiros ou travessias perigosas.

No seguir a *batida* de algum lote bovino desgarrado, ou rastear animal fugido, mais eficientemente não atuaria agudo faro canino.

Equivalente perícia revelava nos trabalhos curraleiros, de leiteação e amansamento de animais, no manejo da enxada e machado, quando se dedicasse à lavoura.[264]

---

[263] Camarada é o trabalhador rural, a quem, nos municípios sulinos, também designam pelo nome de peão.

Roosevelt, que os observou de perto, em uma das cenas comuns nos currais pantaneiros, não dissimulou a simpatia admirativa de que se viu empolgado, por volta de 1914. "O destemor e a agilidade dos vaqueiros eram notáveis. — A côr da pele daquela gente indicava claramente sua origem indígena e negra, pôsto que alguns revelassem também fortes traços de sangue branco.

Usavam camisa comum, calças, um avental de couro franjado e chapéus deformados. Seus pés descalços eram duros como chifres.

Quando um dêles laçava a rês, segurava a corda em tôrno do corpo, estirando-se para trás até quase sentar-se, firmando ao mesmo tempo os calcanhares no chão e, quando a corda se esticava, o animal em galope parava de chofre, completamente torcido".

Teodoro Roosevelt — *Nas selvas do Brasil* — trad. de Luís Guimarães Júnior.

Em terra, ou sôbre águas, ajeitava-se a qualquer ocupação, para manobrar canoas ou embarcações de maior porte, cuidar de tropa de cargueiros, constituída de bois de sela ou muares.

Com a mesma agilidade equilibrava-se, em pé, na pôpa de montarias, ao remar, como domava, armado de tacas e chilenas, os poldros chucros.

Naturalmente, cada qual se mostraria mais inclinado aos serviços que lhe apraziam, mas a todos cabia igual corveia, quando as conveniências da fazenda aconselhavam a reunião de todos os seus obreiros para a ultimação das tarefas inadiáveis.

Fôsse mestiço, de qualquer coloração, bororo do vale do São-Lourenço ou do Paraguai, guató, seu vizinho, chiquitano, da faixa fronteiriça cacerense, terreno de Miranda, tôdas as tribos revelavam análogas aptidões, que facilitaram a expansão pastoril pelos campos outrora por elas assenhoreados.

E as transmitiam aos filhos, que por outro ramo, branco ou negro, herdavam diferentes pendores, de melhor adaptação ao regime de continuidade no trabalho, em que se engajavam, de acôrdo com o direito consuetudinário, que pràticamente os equiparava aos escravos pela dependência econômica.

A imprevidência invariável, agravada com o gôsto pueril de adquirir artigos de pechisbeque, em detrimento de objetos imprescindíveis ou de maior duração, tornava-lhes insuficiente o ganho, apesar de isentos de gastos de casa e comida, a expensas do patrão.

Não obstante, contraíam dívidas, que raramente conseguiam resgatar.

Nem se preocupavam em geral com tais compromissos, que não os impediam de variar de residência, caso preferissem outras fazendas, cujos proprietários se responsabilizavam pelo pagamento da *conta*, equiparada a título de dívida negociável, sob penhor do trabalho do devedor.

Mudavam de local, mas o regime de subordinação perdurava, com maior ou menor rigor, à maneira de cativeiro amenizado por maior solidariedade humana, decorrente de menor diferença entre os dois níveis sociais, que se confundiam no intermediário, de transição.

Mais de uma vez ter-se-ia repetido o episódio que surpreendeu desconhecido viajante, em hospitaleira fazenda, à margem do Miranda.

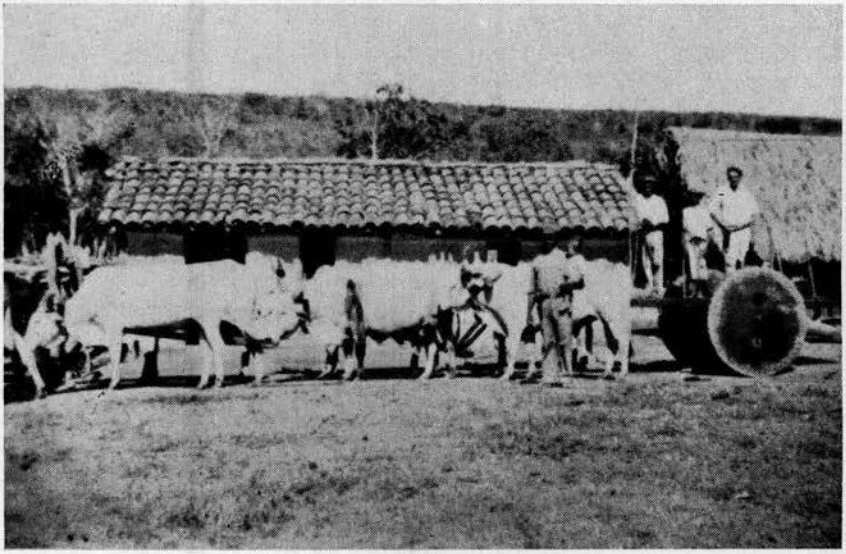
Gritando por passagem, ao abeirar-se do rio, foi-lhe ao encontro hábil canoeiro, de vestes singelas, que não denotavam condição especial.

À pergunta: seu patrão está em casa? respondeu afirmativamente, depois de indagar de quem se tratava.

Deixando-o à entrada, contornou o prédio, para reaparecer, por outra porta, de dentro, em trajes esmerados, que melhor lhe indicassem a hierarquia social, com pasmo de quem o procurava,

Casa coberta de telha, à margem do Cuiabá. Tipo encontradiço, de alvenaria de tijolos, ou adôbes, ou estrutura de madeira, com painéis de pau a pique. A cobertura de telha, tipo colonial, já denota maior esmero na construção.

Pantanal do Piquiri — Tipo de construção de fazenda pioneira, com alpendre em tôda a extensão da frente.



Miranda em 1941 — Tipos de veículo e de casas comuns no município. A construção não difere apreciàvelmente da outra, anterior, sendo quanto ao acabamento, mais rústico.

Residência rural ainda existente no pantanal, região do Mimoso. É o tipo do rancho rústico, paredes de pau a pique, devidamente barreadas, e cobertas de palmas de uacuri

sem suspeitar que já lhe devia o obséquio da travessia rápida do rio.

Assim era o coronel mirandense e da mesma forma outros muitos fazendeiros não se distinguiam, na aparência, dos seus camaradas, que lhes acatavam, todavia, a autoridade, por lhes reconhecerem a superioridade pessoal.

Entre ambos os grupos, manifestava-se a osmose social, pela transferência de indivíduos de uma classe para outra.

Mais freqüentemente, porém, ocorria, em vez de ascensão, o declínio, pelo esmorecimento da prole de antigos latifundiários, não preparada convenientemente para ao menos conservar a herança recebida.

Filhos de fazendeiros, depois de esbanjar o seu quinhão, iam-se degradando progressivamente até que se vissem forçados a solicitar emprêgo nos estabelecimentos semelhantes ao que possuíram e não souberam manter, por falta de apropriada educação.

E quando não decaíssem a tais extremos, contribuiriam para avolumar a massa dos moradores independentes, que possuíam o terreno da sua moradia, mas desprovidos de estímulo para fecundá-lo com o trabalho.

Bastava-lhes, por abrigo, o rancho, colmado de sapê, ou fôlhas de uacuri, ou de palmeira igualmente prestadia, e barreado a sopapo, por entre a grade dos barrotes e ripas.

Para alimentação, nada mais seria necessário que plantar alguns litros de arroz e milho, touceiras de cana de açúcar, com que adoçassem os chás de fôlhas silvestres.

Se o solo favorecesse, o mandiocal auxiliar forneceria o alimento predileto, em raiz, ou farinha, com que se misturava o peixe em fartura, ou a caça mais rara, cuja pele constituía um dos artigos de escambo mercantil, necessário à aquisição de sal, tecidos grosseiros e utensílios metálicos.

Quando ribeirinho de caudal navegável, além das pescarias rápidas, para o próprio consumo, os mais ativos ainda se ocupavam de fazer lenha, que empilhavam no barranco, à espera da primeira embarcação em trânsito, quando não resultasse de encomenda acertada com o freguês preferido.

Empregavam o seu tempo e energia como entendessem, livres das constrições permanentes dos camaradas, ou periódicas dos agregados.

Caso fôssem, em verdade, diligentes, poderiam ascender de categoria, como, aliás, sucedia com os demais, embora assalariados, quando, além das qualidades de ação produtiva, não lhes faltasse a decisão de poupança e pertinácia em elevar o padrão de vida, expresso por índices diminutos, que tendem modernamente a subir, à medida que por sua vez a classe patronal consegue melhorar as suas próprias condições econômicas, de que se beneficia a plebe rural, seja ou não camarada.

MEIOS DE TRANSPORTE

Sulcado pelo rio Paraguai e seus calibrosos tributários, que se esgalham de ambos os lados, como outros tantos ramais navegáveis, o Pantanal dispõe de vias naturais de comunicação, que lhe facilitaram o devassamento e definitiva ocupação pelos paulistas.

Conheceram-nas, outrora, os castelhanos de Assunção, que, desinteressados da posse, pelo desconhecimento de riquezas minerais, não conseguiriam reivindicá-las, quando as viram freqüentadas pelos bandeirantes, a cujas mãos o cascalho aurífero de Cuiabá cedeu pepitas valiosas.

O primeiro século, a partir do início do seu povoamento regular, assinala o antagonismo entre os dois grupos que forcejaram por exercer domínio exclusivo na região, onde os paiaguás, amparados por dissimulada proteção oficial, constituíram a vanguarda aguerrida e ansiosa de impedir a passagem das monções setecentistas.

A investida malograda de D. Lazaro de Ribera encerra a fase inquieta, a que sucede meio século de acomodações, durante o qual se expande a navegação, embora de maneira primitiva.

Sòmente o uso das unidades movidas por máquinas a vapor, que dependiam do consentimento dos governos vizinhos para embocarem pelo rio da Prata e perlongar o trecho de soberania estrangeira até alcançar, águas acima, o território brasileiro, imprimiria atividade nova nos transportes fluviais por volta de 1859, e interrompida no decurso do qüinqüênio angustioso.

A organização de emprêsas idôneas, cabalmente aparelhadas para o cumprimento de suas obrigações contratuais, garantiu, por fecundos decênios, o serviço regular de comunicação entre a capital do país e a de Mato-Grosso, via Montevidéu, Buenos-Aires e Assunção.

Corumbá tornou-se, então, o pôrto intermediário, onde se efetuava a baldeação dos navios maiores para os de menor calado, apropriados às condições especiais nos longos trechos rasos.[265]

---

[265] Apesar de insuficientes para atender às solicitações do comércio, freqüentavam, em dezembro de 1944, o pôrto de Corumbá as embarcações das seguintes emprêsas, consoante fidedigna informação do Dr. João Leite de Barros.

Serviço de Navegação da Bacia do Prata

Miguéis & Cia — Scaff Gattass & Cia

Kassar & Cia Ltda e José Dulce & Cia.

A primeira, autarquia que substituiu o Lóide Brasileiro, mantém a ligação entre Corumbá, Montevidéu e portos interjacentes, com os navios motores mistos "Argentina", "Paraguai" e "Uruguai".

Nessa linha também transitam navios da Companhia Argentina de Navegação (Mihanovich) Ltda.

A última incumbe-se da navegação entre Corumbá e Cáceres, com a lancha "Etruria" e chata "Cacerense".

As três outras servem as zonas de Corumbá e Herculânea, com a lancha "Estrêla", de motor, pertencente a Kassar & Cia, e a Cuiabá.

Scaff Gatass & Cia possuem as lanchas "Itajaí" e "Agachi", além de três chatas de reboque, aplicadas nesta linha.

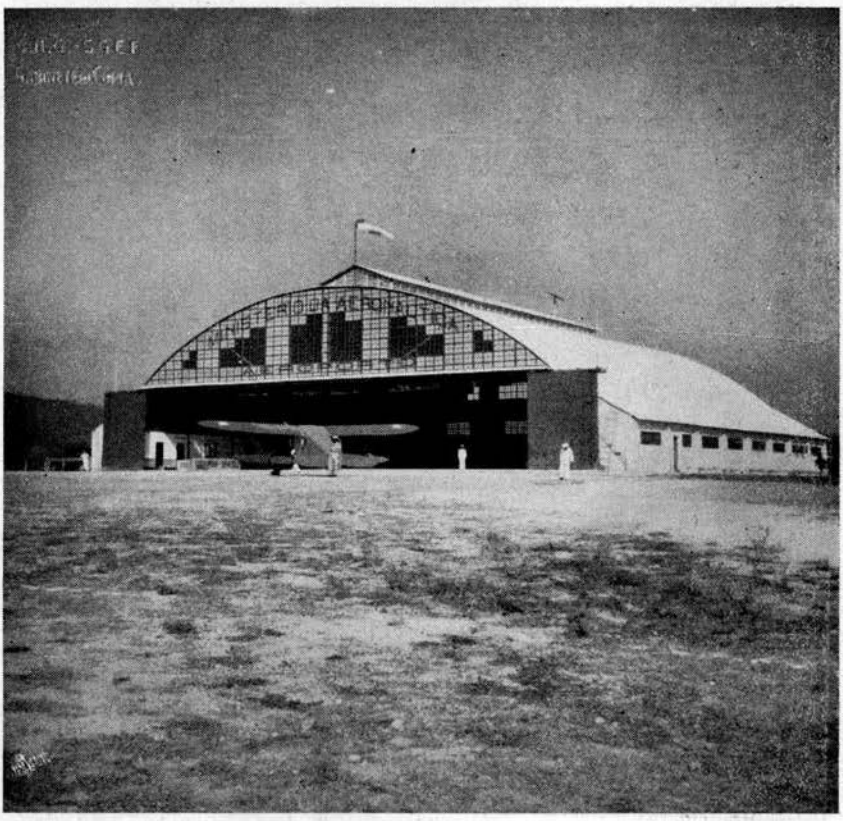
São de Miguéis & Cia os vapôres "Fernandes Vieira", "Guaporé" e "Cáceres", navio

Município de Corumbá — 1941 — Veículo usado na zona rural e suburbana. — Carroça modificada, para transporte mais longo, que exige proteção contra as chuvas e a soalheria.

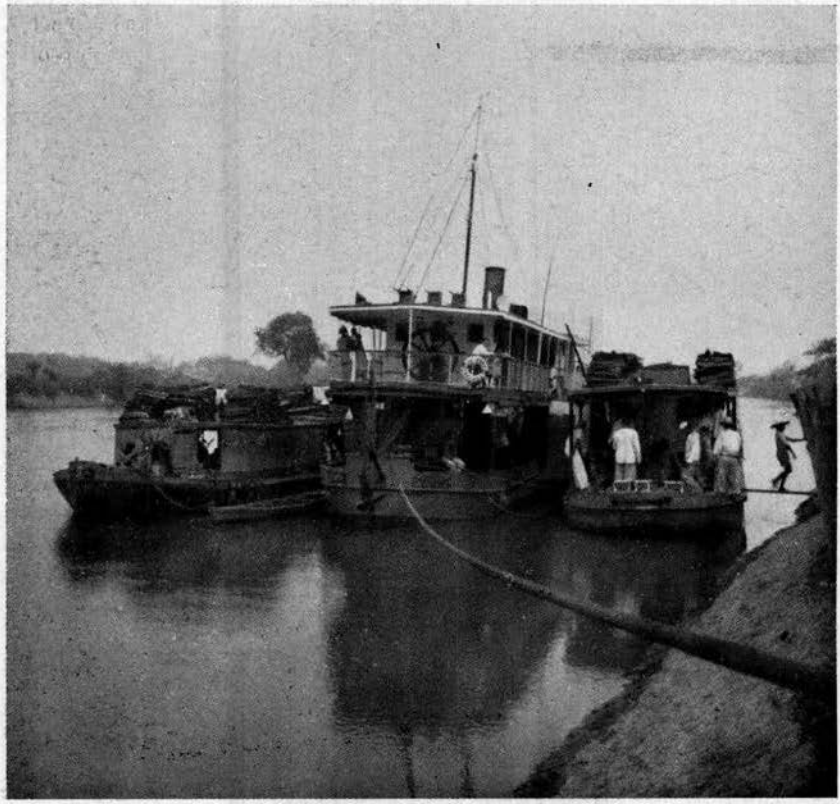
Município de Miranda — Carro de bois usado na zona rural. (1941). No oitão da casa, as ripas aparentes patenteiam ser de pau a pique a respectiva parede.

Foto E. Gonçalves

Correio de Cáceres a Mato-Grosso. Mantido por estafeta que recorre ao boi-de-sela, usual no município, bem como em outros vizinhos, até Cuiabá, onde costumavam os fornecedores conduzir a sua lenha em cargueiros bovinos, que freqüentavam as ruas da capital. E' comum, aliás, no pantanal, o uso de bois como animais de sela, principalmente quando a peste de cadeiras dizimava os eqüinos.

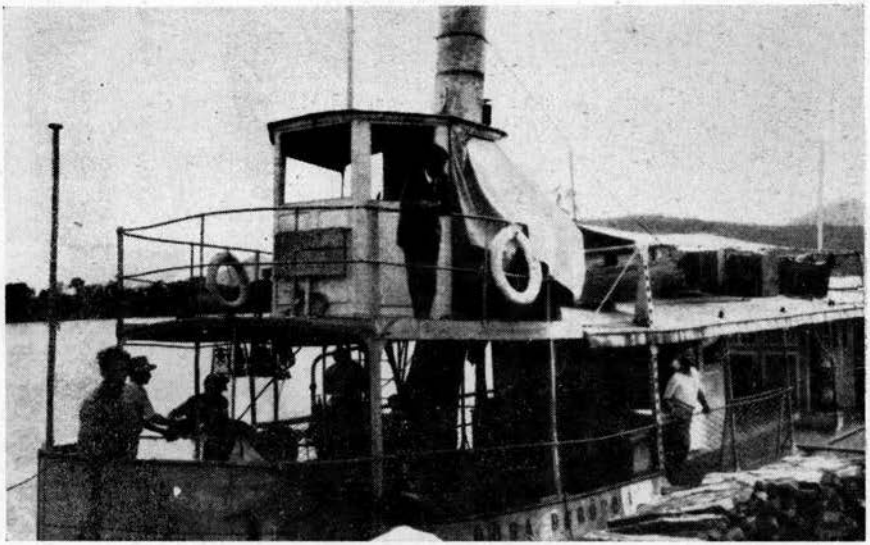


Corumbá. Aeroporto internacional, para o qual convergem as linhas aéreas do Rio, (Via São Paulo) de Cuiabá, de Santa Cruz de la Sierra.



Transporte usual no rio Paraguai (Mun. de Corumbá) e seus tributários. (Lancha "Guaporé" com duas chatas carregadas (uma por banda). A ligação com a terra faz-se pela prancha lançada de bordo à margem, como indica a fotografia.

Balsa para travessia do rio Cuiabá no pôrto da capital, antes da construção da ponte que a substituiu.



A lancha "Rosa Bororo", de viagem para a capital, em janeiro de 1926, parada para receber lenha em um pôrto no rio Cuiabá. As achas de madeira acham-se empilhadas no barranco, e são conduzidas para bordo de mão a mão dos embarcadiços enfileirados, que as passam uns aos outros, contando-lhes o número.

(Foto Vasques)

Antes que a E. F. Noroeste permitisse ligação de São-Paulo com o rio Paraguai, em Pôrto-Esperança, retomando o rumo seguido pelos desbravadores, navegavam embarcações pelo Miranda e Aquidauana até as vilas homônimas, a Cáceres, à beira do Paraguai, além da linha principal que terminava no pôrto de Cuiabá.

Nos percursos mais reduzidos, ou entre as viagens mensais dos vapôres, tipos menores eram usados, desde o barco, movido por zingueiros, a uma e outra banda, e afeiçoado não raro à mascateação fluvial, com o seu compartimento de proa transformado em armarinho, para venda dos artigos mais apreciados pela clientela ribeirinha, aos batelões de um só pau, tocados à voga ou remo, às montarias velozes, que um só remador, à pôpa, sentado, ou em pé, fazia deslizar cèleremente sôbre as águas.

Condicionado pela geografia, o papel histórico então desempenhado pela rêde fluvial supera qualquer outro fator estimulante do apossamento, assim dos pantanais, como do próprio território contíguo, em nível sobranceiro às inundações.

Aos pioneiros, os rios acolhedores proporcionavam estradas de fácil trânsito, depois que foi dominada a fúria belicosa dos paiaguás, alimentos de apreciável teor nutritivo, além de lombadas marginais, onde pudessem erguer as suas casas rústicas, enfileiradas como em avenida, nas proximidades da capital e cultivar as plantas que lhes completassem os pratos indicativos da ictiofagia.

O Cuiabá, porém, quanto mais se lhe adensa a população ripícola, mais se alarga, com prejuízo da profundidade.

---

motor "Cidade de Corumbá", lanchas "Ipiranga", "Rio Taquari" e "Rio Cuiabá" e número correspondente de chatas, que trafegam entre Pôrto-Esperança—Corumbá e Cuiabá.

Simples análise dos nomes citados mostra que, acima de Corumbá e pelo Taquari, só a iniciativa particular, em que predominam os sírios, mantém o serviço de navegação, embora em condições deficientes, como evidenciam duas notícias oficiosas, colhidas em épocas diferentes, com intervalo de 14 meses:

"A situação criada pela navegação no rio Cuiabá chega a uma fase crítica que não comporta mais protelação — A E. F. Noroeste do Brasil acaba de tomar uma medida que acarreta para o comércio de Cuiabá as mais sérias conseqüências.

Aquela Estrada está retendo em Bauru as mercadorias destinadas a Cuiabá e Corumbá, via Pôrto-Esperança, e não aceita despacho ou redespacho algum para aquela estação terminal.

Os seus vagões chegam a Pôrto-Esperança carregados e carregados ali permanecem, às vêzes durante meses, nos desvios, porque os armazéns da Estrada estão por sua vez abarrotados e a Emprêsa Miguéis não dá vazão ao transporte pelo rio.

O Estado de Mato Grosso, de Cuiabá, de 5 de dezembro de 1943.

Mais recentemente divulgou-se o tributo que está onerando o comércio cuiabano e refreando-lhe a expansão:

"Em conseqüência da falta de transporte, o comércio desta capital está pagando 5 000 cruzeiros por dia, de armazenagens de sua mercadoria retida em Pôrto-Esperança e Corumbá".

Interessada em verificar diretamente as condições reais foi a Pôrto-Esperança uma comissão da Associação Comercial, de Cuiabá, chefiada pelo prefeito MANUEL MIRAGLIA que, de regresso, declarou:

"E' lamentável a situação reinante em Pôrto-Esperança. Possui apenas uma insignificante estação, e, não dispondo de armazéns, as cargas permanecem nos vagões que as transportam ou são atiradas de qualquer maneira pelas plataformas e pátios, ao desabrigo, num triste espetáculo de abandono. Entretanto a soma das armazenagens pagas pelo comércio cuiabano, depois que a Noroeste determinou a sua cobrança, já atingiu a Cr$ 460 000.00 sendo que, atualmente, a média diária da armazenagem global, paga pelo comércio de Cuiabá, é de Cr$ 5 000.00.

O Estado de Mato-Grosso, 28 de janeiro de 1945.

As plantações pelas margens, afofando o terreno, facilitam as erosões que se intensificam progressivamente, entulhando os canais.

E os navegantes cada vez mais se angustiam nas proximidades da faixa povoada, antes assinalada por Santo-Antônio, (Leverger), donde já se dilatou ao Aricá, mais a jusante.

À falta de melhoramentos contínuos da via fluvial, que a torne utilizável em qualquer época, abriram-se rodovias para os portos accessíveis às lanchas no tempo da sêca.

Aliás, a tendência dos pantanais a mudar de aspecto, pela redução do excesso de águas superficiais, à medida que o pisoteio do gado consolida os brejais, substituídos por achanadas pastagens, cujo nível se eleva de ano para ano, mercê da colmatagem favorecida pelas alagações, fartas de detritos minerais e vegetais, facilita o rodar dos carros por sítios que os primeiros posseiros evitavam com os seus animais de carga, fôssem muares ou bovinos.

E, assim, já trafegam por essas paragens automóveis e caminhões.

Modernamente, como seja, de modo geral, plano o terreno, e rasteira a vegetação, preparam-se fàcilmente pistas para aviões, que as freqüentam em Nhecolândia, no Piquiri, Pôrto-Jofre, onde por largo prazo desciam os hidro-aviões da linha Corumbá-Cuiabá.

Sôbre águas, à superfície do solo inundável por alguns meses, ou pelos ares, intensificam-se, destarte, as comunicações entre os agrupamentos humanos, que vão distendendo gradativamente a influência civilizadora pelos pantanais.

DESAGREGAÇÃO DOS LATIFÚNDIOS

Em conseqüência da valorização das terras e seus produtos, apressou-se a fragmentação das imensas propriedades doutrora, algumas das quais já vinham naturalmente experimentando reduções, por fôrça do desaparecimento dos primitivos donos, cuja descendência, numerosa em geral, se acomodava no condomínio, para evitar despesas de separação judicial dos quinhões.

O exemplo por ventura mais típico de tal processo de subdivisão virtual da propriedade, sem alteração das linhas divisórias, proporciona a do capitão Antônio José da Silva, que se julgava possuidor do pontal entre o Cuiabá e São-Lourenço, até frontear o Uacurutuba, além de outras glebas.

Montou a sede em Santo-Antônio-da-Barra, onde o sobrado, em meio dos sertões brutos, avultava como símbolo de poderio.[266]

---

[266] Quando o Regulamento de Terras, de 30 de janeiro de 1854, em que L. P. Couto Ferraz minudenciou o processo de execução da Lei 601, de 18 de setembro de 1850, exigiu o registo das propriedades rurais, para que fôssem reconhecidas, o interessado datou em "Freguesia de Santo-Antônio, aos 22 de junho de 1855", a declaração respectiva, mediante

Pantanal do rio Negro. — Caçada de perdiz na fazenda Tupanciretã, com o auxílio do automóvel. A fotografia mostra, por um lado, a abundância de perdizes em muitas zonas do Pantanal, e também a facilidade espontânea de rodarem automóveis nos campos respectivos. O uso de bombachas e botas, a exemplo dos costumes gaúchos, já se tornou comum em parte dos pantanais sulinos, como indica a fotografia.

Blocos de borracha de mangabeira extraída em Nhecolândia. Nos cerrados, que as inundações anuais não alcançam, viçam plantas semi-xerófilas, lixeira, piquizeiro, com as quais se misturam as mangabeiras, cujo látex pode ser aproveitado para a confecção de borracha, como indica a fotografia.

Não obstante abranger, pela declaração levada a registo, área excedente de trezentos mil hectares, a fazenda começou a diminuir pela cessão a outros interessados dos lotes mais distantes.

Encolheu-se a limites mais modestos, após o desaparecimento do desbravador, cuja colaboração na abertura do caminho de Cuiabá ao Piquiri em 1837, o presidente PIMENTA BUENO sobremaneira enalteceu.

Em tôrno do casarão, desdobrou-se-lhe a descendência, que não cuidou de separar os quinhões de cada herdeiro.

A criação em comum, cuja manutenção dependia, aliás, das pastagens proporcionadas pelos pantanais vizinhos, assinalou o condomínio, que outrora disporia de terras sobejantes para a partilha entre os herdeiros.

Exemplo diverso, merecedor de imitação, derivou do parcelamento do Firme, cuja área primitiva, de 176 853 hectares, limitada, a oeste, pelo terreno das Palmeiras, que se abeirava do Paraguai, poderia expandir-se para nordeste, perlongando o Taquari.

Pertencia a JOAQUIM JOSÉ GOMES DA SILVA, barão de VILA-MARIA, quando a invasão paraguaia lhe talou os campos, carneando-lhes o gado existente.[267]

Ao fim da guerra, as raras cabeças escapas à pilhagem fugiam, bravias, ao perceberem vaqueiros ao longe.

O remanescente da criação transformara-se em caça, e da fazenda nascente apenas permaneciam os pantanais fecundos.

Lobrigou-lhes a valia um dos filhos do Barão, JOAQUIM EUGÊNIO GOMES DA SILVA, NHECO de apelido, cujo entusiasmo empolgou os parentes, GABRIEL PATRÍCIO DE BARROS, seu cunhado, FRANCISCO GOMES DA SILVA, primo, JOÃO BATISTA DE BARROS, MANUEL GOMES DA SILVA e outros.

Decidiram repovoar os sertões abandonados por mais de cinco anos.

---

a qual lhe pertenciam "três sesmarias e uma concessão do govêrno dos campos e matas, de três léguas de comprido e uma de largo, cada uma na forquilha dos rios Cuiabá e São-Lourenço, cujo terreno é fechado por cima com a Baía-do-Félix e seus títulos são os seguintes:

O primeiro — Santo-Antônio-da-Barra, requerido em nome do finado FRANCISCO D'ALMEIDA RORIZ, da barra para cima, margeando o pantanal do Cuiabá, confina com o alferes CUSTÓDIO JOSÉ DA SILVA pelo lado do São-Lourenço o segundo, em nome do finado capitão EDUARDO ANTÔNIO MOREIRA com o mesmo rumo, a findar na Baía-do-Félix, que por outro lado pertence aos herdeiros do falecido capitão ANTÔNIO CORREIA DA COSTA. Terceiro, em nome do finado JOSÉ ARRUDA E SILVA, margeando o São-Lourenço acima, que confina por baixo com o mesmo alferes CUSTÓDIO e por cima com a dita concessão denominada Alagoa-da-Figueira, esta confina com FRANCISCO PEREIRA CHAVES, da fazenda do Tamanduá.

Tem mais Santo-Antônio-do-Paraíso, na forquilha dos rios Piquiri e Itiquira, posse Santíssima-Trindade, e Santa-Luzia, que foi do finado JOSÉ MARTINS DE CARVALHO e sesmaria do Curralinho.

(Arquivo da Repartição de Terras de Mato-Grosso).

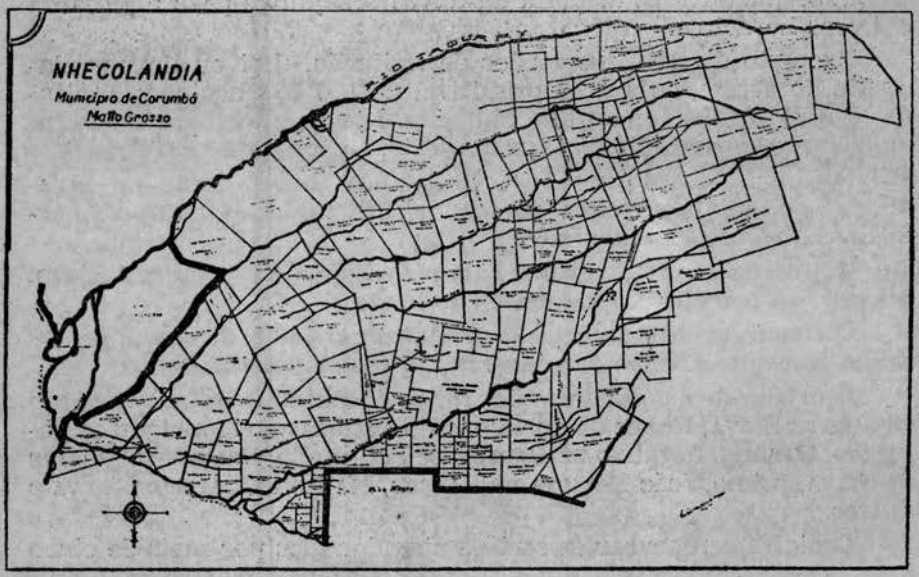
[267] Ao relembrar o episódio, JOSÉ DE MESQUITA vale-se das informações de JOSÉ DE BARROS MACIEL, a propósito do barão de VILA MARIA, que, "arrostando todos os obstáculos naturais, vencendo pantanais, vadeando rios, e desafiando imensos sertões e a inclemência do tempo, foi levar à Côrte, em 1865, a notícia da invasão de Mato-Grosso pelas tropas de SOLANO LOPEZ".

Rev. Inst. Hist. de Mato Grosso — T. XV — pág. 90.

Arrostaram sem desfalecimento os obstáculos que se lhes opunham à iniciativa.

Fixaram-se nas terras, em que perseveram os seus descendentes, que aperfeiçoaram, com os recursos modernos, os processos antigos dos pioneiros.

"Tôdas as fazendas, escreveu CARLOS VANDONI DE BARROS,[268] que as perlustrou em grande número, têm os seus campos divididos e subdivididos em invernadas e potreiros, bem cercados, e o sistema de trabalho do gado, com os currais - modêlo, tipo australiano, além de maior rendimento e rapidez dão ao vaqueiro, ao destemido trabalhador rural, mais garantia, segurança e confôrto".



O reticulado, indicando divisas entre as fazendas atuais, evidencia como se desmembrou entre descendentes do primitivo proprietário, o latifúndio de que se gerou a Nhecolândia.

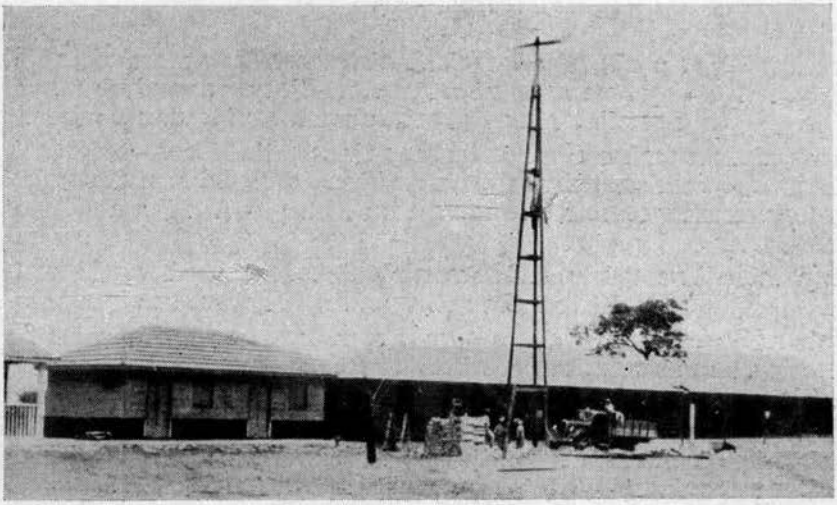
Praticantes da cooperação, fundaram, em 1928, o Centro de Criadores da Nhecolândia, para cuidar dos interêsses dos fazendeiros estabelecidos entre "o rio Taquari, limites de Corumbá com Coxim, rio Negro, Miranda e Paraguai".

A essa vasta região aplicaram o nome de Nhecolândia, em memória do mais ardoroso dos seus desbravadores.

O mapa acima, desenhado por C. VANDONI DE BARROS, indica o mosaico de propriedades rurais, em que se parcelou a tradicional fazenda, de cujo núcleo inicial se irradiou a civilização para as glebas vizinhas.

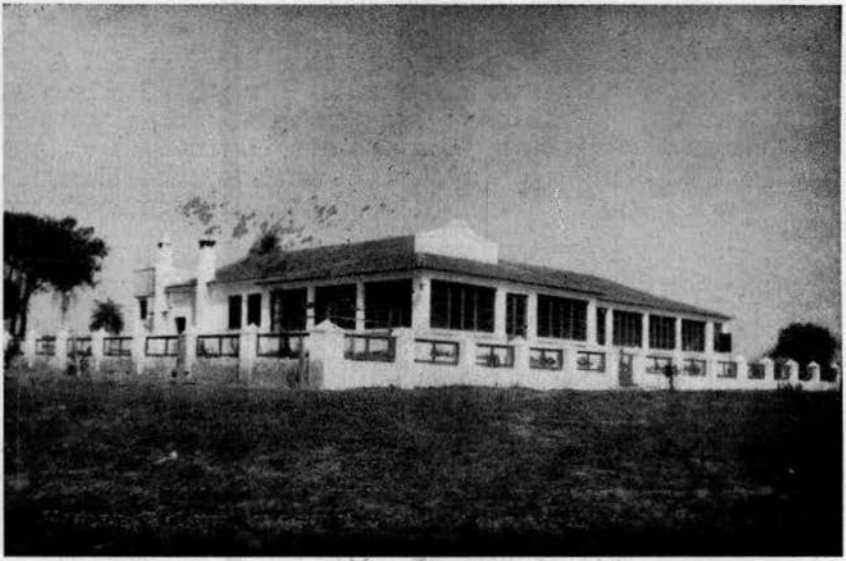
---

[268] CARLOS VANDONI DE BARROS — *Nhecolândia.*

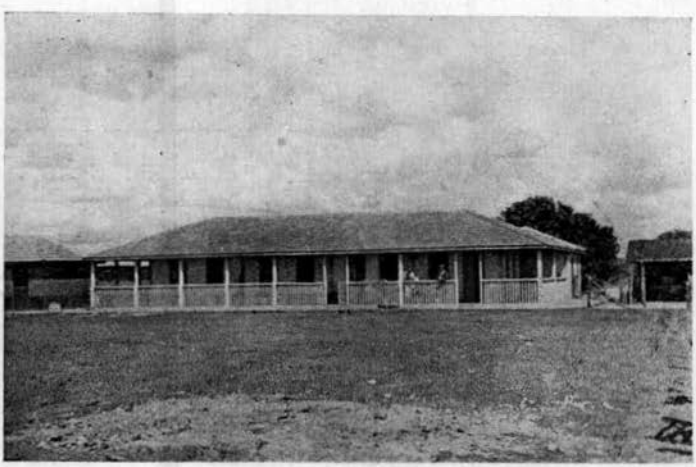


Iluminação elétrica obtida por meio de moinho de vento na fazenda Tupanciretã.

Fazenda moderna que proporciona confôrto aos seus moradores: Berenice *do Dr.* GASTÃO DE OLIVEIRA, *Nhecolândia. A presença de automóveis prova o seu uso freqüente, para a interligação das fazendas vizinhas na época da sêca.*



Sede moderna de fazenda em Nhecolândia (Bom Retiro *do Dr.* BENEDITO DA COSTA).



Pantanal do rio Negro. Sede moderna de fazenda. (Tupanciretã). Corumbá — Mato-Grosso.

Considerada em conjunto, dificilmente se encontrará, em Mato-Grosso, alguma outra, de tamanho comparável e tão valorizada pelo trabalho dos seus donos.

Entre os descendentes dos pioneiros, já se encontram médicos, engenheiros, advogados, veterinários, agrônomos, todos empenhados em concorrer para o engrandecimento dos pantanais afamados, onde se deparam inúmeras lagoas de água salgada.[269]

Embora nem sempre morem em suas fazendas, cuidam de dotá-las de habitações confortáveis, onde possam estanciar durante alguns meses. Nos restantes, permanecem em Corumbá, onde constituem o grupo dos maiores capitalistas, interessados nas charqueadas próximas, que lhes garantem o consumo das boiadas.

Constituídas em geral do gado pantaneiro, selecionado com maior ou menor cuidado, consoante o critério de cada criador, também abrangem mestiços de *hereford*, de *polled angus*, de zebu, cuja zona de influência tende a expandir-se, enquanto se reduz a das experiências de cruzamento com os reprodutores de fina linhagem européia.

Em menor escala figuram as criações de eqüinos, que a peste-de-cadeiras por longo prazo perseguiu nos pantanais, onde abatia anualmente inúmeros rebanhos, e de ovinos, em raras fazendas, cujos donos se esforçam por aclimá-los, no meio por ventura inadequado à sua multiplicação lucrativa.

Em tais empreendimentos espelha-se o florescimento regional, que também se denuncia pelas estradas carroçáveis que as ligam umas às outras, de ponta a ponta, para tráfego de automotores, bem como de tratores aplicados em operações rurais, pela organização de campos apropriados, onde costumam pousar os aviões da linha comercial, quando solicitados, pelo uso crescente de moinhos de vento, conjugados com motores elétricos ou diretamente com bombas hidráulicas.[270]

Subdivisão mais recente ocorre por outras bases, na antiga fazenda "Alegre", que pertenceu ao major METELO, e ùltimamente à Brazil Land.

Transferida para o Domínio da União, era apenas imenso território, de mais de meio milhão de hectares,[270a] despovoado pela matança desordenada, que transformou os seus rebanhos bovinos em extrato de carne e couro.

---

[269] Indício da transformação operada pela E. F. Noroeste do Brasil ocorre nos anseios intelectuais dos nhecolandenses. Os filhos do velho NHECO foram educar-se em Cuiabá, onde freqüentaram o Ateneu e Liceu Cuiabano. Os seus netos, porém, são mandados aos estabelecimentos de ensino secundário de São-Paulo e Rio, onde se matriculam.

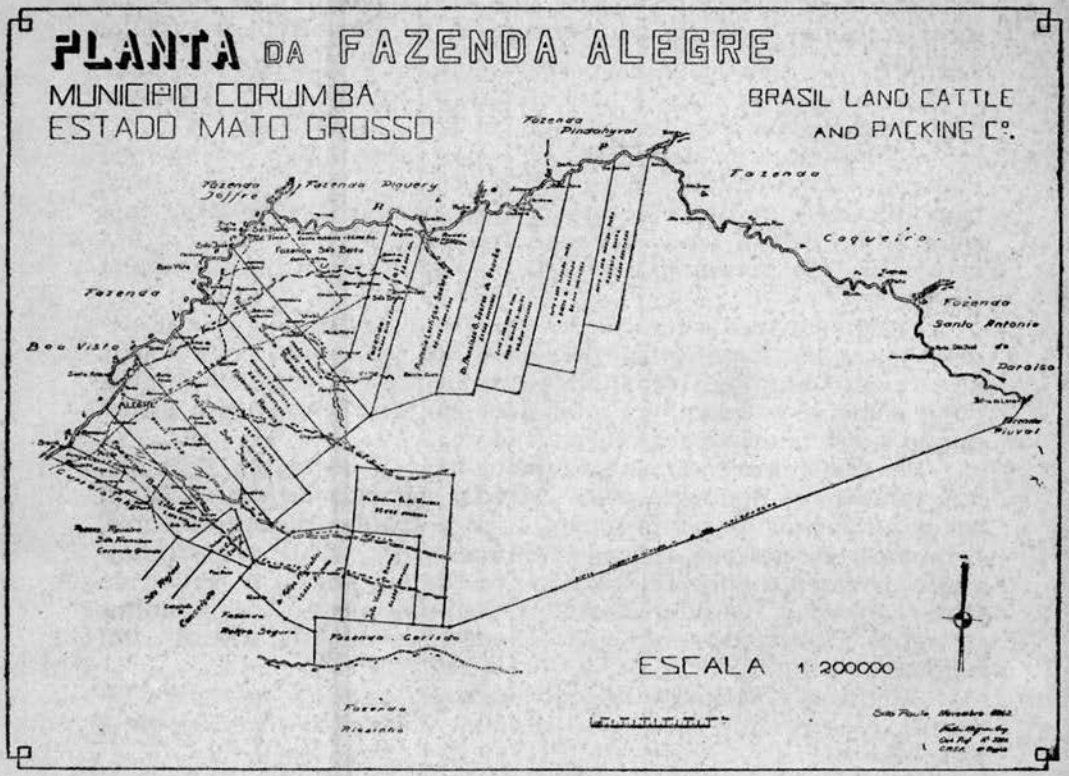
As meninas, no Colégio de Sion ou equivalente, enquanto os rapazes prosseguem, até que se diplomem em alguma faculdade superior.

Por influxo da via férrea, deslocou-se o pólo cultural de Cuiabá, que outrora atraía a mocidade corumbaense e dos municípios contíguos, até Miranda e Nioaque.

[270] Não admira a valorização verificada em Nhecolândia, onde já vigora o preço, entre vizinhos, de 300 contos por 3 600 hectares com tendência a subir a 400 contos, em terras de melhor qualidade (conforme gentil informação do Dr. JOÃO LEITE DE BARROS).

[270a] A área constante dos assentamentos da fazenda atinge a 684 705 hectares, conforme cativante comunicação da Superintendência.

A fim de torná-la de novo produtiva, o coronel Costa Neto, na chefia da superintendência do acervo da Brazil Railway e emprêsas encorporadas ao patrimônio da União, resolveu subdividi-la em porções de uma a duas léguas de beirada no rio Cuiabá, e Piquiri, e cinco para o interior, com a área de 36 000 hectares aproximadamente.



E como a valorização do gado atraísse pretendentes de fora, já diversos lotes foram separados e vendidos a pessoas estranhas ao ambiente regional.

O povoamento e utilização dos pantanais ali não se pratica, pois, de acôrdo com o padrão nhecolandense, em que os desbravadores, aparentados entre si, desdobraram-se por endogamia.

As uniões consanguíneas predominaram na formação das novas famílias, por maneira que tôdas se afiguram constituir uma só, grandiosa, esgalhada em dezenas de rebentos.

No Alegre, ao revés, rompeu-se a tradição legada pelos devassadores, que há muito se afastaram da região, substituídos por emprêsas de maiores haveres.

E hoje, em proporções mais reduzidas, são capitalistas litorâneos que afluem para aquelas paragens, decididos a povoá-las de gado diferente, sem desprezar as exigências da vida confortável a que se acham avezados.

Constróem caprichosamente as sedes de suas fazendas, e, de harmonia com os vizinhos da mesma procedência, estendem os fios telefônicos de intercomunicação, que lhes suavizam a permanência nos pantanais, quando por ventura lá se encontrem em visitas rápidas.

CIDADES PANTANEIRAS

O título não servirá para caracterizar nenhuma aglomeração urbana mediante particularidades geradas pelos pantanais.

Mas envolverá as cidades, cuja economia se enraíza na região que as envolve.[271]

Merecem consideradas uma a uma, como prova de concentrações demográficas, além das permitidas pelas simples fazendas pastoris, por maiores que sejam.

Excluída Cuiabá, por se achar acima das alagações, embora se lhes avizinhe da orla setentrional, onde a mineração do ouro a gerou, cabe a primazia a Corumbá, pela sua importância e ancianidade.

Entretanto, adstrita à ordem geográfica, a relação começará pela mais setentrional, Santo-Antônio, hoje Leverger.

SANTO-ANTÔNIO

À margem esquerda do rio Cuiabá, aproximadamente a cinco léguas da capital, teve início, quando ia em meio o século XVIII, a povoação que jamais se desenvolveu, como lhe prometia a situação ribeirinha, no trecho mais densamente habitado.[272]

Nos primeiros tempos, causariam os paiaguás mortes e estragos, que afastariam os povoadores.

Cessados os assaltos dêsses indígenas, razões de ordem política e geográfica refrearam o crescimento do núcleo de colonização espontânea.

O terreno em que se acha participa das vantagens e defeitos dos pantanais, que o envolvem e umedecem, como se fôra fazenda em condomínio.

Alcançado pelas enchentes anuais, aduba-se periòdicamente, garantindo compensadoras colheitas aos lavradores.

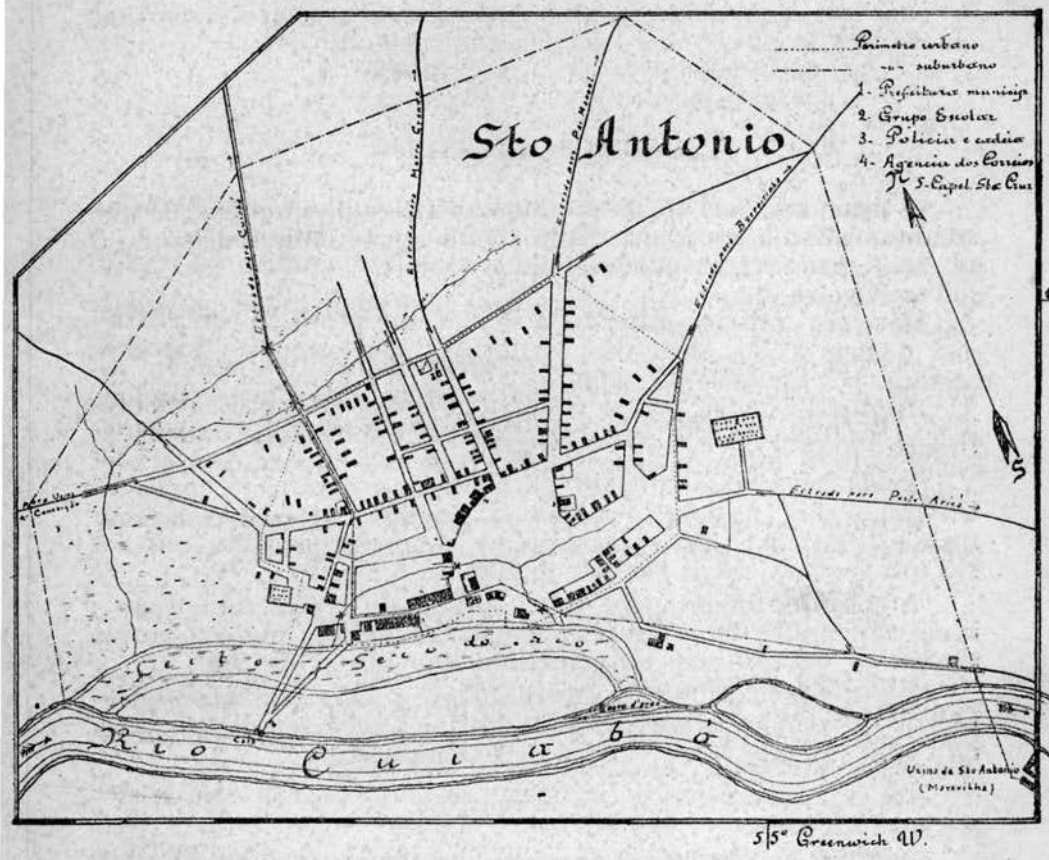
Aí se encontram quase tôdas as grandes usinas açucareiras matogrossenses e sem número de engenhos de menor categoria, apropriados ao fabrico da rapadura.

As margens do rio debruam-se de arrozais e milharais nas enchentes, mandiocais e fumais nas vazantes.

---

[271] Das cidades adiante mencionadas encontravam-se no Território de Ponta-Porã, as seguintes: Miranda, Nioaque, Pôrto-Murtinho.

[272] O nome de Santo-Antônio foi substituído pelo de Leverger, em conseqüência do Decreto-lei n.º 545, de 31 de dezembro de 1943.
Lat. 15° 30"
Long. 56° 30" W.Gr.



Cidade prejudicada pela vizinhança das usinas açucareiras, que são os verdadeiros centros demográficos de atração causada pela industrialização regional.

A vizinhança das usinas perturbou-lhe sobremaneira o crescimento, quando não passava de simples burgo sujeito à vassalagem absorvente.

Sòmente quem protestasse obediência irrestrita ao usineiro dominador poderia ali viver.

Sucediam-se no mando, ora o dono de uma usina, ora de outra, conforme a vitória política, sem que se modificassem os processos gerados pela intolerância partidária.

E, assim, o desenvolvimento da cidade não diz com a riqueza do município, em cuja terra fertilíssima a lavoura prospera, em perfeita harmonia com os seus campos povoados de gado pantaneiro, de que se abastecem os mercados da capital e os saladeiros mais próximos.

Por isso, a arrecadação municipal apenas acusou a importância de Cr$ 46 804,00 no exercício de 1940.
60 082,00 " " " 1941.
55 087,00 " " " 1942.

MELGAÇO

A localidade não alcançou ainda as insígnias citadinas, de que se ufana a sua concorrente, Santo-Antônio, com a qual disputou o primado político por apreciável prazo.[273]

As suas características geográficas imprimem-lhe às paisagens feições que a singularizam.

À beira do rio Cuiabá, erguem-se, especialmente à margem esquerda, as derradeiras ramificações rochosas pelas quais se prolongam, em rumo do nascente, os contrafortes do divisor de águas do Cuiabá-Paraguai.

Essas elevações assinalam, para alguns geógrafos, o limite setentrional dos pantanais, embora as alagações ainda bojem, com menor intensidade, para montante, deixando-as insuladas, entre o rio transbordante e as várzeas do Mimoso.

A jusante, na primeira volta, bifurca-se a caudal, de que o braço do Piraim toma grande porção das águas, que só restitui abaixo do Uacurutuba, no pontal da ilha assim formada.

O seu desenvolvimento subordinou-se, como o de Santo-Antônio, às atividades absorventes das usinas açucareiras, que lhes dificultavam maior surto de independência.

POCONÉ

De tôdas as localidades parceiras distingue-se o albuquerquino arraial de São-Pedro-d'El-Rei, que as autoridades coloniais inauguraram a 21 de janeiro de 1781, sôbre extenso lençol de canga.[274]

Era, de princípio, apenas um núcleo de mineiros, que andavam a esgaravatar-lhe o cascalho, à cata do metal ambicionado.

Tal circunstância evidencia que o terreno urbano, já fora dos pantanais, não lhes pertence à formação quaternária.

Mas a porção maior do município dilata-se pela baixada, até se abeirar do Paraguai.

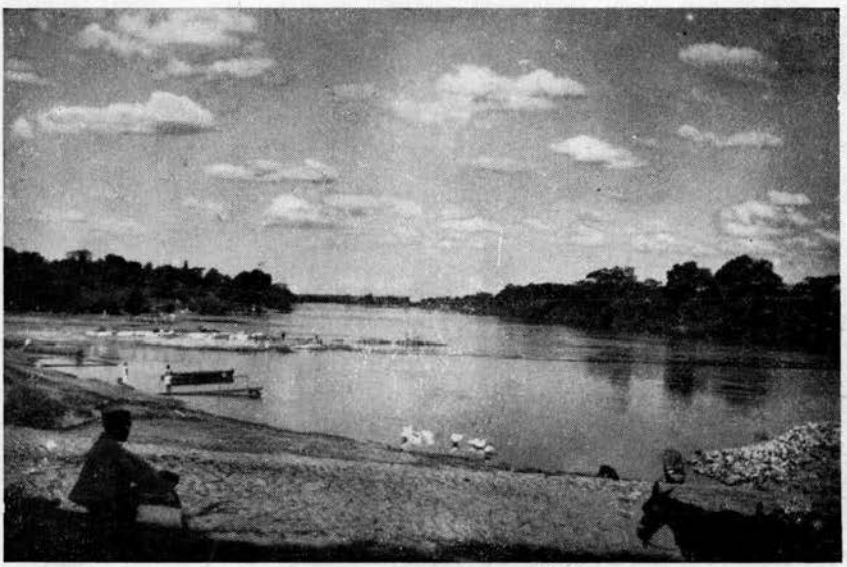
As suas fazendas pastoris, que lhe deram fama, possuem as características pantaneiras, de maneira que o município se encontra, em grande parte, ao alcance das alagações, embora a faixa setentrional se ligue ao algonquiano de Cuiabá, de maior altitude.

---

[273] Melgaço denomina-se atualmente Chacororé, por fôrça do Decreto-lei n.º 545, de 31 de dezembro de 1943.
Lat. 16° 10'

[274] Poconé
Lat. 16° 15' 21",7
Long. 56° 37' 25" W.Gr.

Cuiabá — Enchente do rio Cuiabá que invadiu grande extensão da rua Quinze de Novembro, em 1942. Ao fundo, a igreja de São Gonçalo sobranceira à parte alcançada pelas águas inundantes.



Pôrto da capital, em que se assinala o estirão do rio Cuiabá, para jusante, e no qual embicavam as monções bandeirantes, mais tarde, os vapôres do Lóide Brasileiro e, modernamente, os hidroaviões, como indica a prancha de ligação com o terreno firme. Acima dêste local, foi construída a ponte sôbre o rio, que lhe une a margem esquerda, onde se desenvolveu a cidade, com a direita, em que se está formando novo bairro.

Gerado pela mineração, o arraial sobreviveu à decadência de suas lavras auríferas, por servir de ponto de passagem, na estrada de rodagem de Cuiabá a Vila-Bela, que o tornava freqüentado pelos viajantes coloniais.

Daí se espalharam pelos arredores, primeiramente acompanhando a via de comunicação, que flanqueava os contrafortes, antes de baixar aos pantanais, de que, afinal, se assenhorearam os pioneiros.

Não desprezaram, todavia, o núcleo urbano, que se tornou paróquia em 1818, e vila, por decreto de 25 de outubro de 1831. Finalmente, o prestígio político dos seus habitantes conquistou-lhe os foros de cidade em 1863.

O município, que a tem por sede, avulta pela riqueza pecuária, desenvolvida nos campos de pantanal, onde vivem para mais de 360 000 cabeças de gado bovino.

Limitado ao nascente pelo Cuiabá, serve-se de dois portos neste rio — o Caçanje e o Cercado — a que vão ter estradas carroçáveis, utilizadas para o transporte de mercadorias destinadas ao comércio local.

A arrecadação municipal apenas alcançou

Cr$ 112 666,00	em	1940
97 129,00	"	1941
105 765,00	"	1942

CÁCERES

Contemporânea de Albuquerque, e gerada por motivos análogos, a cidade em que se insculpiu outro dos sobrenomes do capitão-general, que lhe promoveu a fundação, aflorou aos 6 de outubro de 1778, à margem esquerda do Paraguai, no caminho alongado de Cuiabá à capital antiga, Vila-Bela.[275]

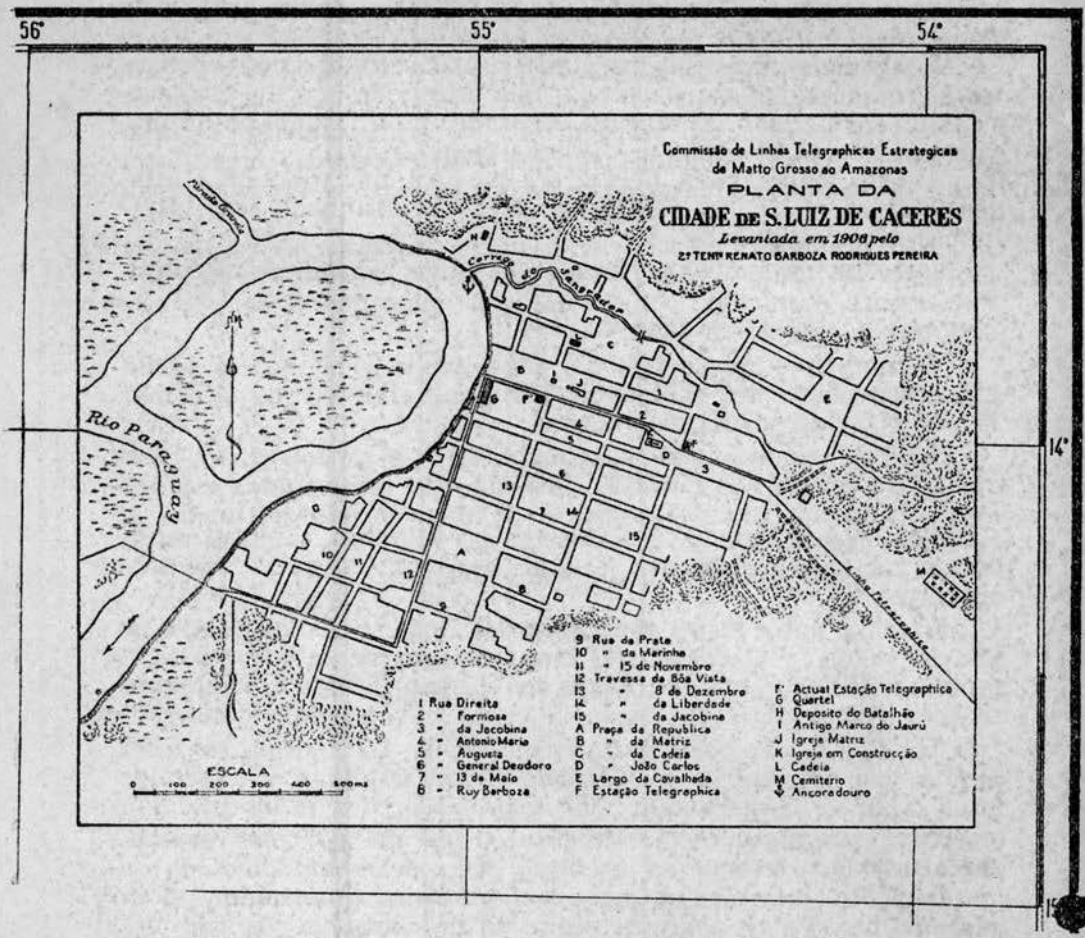
Embora contasse apenas 161 pessoas, entre as quais se incluiam 78 da tribo chiquitana, coube-lhe o título de vila que, sob a proteção de São-Luís, se denominou Vila-Maria-do-Paraguai.

O topônimo associava, destarte, a rainha e o governador, de quem apontou os respectivos prenomes às homenagens da posteridade.

Situada no cruzamento de estradas, a fluvial e a terrestre, possuía a povoação nascente condições propícias ao desenvolvimento, que se manifestou com maior intensidade do que em Albuquerque, antes da abertura do Paraguai à navegação.

---

[275] Cáceres
Lat. 16° 3' 42",9
Long. 57° 40' 51",2 W.Gr.



Cidade arruada em xadrez, com os quarteirões ribeirinhos mais irregulares.

Não admira que por vêzes fôsse lembrada para acolher o govêrno da Província, a que serviria de capital.

Não obstante, conquistados os foros da cidade, por Lei de 5 de maio de 1874, que lhe deu o nome de São-Luís-de-Cáceres, faltou-lhe maior estimulante, que lhe acelerasse o progresso, em confronto com a sua parceira de jusante.

Contenta-se com o ritmo de vida mais lento, que lhe torna suave a convivência.

Estendem-se-lhe, retas, pelo solo arenoso e plano, as ruas que ainda carecem de serviços municipais.

Freqüentam-lhe o pôrto, perfeitamente accessível na maior parte do ano, as embarcações que lhe movimentam o importante comércio, mantido pela exportação de borracha, poaia, couros,

madeira, charque e importação de ferragens, tecidos, artigos de armarinho, de estiva.

A atividade industrial manifesta-se nas serrarias, cujos produtos são remetidos para Corumbá, nas usinas de açúcar, estabelecidas no município, nas olarias, acrescidas de uma fábrica de mosaico, de licores, de sabão e outras de menor vulto.

A mais generalizada, porém, é a pastoril, que mantém o saladeiro "Descalvados", montado em 1874, e continuado sem interrupção até a atualidade.

A receita municipal do município ainda permanece diminuta

Cr$ 173 373,00 em 1940.
167 305,00 " 1941.
223 794,00 " 1942.

CORUMBÁ

Pela origem, irmana-se a Cáceres e a Miranda, também resultantes de ato governativo ditado por conveniências político-militares.

Mandou iniciá-la o capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em cumprimento de cujas ordens o capitão-mor João Leme do Prado rodou pelo Paraguai, à procura de sítio apropriado à fundação de estratégico presídio militar.[276]

Agradou-se das colinas calcáreas, que se abeiram do rio, pela direita, nas imediações do paralelo 19º e assinalou o morro de Pitas, onde o sargento-mor Marcelino Roiz Camponês mandou levantar "uma grande cruz de pau de lei", em tôrno da qual se desenvolveria o povoado.[277]

Deu-lhe, por título oficial, o sobrenome do governador, Albuquerque, inscrito no respectivo auto de fundação.

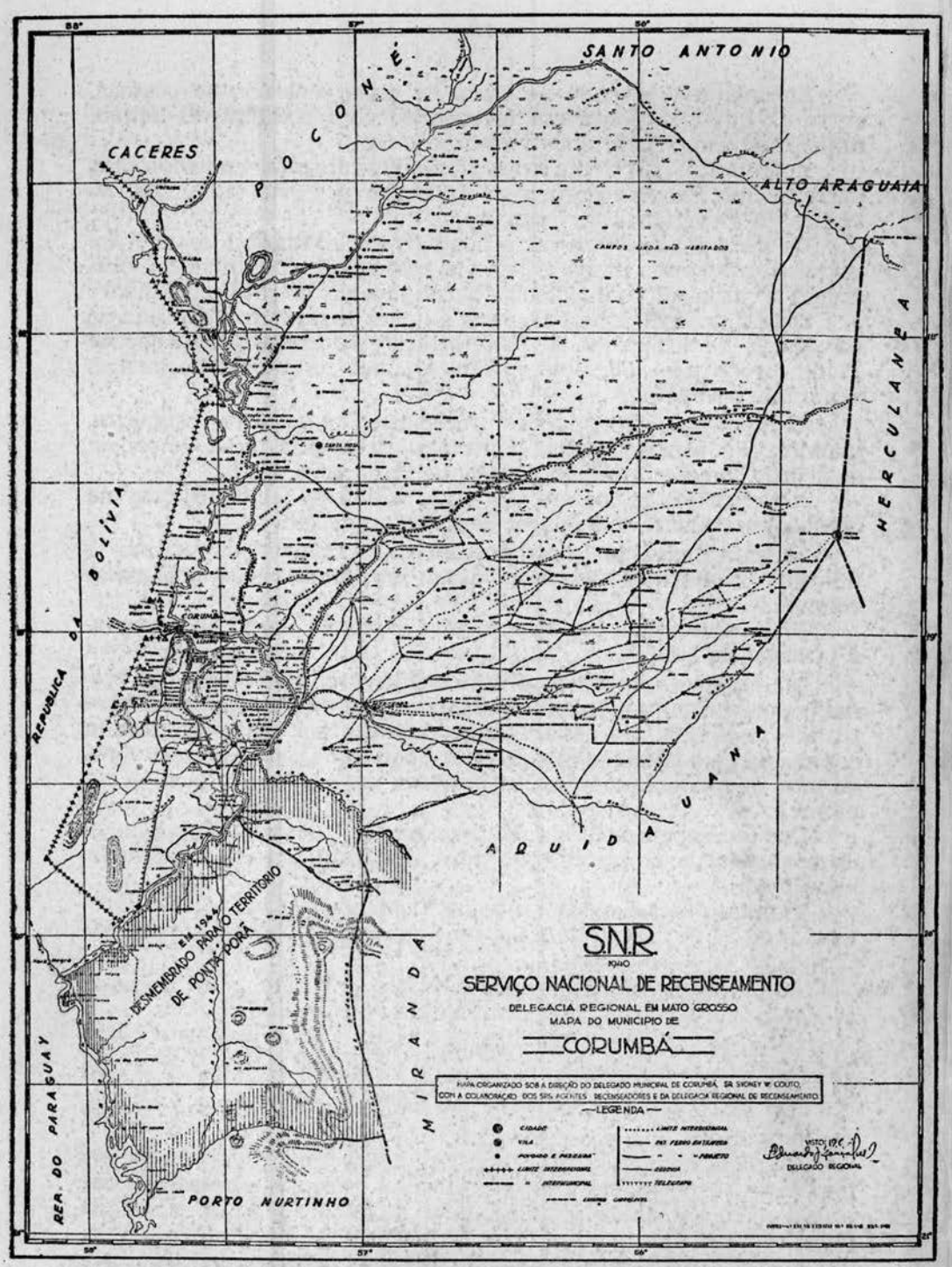
No seio dos pantanais, embora a cavaleiro das enchentes, abriu-se destarte, a 21 de setembro de 1778, a clareira, onde brotaria o núcleo pioneiro, destinado a concretizar "a posse para a coroa de Portugal".

Daí mandariam a "cal necessária tanto para Vila-Bela como para o Forte do Príncipe da Beira", consoante fidedigno testemunho de Almeida Serra, que a visitou em 1786.

---

[276] A origem castrense do povoado registou-se no próprio auto de fundação, assinado pelo sargento-mor Marcolino Camponês, pelo capitão-mor das Conquistas, J. Leme do Prado, alferes de granadeiros, Salvador Roiz de Siqueira, sargento de ordenanças, Manuel Pereira da Silva, sargento da Companhia de Pedestres, Alexandre Ferreira Neto, e soldados dragões, Manuel José Correia — José Joaquim de Almeida, Manuel Barbosa Pais. — Ver *Raias de Mato-Grosso* — de V. C. F. — Vol. IV — pág. 73.

[277] Corumbá
Lat. 18º 59' 48",3
Long. 57º 39' 16",7 W.Gr.



Os pontos indicam povoados e as sedes mais importantes de fazendas do município. Ao norte, os "campos ainda não habitados" pertencem à propriedade federal Alegre, *cujo desmembramento se processa na atualidade.*

Encontrou-a povoada de cêrca de duas centenas de pessoas, entre as quais se contavam lavradores, cuja colheita, de feijão, milho, algodão, sobejava do consumo local.

Entretanto, não se lhe avantajou o crescimento, impedido pela barreira que FRANCIA ergueu na fronteira dos seus domínios, ao trancar o Paraguai à navegação.

De nada lhe servia estar à beira do rio navegável, se não lhe era dado utilizar-se da excelente via natural de comunicação, obstruída a jusante, pela política hermética do intratável ditador.

Depois, todavia, que PARANHOS e LOPEZ firmaram o Tratado de Navegação de 6 de abril de 1856, interpretado pela Convenção de 12 de fevereiro de 58, descerraram-se mais luminosos horizontes à mofina povoação.

Como devia acolher navios procedentes de portos estrangeiros, mandou o govêrno imperial montar ali adequada mesa de renda, de acôrdo com decreto mais antigo, de 11 de abril de 1853.

A precariedade, porém, de suas condições evidenciou-se na dúvida governativa em relação ao local preferido.

Já então existiam duas povoações de nome Albuquerque, à ilharga da morraria também assim apelidada pelos geógrafos coloniais.

A velha, fundada por MARCELINO CAMPONÊS, em 1778, e a nova, à latitude de 19° 28'.

Aí, em solo apropriado à agricultura, frei JOSÉ MARIA DE MACERATA organizou a missão de Nossa-Senhora-da-Misericórdia, constituída de índios guanás e guaicurus, que em pouco se tornou conhecida pelo título de Missão de Albuquerque, pois que se achava na aba da serra homônima, e próxima da outra, de igual denominação.

Cresceu ràpidamente, a ponto de abrigar, desde 1827, o quartel do comando da fronteira, que para lá atraiu grande número de moradores.

Tamanho desenvolvimento justificou a criação, por Lei provincial de 26 de agôsto de 1835, da freguesia de Nossa-Senhora-da-Conceição de Albuquerque.

Não admira que disputasse à velha, de marcha tardinheira, as honras de servir de sede ao projetado pôsto fiscal.

Esta, porém, descia fàcilmente à beira d'água, de que a outra se mantinha afastada cêrca de uma légua, por terreno acessível às alagações.

Daí se causou a preferência que dotou a Albuquerque velha do maior fator da sua prosperidade.

E como a "face setentrional das serras" contíguas já se nomeava de Corumbá, em breve se estendeu o vocábulo para designar a povoação, apesar da proibição governativa de 1855, mencionada por LEVERGER, que o proscrevia da correspondência oficial. Vila, desde 1862, por Lei provincial de 10 de julho, perdeu a sua categoria

de sede de município, durante a ocupação militar pelas fôrças de SOLANO LOPEZ.

Encontraram-na sem resistência, a 3 de janeiro de 1865, após a retirada estratégica da guarnição brasileira.

Expulsas, em cruento combate, a 13 de junho de 67, conseguiram no mês seguinte retornar às mesmas posições, depois que os vitoriosos legionários de ANTÔNIO MARIA COELHO, acompanhando o presidente COUTO DE MAGALHÃES que se lhes juntara, regressaram a Cuiabá.

Mas, a 3 de abril de 68, tiveram os invasores que abandonar definitivamente a sua presa, já despovoada e empobrecida ao extremo.

Talaram-lhe os campos circunjacentes, onde carneavam sem restrições, para abastecimento de suas tropas.

Saquearam-lhe os armazéns e paióis, arruinaram-lhe as roças, tomaram-lhe as embarcações utilizáveis, conduzidas para Assunção.

Os habitantes, que não conseguiram retirar-se em tempo, ou pereceram violentamente ou foram padecer fadário mais angustiante, arrebanhados como prisioneiros, que o regime da subnutrição e flagelos impiedosos molestavam sem cessar.

Nada mais seria que lastimosa tapera, quando o general HERMES DA FONSECA, procedente do Paraguai, aí estacionou em 1870, com a sua divisão, triunfante de rijas pelejas.

Enflorou a ressurreição. Decorrido o primeiro ano, Lei de 7 de outubro restabelecia-lhe os foros de vila e sede do município restaurado.

O govêrno imperial, comovido profundamente da penúria, a que a invasão reduzira Corumbá, franqueou-lhe o pôrto à importação de mercadorias de qualquer procedência.

Em 1873, cabe-lhe a honra de servir de cabeça de comarca, ao tempo em que se iniciam as obras do Arsenal de Marinha, em Ladário.[278]

Todo o movimento comercial da Província realizava-se, então, pelo seu pôrto, que os navios da linha Montevidéu-Corumbá, prolongada a Cuiabá, freqüentavam ativamente.

Animaram-se de improviso risonhas esperanças. Afluíram novos moradores, além de alguns remanecentes da fase anterior à funesta invasão.

Como progredisse, mereceu, a 15 de novembro de 78, ser elevada à categoria de cidade, com plano urbanístico afeiçoado ao gôsto da época.

Abertas em xadrez, as ruas alinham-se-lhes, retas, para o norte e nascente, quase tôdas sôbre o dorso da colina calcárea, a cavaleiro do rio, a cuja beira apenas se encontram a Mesa de

---

[278] A sede de comarca resultou do ato de 21 de maio de 1873, dois meses depois de encetadas as obras do Arsenal de Ladário, a 14 de março.

Rendas do Estado, a Alfândega, e os principais estabelecimentos comerciais e industriais.

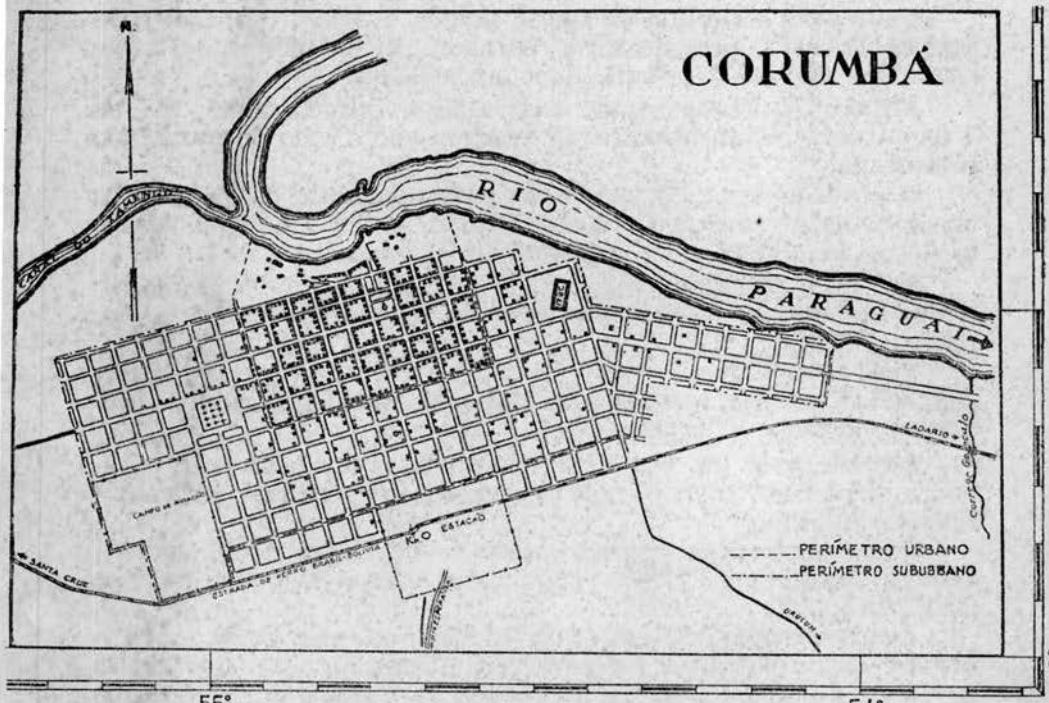
Assim aparelhada para o progresso, acolheu, em 1908, a Comissão de Engenheiros da E. F. Itapura-Corumbá, que se encarregava dos trabalhos construtivos pela extremidade matogrossense.

As transações comerciais derivadas do magno empreendimento engrandeceram-lhe a economia, que sofreu inevitável depressão, após a inauguração da extensa via férrea.

A nova estrada conseguiu deslocar do pôrto corumbaense grande parte da importação, que, em vez de subir o rio, tendia a avolumar o tráfego ferroviário.

Embora sofresse as conseqüências do desvio da rota comercial, pela qual se pratica o abastecimento do sul de Mato-Grosso, já possuia Corumbá elementos de vida própria, alicerçada em suas fazendas pastoris, em suas charqueadas e indústrias urbanas.

Ao compasso das atividades econômicas, intensificaram-se-lhe as manifestações culturais, através da imprensa e dos seus estabelecimentos de ensino.



Embora à margem do Paraguai, a cidade obedece ao traçado em xadrez, sendo recente a estação da E. F. Brasil-Bolívia, cuja influência urbanística apenas principiou a manifestar-se

Maior incremento, porém, causar-lhe-ia a construção da E. F. Brasil-Bolívia, a que proporciona excelente pôrto de recebimento do material importado.[279]

Depois da crise financeira de 1929, em que se refletiram as conseqüências da derrocada geral dos negócios, não se apressou a convalescença, prejudicada pelos sucessos contemporâneos, resultantes da transformação política.

Mas, recomeçara a florescer, quando a primeira turma da projetada via férrea internacional a escolheu para aí fixar o pôsto de comando e estação inicial, donde partiriam os trilhos em demanda de Santa-Cruz-de-la-Sierra.

A cidade transfigurou-se, freqüentada por adventícios de varia categoria.[279a] Animaram-se-lhe sobremaneira as ruas ensolaradas, cujas casas foram disputadas por preços jamais previstos.

Abarrotaram-se os Bancos de depósitos, principalmente depois da rápida valorização do gado, resultante da maior procura causada pela guerra mundial.

Índice do seu florescimento, a arrecadação municipal acusa os resultados a seguir:

1886	Cr$	10 584,31
1912		306 184,25
1915		268 289,00
1916		199 571,00
1924		558 578,00
1940		1 193 287,00
1941		1 362 229,00
1942		1 389 214,00

[279] A Comissão construtora da E. F. Brasil-Bolívia, dirigida por Luís Alberto Whately, engenheiro-chefe e Juan Rivero Torres, engenheiro delegado, chegou, a 9 de setembro de 1938, a Corumbá, onde no dia seguinte iniciou os seus trabalhos preliminares.

[279a] O florescimento de Corumbá espelha-se não sòmente em seus aspectos econômicos, estampados nos estabelecimntos industriais, em que sobressaem três charqueadas, duas oficinas de construção naval, quatro fábricas de cal, quatro de carvão vegetal, cinco serrarias a vapor, três olarias, seis oficinas mecânicas, além de vários outros, de pequenas indústrias urbanas, como ainda nas expressões culturais, mantidas pela sua imprensa, e pelo carinho aplicado ao ensino da infância.

No decurso de 1944, a estatística apontou as cifras seguintes, de freqüência geral das escolas do município de Corumbá:

ESCOLAS	Masculina	Feminina	Total
Estaduais	351	322	673
Municipais	200	171	371
Particulares subvencionadas	246	238	484
» não subvencionadas	353	373	726
TOTAL	1 150	1 104	2 254

Destas escolas, destinam-se três ao ensino secundário, a saber:
Ginásio Maria Leite, estadual,
" Salesiano Santa Teresa, só para o sexo masculino,
" Imaculada Conceição, só para o sexo feminino.

Vista do pôrto de Corumbá. A avenida a beira-rio, em que se erguem as palmeiras, mostra o terraço calcáreo, que ofereceu apropriado local para a edificação da cidade.

Corumbá — Avenida que só possui edificação de um lado, à esquerda na fotografia. À direita, o gradil assinala o começo do talude que vai terminar na beira do rio Paraguai.

Corumbá — Jardim Público

Corumbá — Rua De Lamare.

HERCULÂNEA

Não obstante freqüentado pelas monções que ligavam Cuiabá com os povoados litorâneos, o Taquari não se debruou de estabelecimentos rurais no primeiro século. As tentativas esporádicas de posseiros audazes fracassaram, eliminadas por assaltos indígenas.

Sòmente depois que desistiram os guaicurus, aliados aos paiaguás, de lutar contra os sucessores dos bandeirantes, e cessaram os caiapós as suas correrias pelo planalto, tornou-se possível a ocupação do vale, onde José do Espírito Santo Barbosa, ao traçar o *Roteiro da Estrada do Pequiri a Sant'Ana do Paranaíba,* mencionou a "fazenda de criação de gado vacum e cavalar" de Luís Teodoro da Silva, a quatro léguas do rio, e do lado oposto, cêrca de uma légua apenas, a aldeia de caiapós, "que têm suas choupanas cobertas de capim".

Contando com o auxílio dêsses povoadores, o presidente Herculano Ferreira Pena promoveu, em 1862, a fundação do núcleo colonial de Taquari, à margem direita do rio e cêrca de oito quilômetros a jusante da barra do Coxim.

Mal ia vencendo as dificuldades iniciais, quando a invasão lopezina lhe talou as circunjacências.

Por dezembro de 1865, aí acamparam as fôrças componentes da coluna destinada a expulsar os invasores, e por momentos se reanimaram as atividades locais.

A povoação nascente, porém, não se aproveitou, como Corumbá, dos benefícios decorrentes da ultimação da guerra lopezina.

Com o título de São-José-de-Herculânea, em honra ao seu fundador, ou de Coxim, adotado por longo prazo, não deixou, todavia, de progredir, embora lentamente.

De distrito, que era em 1872, passou a vila, pela Resolução de 11 de abril de 1898, sendo cabeça de comarca desde 1913.

Cidade atualmente, denomina-se Herculânea, em virtude do Decreto-lei n.º 208, de 26 de outubro de 1938.

Articulada por meio de rodovia a Campo-Grande e Cuiabá, ainda se utiliza da navegação pelo Taquari, para se comunicar periòdicamente com o pôrto de Corumbá.

Embora os tributários mais conhecidos, o Jauru, o Coxim e outros, rolem as suas águas sôbre leito de cascalho provadamente entremeado de ouro, diamante, safira e várias outras pedras preciosas, a economia municipal ampara-se quase inteiramente na indústria pastoril, desenvolvida, assim nos seus campos de planalto, como também na faixa distendida pelos pantanais, onde vive boa parte das 180 000 cabeças acusadas no cômputo de 1941, que lhes atribuiu o valor de Cr$ 32 400 000,00.

A receita municipal arrecadada decresceu de

Cr$ 104 916,00 em 1940
a 74 076,00 " 1941
e 70 457,00 " 1942

MIRANDA

Albuquerque e Vila-Maria, ou, pela toponímia atual, Corumbá e Cáceres, já entravam de contínuo em discussões diplomáticas, quando, decorridos quatro lustros após a sua fundação, constou ao governador de Mato-Grosso, então CAETANO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO, que se organizava em Assunção o plano da ocupação do vale do rio Emboteteu, denominado Mondego por JOÃO LEME DO PRADO, ao explorá-lo em 1776.

Diligenciou o capitão-general antecipar-se à fácil invasão, mediante a fixação de um reduto militar, que desempenhasse, em terra, a mesma função defensiva atribuída ao Forte de Coimbra em relação ao rio.

E surgiu, assim, o presídio, que, em homenagem ao mandante de sua fundação, lhe tomou o penúltimo sobrenome.[280]

Pôsto que edificado em posição topográfica desfavorável, que lhe refrearia o desenvolvimento, o pôsto militar converteu-se, por Lei provincial de 1835, em freguesia e foi-se desenvolvendo até que, em 1859, condenado pelas comissões de engenheiros, que lhe increparam a carência de valor estratégico, deixou de abrigar o comando do distrito, nessa ocasião transferido para Nioaque.

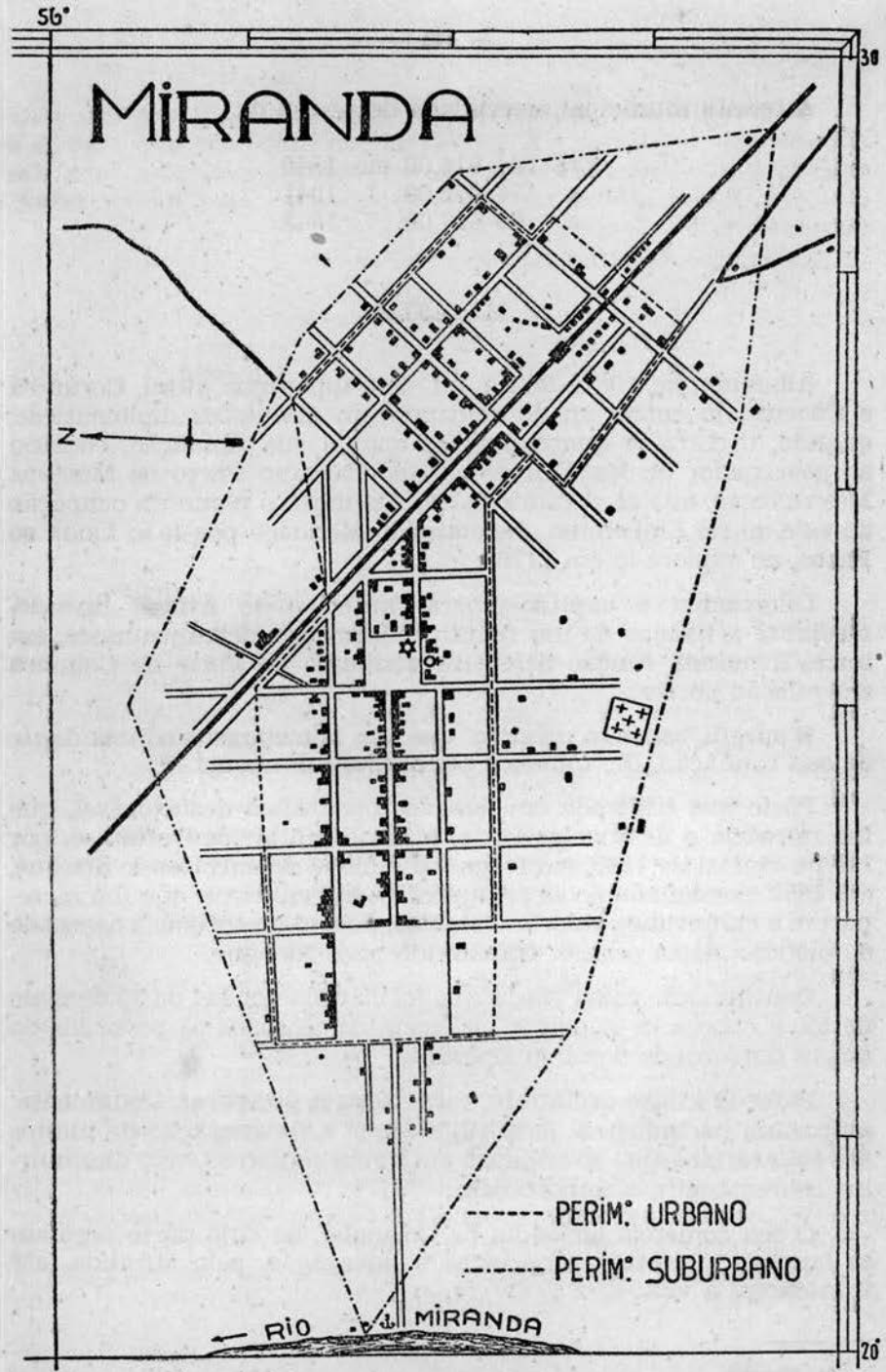
Continuando como vila, a que foi elevada por Lei de 30 de maio de 57, e cabeça de comarca, padeceu, como todos os povoados do sul, os horrores do domínio lopezino.

Passada a fase expiatória, recomeçou a prosperar, lentamente, amparada na indústria pastoril, até que a desanexação de muitos dos seus têrmos, que se erigiram em novas comarcas, veio diminuir-lhe sobremaneira a importância.

O seu comércio dependia de Corumbá, de cujo pôrto seguiam as lanchas e chatas apropriadas à navegação, pelo Miranda, até frontearem a vila.

---

[280] Miranda
Lat. 20° 14' 30",00
Long. 56° 22' 42",00 W.Gr.



A cidade, primeiramente desenvolvida nas proximidades do rio, que as suas alagações não alcançavam, foi atravessada pela E. F. Noroeste do Brasil, ao longo de cujos trilhos se estendeu

Modernamente, essa via de comunicação acha-se pràticamente abandonada, desde que a E. F. Noroeste do Brasil abriu ao tráfego a extensa linha, pela qual seguem as mercadorias paulistas, além das que são descarregadas em Pôrto-Esperança, pelos navios procedentes do rio da Prata.

O orçamento municipal regulou ser de

Cr$ 164 489,00 pela arrecadação de 1940.
Cr$ 153 449,00 " " " 1941.
Cr$ 130 479,00 " " " 1942.

AQUIDAUANA

Por certos aspectos, é a cidade mais interessante do vale do Miranda.

Não resultou de imperativo algum de ordem militar, nem de expansão natural de preexistente núcleo povoador.

Deve a sua origem ao acôrdo de fazendeiros dos arredores, que julgaram conveniente substituir a navegação do Miranda pela, também exeqüível, do seu galho oriental, denominado Aquidauana.

Reunidos em conferência, deliberaram, por volta de 1893, fundar um povoado, que lhes facilitasse a comunicação com os outros, mais distantes.[281]

E assim, a montante das ruínas de Xerez, cêrca de duas léguas, ainda na margem direita do rio, cujos encantos naturais o visconde de TAUNAY enalteceu, edificaram-se as primeiras casas.

A feliz escolha do local, ajudada pela conveniência econômica e administrativa a que viera satisfazer, explica-lhe o rápido desenvolvimento.

A navegação do rio Aquidauana, por onde se canalizou o maior volume do movimento comercial, na primeira fase, propiciou-lhe notável surto.

A lancha "Santa Delfina", do coronel FRANCISCO ALVES CORREIA, em freqüentes viagens, garantia-lhe, então, a regularidade estimulante do intercâmbio.

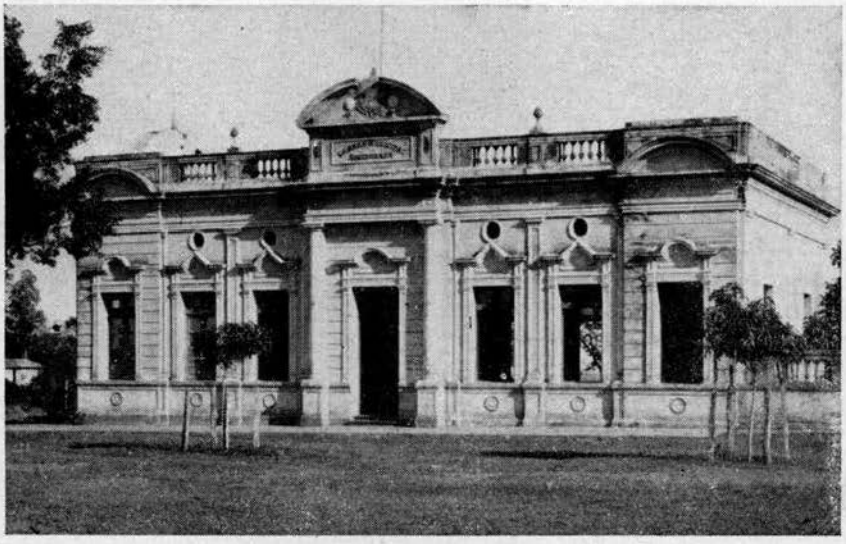
Mais tarde, a construção da E. F. Noroeste do Brasil, que a escolheu para aí montar oficina de reparos do material rodante, proporcionou-lhe mais intenso impulso.

Refletindo o seu progresso, melhora-se-lhe de contínuo a categoria administrativa e judiciária.

---

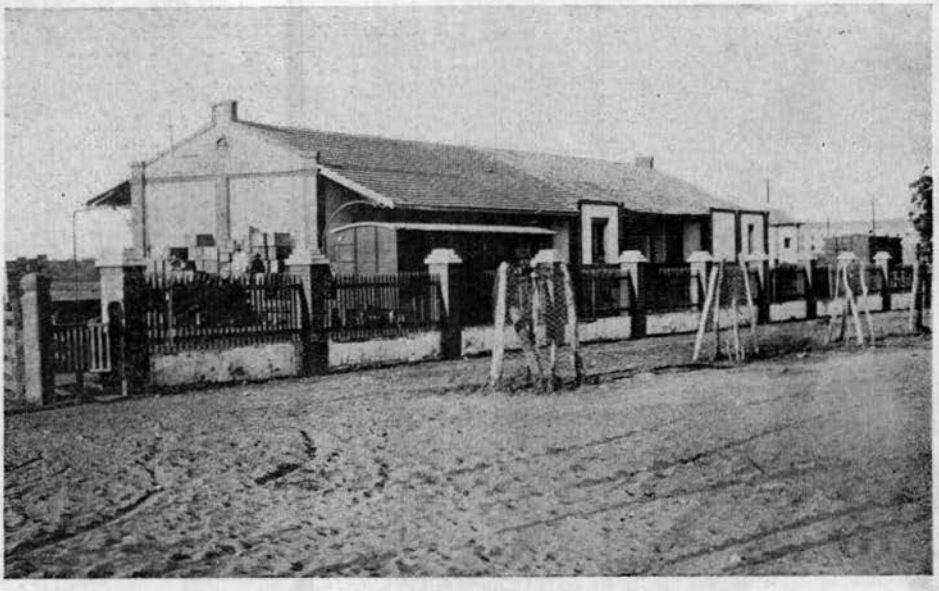
[281] Aquidauana
Lat. 20° 28' 36",00
Long. 55° 47' 27",00 W.Gr.

Outra vista do pôrto de Corumbá, tirada de cima do terraço calcáreo, em frente ao qual se dilata a baixada, pela margem esquerda do Paraguai. Em frente, dilata-se o pantanal, com a larga faixa do rio, que serpenteia, à vista do observador.

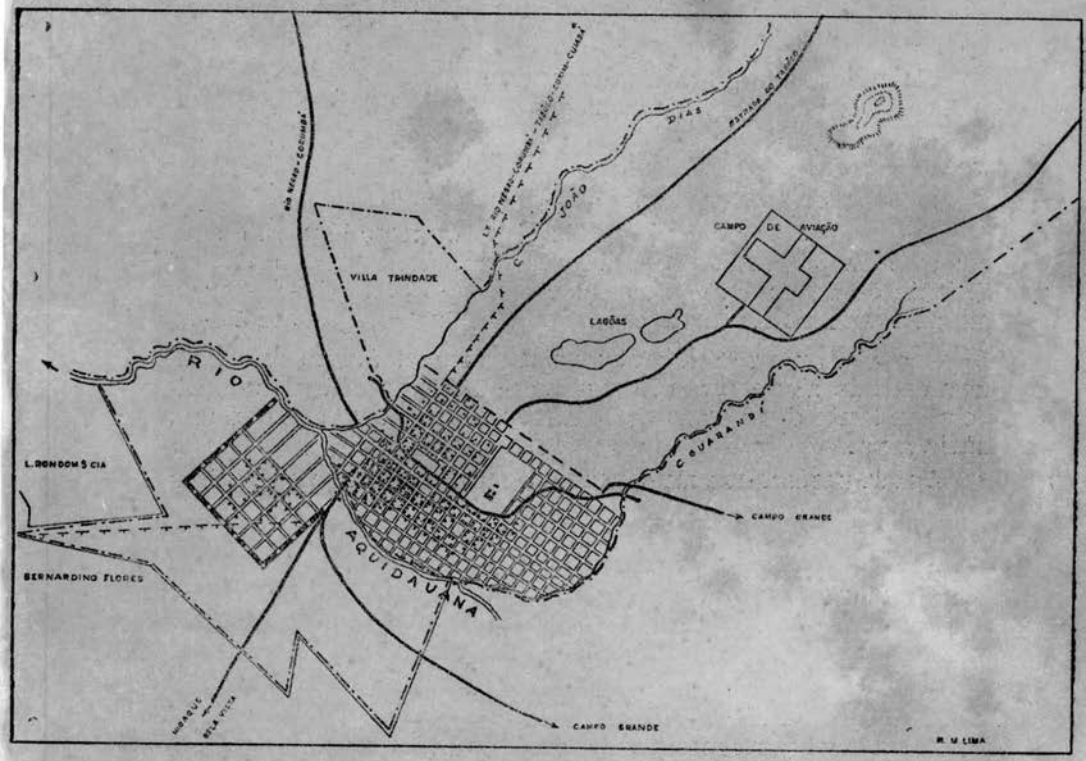


Edifício da Câmara Municipal de Aquidauana.

Quartel do 6.º B/E. — Aquidauana.



Aquidauana — Estação da E. F. Noroeste do Brasil.



Cidade ribeirinha, de principio, já revela forte influência da E. F. Noroeste do Brasil em sua expansão, mais próxima dos trilhos

Distrito policial em 1897, de paz no seguinte ano, já em 1907 se constituiu em têrmo judiciário. Comarca desde 1910, recebeu as insígnias de cidade por Lei de 16 de julho de 1918.

A circulação de mercadorias que se fazia de comum pelo rio, navegável por pequenas embarcações de vapor, e pelas rústicas estradas de rodagem, freqüentadas pelas carrêtas que se internavam, *campanha* a dentro, pratica-se modernamente pela via férrea e pelos auto-caminhões, que transitam em rodovias para Miranda, Nioaque, Bela-Vista e localidades interjacentes.

A arrecadação municipal estampa-se nas cifras a seguir:

1936	.....	Cr$ 159 661,50
1937	.....	Cr$ 211 000,00
1938	.....	Cr$ 297 999,00
1940	.....	Cr$ 454 857,00
1941	.....	Cr$ 460 688,00
1942	.....	Cr$ 448 662,00

NIOAQUE

Possuidor de latifúndios descomunais em Mato-Grosso, o barão de ANTONINA planeou ligá-los às suas propriedades no Paraná.

Por sua ordem, sertanistas resolutos seguiram pelo Tibaji, Paranapanema, Paraná, Ivinheima, Brilhante, onde fundaram o pôrto de São-José-de-Monte-Alegre. Cruzaram, em seguida, o divisor, percorrido em varadouro de cêrca de nove léguas, e em sítio que se lhes afigurou propício, abriram, à margem do Nioaque, afluente do Miranda, o núcleo denominado São-João-de-Antonina, que abrigaria as embarcações destinadas a trafegar até Corumbá.

Não obstante ainda mal apropriada ao trânsito intenso, pela nova estrada alcançaram Miranda em 1856, procedentes do litoral, o comandante das armas de Mato-Grosso e o 2.º batalhão de artilharia a pé.

Antes, porém, que aumentasse o movimento de passageiros por essa via, a abertura à navegação do rio Paraguai, encurtando o prazo da travessia, apesar de maior percurso, e melhorando o confôrto, causou-lhe o abandono.

Todavia, Nioaque permaneceu, fracamente povoada, até que, em 1859, acolheu o quartel do comando do distrito de Miranda e o corpo de cavalaria.

"Com esta mudança, registou LEVERGER, foi a povoação tomando notável incremento, e estava progredindo sensìvelmente", quando a invasão lopezina de princípio a ocupou, e por fim a destruiu e incendiou.[282]

Não obstante, em dezembro de 1872 para lá voltou o comando militar do distrito, e, volvidos cinco anos, Lei provincial de 20 de maio conferiu-lhe o título de Santa-Rita-de-Levergeria, que não perdurou.

Convertida em vila, por Decreto de 18 de julho de 1890, Lei de 1894 restituiu-lhe o nome de Nioaque.

Estabelecida ao sopé da encosta ocidental do planalto, aí denominado serra de Amambaí, à margem direita do rio Nioaque, a colônia militar, depois de progredir apreciàvelmente, quando se emparceirava com as vizinhas, no tocante à carência de meios de comunicação, estacionou, depois que a E. F. Noroeste do Brasil, passando por Miranda, Aquidauana, Campo-Grande, desviou para aquelas cidades grande parte da sua população. Entretanto, o município é rico, mercê da indústria pastoril que se lhe espalhou pelos campos criadores.

---

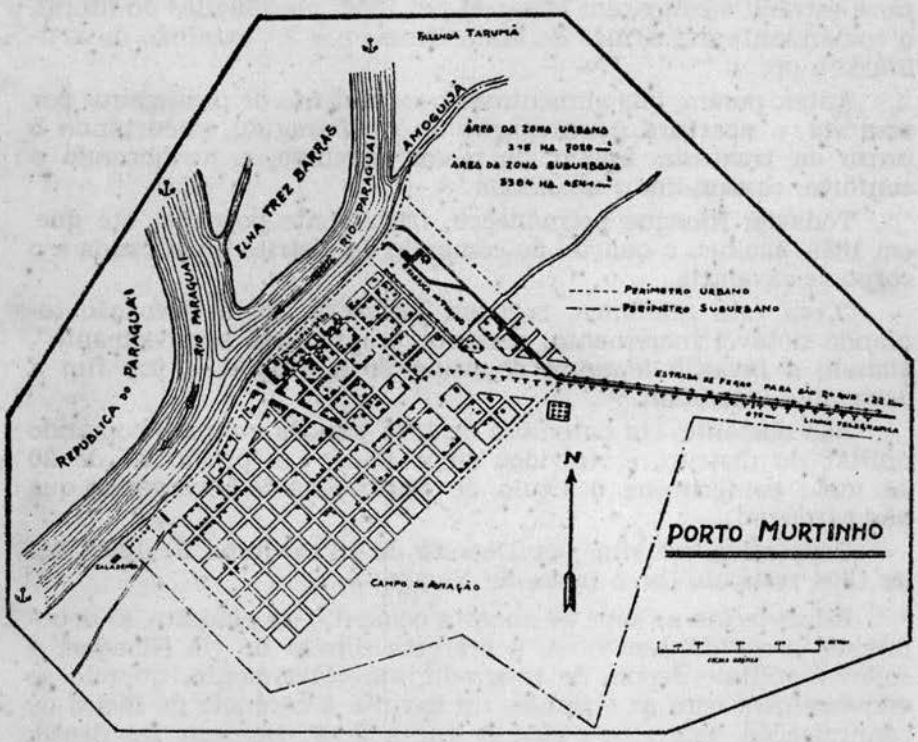
[282] Nioaque
Lat. 21° 8' 21"
Long. 55° 48' 2" W.Gr.

A sua arrecadação não corresponde às possibilidades econômicas do município, como indicam as cifras a seguir

Cr$ 40 335,00 em 1940
Cr$ 44 839,00 " 1941
Cr$ 55 800,00 " 1942

PÔRTO-MURTINHO

Quando chefiava as operações do "Banco Rio e Mato Grosso", que abrangiam a colheita dos produtos dos ervais matogrossenses, de que era arrendatária a Emprêsa Mate Laranjeira, o engenheiro ANTÔNIO CORREIA DA COSTA escolheu local apropriado a servir-lhes de pôrto futuro de exportação.[283]



Cidade marginal, aberta em xadrez, não se deixou influenciar pela E. F. São Roque, que apenas se desenvolve por 22 km

Adquiriu para êsse fim, em 1892, a fazenda pastoril de nome Três-Barras, à margem esquerda do Paraguai, cêrca de 50 quilômetros a montante da barra do Apa.

[283] Pôrto-Murtinho
Lat. 21° 42' 30"
Long. 57° 52' 30" W.Gr.

Traçou-lhes as primeiras ruas, sem tardança debruadas de casas, exigidas para alojamento do numeroso pessoal da Emprêsa.

E deu-lhe o nome de Pôrto-Murtinho, em homenagem ao seu mestre e amigo, Dr. JOAQUIM MURTINHO, então presidente do Banco. Dentro em pouco, tornou-se necessária a construção da ferrovia, de 22 quilômetros, através dos pantanais, até São-Roque, aonde chegavam as centenas de carrêtas portadoras da erva mate do alto dos vales do Brilhante e Dourados, que regressavam carregadas de mercadorias para os fazendeiros serranos.

Antes que a Emprêsa, devastados os ervais mais próximos, transferisse o escoadouro de sua produção para Guaíra, no rio Paraná, o povoado cresceu de contínuo, a ponto de ser aí inaugurada festivamente, a 4 de maio de 1898, promissora Mesa de Rendas Federais. Freguesia pela Resolução de 10 de abril de 1900, e vila no seguinte ano, já é sede de município e cabeça de comarca.

A indústria principal do município é a pastoril, que abastece de reses o importante saladeiro montado nas imediações, embora já lhe operem nas proximidades duas emprêsas que preparam diàriamente cêrca de doze toneladas de tanino, extraído dos opulentos quebrachais do município.

Entretanto, a receita municipal ainda se mantém reduzida, com a arrecadação de

Cr$ 120 547,00 em 1940
Cr$ 123 996,00 " 1941
Cr$ 107 923,00 " 1942

———

DISTRIBUIÇÃO DEMOGRÁFICA

A fundação de Cuiabá pelos bandeirantes setecentistas, a mais de quinhentas léguas do ponto de partida, assinalou-lhes a passagem repentina do ciclo da caça ao índio, que os levara ao recesso dos sertões bravios, no centro da América-do-Sul, ao da mineração, transformadora dos seus hábitos de vida.

O nomadismo, que lhes era peculiar, estacou, às tontas, deslumbrado pelas pepitas luzentes, à cuja cata infrene se entregaram.

Onde se deparasse mancha mais promissora, aí se arranchavam às pressas, com o intuito de recolher em curto prazo a maior quantidade possível de ouro.

E quando se esgotassem as lavras ou diminuíssem de rendimento, sem demora se mudavam para outras, ainda em condições de recompensar-lhes satisfatòriamente os esforços.

Assim nasceu Cuiabá, sem ordem alguma governativa, nem planos preconcebidos de nenhum urbanista sertanejo.

Os cascalhos auríferos, de opulência dispersa, atraíram os povoadores, até então andejos, à procura de aldeamentos indígenas, e os induziram a erigir as primeiras casas — simples ranchos cobertos de sapê ou fôlha de uacuri — que por ventura abandonariam mais tarde, após a exaustão das minas, caso não sobreviessem outras causas garantidoras do seu contínuo desenvolvimento.

Não se achava à margem de via alguma de comunicação, mas o rio Cuiabá em que despejava o córrego da Prainha as suas águas, avermelhadas pela incessante lavagem do material escavado pelos mineiros, oferecia excelente abrigo às "monções de povoado" (São-Paulo), que ali estabeleceram o seu pôrto final, cêrca de meia légua do arraial nascente no terreno aluvionar de rara fartura.

Contrariando as condições geográficas adversas, que se consubstanciavam na distância excessiva dos núcleos civilizados, com os quais seria penoso o intercâmbio, conseguiu, todavia, prosperar como centro de concentração humana, que se espraiaria pelas circunjacências até os pantanais.

Em curto prazo adquiriu os privilégios de vila, quando, ao fim do primeiro decênio, já exibia uma dezena de casas de telha.

Para lá convergiam os mamalucos de São-Paulo e portuguêses, acompanhados de carijós e negros, para o intenso cruzamento com os nativos, em cujo número se incluíam os bororos, os parecis, os guatós, além de outros contingentes em menores proporções.

Embora acostumados ao nomadismo, que se lhes infiltrara no sangue, por influência materna dos selvícolas, como igualmente dos andejos bandeirantes, gravitariam em tôrno das lavras cuiabanas, que lhes serviriam de centro de condensação.

O afastamento de outros núcleos sociais, os perigos da viagem alongada por zonas insalubres ou vigiados por inimigos implacáveis, da fôrça dos paiaguás, os embaraços à navegação opostos pelos rios encachoeirados, em que freqüentemente sossobravam as embarcações, com as suas cargas, tudo concorria para evitar a dispersão, do mesmo passo que, passada a fase pioneira, do afluxo constante de aventureiros seduzidos pela miragem dourada, iria promover a fixação de características raciais, em que se equilibravam os atributos ancestrais do povo da região.

A diminuição gradativa da corrente colonizadora, à medida que se reduziam os lucros dos faiscadores, compensar-se-ia de algum modo com a natalidade, de índice alto em geral, como evidenciam os dados genealógicos referentes aos troncos familiares de certa hierarquia social [283a] e os ribeirinhos do Cuiabá, cuja prole muitas vêzes os viajantes admiram, enfileirada no barranco do rio, donde assiste à passagem de algum navio, que por qualquer circunstância lhe prendeu a curiosidade.

Do mais graúdo ao filho ainda no braço, formam suave escada, cujos numerosos degraus assinalam a fecundidade do casal, atribuída comumente à alimentação, a que a peixaria fornece o mais constante alimento.

Quando a reabertura do Paraguai à navegação marcou propícia fase dispersiva dos cuiabanos pelos pantanais mais distantes, o recenseamento de 1872 ainda registou para a população da Província 60 417 pessoas, para cuja estimativa o município da capital concorria com mais de metade, ou 35 987.

Daí se exilavam seguidamente grupos destinados a povoar as lombadas marginais, que as inundações não atingiram, bem como as glebas circunjacentes aos núcleos urbanos, que renasciam depois de terminada a guerra lopezina, a exemplo de Corumbá e Miranda.

[283a] Dos estudos genealógicos, em que se desvelou a sagacidade pesquisadora de José de Mesquita, ressaltam indicações confirmadoras da alta natalidade verificada entre casais no primeiro século de povoamento de Mato-Grosso.

Assim, André Gaudie Ley, casado com a cuiabana D.ª

Mariana de A. Poupino, deixou	14	filhos
João Pereira Leite	10	"
Antônio de Cerqueira Caldas	7	"
Francisco Correia da Costa	6	"
Antônio José Pinto de Figueiredo ..	10	"
Carlos Antunes Muniz	8	"
Estêvão Alves Correia (I)	3	"

A fecundidade não decresceu na descendência e às vêzes aumentou, a exemplo de Antônio Correia da Costa, filho de Francisco, e Estêvão Alves Correia (II), de pai homônimo.

Aquêle deixou 11 herdeiros, criados, como os 14 dêste, um dos quais, Estêvão Correia (III), ao falecer, neste quartel de século, contava, por dois casamentos, vinte filhos.

Em tôrno das vilas preferidas, fixavam-se os ruralistas, decididos a desbravar os campos brutos com as manadas de gado pantaneiro que os seguiam sem demora.

Outra corrente humana, uma vez franqueada a via fluvial, que estabeleceu a ligação com a capital do Brasil, através do rio da Prata, remontar-lhe-ia as águas e as do Paraguai, até o pôrto corumbaense, onde tomaria o destino final.

Era, em maioria, constituída por estrangeiros, diferentemente da que, há seis lustros, derivou pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, para reatar, após a interrupção de mais de século, a contribuição paulista para o povoamento de Cuiabá, núcleo de que derivaram os arraiais dos arredores, e mais tarde, a ocupação progressiva do terreno, conforme aconselhavam as condições geográficas.

De princípio, a imensidão territorial estaria ao alcance de quem lhe pretendesse possuir alguma porção.

Mas, a vigilância dos paiaguás não consentia nenhum condomínio nos pantanais, que as suas ubás velozes sulcavam em todos os sentidos, pelos rios, sangradouros e baías.

Afastada a ameaça dos temíveis ripícolas, já no derradeiro quartel do século XVIII, a distância impediria o povoamento imediato da vasta baixada, de cujo domínio êles desistiram, por não poderem conservá-lo, depois de desfeita a sua aliança com os guaicurus.

A diminuta densidade demográfica de Cuiabá, apesar de maior que a de outros municípios de Mato-Grosso, vedaria maior presteza na dilatação da área efetivamente utilizada, onde os sertanejos mais empreendedores fàcilmente constituíam avantajados latifúndios, em que podiam fartamente desdobrar-se as maiores famílias.

Embora desempenhassem o papel de centros de atração, em tôrno dos quais gravitassem os interêsses econômicos ou sociais dos fazendeiros, dispersos até à distância de duas ou três dezenas de léguas, as vilas não possuíam suficientes estímulos progressistas, que lhes apressassem o engrandecimento.

A carência de recursos orçamentários não lhes permitia empreendimentos grandiosos, que aumentassem o confôrto citadino muito acima das possibilidades ao alcance dos particulares em seus estabelecimentos rurais.

Nem atuariam como centros de absorção das atividades dispersas pelos arredores, pois que não mantinham indústria alguma.

Ao invés, a tendência centrífuga superava o centripetismo urbano, por maneira que ainda na atualidade, consoante os dados de 1940, os habitantes dos pantanais se mantêm de preferência esparsos pela zona rural, como evidenciam as cifras a seguir, calculadas pela Secção de Sistematização do Serviço Nacional de Recenseamento.

MUNICÍPIOS	População de fato em 1940	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL		
		Situação urbana (%)	Situação suburbana (%)	Situação rural (%)
Cuiabá	54 770	25,64	16,34	58,02
Corumbá	30 051	34,73	24,42	40,85
Aquidauana	21 240	27,72	6,00	66,28
Cáceres	17 703	23,72	6,20	70,08
Poconé	16 330	11,49	2,69	2,69
Santo-Antônio	15 386	9,01	0,21	90,78
Bela-Vista	13 857	17,88	24,70	57,42
Miranda	10 674	13,65	3,91	82,44
Pôrto Murtinho	7 262	28,41	2,25	69,34
Nioaque	4 838	12,86	7,36	79,78

A porcentagem da população urbana varia entre o máximo de 34,73%, alcançado em Corumbá, ao mínimo de 9,01, correspondente a Santo-Antônio.

Aliás, conforme apontou O. ALEXANDER DE MORAIS, "o predomínio da população rural é traçado característico da distribuição demográfica no Estado, (Mato-Grosso) exprimindo-se por um coeficiente médio, geral, de 70,40%, contra 20,50% na situação urbana e 9,10% na suburbana".

Quanto à proporção entre as populações masculina e feminina, as cifras a seguir exprimem a distribuição respectiva.

MUNICÍPIOS	HOMENS POR 1 000 MULHERES		
	Situação urbana	Situação suburbana	Situação rural
Cuiabá	870	876	1 144
Corumbá	1 026	1 080	1 479
Aquidauana	1 042	997	1 242
Cáceres	993	1 006	1 070
Poconé	793	947	1 053
Santo-Antônio	860	1 666	1 064
Miranda	1 028	967	1 122
Pôrto-Murtinho	1 060	653	1 240
Nioaque	1 054	977	1 119

A predominância dos homens, em relação às mulheres, evidencia o ímpeto desbravador, à laia de colonização pioneira, patente nas localidades mais novas como Aquidauana e Pôrto-Murtinho, ou

remoçadas por alguma componente estimuladora do seu progresso, (Miranda, com E. F. Noroeste do Brasil, Corumbá, mercê da E. F. Brasil — Bolívia).

Poconé, Cáceres e Cuiabá, embora manifestem cifras deficientes na zona urbana, efeito provàvelmente da atração causada por centros de interêsse social, como estabelecimentos de ensino, de diversões, de assistência médica, não divergem grandemente na rural, onde se executam os trabalhos que lhes garantem a manutenção.

Quanto à densidade demográfica no território de cada município, a estimativa indicada pela *Sinopse Preliminar* do *Recenseamento Geral do Brasil em 1.º de Setembro de 1940,* acusa as cifras a seguir:

MUNICÍPIOS	População	Superfície km2	Densidade hab./km2
Cuiabá	54 770	188 228	0,29
Corumbá	30 051	56 769	0,53
Aquidauana	21 240	25 073	0,85
Cáceres	17 703	59 417	0,30
Poconé	16 330	16 863	0,97
Santo-Antônio	15 386	24 014	0,64
Miranda	10 674	14 126	0,76
Pôrto-Murtinho	7 262	14 920	0,49
Nioaque	4 838	6 622	0,73

O cálculo referente a Cuiabá destoa sobremaneira da realidade que deveria prevalecer, caso não se incluísse na área do município o seu imenso prolongamento para o norte, ainda despovoado.

A taxa maior dever-se-ia encontrar em Cuiabá, de população mais concentrada, se não se estendesse o município até as divisas paraenses, por imenso território desabitado, entre o rio das Mortes e o Teles-Pires.

Nos pantanais, em realidade, excetuando as condensações urbanas, dispersam-se os povoadores, impelidos pelas próprias peculiaridades regionais, que mantêm a existência de propriedades, consideradas excessivas pelo critério litorâneo, ainda após o parcelamento dos latifúndios sem fim.

À sua desagregação progressiva impôs, todavia, limites a alternativa de inundações e sêcas, mercê da qual deve cada fazendeiro ocupar maior terreno do que se contentaria em outras circunstâncias.

Não lhe convirá restringir em demasia a área da sua propriedade rural, uma parte da qual será inaproveitável periòdicamente, e assim o índice de utilização, apontado pela densidade demográfica, será diminuto.

Ao fato conhecido da rarefação colonizadora, em zonas entregues à pecuária, ajunta-se o do regime peculiar aos pantanais, que lhes torna periòdicamente inabitável imensa porção do território, por influência de fatôres geográficos.

CONCLUSÃO

Admitido que a depressão dos pantanais resultou do desmonte hidráulico das terras sedimentares que espêssamente a cobriam, não maravilha que o perfil longitudinal dos seus rios se estenda por longo segmento de escasso desnível, até a faixa de transição, no sopé do maciço remanescente.

O Paraguai, que na fase inicial da sua evolução, como o esboçou H. SMITH, desaguava em gôlfo pampeano, como também sucedia ao Paraná e Uruguai, cada qual de sua vez, já dista da confluência dêstes dois, no rio da Prata, cêrca de 1 620 quilômetros até Assunção.

Com mais 440, alcança a foz do Apa, a montante da qual se encontra, ao fim de 560 quilômetros, Corumbá, onde o nível médio das águas apenas andará pela cota de 110 metros, indicativa de escasso caimento em tão alongado percurso.

Daí a Cuiabá, estiram-se ainda 900 quilômetros, em que a declividade, esmada por SCHNOOR, oscila entre "0,00014 e 0,00023 por quilômetro".

Transversalmente, ao longo do paralelo de 19° por exemplo, salvo algum possível, mas diminuto monchão, pouco mais alto, o nivelamento não acusará aclive apreciável em tôda a extensão de mais de 200 quilômetros, antes de começar a rampa dos contrafortes.

Em tão vasta chanura, não sòmente vias fáceis de transporte encontraram os ousados devassadores setecentistas.

Obstáculos angustiantes iriam amofinar-lhes o espírito aventureiro, sem lhes impedir, todavia, o êxito final, aplicado em conquistar os sertões circunjacentes, que bravios lutadores acobreados defendiam a todo o transe.

A luta pela posse territorial dilatou-se por mais de meio século, em cujo decurso os documentos mal dão conta dos sofrimentos inenarráveis a que se acharam expostos os pioneiros.

Aliás, mercê da mineração — fator preponderante na fixação, em Cuiabá, dos antigos bandeirantes, — a conquista dos pantanais matogrossenses não se processou ordenadamente, por onda povoadora que, irradiando vigorosa do litoral, fôsse progressivamente avançando para oeste.

Ou subindo por estuário de imponente via fluvial, como ocorreu na Amazônia, e no rio da Prata, depois de consolidada a ocupação de Buenos-Aires.

Cuiabá, ao contrário, aflorou aproximadamente no centro geométrico da América-do-Sul, mercê de salto audaz dos bandeirantes, que arremeteram do ponto de partida, a mais de quinhentas leguas, em São-Paulo, quase à vista do mar, quando foram criar o primeiro núcleo civilizado, a oeste da linha tordesilhana, atraídos pelo ouro de seus cascalhos.

Uma vez estabelecidos nas lavras, não mais as deixariam, senão para alargarem cada vez mais a área conquistada, sempre em rumo do poente, até que os esbarrasse o Guaporé.

Nos pantanais encontravam, então, o maior fator de resistência à expansão povoadora.

Pela distância, estimada em centenas de léguas sôbre águas traiçoeiras. Pelas doenças e malefícios de animais ferozes.

E, principalmente, pelas hostilidades incessantes dos nativos, que se valiam do conhecimento minucioso das peculiaridades hidrográficas para desfecharem, em locais apropriados, investidas fatais.

De mais a mais, nada prometiam de lucrativo aos sertanistas que se abrasavam na ânsia de colhêr o metal cobiçado.

As aguarias sem fim não lhes eram do agrado.

Cuidavam de evitá-las quanto possível. Daí surgiu a abertura de caminho terrestre por Goiás, a salvo das agressões dos paiaguás, embora os substituíssem os caiapós, menos perigosos.

Rolim de Moura, o primeiro governador nomeado para a capitania estremenha, ainda navegou pelo Tietê e Cuiabá, que o mais sagaz dos seus sucessores, Luís de Albuquerque, evitou, ao varar os sertões mineiros e goianos. Outros prefeririam sulcar a via majestosa do Guaporé e Madeira, não obstante encrespada de saltos e corredeiras, que sobremaneira molestavam os navegantes, de Santo-Antônio a Guajará-Mirim, no trecho atualmente flanqueado pela E. F. Madeira-Mamoré.

Quando as minas, porém, começaram a minguar, desenganando os mais confiantes em sua opulência, cuidaram os sertanejos precavidos de fortalecer a base econômica, esteada, então, na indústria agro-pastoril.

De princípio, serranos que eram, em maioria, acostumados ao clima do planalto piratiningano, escolheram terras chapadenses, a exemplo de Almeida Lara, sesmeiro de Buriti, onde o Coxipó tem as suas nascentes.

A pouco e pouco, experimentaram as terras marginais do Cuiabá, pelas quais se foram espraiando, à medida que se afastavam os temíveis paiaguás.

Dilatou-se a ocupação, incrementada pela navegação do rio Paraguai, em cujo vale se estabeleceram, sem tardança, ousados desbravadores.

E destarte se ampliou o influxo, irradiante de Cuiabá, até Miranda, Aquidauana e Pôrto-Murtinho, para onde convergiriam, mais tarde, correntes povoadoras de vária procedência, como patenteia o censo de 1940.[284]

A componente moderna, a que a E. F. Noroeste do Brasil proporcionou maiores facilidades de acesso às paragens outrora ligadas mais freqüentemente pelas vias fluviais, que fecundam os pantanais, já encontra domada a bruteza primitiva dos campos, de que se assenhoreavam os pioneiros de origem cuiabana, em longa e perseverante arrancada civilizadora.

Supriam, pelo esfôrço e argúcia, o número escasso de obreiros abnegados.

Fizeram-se campeiros destros, de tino incomparável no varar os sertões ínvios, canoeiros, quando houvesse mister de viajar pelos rios, ou recorrer-lhes à abundância ictiológica, de que se abastecem os ribeirinhos, com a sua perícia de pescadores consumados.

Roceiros, que manejavam com igual desembaraço as rédeas do seu rodomão, ou a enxada, nos meses em que cessassem trabalhos de campo.

Caçadores das onças que perseguissem as criações, a ponto, não raro, de assaltarem, por noite alta, os chiqueiros, de que levavam os suínos de sua preferência, antes que lhes fôsse pressentida a aproximação.

Tropeiros, para as curtas jornadas nos arredores, ou mais longas, em busca de mercados distantes, que os acostumavam à labuta interminável, através dos sertões mineiros, onde a literatura lhes consagraria a fama, imortalizada na prosa cristalina e evocativa de Afonso Arinos.

A multiplicidade necessária de ofícios não lhes abria ensejo de especializarem-se em nenhum.

De tudo sabia cada qual o seu tanto, para aplicar quando lhe chegasse a vez, na árdua entreprêsa da conquista efetiva dos pantanais, que afeiçoou de maneira diferente a inflexível energia bandeirante dos ancestrais.

---

[284] Ao analisar os resultados de ampla operação censitária, o professor Giorgio Mortara notou a presença de estrangeiros por 1 000 habitantes em

Cáceres	52
Corumbá	80
Bela-Vista	129
Pôrto-Murtinho	327

A contribuição maior, para o acréscimo desta porcentagem, é proporcionada pelos paraguaios e bolivianos.

Aliás, concluí G. Mortara a êste respeito: "dos 22 263 estrangeiros presentes em 1940, a grande maioria, 17 305, é constituída por nacionais de países americanos, que ainda não foram discriminados por nacionalidades, mas certamente são em prevalência paraguaios, com contingentes notáveis de bolivianos, argentinos (êstes já discriminados) e uruguaios. Os europeus são em número de 2 778, predominando entre êles os latinos (910 portuguêses, 515 italianos, 319 espanhóis e 72 franceses em total 1 816); há apenas 378 alemães e 47 austríacos. Entre os 2 167 asiáticos contam-se 1 105 japonêses e 1 012 sírios e libaneses".

Refreou-lhes o ímpeto devassador de regiões desconhecidas, à procura de índio ou de ouro, transformado em decisão de permanecer onde lhes fôsse do agrado, sem contar com auxílio estranho.

A miragem de riquezas estonteantes, derivadas de lavras auríferas, esbatera-se, diante da realidade simples do trabalho perseverante, que urgia realizar, em benefício coletivo e para melhoria individual.

Tal a missão histórica do cuiabano, ao pontilhar a imensidão pantaneira de postos eficientes de ocupação, mais abundantes em alguns distritos, menos numerosos em outros, mas dispersos por todos os rumos.[285]

Avassalaram de ponta a ponta a dilatada região, de fisionomia peculiar, que o trabalho humano transformou em mananciais opulentos de utilidade.

Para aumentá-los, bastariam algumas providências, de caráter geral e realização onerosa, quando mais rala se dispersava a população.

Primeiro que tudo, a utilização eficiente dos rios para ligação regular entre os diferentes núcleos ribeirinhos, pois que não se compreende a ausência de vapôres em vias francamente navegáveis e desprovidas de outros meios de intercomunicação.

A conjugação de esforços de engenheiros hidráulicos e navais saberá apontar as soluções mais apropriadas à linha principal, até Cuiabá, e seus prestantes ramais calibrosos.

Da realização cabal dessas medidas certeiras romperão conseqüências imediatas, por igual benéficas e necessárias, como a profilaxia rural, onde se torne aconselhável, o aperfeiçoamento da técnica agro-pastoril, que aprimore a perícia intuitiva dos obreiros regionais com os ensinamentos dos que tiveram ensejo de aprendizagem, entre profissionais orientados pelo saber científico.

É a tarefa legada aos seus sucessores pelos pioneiros, que souberam não sòmente desbravar os pantanais bravios, como ainda lhes atestar, com resultados comprobatórios, a exuberante capacidade produtiva, em que se alicerce a economia matogrossense.

---

[285] Mais do que simples gentílico, designativo dos que tiveram berço no mesmo setecentista arraial, onde jazem os restos do bandeirante Pascoal Cabral Leme, o primeiro da série, *cuiabano* tomou acepção mais ampla, para envolver quantos se lhe afeiçoassem à mentalidade peculiar, capaz de realizar o milagre de conservar a flama civilizadora no recesso dos sertões, desprovido longamente de comunicações com o exterior.

Por semelhante interpretação, cuiabano se evidenciou Augusto Leverger, não obstante nascido em Saint-Malô (Bretanha), como também Antônio João, o herói da epopéia de Dourados, Batista das Neves, tràgicamente sacrificado na defesa da autoridade legal, Joaquim Murtinho, restaurador do crédito brasileiro, mediante inflexível energia na aplicação de postulados financeiros, contra os quais em vão se arrojaram adversários de prestígio, Luís Adolfo, única voz senatória contra o projeto washingtoniano da estabilização da moeda e tôda a multidão operosa dos legionários anônimos, cuja atuação de bravura consciente e pertinácia na defesa das suas convicções perfeitamente se harmoniza com o apêgo à terra agarrativa, que logrou cuiabanizar o marujo bretão e quantos lhe seguiram o exemplo.

ÍNDICE ANALÍTICO

Açúcar — cana de, 102 — fabricação de, 57 — fabricantes de, 105.

Aguapeí — espigão de, 3 — rio, 6.

Albuquerque — 9, 10, 17, 59, 62, 64, 137, 139, 141 e 146 — Luís de, 53, 60, 61, 65, 84, 86, 103, 111 e 160. — maciço de, 61 — Missão de, 141 — morros das vizinhanças de, 13 — povoado de, 88 — serras de, 12 e 85.

Alegre — fazenda, 131 — rio, 6.

Almeida — Fernando de, 10, 13 e 14 — Lacerda e, 49, 56, 61, 63, 64 e 92.
Almeida Serra — Ricardo Franço de, 60 e 62.
Alves — André, 69.

Amambaí — serra de, 150.
Amazonas — bacia do, 6 — posse de longo trecho do, 39 — rio, 2 e 96.
Amazônia — 159.
América — renascia Portugal na, 39.
América do Sul — 101 e 153 — centro da, 25 — centro geométrico da, 160 — conquista da, 24.
Amolar — 34 e 88 — rio, 17.

Ana Maria — 66.
Andes — cordilheiras dos, 2, 24 e 79.
Andino — Juan Dies, 41.
Angola — 21.
Anhanduí — rio, 49.
Anonáceas — 32.
Antonina — barão de, 150.
Anzol — morro, 13.

Apa — barra do, 34 e 151 — bôca do, 91 e 94 — foz do, 95 e 159 — nascentes do, 6 — rio, 7, 8 e 98 — vale do, 5 — vizinhanças do, 10.

Aquidauana — 17, 27, 77, 127, 148, 150, 156 e 161 — arenito de, 5 — navegação do rio, 148 — pantanais do, 70 e 116 — vale do, 5.

Araguaia — rio, 2.
Araras — morro, 10 e 12.
Aricá — 128 — vale do, 65.
Aricá Mirim — 65.
Arinos — 15 — Afonso, 161.
Arsenal de Marinha — obras do, 142.

Assunção — 35, 36, 37, 50, 51, 53, 80, 81, 126, 142, 146 e 159 — castelhanos de, 126 — espanhóis de, 24 — fundação da cidade de, 79 — govêrno de, 53, 88 e 89 — moradores de, 54 e 82.

Atlântico — oceano, 36, 38, 39 e 79.

Ayolas — Juan de, 24, 35 e 79.

Azara — F. de, 78.

Baía Negra — 50.
Banda Alta — vale da, 14.
Banco Rio e Mato Grosso — 151.
Bandeirantes — 39 — era inquieta dos, 1 — expansão, 39.
Baraboos — 13.
Barbado — João Francisco, 45.
Barbosa — José do Espírito Santo, 145.
Barra Velha — 92.
Barros — Carlos Vandoni de, 130 — Gabriel Patrício de, 129 — João Batista de, 129.
Bauru — arenito de, 5.

Bela Vista — rodovias para, 149.
Belém — 62.
Beni — rio, 2.
Betim — A., 8.

Boa Morte — morro da, 46.
Boa Vista — morro da, 3.
Bôca Brava — furo da, 94.
Bodoquena — serra de, 10, 11, 12, 13 e 17.
Bolívia — 6, 12 e 85 — limites entre o Brasil e a, 10.
Bom Conselho — serra, 12.
Bom Despacho — morro do, 46.
Bom Jardim — sesmaria de, 65.
Boneo — 88.
Bororos — índios, 65 e 107.
Bostonito — 8.
Botas — rio das, 5.
Botucatu — arenito de, 5.
Braga — 66.
Brasil — 47, 68 e 89 — capital do, 155 — limites entre o ... e a Bolívia, 10 — silhueta litorânea do, 3 — sul do, 6.
Brasília — núcleo de sial, 6.
Brazil Railway — 132.
Brilhante — rio, 5, 150 e 152.
Brioso — 5.

Bueno — Pimenta, 104, 105, 116 e 129.
Buenos Aires — 34, 36, 79 e 126 — carta de, 84 — ocupação de, 159.
Bugres — rio dos, 15 e 91.
Buriti — sesmeiro de, 160.

Cabaçal — rio, 16 — vale de, 15.
Cabeça de Vaca — D. Alvaro Nunes, 34 e 36.
Cabo Frio — 8.
Cabral — armada de, 34 — Pascoal Moreira, 42, 56 e 80.
Caçanje — pôrto, 91 e 137.
Cáceres — 8, 22, 23, 59, 61, 66, 77, 100, 103, 127, 137, 139, 146 e 157.
Café — cultivo do, 111.
Caiapós — índios, 49, 63, 145 e 160.
Caldas — 8.
Camapuã — 49 e 63.
Campo Grande — 118 e 150 — charqueada de, 121 — estrada para, 5 e 145.

Camponês — Marcelino Rodrigues, 87, 139 e 141.
Campos — Antônio Pires de, 43 — Cícero de, 8 — Pires de, 43.
Campos das Vacarias — 5.
Cananéia — 79.
Capitão Agostinho — lagoa, 2.
Cariós — índios, 34.
Camelo — Cabral, 57.
Carvalho — Antônio Teodoro de, 115.
Casais — pôrto dos, 39.
Casalvasco — arredores, de, 60.
Castelnau — 15.
Castro — Vaca de, 37.
Cataguás" — "Minas Gerais dos, 32.

Centro de Criadores de Nhecolândia — 130.
Cercado — pôrto, 137.

Chaco — 34.
Chanés — índios, 34, 37 e 43.
Chapada — 5 e 56.
Chaves — Nuflo, 38, 79 e 80.
Chené — bôca do, 92.
Chile — 6.
Chiquitano — 9.

"Cidade de Pedra" — 3.
Cipotuba — 91 — barra do, 89 — rio, 16 — vale do, 15.

Claro — rio, 46.

Coelho — Antônio Maria, 142.
Coimbra — 9, 62, 66, 85, 89 e 103 — assalto ao forte de, 89 — forte de, 59, 62, 86 e 146 — morro de, 17 — Universidade de, 60.
Colaço — Gaspar de Godói, 42.
Colônia do Sacramento — 41.
Colônia Isabel — 94.
Colônias — ministro das, 60.
Companhia Nacional de Navegação a Vapor — 90.
Conselho Ultramarino — 41.
Coordenação da Mobilização Econômica, 120.
Coroados — serra dos, 10.
Correia — Estêvão Alves, 70 — Francisco Alves, 148.
Corumbá — 8, 9, 19, 22, 23, 59, 61, 64, 69, 77, 85, 88, 91, 98, 99, 103, 126, 128, 130, 131, 134, 139, 141, 142, 143, 145, 146, 150, 154, 156, 157 e 159 — calcáreos negros de, 12 — escarpa de, 11 — geologia dos arredores de, 9 — morros das vizinhanças de, 13 — oeste de, 12 — pôrto de, 145 — série, 11 e 12 — sudeste de, 12 — supressão da linha ... Cuiabá, 90.
Costa — Antônio Correia da, 65 e 151 — Cesário Correia da, 115 — Francisco Correia da, 65 — Juca da, 69 — Matias Ribeiro da, 85.
Cotia — fazenda da, 111.
Coxim — 130 — barra do, 145 — rio, 49 e 145 — território de, 115.
Coxipó — 80 — barra do, 43 e 55 — rio, 4, 84 e 160.
Coxipó Mirim — barra do, 45 — cabeceiras do, 64 — rio, 46.
Coxiponés — índios, 43.

Croará — barra do, 59.

Cuiabá — 2, 3, 8, 23, 27, 28, 31, 34, 51, 52, 53, 55, 56, 59, 62, 66, 72, 75, 77, 81, 82, 83, 92, 95, 98, 99, 102, 106, 111, 128, 129, 134, 136, 142, 145, 157, 159, 160, 161 e 162 — alagações do, 117 — aluviões fartos de, 101 — ardósias de, 7 — assim nasceu, 153 — caminho de, 15 — cascalho aurífero de, 126 — densidade demográfica de, 155 — descrição do, 92 — distrito de, 111 e 112 — estrada de rodagem de ... a Vila Bela, 137 — foz do, 92 — fundação de, 153 — fundadores de, 103 — margens do, 107 — ouro de, 80 — pantanal de, 1 — pôrto de, 127 — povoamento de, 54 e 155 — relevante influxo no desenvolvimento de, 54 — rio, 12, 16, 17, 19, 21, 43, 45, 48, 49, 56, 57, 61, 64, 65, 70, 76, 77, 84, 85, 89, 94, 96, 101, 102, 104, 109, 110, 127, 128, 132, 136, 137, 153, 154 e 160 — supressão da linha Corumbá, 90 — terras marginais do, 160 — vale do, 7.
Cunha — André Alves da, 66 — Euclides da, 29 — padre Manuel Alves da, 66.
Cuzco — abandono de, 35.

D'Alembert — 115.
"D. Constança" — navio, 104.
D. Pedro II — Colégio Imperial de, 115.

Departamento da Produção Mineral — 90.
Derby — 8 e 95.
Descalvado — 91 e 118.
Descripción del Rio Paraguai — 84.

Diamante — leito de, 15.
Diamantino — 3, 5, 15 e 112.
Diderot — 115.

Dornelas — pôrto dos, 39.
Dourados — 85 e 104 — rio, 5 e 92 — serra dos, 88 — vale do, 152.

Emboabas — guerra dos, 42.
Emboteteu — 84 — barra do, 82 — ocupação do vale do, 146 — rio, 38, 53 e 88.
Emprêsa Mate Laranjeiras — 151.

Erichsen — 5 e 15.

Escalvado — morro, 82 e 87.
"Escudo Cristalino Fundamental" — 7.
Espanha — 37 e 38 — rei de, 39.
Espírito Santo — festanças do, 69.
Estrada de Ferro Brasil-Bolívia — 12, 144 e 157.
Estrada de Ferro Itapura-Corumbá — 118 e 143.
Estrada de Ferro Madeira-Mamoré — 160.
Estrada de Ferro Noroeste do Brasil — 15, 121, 148, 150, 155, 157 e 161.

Europa — 37, 39 e 89.

Evans — 7 e 46.

Falcão — Fernando Dias, 44.

Fecho dos Morros — 8, 23, 53, 81, 86, 87, 91 e 102.
Félix — Baía do, 65, 96 e 115.
Ferreira — Alexandre Rodrigues, 106 — Joaquim José, 60.

Firme — parcelamento do, 129.

Flechas — engenho das, 110.
Florence — H., 65.
Flores — Manuel Antônio, 53, 80 e 92.

Folaito — 8.
Fonolito — 8.

Fonseca — Hermes da, 142 — J. Severiano da, 29.
Forquilha — arraial da, 44 e 46.

Franco — Ricardo, 10, 56, 95 e 111.
Francia — 89 e 141.
Freguesia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araritaguaba — pôrto da, 49.
Fróis Abreu — 17.

Gaíba — 34 e 91 — imediações de, 50 — lagoa, 10, 17 e 87.
Garcia — Aleixo, 24 e 35 — trucidamento da comitiva de Aleixo, 50.
Gauto — Amaro Fernandes, 42.

Girão — A. de Amorim, 25.

Goiás — 56, 101, 117 e 160 — sul de, 6.
Gomes da Silva — Joaquim José, 69 e 129.

"Gran Mojo" — império de, 37.
Grandeza e Decadência da Serra Acima — 64.
Gravatá — 32.

Guachis — índios, 34 e 43.
Guaíbe-renda — pôrto de, 39.
Guaicurus — índios, 34, 50, 64, 141, 145 e 155.
Guaira — 39 e 152.
Guajará Mirim — 160.
Guanabara — baía de, 62.
Guanás — índios, 141.
Guaporé — rio, 1, 2, 3, 6, 57, 59, 62 e 160 — vale do, 106.
Guaranis — confederação dos, 34 — índios, 36, 78 e 79 — linguagem dos, 78.
Guatós — índios, 50, 54 e 70.
Guerra Européia, 118.
Gusmão — Alexandre de, 80.

Hematita — 12.
Herculânea — 17 e 145.

História do Brasil — 44.

Hoehne — 20 e 100.

Hussak — 8.

Iguaçu — rio, 37.

Incas — império dos, 35 — reservas metálicas dos, 78.
Independência — ocasião da, 66.
Insua — serra da, 10 e 87.

Ipecacuanha — indústria extrativa da, 15.

Irala — 37, 38, 79 e 80.

Itaci — rio, 102.
Itaici — usina do, 108 e 109.
Itapiru — 91.
Itatins — índios, 34, 35, 43 e 50.
Itenez — rio, 59.

Ivinheima — rio, 150.

Jacadigo — série de, 8, 11, 12 e 13.
Jacobina — fazenda, 66, 67, 68 e 69.
Jataí — 117.
Jauru — bôca antiga do, 92 — bôca do, 94 — confluência do, 91 — foz do, 80 — marco do, 87 — rio, 3, 6, 16, 59, 82, 84, 98 e 145 — vale do, 15 e 17.

Jesus — Maria Josefa de, 66 e 69 — Maria Teresa de, 65.

Jupangui — Titu, 35.

Katzer — 6.

Köppen — 26.

Lacerda e Almeida — Francisco José de, 60.
La Cierra — 60.
Ladário — 13 e 142.
Lamartine — obras de, 115.
Lambaré — 36, 78 e 80.
Lanhas Peixoto — Antônio Alves, 52.
Lara — Antônio de Almeida, 53 e 160.
Lavras da Conceição — 48.
Lavras do Sutil — 44, 45 e 48.

"Legião Campos Sales" — 108.
Leitão — Ângelo Fonseca, 65.
Leite — Gervásio, 120 — João Pereira, 66 e 69.
Leme — irmãos, 49 e 63.
Letreiro — serra do, 87.
Leverger — A., 89, 92, 141 e 150.

Limites — serra dos, 10 e 88.
Lindman — 90.
Lisboa — Arrojado, 5, 7, 8, 10, 12, 15 e 90.

Lôbo — Manuel, 41.
Löfgren — A., 5.
Lóide Brasileiro — 90.
Lopes — Carlos, 89.
Lopez — Solano, 90 e 142.

Luís D'Alincourt — 107 e 111.

Macacos — tromba dos, 13 e 14.
Macerata — frei José Maria de, 141.
Maciel — Antunes, 44.
Madeira — rio, 2 e 160.
Madri — 59.
Madureira — padre V. Antônio de, 58.
Magalhães — Couto, 142.
Mamoré — rio, 2.
Mandioré — 8 — lagoa, 10, 17 e 87.
Mangabeiras — 32.
Manganês — 8 e 11.
Maracaju — série de, 5.
Marinha — serra, 12.
"Marquês de Olinda" — navio, 89.
Mata da Poaia — famosa, 15.
Mato Grosso — 1, 57, 58, 60, 82, 87, 92, 104, 111, 112, 118, 126, 131, 146, 150, 155 e 156 — centro e sul de, 6 — população de, 62 — sul de, 143.

Mediterrâneo — cidades gregas do, 111.
Melgaço — 17, 19, 63 e 136 — colinas de, 56.
Melgueira — sêrro da, 82.
Melme — 90.
Melo Pereira e Cáceres — Luís de Albuquerque, 10.
Mendoza — Pedro, 79.
Meneses — Artur de Sá, 42 — Rodrigo César, 52, 53 e 63.
Mesquita — José de, 64 e 69.
México — 36.
Milanese — Silvio, 28.
Mimoso — várzeas do, 136.
Miranda 7, 10, 17, 61, 127, 139, 146, 154, 157 e 161 — barra do, 24 e 53 — confluência do, 94 — foz do, 80 — margem do, 124 — navegação pelo, 146 e 148 — panta-

nal do, 1, 70 e 116 — rio, 12, 95, 130 e 150 — roças indígenas de, 105 — rodovias para, 149 — vale do, 117 e 148.
Miranda Montenegro — Caetano Pinto de, 61 e 146.

Monadnocks — 13.
Mondego — 146 — bôca do, 10 — rio, 61.
Montevidéu — 90, 126 e 142 — relações mercantis com a praça de, 104.
Moore — Spencer, 90.
Morais — O. Alexander de, 156.
Moreira — Pascoal, 43 e 44.
Moreyra — Pascual, 41.
Morize — 25.
Morro Grande — jazida de, 12.
Morro Vermelho — 5.
Mortes — rio das, 157.
Moura — Antônio Rolim de, 53, 58, 60, 102, 111 e 160 — Pedro de, 9, 12 e 96.
Murtinho — Joaquim, 151.
Mutuca — rio, 46.
Napoleão — 89.
Negra — baía, 34, 61 e 88.
Negro — rio, 17, 69, 88 e 130.
Neto — Costa, 132.
Nhecolândia — 128 e 130.
Nioaque — 146 e 150 — margem do, 150 — rodovias para, 149.

Norte — cordilheira do, 1.
Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque — freguesia de, 141.
Nossa Senhora da Misericórdia — missão de, 141.
Nuaras — índios, 34 e 38.
Nunes — Jerônimo Joaquim, 65.

O gado na economia matogrossense — 120.

Oliveira — Avelino I. de, 12 — Barbosa de, 8 — Eusébio de, 5 e 8.

Osvaldo Cruz — Instituto, 90.

Ouro — ribeirão do, 15.

Page — Th. Jefferson, 89.
Paiaguás — 34, 37, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 64, 102, 107, 134, 145 e 154 — agressões dos, 62 e 160 — assaltos dos, 55 — dominada a fúria belicosa dos, 127 — hostilidades incessante dos, 103 — os temíveis, 62 — vigilância dos, 155.
Pais — Brás Domingues, 41.
Paiva — Glycon de, 5, 6 e 7.
Palmeiras — terreno das, 129.
Pantanal — mapa parcial do, 18.
Pão de Açúcar — 8 e 81.
Paraguai — 3, 6, 19, 89 e 142 — abertura do ... à navegação, 137 e 150 — bacia do, 9 e 38 — cabeceiras do, 98 — comissão exploradora do, 92 — Companhia do Alto, 89 — curso superior do, 12 — elevações marginais do, 95 — fauna do, 77 — governador do, 41 e 62 — levantamento hidrográfico do, 89 — mapa da bacia do, 4 — margem direita do, 9 — margem esquerda do, 137 e 151 — nascentes do, 34 — navegação do rio, 160 — o primeiro vapor que sulcou o, 89 — placidez acolhedora do rio, 51 — planalto entre o Paraná e o, 119 — planície aluvional do, 12 — reabertura do ... à navegação, 154 — redutos militares nas margens do, 53 — rio, 1, 2, 6, 8, 10, 14, 15, 24, 37, 39, 42, 49, 50, 59, 60, 61, 63, 69, 71, 76, 78, 79, 80, 82, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 102, 104, 110, 111, 126, 127, 129, 130, 136, 139, 155 e 159 — serranias que flanqueiam o, 17 — topografia singular do, 85 — trancar o ... à navegação, 141 — trecho superior do, 10 — tributários do, 3 — vale do, 34, 65, 90 e 124.
Paraguai-guaçu — rio, 88.
Paraguai mirim — furo do, 88 — reconhecimento do, 95 — rio, 82.
Paraná — 150 — afluentes do, 49 — oeste do, 6 — planalto entre o ... e o Paraguai, 119 — rio, 2, 24, 37, 39, 42, 48, 49, 63, 78, 79, 89, 90, 91, 150, 152 e 159 — — tributários do, 3.
Paranaguá — comarca de, 52.
Paraná-guaçu — rio, 78.
Paranaíba — rio, 70.
Paranapanema — rio, 37 e 150.
Pardo — rio, 48, 49 e 63.
Parecis — 5 — areiais dos, 5 — índios, 54 — maciço dos, 15 — planalto dos, 91.
Pássaros — baía dos, 96.
Patagônia — 6.
Patrulha — serra, 12.

Peixe — rio do, 46.
Peixoto — Lanhas, 58.
Pelado — sêrro, 82.
Pena — Herculano Ferreira, 145.
Pereira — Mendo de Foios, 42.
Pereira e Cáceres — Luís de Albuquerque de Melo, 59 e 139.
Peru — 36 — abrir caminho para o, 37 — riquezas do, 35 e 38.

Pindaival — 65.
Pinto de Figueiredo — José Antônio, 88.
Piquiri — 65, 128 e 129 — foz do, 94 — rio, 70, 94 e 132.
Piraim — braço do, 136 — ilha do, 92 e 110 — rio, 19.
Piraputangas — vizinhanças de, 13.
Piratininga — 24 e 79.
Pitas — morro de, 139.
Piúvas — 32.
Pizarro — 36 e 78.

Poconé — 61, 66, 111, 136 e 157.
Pombas — baía das, 8, 65 e 96.
Ponta Porã — arredores de, 3.
Pontes — Silva, 56.
Porrudos — rio, 92.
Pôrto Alegre — 39.
Pôrto Esperança — 35, 91, 127 e 148.
Pôrto Feliz — 49.
Pôrto Geral — 56.
Pôrto Jofre — 128.
Pôrto Murtinho — 151, 156 e 161.
Portugal — 25, 26, 70 e 80 — coroa de, 139 — marco trazido de, 82 — os direitos de, 41 — rei de, 67 — renascia ... na América, 39 — soberania de, 39.
Potamografia Regional — 15.
Poxorêu — município de, 2.

Prado — Francisco Rodrigues do, 61 — João Leme do, 61, 139 e 146.
Prainha — córrego da, 45, 46, 47, 48 e 153.
Prata — rio da, 24, 41, 78, 79, 126, 148, 155 e 159.
Presidente Murtinho — 27.
"Presídio de Coimbra" — 88.
Príncipe da Beira — forte do, 139.

Psilomelana — 12.

Pulga — serra, 12.

Purus — rio, 92.

Quartzo — 7 e 12.
Quatro Irmãos — morro dos, 3.
Queirós — Padre André dos Santos, 48.
Quevara — padre, 37.
Quiroga — padre José, 83 e 86.
Quitanda — 70.

Rabicho — serra do, 10, 13 e 88.
Ranchão — estrada do, 15.
Rapôso Tavares — Antônio, 39.

Registo do Jauru — 61.
Revue de Deux Mondes — 115.

Ribeirão — vertente do, 46.
Ribeiro — José Alves, 69.
Ribera — Lazaro de, 62, 89 e 126.
Rio Abaixo — 75, 77, 108 e 109.

Roca — 35.
Rodovalho — padre Simão Toledo, 102.
Rodrigues — Barbosa, 90.
Rondon — Comissão, 90.
Rosário — morro do, 46.
Rosário Oeste — imediações de, 70.
Rousseau — 115.
Rusga de 1834 — 70.
Sá — Barbosa de, 54 — Custódio de, 92.
Sabará — 43
Sá e Faria — José Custódio de, 80.
Schnoor — Emílio, 118 e 159.
Salto Grande — 37.
Santa Catarina — 35 — ilha de, 36.
Santa Cruz — dia de, 31 — friagem de, 31 e 109 — jazida de, 12 — serra de, 13 — de la Sierra — 38, 79 e 144.
"Santa Delfina" — lancha, 148.
Santa Isabel — 17.
Santa Maria — rio de, 78.
Santana da Chapada — aldeia de, 102.
Santana do Paraíba — 117.
Santa Rita de Levergeria — 150.
Santo Antônio — 19, 74, 77, 128, 134, 136, 156 e 160.
Santo Antônio da Barra — 128.
Santo Ildefonso — Tratado de, 59.
Santiago de Xerez — fundação de, 38.
São Fernando — barra de, 82.
São Francisco — 86 — estreito de, 88.
São Francisco Xavier — estreito de, 82.
São Gonçalo — ceramistas de, 114.
São Gonçalo Velho — depredações até, 53.
São Jerônimo — pico de, 43.
São João de Antonina, 150.
São José de Herculânea, 145.
São José de Monte Alegre — fundação do pôrto de, 150.
São Lourenço — 17, 34 e 89 — desvio do, 92 — margens do, 70 — rio, 19, 21, 61, 65, 92, 96 e 128 — vale do, 124 — vazão total do, 94 — volume do, 94.
São Luís — proteção de, 137.
São Luís de Cáceres — 138.
São Paulo — 39, 43, 48, 51, 52, 127, 153 e 160 — abertura do caminho terrestre para, 56 — colônia de, 111 — governador de, 57 — oeste de, 6 — viagem a, 61.
São Pedro d'El Rei — 61, 111 e 136.
São Roque — 151.
São Vicente — 62 e 79.
Santiago — 9.
Sapé — 32.
Sararé — rio, 59.
Schmidt — Max, 54 e 90.
Serra — Almeida, 10 e 139.
Serra Acima — 107 e 123.
Serranal — serras de, 42.
Serviço de Meteorologia, 26.
Serviço Nacional de Recenseamento — 155.
Sete Lagoas — 91.
Sete Quedas — salto das, 2.

Sienito augito — 8.
Silva — Antônio José da, 65 e 128 — Francisco Gomes da, 129 — José Gomes da, 66 — Luís Teodoro da, 145 — Manuel Gomes da, 129 — Pedro Leme da, 41.
Silva Pontes — Antônio Pires da, 60.

Smith — Herbert, 7, 90 e 159.

Solis — João Dias, 78 — rio de, 78.
Sorocaba — 42.
Sousa — Leonardo Soares de, 66 — Diogo de, 51 e 58 — remate fatal da expedição do Diogo de, 51.

Sunsas — serranias de, 9.
Sutil — Miguel, 45 — minas do, 64.

Taboco — vale do, 70.
Tamengos — 10.
Tampu Toco — 35.
Tapajós — rio, 2.
Tapirapuã — serra de, 5 e 16.
Taquari — 34 e 145 — afluentes do, 63 — fracassaram os sesmeiros do, 64 — fundação do núcleo colonial de, 145 — nascentes do, 3 — navegação pelo, 145 — pantanal do, 1 — rio, 17, 23, 49, 57, 61, 63, 69, 88, 95, 129 e 130 — vale do, 115 e 117.

Tarigara — rio, 94.
Taunay — Alfredo de, 115 — visconde de, 148.
Tavatinga — aldeia de, 53.
Taylor — Griffth, 25.

Teixeira — Pedro, 39.
Teles Pires — rio, 157.
Teresa Cristina — 17.

Tibaji — rio, 150.
Tibúrcio — morro, 13.
Tietê — rio, 48, 49, 63 e 160.
Tinguá — 8.

Tordesilhas — caduco meridiano de, 54.
Tossini — Luís, 90, 91 e 98.
Travassos — Lauro, 90.
Três Barras — fazenda, 151.
Três Irmãos — 81 e 86.

Uacurutuba — 20 e 65 — ilha de, 92 — rio, 123 e 136.
Uberaba — 8 — caminho de, 117 — lagoa de, 10, 17, 82 e 87.

Urubu Pungá — salto do, 2.
Urucum — maciço do, 13 — morro do, 12 — serra de, 8 e 9.
Uruguai — 6 — rio, 159.

Vacaria — 42.
Vacarias — campinas das, 41.
Vassourinha — 32.

Véu de Noiva — salto do, 4, 45 e 64.

Viamão — pôrto do, 39.
Vieira — Sabino, 69.

Vila Bela — 57, 59, 60, 62, 70, 87, 102, 112, 137 e 139 — arredores de, 60 — estrada de rodagem de Cuiabá a, 137.
Vila Maria — 59, 61, 66, 69 e 146 — barão de, 69 e 129.
Vila Maria do Paraguai — 137.
Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá — 55.
Vilares — Luís Rodrigues, 63.
Vila Rica — 41 e 43.
Vitor Hugo — obras de, 115.

Voltaire — 115.

"Water Witch" — navio, 89.

Xanás — desaguadouro de, 51.
Xaraiés — 34 e 37 — formação, 11 — lagoa dos, 33 e 96.
Xavier — Francisco Pedroso, 41.

Xerez — moradores de, 39 — ruínas de, 148.
Yacuces — estação de, 12.
Yaybá — lagoa de, 82.

Zanete — morro, 13.

Zedas — fazenda dos, 111.

Zuñiga — André, 41.

RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

— Mapa da bacia do rio Paraguai, em território brasileiro — pág. 4.
— Marco modelado pela erosão do arenito na Chapada, entre págs. 6-7.
— Resultado da erosão no arenito a leste de Cuiabá — entre págs. 6-7.
— Aspectos da erosão no arenito da Chapada — entre págs. 6-7.
— Morro de Piraputangas, em Aquidauana — entre págs. 6-7-.
— Escarpa da chapada cuiabana — entre págs. 6-7.
— Geologia dos arredores de Corumbá — pág. 9.
— Mapa parcial do pantanal — pág. 18.
— Inundação do terreno, ilhando as construções ribeirinhas, episódio comum no Pantanal — pág. 22.
— Climogramas de Cuiabá, Corumbá e Cáceres — pág. 25.
— Cuiabá — tipo de clima: savanas tropicais — pág. 28.
— Cáceres — tipo de clima: savanas tropicais — pág. 29.
— Coxim — tipo de clima: savanas tropicais — pág. 30.
— Corumbá — tipo de clima: savanas tropicais — pág. 31.
— Mapa da província do Paraguai, de 1732 — pág. 40.
— Pescaria no rio Negro — entre págs. 72-73.
— Onça pintada, caçada no pantanal do rio Negro — entre págs. 72-73.
— Mapa indicando o local em que foi implantado o marco do Jauru, em 1754 — pág. 83.
— Arsenal de Marinha de Ladário, no município de Corumbá — entre págs. 84-85.
— Forte de Coimbra — entre págs. 84-85.
— Uma das fôlhas de reconhecimento do rio Paraguai, por A. LEVERGER — pág. 93.
— Diagrama da variação do nível d'água do rio Paraguai — pág. 97.
— Fabricante de rêde com seu tôsco tear — entre págs. 102-103.
— Indústria doméstica nos municípios próximos à capital (Cuiabá) — rêde no tear — entre págs. 102-103.
— Usina do Itaici, vendo-se diversas embarcações no pôrto — entre págs. 104-105.
— Edifício da Usina Itaici — entre págs. 104-105.
— Localização das usinas de açúcar no Estado de Mato Grosso — pág. 106.
— Enchente no pantanal. Os vaqueiros conduzem o gado através de um corixo — entre págs. 112-113.
— Travessia do rio Negro por lotes de animais cavalares — entre págs. 112-113.
— Gado mestiço de zebu no pantanal do rio Negro (fazenda Tupanciretã) — entre págs. 112-113.
— Gado selecionado para cruzamento com reprodutores Nelore, no pantanal do rio Negro (fazenda Tupanciretã) — entre págs. 112-113.
— Vacas pantaneiras (Nhecolândia) — entre págs. 112-113.
— O touro Polled Angus, como qualquer pantaneiro, aproxima-se de um bebedouro — entre págs. 112-113.
— Reprodutor eqüino meio sangue inglês — entre págs. 112-113.
— Gado meio sangue normando (Nhecolândia) — entre págs. 112-113.
— Um rebanho com o cavalo pastor (Nhecolândia) — entre págs. 112-113.
— Casa coberta de telha, à margem do rio Cuiabá — entre págs. 124-125.
— Tipo de construção de fazenda pioneira, no pantanal do Piquiri — entre págs. 124-125.
— Tipos de veículo e de casas comuns, no município de Miranda — entre págs. 124-125.
— Tipo de rancho rústico, que constitui ainda a residência rural, no pantanal, na região do Mimoso — entre págs. 124-125.
— A carroça é ainda o veículo usado nas zonas rural e suburbana, município de Corumbá — entre págs. 126-127.
— Carro de bois usado na zona rural, município de Miranda — entre págs. 126-127.

— O boi-de-sela faz o serviço de correio entre Cáceres e Mato-Grosso — entre págs. 126-127.
— Aeroporto internacional, em Corumbá — entre págs. 126-127.
— A lancha é o transporte usual no rio Paraguai (M. de Corumbá) — entre págs. 126-127.
— Caçada de perdiz na fazenda Tupanciretã — pântanos do rio Negro — entre págs. 128-129.
— Blocos de borracha de mangabeira extraída, em Nhecolândia — entre págs. 128-129.
— Nhecolândia, município de Corumbá — M. Grosso — pág. 130.
— Iuminação elétrica, por meio de moinho de vento na fazenda de Tupanciretã — entre págs. 130-131.
— Uma fazenda em Nhecolândia — entre págs. 130-131.
— Fazenda Bom Retiro, do Dr. Benedito da Costa, em Nhecolândia — entre págs. 130-131.
— Sede moderna de uma fazenda, no pantanal do rio Negro — entre págs. 130-131.
— Planta da fazenda Alegre, no município de Corumbá — pág. 132.
— Planta de uma cidade, prejudicada pela vizinhança das usinas açucareiras — pág. 135.
— A cidade de Cuiabá invadida pelas águas do rio — entre págs. 136-137.
— Pôrto de Cuiabá — entre págs. 136-137.
— Planta da cidade de São Luís de Cáceres — pág. 138.
— Mapa do município de Corumbá — pág. 140.
— Traçado de uma parte da cidade de Corumbá — pág. 143.
— Vista do pôrto de Corumbá — entre págs. 144-145.
— Corumbá — vista de uma avenida edificada de um só lado — entre págs. 144-145.
— Jardim Público de Corumbá — entre págs. 144-145.
— Rua De Lamare — Corumbá — entre págs. 144-145.
— Traçado da cidade de Miranda — pág. 147.
— Uma vista do pôrto de Corumbá — entre págs. 148-149.
— Edifício da Câmara Municipal de Aquidauana — entre págs. 148-149.
— Quartel do 6.º B.E., em Aquidauana — entre págs. 148-149.
— Estação da E. F. Noroeste do Brasil, em Aquidauana — entre págs. 148-149.
— Planta de uma cidade ribeirinha — pág. 149.
— Traçado da cidade de Pôrto Murtinho — pág. 151.